

MD Magno



Arte e Psicanálise

Estética e Clínica Geral

2ª Edição

NOVAMENTE

editora

MD Magno

ARTE E PSICANÁLISE

ESTÉTICA E CLÍNICA GERAL

Seminário 1995

2ª Edição



NOVamente
editora

NOVAMENTE
editora

é uma editora da

UNIVERSIDADE DE DEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2008 © MD Magno

Preparação do texto
Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica
Amaury Fernandes e Raphael Carneiro

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

M198e

Magno, M.D. 1938 -

Arte e Psicanálise estética e clínica geral: seminário 1995 / M. D. Magno. –
2.ed – Rio de Janeiro : Novamente, 2008.

264 p ; 16 x 23 cm.

ISBN 85-87727-16-8

1. Arte e psicanálise. 2. Estética. I. Título.

CDD-701.5

Direitos de edição reservados à:

UNIVERSIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 24453177 / 24455980
www.novamente.org.br

DEDICATÓRIA:

O autor agradece a
Annita Iedda Cardoso Dias
Aristides Ledesma Alonso
Nelma Garcia de Medeiros
Potiguara Mendes da Silveira Jr. e
Rosane Araujo
pelas condições criadas e sustentadas
para haver este livro
Rio, Nov/2005

Sumário

1. PROBLEMAS BÁSICOS

Insistência na arte se deve à sua exemplaridade – Uso amplo do radical ART – Equivalência entre estética e clínica: Clínica Geral – Três problemas fundamentais da estética: irracionalidade do belo; condições de produção de uma estética; obra de arte como comunicação – Considerações a respeito do consenso.

13

2. GOSTO NÃO SE DISCUTE

Exame histórico da estética – Nietzsche como base da vanguarda estética: relativismo radical e realismo radical – Problema da vanguarda na estética pós-moderna – Antinomias do gosto – Condições para juízo do gosto.

29

3. ANÁLOGO DO HAVER

Recolocação da noção de *analogon rationis* – Proposição do conceito de *formações do Haver* – Eliminação da oposição entre ciência e arte, sensível e inteligível – Hegemonia da estética como racionalismo radical – Razão Plerológica – Processo de cura.

45

4. BELO, BOM E BARATO

Homogeneidade entre sensível e inteligível elimina irracionalidade – Coincidência entre supremo bem e supremo mal – Sentido estético do conceito de fixação – Vínculo absoluto indiferencia formações de gosto – Indiferenciação entre bem e mal elimina antinomia do gosto – Entendimento vetorial do belo e do sublime.

61

5. CHEGA DE PÓS

Abordagem da questão cultural contemporânea via *clínica da cultura* – Organizações de base: Primário, Secundário e Originário – Cinco Impérios da performance cultural – Modernidade é tentativa de funcionamento de Quarto Império – Dificuldade de instalação da modernidade – Realização da modernidade depende da referência ao Quinto Império.

81

6. A EXTRADIÇÃO DO INCESTO

Situação da pós-modernidade no creodo da cultura – Vetores regressivos e progressivos na cultura contemporânea – Conclusão do projeto moderno é superação da modernidade – Quinto Império é projeto *maneiro* – Teorias sobre incesto – Tese da interdição do incesto como processo de *extradição* – Continuidade entre maternagem e concubinação na espécie humana – Interdição como produção neo-etológica de separação – Situação do incesto no seqüenciamento (creodo) dos Impérios – Função catalisadora do analista.

99

7. PRECURSORES DO AMÉM

Momentos precursores do Quinto Império – Distinção operativa entre Modernismo e Modernidade – Cubismo: momento modernista – Marcel Duchamp como precursor do Quinto Império: articulações humanas são da ordem da arte – Stravinsky: momento modernista – Schönberg como precursor do Quinto Império: explosão da ordem tonal – James Joyce como precursor do Quinto Império: explosão do literário – Bauhaus:

momento modernista – Produção da moda: esforço de atectonia – Oscar Niemeyer: esforço de atectonia – Freud e Lacan: momento modernista.

121

8. A FUNDURA DO TALHO

Reconsideração dos conceitos de Eu e Sujeito – Comentário de *L'Oeuvre Claire: Lacan, La science, La philosophie*, de Jean-Claude Milner, como análise do fracasso teórico de Lacan – Postulação do Mestre Pró-Moderno e sua exemplaridade – Possibilidade de remanescência do ato de fundação de Lacan – Comentário sobre a tese de doutorado *A interpretação do sonho de Freud*, de Maria Luiza Kahl, como esclarecimento sobre a Nova Psicanálise — Questões sobre a diferença entre mestre antigo e mestre moderno; o fracasso da idéia moderna de transmissão; o mestre pró-moderno e a função do artista.

139

9. SOLÉRCIA

Solércia: pensar a partir do radical ART – Possibilidade de ato poético – Proposição da tese do Gnoma – “O que quer que se diga é da ordem do conhecimento” – Proposição da Gnômica e suas bases – Ato poético é condição de Gnômica – Exemplaridade do campo gnômico no Renascimento – Questões sobre a Gnômica.

153

10. GNÔMON

Função Gnômon é *Parangolé* – Conhecimento resulta da transa entre parangolés – Comentários sobre os livros *Le cerveau a-t-il un sexe?*, de Simon Le Vay, *Sept Expériences qui peuvent changer le monde*, de Rupert Sheldrake, *L'Erreur de Descartes ou la raison des émotions*, de António Damásio – Inseparabilidade dos regimes do Primário, do Secundário e do Originário – Generalização do conceito de *lesão* como entendimento (gnômica) das inter-relações dos regimes primário, secundário e originário – Possibilidade de

intervenção do Secundário no Primário – Caso da psicossomática – Vontade religiosa da ciência.

171

11. FORMAÇÕES E INTERFACES

Interface como vinculação entre formações – Hipertexto como superfície plena (plerômica) de inscrição – Nova Psicanálise opera através de simulação dos vínculos primário, secundário e originário para indiferenciar – Outros comentários sobre as noções de hipertexto e hipermídia – Gnoma elimina a noção de sujeito – Emergência do *Renascimento Maneirista* no contemporâneo – Questões sobre simulação.

191

12. “OS ADEUS NÃO ACREDITAM EM TEUS”

Crítica à noção de sujeito a partir do conceito de Gnoma – Conhecimento é sem sujeito e necessariamente verdadeiro – Suposição de dois níveis de verdade: verdade absoluta e verdade modal – Homogeneidade do Haver como condição de conhecimento.

211

13. ...SE ...ENTÃO ... SE

Réquiem para Deleuze – Postulação do conceito de Idioformação – Condições de valorização e de resistência das Idioformações – Identidade e transação das Idioformações – Não há sujeito nem objeto: tudo é adjetivo – *Segunda potência do binário* como lógica mínima da Gnômica.

229

14. PROFESSIAS

Professia da Grande Reversão – Inconsciente para a Nova Psicanálise – Processos de recalque e desrecalcamento – “Gozo resulta de uma operação de Revirão” – Do gozo

impossível aos gozos possíveis – Relação entre gozo e Gnoma – Possibilidade de gozo para Idioformação – Ética da hiperdeterminação é ética da gozação – Paradigma da psicanálise é sexual.

243

ENSINO DE MD MAGNO

259

1

PROBLEMAS BÁSICOS

Transtornos concretos criaram uma série de problemas hoje. O auditório que costumamos freqüentar no Centro de Filosofia e Ciências Humanas entrou bruscamente em reforma. Estávamos com o ano todo marcado para lá. Em segundo lugar, essa greve estapafúrdia dos transportes nos pegou hoje. Mas estamos aqui na sala Moniz de Aragão do Forum de Ciência e Cultura e vamos começar. Não irei hoje muito longe no tema para evitar que a continuação fique prejudicada, embora o que tenha para apresentar seja introdutório e relativo a coisas que já foram bastante tratadas no passado. É portanto apenas uma abertura da questão que pretendemos trabalhar este ano.

* * *

O título do Seminário – *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral* – parece repetitivo em função de diversas abordagens que fizemos no passado. Desde 1976, num Seminário intitulado *Senso Contra Censo*, já publicado há anos, tratei da obra de arte. Em 1977, fiz um Seminário sobre Marcel Duchamp intitulado *Marchando ao Céu*, cujas fitas gravadas se extraviaram na mudança de casa do Colégio Freudiano e não foram mais achadas. Em 1977/78 fiz um Seminário intitulado *Rosa Rosae* que abordava uma obra de Guimarães Rosa. Após um salto de tempo bastante grande, em 89, fiz um Seminário chamado *Est'Ética da Psicanálise*, como introdução, e que já está publicado. Em seguida,

em 90, fiz um longo Seminário na Uerj intitulado *Arte & Fato: a Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*, cujo texto está sendo revisto e deverá estar disponível em breve. Em 91, retomei o título *Est'Ética da Psicanálise* em continuação à introdução de 89, o qual também está em processo de revisão. E agora, 95, retomo a questão da Arte.

Para acompanhar este, vocês se reportem aos seguintes Seminários já publicados: *O Sexo dos Anjos* (86/87), *De Mysterio Magno* (88), *Est'Ética da Psicanálise (introdução)* (89), *Pedagogia Freudiana* (92), *A Natureza do Vínculo* (93), e *Velut Luna (a Clínica Geral da Nova Psicanálise)* (94), este já disponível em publicação pela UniverCidadeDeDeus. Aí encontrarão as bases do que pretendo desenvolver.

* * *

Como viram, é uma série. São sete Seminários, incluindo este, tratando da arte. E é de fazer espécie a insistência neste tema. Por que tenho insistido tanto? Um dos motivos é que tenho um envolvimento antigo, além de lecionar a cadeira de estética na Uerj e em outros lugares por mais de 25 anos. Segundo, porque o tema interessa sobremaneira às reflexões da psicanálise. Mas o mais importante é que estamos numa época em que as questões que dizem respeito à arte parecem ser exemplares, típicas, para a abordagem de todas as questões referidas à contemporaneidade. As questões da ciência, da tecnologia, da ética, etc., parecem mais próximas das questões referidas à obra de arte – os conceitos de obra, de belo, de produção artística, e mesmo o de estética tal como contemporaneamente abordado – de tal maneira que refletir sobre ela nos dá resultados capazes de serem eficazes em todos os setores da vida humana.

Subtitulei este Seminário *Estética e Clínica Geral* na medida em que *Estética*, desde sua fundação como disciplina, não é uma obviedade ou algo natural, e nem mesmo alguma coisa que coincida com toda a história da reflexão sobre a obra de arte. Ela tem data, foi fundada em 1750 quando Alexander Baumgarten publicou sua famosa *Estética*. Termo este que podemos manter

ou não, nem que seja por força de hábito. Vamos tratar da questão não necessariamente só da arte no sentido em que é tomada, mas no da produção do Novo, da Invenção, da Criação de modo geral.

Costumo dizer que, do ponto de vista do que temos chamado de Nova Psicanálise – aliás, não sei por quê, pois não precisava mais ser Nova nem Psicanálise... A psicanálise é um zumbi, morreu e não sabe. A maneira de usar o nome é uma herança. Como nosso passado – que nos condena – é freudiano e lacaniano, estamos nesse perfil de certa vertente de abordagem do mundo que costumam chamar de *psicanálise*. Isso vai insistir ainda algumas décadas, mas daqui a pouco perderá o embalo. Pessoalmente, acho que a psicanálise é um fetiche cultural, intelectual, do século XX, no qual nasceu e morreu. Não que seja inócua e não vá deixar suas pegadas pelo caminho, nem que vá deixar de produzir, em consequência de sua herança, alguma vertente, alguma postura nova no mundo. Mas quer me parecer que essa coisa chamada psicanálise, do modo como foi concebida, produzida até hoje, já acabou, não tem mais o que fazer.

Há grande proliferação de instituiçõeszinhas ditas psicanalíticas, o que é um dado do Brasil, pois a Europa, em termos deste tema, está falida. A América, por sua vez, vive de um mercado produzido ao redor disso. No Brasil, essa coisa é uma festa, para a qual, aliás, contribuí dispersando pelo país um monte de besteiras que colaram e se dispersaram. Tudo isso extremamente baseado na ignorância, na suposição de que o conhecimento foi inventado na década de 50 por Jacques Lacan. Parece que não aconteceu nada antes e nem vai acontecer nada depois. É um farto deslumbramento em torno da possibilidade de se abordar um pensador importante. Criou-se essa bobagem e as pessoas não conseguem tirar o pé da lama. Como disse, isso vai proliferar durante algum tempo, mas tenho a impressão de que o que o século XX produziu e cultivou com o nome de psicanálise já era, já foi comido por si mesmo. Se existe algo parecido com o que Freud nomeou Inconsciente, este já devorou isso tudo, já está a ponto de defecar o que conseguiu comer. A herança é importante, certas descobertas, certas visões, certos apanhados, certa modificação de postura

em relação ao mundo, ao saber, certa possibilidade de independência em relação à filosofia – e não contem com Lacan quanto a isto, pois ele é absolutamente dependente –, certo reposicionamento de uma possibilidade de “ciência”, seja lá o que isto queira dizer, ciência disso que ainda podemos insistir em chamar de homem, de espécie humana, etc., esta herança ainda deixa muita coisa para o futuro operar, trabalhar e produzir, mas, em si mesmo, o processo acabou.

Em termos de *Clínica* é preciso reconceber tudo. Não dá mais para ficar repetindo meia dúzia de achados de certo momento estruturalista que aconteceu ao Dr. Jacques Lacan como se aquilo fosse uma verdade eterna, quando na verdade já foi deglutido. O que há de esquisito nos processos chamados clínicos na ordem do *psi* é que, diferentemente de outras regiões do saber... Pode-se, por exemplo, na Universidade ficar repetindo filósofos antigos: as pessoas de novo tomarem informação a respeito de um Descartes, de um Nietzsche, um Leibniz, é uma repetição de informação e podem até reoperar algo com aquilo. Os “filósofos” – que, na verdade, são professores de filosofia – podem retomar essas questões, repensar o pensamento de Fulano e de Sicrano, que são grandes formações intelectuais produzidas no sentido de uma elaboração. Mas no campo do próprio lidar com as pessoas no nível do trabalho efetivo do que chamamos Clínica, a coisa funciona de modo diferente, pois as grandes elaborações, sejam de Freud, de Lacan, de quem for, são devoradas pela cultura e pelos processos das pessoas que participam daquilo. Houve um grande movimento lacaniano na França, mais ou menos espalhado pela Europa. No Brasil, é um movimento turístico, da maior mercadologia, servindo inclusive para arranjar emprego para franceses que, na França, estão desempregados e que vêm ganhar dinheiro de brasileiro tolo. Fez-se, então, um grande rebu, mas, com o tempo, esse saber foi assimilado, devorado pelo Inconsciente, tornando-se só uma prática religiosa.

Não há praticamente mais condições de uma intervenção como houve no nível da novidade da produção dos teoremas, pois o que se faz nos consultórios e seminários é repetir o que todos os lacanianos já sabem. É apenas um reconhecimento recíproco de suas igrejinhas, de seus pares, dentro da mesma

religião. Tanto faz participar de um movimento desses quanto ser adepto do bispo Macedo ou ler Paulo Coelho. Do ponto de vista da eficácia, não faz diferença. Quanto à novidade, à informação, para quem nunca viu, tem alguma graça. É a mesma coisa que, de repente, você tentar estudar o romantismo alemão.

Ao contrário, a importância de qualquer trabalho hoje é de sustentar o vigor de um questionamento, de revisão de processos, etc. Cada grande teorema construído é apenas um grande teorema construído. Restará dele ou não alguma coisa. Não estou dizendo que não restou nada da obra de Lacan. Restou sim, e certamente não são essas coisas que se repetem muito por aí como *significante*, e outras besteiras, que são da ordem de uma lingüística completamente gagá e que não servem mais nem para ela própria, quanto mais para a psicanálise. Mas algumas apreensões restarão como indicadores de processamentos futuros. Portanto, essas coisas têm que continuar a ser elaboradas ou simplesmente farão parte do lixo cultural como qualquer outra invenção, e estaremos apenas repetindo a informação cultural já decantada, já tornada resto. Ou, se não, como já disse, em termos de clínica e de instituições, teremos pequenas igrejas, cujos membros se reconhecem uns aos outros na repetição das mesmas rezas. Este é o destino de toda e qualquer produção dessas, inclusive a minha. Se isso não se movimentar, não irá a lugar algum, e se for, é pior ainda, pois não se tornará mais que um resto cultural.

* * *

Por que, então, esse meu interesse repetitivo sobre Arte? Porque eu gostaria, este ano, de encerrar o assunto da Arte e da Estética na minha história de produção. Isto é praticamente impossível, mas é o que quero fazer. Chega, encheu, vamos passar adiante.

O importante, como disse, é que a questão da Estética – do que se faz na obra de arte, do que se faz com a presença do artista, com toda a produção ainda proliferante apesar da crise que as artes estão passando, que nos dá

mesmo a impressão de que há uma grande falta de imaginação – se torna um campo de alta exemplaridade para as questões de nosso momento. As questões fundamentais do homem contemporâneo se resumem facilmente nas questões que temos para com a obra de arte. Mais ainda, se estão lembrados de meus Seminários anteriores, uso o radical ART no sentido etimológico de sua originariedade semântica como processo puro e simples de *articulação* e o generalizo chamando de Arte todo e qualquer processo de criação.

Vocês certamente conhecem os esforços contemporâneos de separação dos campos. Um muito freqüente, muito lembrado e utilizado por nossa paróquia, Rio de Janeiro, Brasil, etc., é o livro já não tão recente de Deleuze e Guattari, este já falecido, intitulado *Qu'est-ce que la Philosophie?*, onde há uma tentativa de dividir os campos, não como campos, pois absolutamente não conseguem, mas como *pólos* de concentração de modos de produção, de organização, que separariam o que é ciência, o que é arte... Do ponto de vista dos teoremas que consigo produzir, essas polarizações se dariam de outro modo. Já comecei a falar disso em outros momentos e insisto em que *o plano de inscrição é um só* e, ao abordar a questão da arte e da criação, o que me interessa é eliminar as fronteiras e fazer a suposição de que seres desta espécie chamada humana – ou dêem o nome que quiserem, sujeito, por exemplo, isso que defino em sua diferença pelo Revirão que suporta (além de ser suportado por ele), gente –, fazem essa coisa esquisita que é produzir para além de qualquer formação já dada. É a isto que estou chamando Arte de modo geral, e não estou reduzindo o campo de alguma Estética da Psicanálise, que tenha a ver com Clínica psicanalítica, ao campo do sensível. O termo *estética*, por sua história, por sua fundação desde 1750, tem como sentido mais corriqueiro o *sensível*, alguma oposição fundamental em relação à ciência como distanciamento da reflexão produtora de conhecimento da realidade. Para mim, repito, não há a definição clara da estética como campo do sensível.

Se valer a pena sustentar os termos Estética e Clínica é, pois, no sentido de tomar a obra de arte como exemplaridade da questão do homem com a produção, a criação, a invenção, generalizando para qualquer arte criativa, em

qualquer lugar. Os materiais, as ferramentas, os laboratórios, as práticas, em suma, as diversas formações que utilizamos para mapear outras formações, é que variam. Não há mais necessidade de se falar em campo da arte, campo da filosofia, campo da ciência. Acho que o futuro precisa eliminar esta separação. Estou chamando tudo isso de *Clínica Geral*. A Clínica abrange toda e qualquer manifestação humana. É o que se faz diante de toda e qualquer formação que se sedimenta por aí. Da filosofia, faz-se o quê? Clínica. Do ponto de vista, então, do que pude construir com as ferramentas que tive e com a herança danosa – mas que é a única que se teve – de Freud e de Lacan, o que se pode fazer é tentar produzir uma Clínica do que quer que haja, uma Clínica Geral.

* * *

Já foi o tempo em que a questão fundamental da Arte, do belo, era fazer filosofia da arte, a qual sobrevive por aí como quer, o problema não é nosso. Mas de muito, desde a fundação por Baumgarten do campo chamado de Estética, do sensível (que justamente extrapola a abordagem filosófica ou nela não cabe), as abordagens – extremamente fracionadas, pois o campo da estética é vastíssimo: há estéticas filosóficas, sociológicas, matemáticas, comunicacionais, lingüísticas – que tentam alguma aproximação mais ou menos elucidativa das produções artísticas, não são mais do campo subdito à ordem filosófica. Mas seja qual for o tipo de abordagem que se dê à arte em geral, ou ao que é chamado de arte em particular, os autores costumam distinguir com mais clareza pelo menos *três temas* importantes relativos à obra de arte em nossa época.

O primeiro, é a questão da *racionalidade* ou *irracionalidade*. Na tradição filosófica, por via platônica, hegeliana, entre outras, pretendeu-se que houvesse uma racionalidade da obra de arte. Portanto, a filosofia poderia se debruçar sobre ela e dar conta dela naturalmente como da ordem do conhecimento. Pois se há uma racionalidade, qual distância se poderia construir

entre a abordagem da arte enquanto tal e a abordagem da ciência e do conhecimento na sua maneira específica?

Do ponto de vista do que tenho construído e do que a psicanálise nos deixou como resto, mesmo independentemente das obediências filosóficas, *não vejo por que não tomar toda e qualquer produção criativa da espécie, inclusive a obra de arte, em sua racionalidade típica*. A questão de racionalidade e irracionalidade da obra de arte estava ligada à possível subserviência ou não de sua abordagem às teorias da razão e do conhecimento na filosofia. No entanto, existe uma estruturação qualquer de ordem estritamente particular no caso da arte – como também no da ciência, da filosofia, da religião ou de qualquer campo –, isto é, existem *formações* do Haver, no sentido em que uso o termo, perfeitamente mapeáveis por outras formações. E isto é um mínimo de racionalidade possível para toda e qualquer tentativa de reflexão. Na medida, então, em que tomo o que quer que aconteça como formações que se decantam, e que não faço a abordagem dessas formações senão com outras formações decantadas, produzidas *ad hoc*, ou em processo de produção, como teoremas, etc., digo que *não há outra racionalidade a se apresentar senão as parcas possibilidades de mapeamento de formações por outras formações*. O que resta não descritível por esse mapeamento sobra para o campo da irracionalidade, a qual é pura e simplesmente a nossa ignorância.

Quem acompanha meus Seminários sabe que digo que o Haver em sua plenitude é construído de algum modo, passa, brevemente que seja, por uma posição indiferenciada no sentido de aplicar-se ao desejo de não-Haver, que é sua construção fundamental, e eis senão quando se fractaliza de novo, se arrebenta em mil cacos e recomparece fantasiado de alguma coisa, ou de uma miríade de coisas. Isso tudo é o que Lacan diz com “estruturado como linguagem”. Vocês sabem que costumo dizer que se ele afirmava que *l’inconscient est structuré comme un langage*, o quê não é? Lacan parece ter sido um sujeito que conseguiu ganhar a vida, ficar rico e famoso, dizendo banalidades, o que é coisa de gênio. Só um gênio é capaz de dizer as maiores banalidades, as maiores bobagens, transformá-las em grandes tiradas e, repetindo-as intensiva-

mente, deixar todos boquiabertos. “O desejo do homem é o desejo do Outro” – grande novidade. Mas tudo isso funcionou. Vai ser estruturado como o quê? Vai desejar o quê? Não há mais nada mesmo...

Ora, na medida em que supuser que, para alguém de qualquer Hiperdeterminação, de qualquer indiferenciação, as formações se dão como fantasiadas, desenhadas de algum modo, se estruturam como uma linguagem se estrutura – ou seja, é redundância pura... Ninguém, aliás, sabe que diabo é linguagem. Nem Lacan. Isso se estrutura como se estrutura. Quando ele diz que o inconsciente é estruturado como uma linguagem quer dizer que a linguagem é estruturada como a linguagem. Ou seja, o inconsciente é estruturado como o inconsciente, entenderam? Então, é nisso que mergulhamos, que chafurdamos, nessa imensa formação com uma miríade de pequenas fantasias, pequenos construtos, que quero, em meus teoremas, supor como da mesmíssima ordem na fala, na construção da matéria geológica que está mais ou menos solidificada no Pão de Açúcar que estou vendo daqui, nos mares, nos céus, nos corpos biológicos, na alma humana. Ia ser como, se tudo pertence à massa de Haver em que estamos? É tudo estruturado como é estruturado. Portanto, dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não passa de ser absolutamente coisa alguma. Ou seja, o inconsciente é estruturado como o inconsciente é suposto estruturado ser. A linguagem é estruturada como se supõe que a linguagem seja estruturada.

Então, desde que isso deixa de ser neutro, decai para formações, nada há além de uma vasta fractalidade, de decantações. Quando abro a boca, faço um Laboratório, crio uma Universidade, dou um Seminário ou faço qualquer coisa dessa ordem, não estou fazendo mais do que aplicar-me como formação a uma outra formação. *Não há racionalidade senão esta*. O que quer que sobre da minha falta de formação para aplicar sobre outra formação, chamo de irracionalidade e movimentos que me vêm não se sabe donde. Ora, vêm justamente de formações para as quais não tenho formações capazes de discussão. É só isto – e na vasta ignorância que chamam de *mistério*. Então, trata-se de tentar repensar, a partir das questões da estética, da obra de arte, a plenitude do

Haver em suas decantações por aí como nada mais do que racionalidade e irracionalidade das formações enquanto mapeadoras de outras formações. É só o que se tem, e vai-se morrer no século XX com isto. Não há mais nada para se dormir em cima.

O segundo tema que os autores costumam repetir insistentemente a respeito da obra de arte é: se há condições de se produzir uma estética – tenha ela origem, lance mão ou não de seu passado de filosofia da arte, ou repense a questão dos gostos, das formações gustativas, é o caso de dizer, da estética sensiblista –, há a questão da possibilidade de se olhar para uma obra de arte e ter algo de esclarecedor, de avaliativo, de valorativo ou não, a dizer sobre ela. Em suma, isto que se chama de *Crítica de Arte* e que resulta fundamentalmente na possibilidade do que chamam de *história da arte*. O que será isso? Passei minha vida metido dentro de cursos de história da arte, como professor de história da arte e não faço a menor idéia do que seja. A questão é fundamental. Em havendo arte, em havendo a possibilidade de uma estética, o que se faz com uma obra de arte? A partir do quê é verdade o valor que se aplica a ela? Por que seu Fulano está na primeira página do caderno B do Jornal do Brasil, expõe suas melecas criativas na galeria x, e seu Sicrano de tal não? Qual é? Como é? É um circuito que fala por si mesmo? É um mercado que determina? Há condições de se estabelecerem mapeamentos e valorações sobre tudo isso? Em suma, há condições, hoje, de se escrever e de se anotar na história da arte? Ou, mais do que isso, a história da arte que se adotou é válida? O que ela está escondendo? Que tipo de decantações foram formuladas e forjadas como sendo as que deviam ser as orientadoras do percurso na história da arte?

Esta é uma questão séria, que abrange a idéia de história da ciência, de história das religiões, de história dos comportamentos, etc. A questão do *gosto* na obra de arte pode nos distanciar um pouco de pensar a questão do nosso gosto na vida. Por que tais comportamentos e não outros? Haverá uma *razão* para isto? Ou seja, alguma racionalidade é capaz de determinar esse comportamento? Ou é uma questão estritamente de decantações acontecidas no percurso, de poderes constituídos por essas decantações e, portanto, em última instância – como a questão do valor da obra –, nada mais nada menos do que uma vasta,

ampla e irrestrita luta *política* na face do planeta a respeito dos valores e das nomeações?

O terceiro tema que os autores costumam colocar como exasperado na obra de arte e suas questões é o problema da *Comunicação*. Já que este Seminário está inserido no curso de pós-graduação da Faculdade de Comunicação, está aí um bom momento para refletirmos também sobre a questão. Ou seja, algum consenso é possível diante de uma obra de arte? Uma obra comunica alguma coisa e, no que faz isto, cria algum mediano consenso em torno dela?

São, portanto, as questões da contemporaneidade. A racionalidade e a irracionalidade da nossa estada por aqui referida à obra de arte é interessante como problema e suscita a problematização de outros campos. A possibilidade ou não de estabelecimento de valores nas produções da arte, ou seja, de uma crítica e uma história desses acontecimentos todos. Depois, por fim, a possibilidade de uma comunicação. Alguns filósofos estão tentando resolver a nossa época em cima da comunicação. Ninguém faz a menor idéia do que seja, mas buscam resolver a problemática de nosso século, da ética, da política, etc., em torno da produção de um consenso. Será isto possível?

* * *

Talvez em nenhum lugar mais do que na produção artística e nas considerações a respeito da obra de arte apareça, de maneira tão contundente, tão candente, a questão da distância e da aproximação entre o chamado *individual* e o *coletivo*. Será que na resultante da reflexão sobre a possibilidade de um consenso diante da obra de arte ou de qualquer outra coisa, teremos condições, através do que estamos chamando de a nossa psicanálise, ou a Nova Psicanálise, ou não-psicanálise, ou Chega de Psicanálise (que é um nome bacana, não é?! *Assez de Psychanalyse*)... Há um filósofo francês, François Laruelle, que costumo citar de vez em quando, em cujo último livro resolveu que há uma tal de *não-psicanálise* como, antes, dissera que havia uma *não-*

filosofia. Acho que cheguei primeiro quanto a isto. Mas, de qualquer forma, alguma coisa por aí precisa se coalescer numa reflexão qualquer. Voltando ao individual e ao coletivo, que diabo é isso? Isso é pensável? Baseado em quê? Quais são os limites do indivíduo? Qual é o limite da pertinência do indivíduo a um coletivo? Qual é o limite do consenso? O consenso terá validade baseado no quê?

Como sabem, de longa data, venho redesenhando a teoria psicanalítica de um modo todo meu. O percurso deste ano tentará nos levar a encerrar o assunto da Arte – por enquanto – em cima da grande questão da Clínica Geral. Ou seja, a clínica do que quer que compareça para nós. Sabem também que reduzi o grande Pleroma do Haver a suas formações, a decantações, a (usando o termo freudiano mesmo) fixações e repetições dessas fixações, de forma que o que temos são as formações do Haver em qualquer nível. Do nível geológico ao nível psíquico, tanto faz. O que, então, acontece com a pobrezinha da nossa espécie, cuja especificidade é, segundo nosso ponto de vista, sua potência de reviramento, sua competência de indiferenciar o que quer que se lhe apresente (e é claro que não usamos esta competência, que estamos debaixo de diversos níveis de recalque, e que só mediante um longo processo de análise nos damos ao luxo de indiferenciar duas ou três coisinhas pela vida)?

As formações do Haver se tornam maciças, massivas, duras, aparentemente incorruptíveis, difíceis de serem demovidas, ou por custar muito caro: o preço de transmutação é alto demais. Seja como for, o que acontece é que, desde alguns milênios talvez, aquela pedra que costumamos chamar Pão de Açúcar e usar para subir de bondinho está parada ali. Esse troço não sai do lugar e quem quer que por ali passe tem que fazer um caminho de acordo com a imposição da besteira daquela pedra. As pedras no meio do caminho, como dizia Drummond, são terríveis, estão sempre aí aporrinhando nossa vida. As formações acabam, umas mais duras outras menos, por se impor como verdadeiros *creodos* na nossa vida. Vivemos repetindo caminhos que se fazem necessários porque as formações se solidificaram antes ainda de nosso surgimento e por forças muito superiores à remissão à nossa potência de reviramento

e ao nosso poder de fazer essas coisas se revirarem. Não podemos, pois, esquecer que estamos submetidos a formações do Haver dos mais diversos níveis, entre as quais nosso corpo e nossa cultura.

Fiquei muitos anos sem viajar. Tomo um avião, e o oceano Atlântico está lá, no mesmo lugar. Não mudou, é impressionante. Pensei que a Europa tivesse andado. É uma falta de imaginação absoluta no planeta. As cidades estão lá enquistadas. Passam, morrem gerações e está lá a porcaria do monumento. No máximo, algum Miterrand da vida põe um monumento louco de vidro em cima do monumento de pedra. São essas formações – seja disso que queremos chamar de natureza, porque é espontâneo; seja da outra natureza, que é essa coisa idiota chamada cultura que plantamos por aí – que vão obrigando cada um de nós, antes ainda de tentar revirar qualquer coisa, a ter que seguir os caminhos disponíveis. Isto é que faz a imposição de creodos, de caminhos obrigatórios, necessários, nos mais diversos níveis. Esquecemos disto e ficamos procurando fundamentos em alguma divindade que terá parido a forma de não sei o quê.

Para mexer com o processo da arte, temos os três níveis de recalque que apresentei: Primário, Secundário e Originário. O Originário nos deixa simplesmente em branco, permitindo justamente os processos de reviramento, que não sabemos usar pois estamos recalcados demais nos outros níveis, com toda a massa de caminhos obrigatórios, de creodos primários no nível da autossomática, no nível das pedras, das estrelas, dos mares. Depois, no nível secundário, tornado materialmente pétreo, das cidades, das ruas, dos monumentos. E a cultura que fala por nós. E a língua que se encosta em nosso corpo e o deforma. Todos esses creodos terríveis que vivem a nos impedir de revirar e de nos curar.

Não foi por menos que, segundo minha visada – uma formação observando outra formação –, tomei os três momentos de recalque e tentei mostrar que, na história do homem em qualquer parte do mundo, mas sobremaneira no Ocidente, podemos ver o que chamei de Cinco Impérios – AMÃE, OPAI, OFILHO, OESPÍRITO e AMÉM –, como creodos herdeiros dos outros creodos primários e secundários, forçando o nosso encaminhamento.

Quero supor que seja possível fazer uma reflexão sobre a racionalidade e a irracionalidade da arte – no sentido geral que coloco: da *articulação* do homem em qualquer campo – em cima das formações que consigo apresentar como capazes de fazer a leitura de todos esses fenômenos. Quero também supor que alguma crítica e alguma história mediana sejam possíveis desde que se leve em consideração que são escombros primários e secundários, formações e formações produzindo leituras de outras formações. Quem sabe se, no futuro, podemos jogar no lixo toda a crítica, toda a história e termos grandes mega-computadores que não façam senão levantar e levantar formações e aplicá-las como centro de leitura de outras formações. Teríamos uma miríade de possibilidades de leitura de uma coisa que deixa de ser pétrea e passa a ser mais ou menos nefelibata, *uma construção em nuvem, que será a “história” do homem futuro.*

E, em última instância, reconhecermos de uma vez por todas que temos entre nós um Vínculo Absoluto que já tentei mostrar que existe, mas que não nos dá nenhuma garantia de conteúdo para a comunicação. Portanto, estamos todos os homens absolutamente em consenso sobre coisa nenhuma ou sobre tudo. Só que nem sabíamos disso. Não é possível articular discurso em cima desse consenso, se não que ele nos lembra algo que o século parece estar esquecendo, perdendo, que é: *pelo Vínculo Absoluto, há toda possibilidade de vinculação.* Ao contrário do que o fim de século está pensando, que as possibilidades de vinculação estão se desmoronando, são impossíveis, o reconhecimento de um Vínculo Absoluto nos dará condição de que toda e qualquer possibilidade de vinculação é exequível, manejável, produzível.

Então, os amores, as transas e os roça-roças intelectuais ou físicos são infinitamente maiores do que supúnhamos. A possibilidade de estar fazendo arte é infinitamente mais numerosa do que supúnhamos. O final de século está triste porque a bobagem da história que pensou que era importante, não o é. O século XX está morrendo de tristeza porque todas as besteiras em que acreditou estão ruindo. Mas eram besteiras mesmo. Não valem mais nada. Agora, podemos construir outras besteiras maravilhosas na medida em que pararmos

com a melancolia idiota de supormos que as vinculações se tornaram impossíveis, que só há vez para um individualismo ferrenho. Onde, se todo mundo fica refletindo a sintomática do vizinho? Se estamos em pé de guerra de racismos, de guerras religiosas, por que estão todos morrendo de medo de abandonar as formações que estavam aí disponíveis? São os últimos estertores deste século delirante, doente. Isto para ver se damos uma virada e inventamos outra besteira, um pouco mais interessante, de preferência.

Então, é possível pensar que história e crítica, para o futuro, não serão senão uma massa imensa, infinitamente grande, de possibilidades de leitura num vasto e potentíssimo computador de todas as formações disponíveis aplicáveis a todas as formações disponíveis. É uma grande orgia intelectual.

Por fim, a questão da comunicação talvez se obvie por aí. O Vínculo Absoluto nos permite toda sorte de comunicação. Para quê? Para nada, só para a gente se divertir. Mesmo porque todas serão precárias. Serão meramente formações mapeando formações. Desde que paremos de acreditar que as formações deveriam ser sustentadas, mantidas e terem uma substância íntima indestrutível, ao invés de diminuirmos nossas possibilidades de consensos provisórios e *ad hoc*, podemos, muito pelo contrário, aumentar infinitamente isso. E, talvez, passarmos a ser mais cuidadosos para com nosso vizinho da mesma espécie, pois sabemos que ele é perdido como nós no seio dessa miríade de maluquices e que em algum lugar, por causa da nossa formação fundamental como disponibilidade ao Revirão, estamos em vinculação absoluta. Por isso, temos que sustentar o cuidado para com todos.

* * *

O que acabo de dizer é apenas um programa. Quem sabe, consigo fazer alguma coisa com isto? Muito obrigado, até a próxima vez, não sei onde... Onde deixarem a gente se encontrar. Nesta ou noutra sala...

09 MAR

2

GOSTO NÃO SE DISCUTE

Gostaria de lhes apresentar uma pequena bibliografia – absolutamente incompleta, é claro – para juntarem às outras que tenho indicado até agora. Há umas pessoas que gostam de viajar para a França, e me trouxeram livros maravilhosos. Cito de início um texto que já está em português e que estou utilizando aqui, como emulação, no diálogo com a estética contemporânea. Lendo-o, acharão mais fácil acompanhar minha discussão, embora eu não o esteja retomando por inteiro. Trata-se de *Homo Aestheticus*, de Luc Ferry, escrito em 1990 e publicado aqui em 1994 pela editora Ensaio, São Paulo.

Os outros são: *Le Probable, le Possible et le Virtuel: essai sur le rôle du non-actuel dans la pensée objective*, de Gilles-Gaston Granger, Paris, Odile Jacob, 1995 – aí verão que a não-atualidade de um dos alelos do meu halo não o exclui de participação das formações que se tiram do alelo atual; *Lois et Symétrie*, de Bas Van Fraassen, Paris, Vrin, 1994 (tradução da primeira edição inglesa de 1989) –, que tem a ver com todo o projeto de simetria de que lhes tenho falado e onde verão o que pode ser um ponto de indiferença entre possíveis opostos (não sou só eu que penso tais loucuras); *Théorie des Étrangers: sciences des hommes, démocratie et non-psychanalyse*, de François Laruelle, Paris, Quiné, 1995 – ele está, aí, se metendo em meu mandiocal, e vocês poderão ver que não sou o único a questionar e tentar revirar a psicanálise e, também, o que o conceito de Vínculo Absoluto (absolutamente desconhecido por este autor) pode vir a servir como apoio de reconstrução das relações vinculares

entre os homens. São textos que podem ajudar em nosso percurso, embora seus autores pensem de maneira razoavelmente diferente.

* * *

Continuo a introdução ao grande problema que estou tentando finalizar.

Coloquei, da vez anterior, os três problemas fundamentais da Estética (inclusive para Luc Ferry, que é o êmulo desta discussão). Repetindo: (a) *A irracionalidade do belo*: a disputa entre o mundo inteligível e o mundo sensível; a preeminência do mundo inteligível durante longo período de tempo no pensamento a respeito da obra de arte na filosofia; e eis senão quando surge uma revolta impondo o mundo sensível como superior ao inteligível. (b) *O nascimento da crítica*: a possibilidade de se fundamentar uma história da arte como emergência de determinadas formações campeãs em algum momento e, a partir de certo momento, como emergência de individualidades fortes capazes de serem as expressões dominantes no campo da obra de arte ou em qualquer outro. (c) *A questão da comunicação*: haverá, nessa disputa entre os mundos inteligível e sensível, por um ou pelo outro lado, possibilidade de um senso comum, ou seja, de duas ou mais pessoas concordarem a respeito do valor estético de determinada obra, de um pôr do sol, de uma mulher bonita?

Isto pode parecer bobagem, mas é extremamente difícil, pois se a estética é regida por uma racionalidade, então não existe como si-mesma, vai depender do pensamento racional que estabelece verdades e conhecimentos, os quais serão decantados em obras de arte. Então, a estética é inútil. Se é estritamente do lado do sensível, vai partir para um individualismo tal que parece não haver consenso possível. Resta saber segundo a perspectiva *de quem* estas duas bobagens foram ditas. A idéia de relativismo absoluto, de dizer que não existe verdade absoluta, nítida, vai pulverizar o campo dos gostos de tal maneira que, segundo esta perspectiva, fica em aberto saber se ainda será possível que, por um grande grupo ou unanimemente, uma obra de arte seja considerada tal, ou da ordem do belo. A crítica desse relativismo costuma gozá-la

dizendo que a verdade absoluta é que não há verdade absoluta, ou seja, que o relativismo estaria dizendo uma verdade absoluta.

Para adiantar os desenvolvimentos onde eu gostaria de ir, segundo o que exprime a chamada Nova Psicanálise, a verdade absoluta está exarada na ALEI, a qual se escreve: *Haver desejo de não-Haver*. Como vêem, a Nova Psicanálise tem a pretensão de dizer que há verdade absoluta. É mesmo daí que nasce toda sua perspectiva, pois, segundo a experiência da psicanálise, desde Freud, existe algo chamado *Pulsão*, que só pode ser *de Morte*, e que é a verdade absoluta da psicanálise. Ou seja, a verdade absoluta da psicanálise é que *só há desejo de não-Haver*. Sendo que está implícito no enunciado legal – Haver desejo de não-Haver – enquanto verdade absoluta, enquanto ALEI férrea da psicanálise, que *há o Haver e o não-Haver não há* (o que é óbvio, se não, não dava nem para se começar a discutir).

Na verdade, muitos autores afirmam que só se pode falar em estética propriamente dita e em história da estética a partir do momento que se questionou o racionalismo e que se quis fazer uma teoria da sensibilidade em estado puro. Parece uma obviedade – não sei se é... Tanto é que o tal Baumgarten, que mencionei da vez anterior, em seu livro, que foi o primeiro tratado de estética, tinha que abordar fundamentalmente a questão que se costuma colocar como oposição entre Descartes e Pascal, entre a razão, segundo o regime do cogito pascaliano, e o sentimento, segundo a razão do coração de Descartes. O Sujeito parece, então, ser uma mônada que precisa de um terceiro termo para entrar em contato com outra mônada, pois de uma para outra não dá. Isto, se tomarmos a razão do sentimento e a dispersão dos gostos e, portanto, a história do sensível. Ou, se não, mesmo no regime cartesiano, vamos precisar do terceiro termo em outro nível, no nível de Deus, que seria a mônada das mônadas, do qual o senso comum vai depender. É justamente contra esta postura que Baumgarten tenta construir sua estética, aquela que fosse a *ciência* do sensível.

Como sabem, chega o momento em que aparece o famoso Immanuel Kant, que vai tratar de uma espécie de retirada do divino, do Deus capaz de ser terceiro termo, e pensar uma subjetividade que seja finita, a qual chama de

reflexiva ou de *reflexão*. Para isto, tem necessidade de recorrer a alguma representação da intersubjetividade para situar a possibilidade de um senso comum. Concebido um Sujeito como capaz de reprodução, de sujeito para sujeito vai-se estabelecer um senso comum numa intersubjetividade. Só que, a partir daí, o *criador*, aquele que é capaz de criar – não é mais o que apenas descobre e exprime de maneira agradável as verdades criadas por Deus tal como era para o pensamento racionalista, para o qual ele era simplesmente aquele que tinha um faro de descobrir e exprimir o que era já estabelecido divinamente. O criador se torna, então, aquele que *inventa*. Não é à toa que aí surge – romanticamente, é claro – a idéia de *gênio*. Kant, para resolver esse problema, não pode fazer senão apelar para o conceito de imaginação, a qual passa a ser a rainha de todas as faculdades. Já que não podia submeter o juízo estético à camisa de força da razão pura, apelou para este conceito como capaz de fazer o cruzamento suficiente – como juízo crítico da obra de arte, do estético – do sensível com o inteligível. Nesse caso, a imaginação humana como criadora e o cruzamento da razão com a sensibilidade estariam substituindo, se não plenamente, bastante bem a criação divina, ou pelo menos entrando em rivalidade com ela. (Como vêm, estou fazendo um breve passeio. Cada ponto desses tem um longo desenvolvimento possível. Mas é só para tirarmos uns lembretes e, depois, voltar).

Então, surge um moço chamado Hegel que reinstitui a Razão (sabe-se lá como). Segundo ele, a estética volta a ser, de maneira anti-romântica, aliás bem classicamente, a expressão de uma *idéia* do campo do sensível. Diferentemente dos séculos XVII e XVIII, ele achou que transpor uma idéia para uma forma sensível tinha que ser acompanhado de um substrato concreto encontrável na idéia de história da arte. A *Estética* de Hegel é lindíssima. Se quiserem ler, verão que parece um romance. É, inclusive, um verdadeiro tratado de história da arte. Ele conhecia arte para valer. Para, então, poder reinstaurar a ordem racionalista como sendo a das idéias passadas ao mundo do sensível, ele foi à historicidade da obra de arte. Ou seja, ele achava que há o mundo das idéias, ou se quiserem, de conceitos, que são transpostos ao mundo do sensível pela obra

de arte, mas, para não repetir a formulação kantiana da velha *imaginação* fazendo o trânsito, ele impõe o império da *idéia* de novo, mediante o qual – através da história da arte e acompanhando a história geral, óbvio – mostra que os acontecimentos na história, capazes de ser entendidos conceitualmente, racionalmente, são, por via do movimento da história, inscritos como obra de arte no sensível. Aí, não é a imaginação que faz a mediação nem o trânsito, e sim essa coisa acontecida que transpõe a *idéia* para o sensível e que nós acompanhamos fazendo história da arte. Daí, aliás, é que vem a *idéia* mais ou menos idiota de se fazer história da arte e a gente acreditar nela como se fosse aquilo mesmo. Isso colou. Eu, por exemplo, trabalho há vinte e cinco anos num curso de história da arte. Não entendo nada, mas o que se vai fazer?

* * *

Quem tentou estourar isso tudo foi um rapaz chamado Nietzsche, ligeiramente doido e inteiramente anti-hegeliano. De certa forma, ele não deixa de retomar o projeto de Kant – que, comparado à camisa de força de Hegel, até parece mais maneiro – de atribuir alguma autonomia ao sensível em relação ao inteligível (que dava a impressão de que Hegel havia retirado do projeto de Kant). Mas Nietzsche exagera. Declarando a morte de Deus e, portanto, do Sujeito absoluto, ele nos impõe o advento do Sujeito cindido, que está na moda até na psicanálise de hoje, dos lacanianos por exemplo, embora de outro modo. É o Sujeito aberto inteiramente, radicalmente, à alteridade de algo que pudesse ser chamado de Inconsciente. É claro que não era o Inconsciente freudiano, mas não se sabe qual é o mais porreta, se o de Nietzsche ou o de Freud. Esse Sujeito cindido e aberto a algo de inconsciente é, por isso mesmo, incapaz de se fechar em qualquer ilusão de transparência, sobretudo de transparência de si a si mesmo.

Como sabem, Nietzsche teve a audácia de declarar que “não existem fatos, só interpretações”. Isto é gravíssimo, significa um subjetivismo total, um relativismo radical, que não há verdade única, apenas pontos de vista absoluta-

mente singulares. Isto não significa, no pensamento de Nietzsche ou dos efeitos de produção da obra de arte em outros lugares, uma (dito em bom português:) porralouquice artística. Muito pelo contrário, às vezes, a exigência de estabelecimento de verdades singulares chega a exageros que vão, por exemplo, de um expressionismo radical, absolutamente centrado no mero sentimento do artista, procurado até no fundo de suas raízes (diríamos nós:) sintomáticas, até o exagero oposto de suprematismos quase que cruéis em relação às formas, de limpeza radical de toda e qualquer sensibilidade diretamente exposta. É a tentativa de expressão de, digamos no sentido lacaniano, matemas mesmo da singularidade do artista. Muitas vezes, as pessoas pensam que a vertente de Nietzsche levaria necessariamente a um mero expressionismo. Mas não, pois, na medida em que a busca é de singularidades nitidamente expressas, elas aparecem nos mais diversos níveis: de sensibilidade e racionalidade.

Então, para Nietzsche, o real é concebido como multiplicidade pura. Esta verdade, para ele, supera qualquer verdade filosófica previamente posta e vamos tratar – como viu muito bem a descendência nietzscheana que está na moda: Deleuze, etc. – da cisão, da diferença, das partículas, das singularidades que ele achava mesmo que só a obra de arte pode exprimir. É uma confusão. Como saímos dessa?

Hoje, temos o tal *Pós-moderno*, com a suposição da morte das vanguardas que foram criadas – conceitualmente, talvez – e beneficiadas no seu poder de persuasão justamente pelo pensamento de Nietzsche. As ditas vanguardas são movimentos expressivos de verdades, dentro da multiplicidade, com sua singularidade forte. Então, são muitas vanguardas, muitos movimentos... De repente, com nossa época, conclui-se que esse negócio de vanguarda já se esgotou, não vai mais a lugar algum, é tudo multiplicidade misturada... Digamos que *dois aspectos da estética de Nietzsche* sustentam as manifestações que eram ditas de vanguarda na arte chamada contemporânea, diante da qual, propriamente falando, não há muito esse negócio de vanguarda. Depois é que foi chamado assim, pois no seu tempo eram mutações. Primeiro, há um *relativismo* radical: só há pontos de vista – isto é o que sustenta as vanguardas. Segundo,

por incrível que pareça, há um *realismo* radical também, na medida em que uma arte, como disse há pouco, deve visar uma verdade, a mais profunda, a mais real do que a indicada pela metafísica e pela ciência. Nietzsche queria um realismo radicalizado em cima das singularidades e dispersado, dispersivo mesmo, em cima do relativismo dos pontos de vista. Esses dois aspectos parecem ser a sustentação mesma das vanguardas. O engraçado é que isso caiu, desabou sozinho. Não é que se parou de acreditar que essas coisas sejam possíveis, e sim que tudo se esfacelou numa miríade de expressões de singularidade e nada mais consegue ser um movimento de vanguarda. Uma mixórdia.

• Pergunta – *Você pode falar mais sobre como esse realismo radical daria base às vanguardas?*

Tanto faz encontrarem-se nos movimentos de vanguarda, por exemplo, um expressionismo radical que não quer saber de nenhuma construção lógica de um aparelho com alguma racionalidade específica, particular, como também todos os suprematismos e minimalismos que são de um rigor tal que umas vezes tende para o sensível, outras, para o lógico, para o supostamente racional, para uma suposta racionalidade ainda não dita, por exemplo. Um artista, de repente, começa a apresentar uma racionalidade que parece não ter sido dita ou bem explorada no campo da lógica ou da ciência. Mas ele é um racional, de um racionalismo singular. Há, acho eu, um minimalismo sensível e outro racional. Teríamos que discutir isto vendo os trabalhos. Estou me referindo a certos artistas que insistem na busca de uma lógica qualquer, às vezes mesmo com aparência matemática, que parece ainda não ter sido expressa ou ter sido mal expressa no campo da matemática, da lógica, etc. Eles perseguem através de uma reflexão que é a deles. Tomemos outra ciência menos drástica, menos dura, como vemos na obra de Tunga, por exemplo, que é um artista que vai buscar um fantasma, uma fantasia, e constrói sua arquitetura inteira durante anos. Isto seria da ordem da pesquisa psicanalítica enquanto ciência de uma singularidade. É a vertente de uma ciência do psíquico. Só que em vez de ser o analista falando dele, é o próprio autor procurando a arquitetura ou o monumento

de sua fantasia. Isto me parece, pois, sofrer das duas coisas, mas muito radicalmente racional.

Há aqueles artistas, não muito comuns hoje, que apelam para razões estritamente matemáticas. Max Bill e vários artistas ligados à Bauhaus. O próprio Klee embora ligado à Bauhaus, não estava nessa, estava na ordem do simbólico. O concretismo, mas não por razões matemáticas, e sim de depuração psíquica...

Digamos que Nietzsche se apresentava, então, como o filósofo da vanguarda estética. Isto na medida em que esta é a expressão mesma da idéia de Sujeito cindido. Como disse, isto resulta tanto em expressionismos quanto em supematismos. Agora, no final do século XX, parece que as vanguardas se esgotaram ou se pulverizaram tanto que não dá para sustentarem as características de vanguarda. Há artistas isolados. Um Beuys por exemplo, ou seja quem for de potência no mundo contemporâneo, não faz uma vanguarda, é uma emergência forte, que tem a ver com determinados pensamentos. Alguns autores tentam firmemente reduzir Beuys ao pensamento marxista. Parece, então, que tanto na arte quanto na própria política as vanguardas foram para o brejo. Aí entramos na época do que, antes ainda de chamar de *pós-moderno*, chamaram de *pós-vanguarda*.

* * *

No momento que estamos vivendo, a inovação pura e simples deixou de ser medida de valor. Na época das vanguardas e das originalidades, o sujeito tinha que ser original, inovar, fazer algo novo. Agora não é mais o caso, não se procura isto, pois parece que o novo se tornou banal. Segundo alguns autores, estamos voltando à tradição, no que chamam de *revivalismo*. A moda agora é o *revival*. Vê-se isto na rua, nos edifícios, nos quadros. Mas jamais entenderei isto como volta à tradição, pois é simplesmente o começo malparado, malvisto, mal-entendido, do que virá. Ou seja, o entendimento da pura e simples justaposição de formações como capazes de tentar dar conta de outras formações. Acho que o chamado pós-moderno está só fazendo marola. Segun-

do o que consigo ver mediante meus aparelhos teóricos, isto é apenas um degradingamento diante do que se encontra na política, na cultura... Alguém, por exemplo, vai dizer que retorno a horóscopo, a runas, é retorno à tradição?! Como não se estabeleceram níveis, limites, está valendo tudo. O que dá a impressão de que se vai estancar de repente porque esse momento cultural, um dia, vai se reconhecer apenas o prefácio, os prolegômenos, a uma virada que é um vale-tudo organizado segundo o reconhecimento de que uma perspectiva não é, como no caso nietzscheano, uma mera perspectiva ou não é uma afirmação de vanguarda de um movimento necessário, mas sobretudo uma visão capaz de dar conta *como conhecimento* – seja na arte, na ciência, onde for - de outras formações. Conversaremos sobre isto mais para a frente.

Então, parece que começa a surgir um novo rosto do Sujeito na sua relação com o mundo. Ou seja, quem ainda quiser sustentar a idéia de Sujeito, precisa se dar conta de que parece que ele mudou de cara e é preciso re-entender sua figura aí nessa relação. Será que está existindo, agora, um *retraimento do mundo* como houve um retraimento de Deus ou do homem? É uma pergunta interessante. Lacan dizia que a psicanálise não é nenhuma *Weltanschauung*. Isto porque fazia a suposição de que, levada a suas últimas conseqüências, no nível de uma matemização crescente, ela não faria o *design* de nenhuma forma de habitar o mundo. Quebrou a cara, pois os lacanianos não fazem outra coisa. Ou seja, fizeram o contrário, reduziram o matema aos sintomas de sua habitação nas instituições. O “lacanismo” já morreu e não sabe. Mas Lacan não morreu. Sua dica é da melhor conseqüência: como operar uma psicanálise que desista dos conteúdos, mesmo nas histórias individuais, para não se ser necessariamente nietzscheano, para que sejam entendidas como movimentos de formações observando formações, que tudo isso pode ser abstraído e constituir um grande caldeirão de transformações e de reconhecimentos recíprocos, apesar de não podermos esquecer que cada um fica mais ou menos com seu rabo preso nalguma ordem sintomática? E isto não me impede de pensar para além das prisões sintomáticas. O sonho de Lacan era também por aí. Mas isto facilmente recai no que estamos vendo acontecer

com o lacanismo na face da terra, que é justo o contrário: o sintoma das instituições determina o que o matema quer dizer. O retraimento do mundo é que nada configura, nem tradicionalmente, nem racionalmente ou vanguardemente, um mundo enquanto tal. Fica difícil de viver assim, mas é assim mesmo...

No meio de toda essa confusão, ou seja, no percurso que se realizou no campo da estética com reflexos nítidos no campo da produção artística, evidentemente que o que houve foi a luta, ou a rivalidade, ou a mera oposição, não sei se devida ou não, entre o coração e a razão. Lembram-se da frase de Pascal de que “o coração tem razões que a própria razão desconhece”? Uma vez, eu disse que a razão tem corações de que ela própria não se dá conta...

* * *

Como vimos, a partir de certo momento a reflexão sobre o belo, sobre a obra de arte, torna-se uma Estética. Os valores são pensados a partir de uma subjetividade. Em torno disto resta uma questão que parece candente: o que, numa subjetividade, para a considerarmos, a valorizarmos, deve ser tomado como o princípio do *juízo do gosto*? É uma questão interessante. Uma subjetividade e um gosto: o que, nessa subjetividade, é princípio de juízo de gosto?

Já dei resposta a isto. Não filosófica, pois não tenho a ver com isso. Se refletirem com meu Primário, meu Secundário e meu Originário, verão que lá está indicada. Os filósofos parece que ficam procurando o princípio do juízo de gosto por um lado na razão, mesmo mediante um juízo lógico matemático, por outro, no sentimento, no relativismo radical. Pergunto eu: a psicanálise segue o mesmo caminho? Tem que se preocupar com as mesmas coisas? Ou não será o caso de ela dizer: querem por favor nos mostrar onde fica a fronteira? Do ponto de vista de uma psicanálise possível, pelo menos a partir do que tenho teorizado, qual é a fronteira desenhável entre razão e sentimento? Por isso, disse que a razão tem corações... E diria também que o coração tem razões... Essas frases não se opõem necessariamente.

De brincadeira, mas muito séria, retomei a frase de Lacan *l'inconscient est structuré comme un langage* e disse que *l'inconscient est structuré comme*

on l'engage. Fiz isto porque já havia perguntado antes: o que não é estruturado como uma linguagem? Qual é a diferença entre a racionalidade do sentimento e o sentimento da razão? Vejam que a questão é bem diferente da oposição Hegel/Nietzsche. Estou no campo de uma experiência psicanalítica que sabe que não há fronteira aí e que o sentimento é racional, não necessariamente da razão que os racionalistas conhecidos nos impõem, assim como a razão é bem sentimental. Para dizer em última instância, os dois são de ordens sintomáticas ligeiramente acentuadas para um ou outro pólo, e nem mesmo esses pólos são nitidamente desenháveis, são apenas *grosso modo* indicáveis. O que se polariza ao seu redor não me parece portanto com fronteira alguma destacável. Isto faz um problema novo, pelo menos não filosófico.

Vejam a questão, no campo da estética, do que chamam de antinomia do gosto. Desde Kant sabemos que “gosto não se discute”. Já Nietzsche diz que não fazemos outra coisa senão passar o dia inteiro discutindo gostos. Para nada, pois não se vai chegar a lugar algum. Mas é agradável, engraçado, inteligente, gostoso... Acho que é muito prático e que tem o sentido de produção de uma reflexão de outra natureza, quem sabe se psicanalítica. A questão de distinguir nitidamente a incomunicabilidade da obra de arte porque é singular, ou a absoluta comunicabilidade porque é racional, é apenas uma besteira. Nós da psicanálise nada temos a ver com isto, pois só existe nos recortes do gabinete do filósofo. No mundo de nossos encontros de *laboratório*, na psicanálise, esse recorte não existe. Para a auscultação psicanalítica, não há base para essa polaridade nítida, pois, seja do ponto de vista das formações ditas racionais, seja do das ditas sensíveis, estamos lidando com *formações*, as quais são formações do Haver e se nos apresentam, a nossas observações psicanalíticas, como *sintomas* sem fronteira nítida. Quando escutamos atentamente um sintoma no sensível, eis senão quando ele se mostra como incapaz de se organizar senão segundo o que Lacan dissera: estruturado como uma linguagem. Ou seja, estruturando-se como a gente o engaja, como digo. Se passarmos para o outro lado, encontraremos a mesmíssima coisa, estruturando-se do mesmo modo e nos dando aparência de racional. Isto porque a suposta linguagem que o

organiza é um pouco mais evidente do que no outro caso. Pronto, apronteí uma bagunça na estética.

• P – *Qual é o coração dessa dialética?*

Coração só há um. Com sístole, diástole e tudo. Chama-se: Revirão. Que revira do racional para o sensível e do sensível para o racional. É a mania pregressa de se estabelecerem fronteiras (que só existe na burrice de filósofos em querer essa nitidez) que o faz perder a noção de continuidade e de ausência de fronteiras nas formações que se aglutinam em torno de polaridades mais ou menos discerníveis.

Mas, segundo certos filósofos, qual é a tal antinomia do gosto? Eles acham o seguinte: coloque-se a *tese* de que o juízo de gosto não se fundamenta em conceitos, pois se assim fosse seria possível chegar a uma conclusão sobre ele, ou seja, decidir mediante provas. Logo, dizem eles, o juízo de gosto não depende de conceitos. Mas há uma *antítese*: o juízo de gosto fundamenta-se, sim, em conceitos, pois se assim não fosse não seria possível, a despeito das diferenças que apresenta, sequer distinguir a esse respeito. Neste caso, não poderia de modo algum pretender o assentimento necessário de outrem para seu juízo. Ou seja, é incomunicável, portanto, depende sim de conceitos. Vejam só o que filósofo é capaz de fazer: inventar uma antinomia em cima da palavra *conceito* tratada num lugar com um sentido e noutro com outro. E todos caem nessa conversa. Aí Lacan nos salva quando diz que o significante do primeiro não é o mesmo do segundo.

Ou seja, repetindo, por um lado, dizem que o juízo de gosto não é sobre conceitos, não é racional. Isto, como se conceito fosse inteiramente racional. É preciso toda uma discussão da filosofia contemporânea com a psicanálise ou com os contra-filosóficos para lhes perguntar se acreditam mesmo que o conceito seja estritamente da ordem do racional. Mesmo porque, se retomarmos a idéia de Lacan de sintoma lingüístico, *lalangue*, o simples fato de se apresentar o conceito dentro de uma língua já o coloca infectado de sintomática sensível também dessa língua. Portanto, não existe a concepção – a não ser em cabeça de filósofo oficial, pois os não-oficiais já são um pouco mais maneiros – de que

conceito é da ordem do estrito racional. Por outro lado, dizem que juízo de gosto deve ser da ordem do conceito, pois se não o fosse como se poderia criar ou como se poderiam dar – o que acontece facilmente – certos consensos a respeito da obra? Nós não temos este problema, pois pouco nos importa se se trata ou não de conceito, há conceito e sensibilidade sim, e o que nos interessa é que há formações na obra como há formações compatíveis naquele que observa.

Então, de sintoma a sintoma há diálogos possíveis e acordos pelo menos regionais. Basta escutarmos uma discussão sobre música. Um diz que gosta de uma parte, outro, de outra. São regiões de formação sintomática. Mas os dois estão certos de que, naquilo que o conceito de um goza como o do outro, no roça-roça da transa sintomática, estão inteiramente de acordo e gozam igual. Portanto, é uma grande sucessão, uma miríade de formações considerando formações. Passeamos freqüentemente aí na consideração de desenhos formacionais – chamem de conceitos, se quiserem – capazes de se distanciar singularmente em incompatibilidade radical de reconhecimento e também capazes de se aproximar em grande reconhecimento. E mais, discutindo, discutindo, batendo papo sobre o gosto – feito o exemplo que já dei aqui, e para mim emblemático, do tacacá da Clare –, a gente pode dizer que é por aí. Ou seja, mesmo do ponto de vista de minhas formações sintomáticas posso pegar uma caronazinha, aprender com outro. Isto porque não sou um animal que vive de formações primárias, nem um debilóide cultural que vive apenas de formações primárias e secundárias. Existe algo chamado *Formação Originária* que me permite passear, quem sabe, pelos sintomas dos outros.

Estas questões que estou colocando são sérias. Acho que sou a única pessoa, neste século, que acredita nestas bobagens. O século não acredita que haja possibilidade de algum consenso, ou pelo menos aproximação ou conversa. Eu, acredito porque sei que há um Vínculo Absoluto e os outros vínculos relativos, absolutamente diferentes uns dos outros. E que, pelo Vínculo Absoluto, há chance de transação.

- P – *Mas como seria este passeio pelos sintomas dos outros se a referência é ao Vínculo Absoluto?*

Só indo a uma região de Indiferenciação e exercitando... Por exemplo, exercitando-se esteticamente nessa Indiferenciação. Posso convidar o outro para conhecer a minha. Ele não entende e não goza com aquilo, mas com uma boa cantada vai-se lá e ele pode achar legal. Ele nem suspeitava que pudesse gostar, pois a aparência de distinção racional que havia era *racismo* sintomático: não gosto de jiló porque nunca provei (como não gostava de tacacá).

• P – *A subjetividade, para a psicanálise, depende das formações, mas não existem tanto as formações formadas quanto as formações em formação?*

Formações em formação, até existem... O que, para não ficar muito perdido, tentei organizar foi o que chamei de Primário – com autossoma e etossoma –, Secundário e Originário. Se você toma qualquer formação original sua, primária, por exemplo, como paradigma, está instalado o racismo, está instalada a impossibilidade de transa de gostos. Mas você pode dar um passeio cultural, você é um homem culto, pelo menos já discute, já conversa. Mas freqüentemente só discute, conversa e não experimenta a estética do outro, a qual se passou pelo Originário. Na medida em que você deixa cada vez mais de ser animal – ou no sentido animalesco propriamente do Primário ou no sentido postigo do neo-etológico animalesco da cultura –, pode, referindo-se ao Originário do Revirão, produzir, para essa cultura desbragada de assassinatos recíprocos que aí está, a possibilidade de transação. E isto não é só reconhecer ou ter boa vontade com o outro. Esta transação não funciona mais, pois o pessoal já notou que é hipócrita, que serve para a ONU, mas não para se transar direito mesmo com outrem.

Você teria que fazer, por esteio no Originário, na possibilidade de reviramento, o exercício de realmente freqüentar a zona do outro. E isto *como experiência sua*. Faz parte da Cura psicanalítica essa visita ao Cais Absoluto e a possibilidade de *progresso* ao Original. *A origem do homem fica no futuro*. Só os nazistas, de todo tipo, filosófico ou militar, colocam nostalgias no passado. Façam uma reflexão sobre tudo que aconteceu no nazismo e em certos filósofos simpatizantes, com buscas de origens pregressas... É o que está por vir que é

minha origem, aí é que sou humano. Este é o verdadeiro sentido da palavra SAUDADE em Português.

Então, na medida em que posso exercitar essa visita, posso, quem sabe, fazer a experiência estética do outro. Há, por exemplo, aqui nesta sala uma aluna do Doutorado que está tentando fazer uma tese sobre Lygia Clark, que era uma artista, sem formação em nossa área, na qual podemos notar evidentemente o esforço para criar obras que provocassem a experiência estética transiente de um para outro. Ou seja, era uma grande terapeuta, sem a menor dúvida.

As formações estão por aí. Não podemos fazer turismo por elas como esse pessoal que vai passar férias em Paris? Há coisa mais dura do que Paris? Aquela formação toda, o Louvre que não se desloca, a Torre Eiffel que não sai do lugar... Então, a gente vai passeando pelas formações, ficamos até pensando que somos parisienses... Depois, quebra-se a cara porque está na hora de voltar para a roça...

* * *

• P – *Como reconhecer quem é capaz de estar produzindo uma obra que vai induzir a esta experiência do Original?*

Você está falando de uma questão de mercado ou de diferença pessoal? Sua questão parece que exige juízo de valores para saber quem é quem. Estou pouco me lixando para isto. Estou me perguntando sobre a disputa filosófica entre um relativismo absoluto, e portanto impossibilidade de transação porque não há conceito, e um racionalismo conceituável, que constitui a transa e a experiência de senso comum, mas que também não é arte ou estética alguma. O mais importante é eu saber, na minha experiência pessoal, ainda que seja caretíssima e pequeninha, com uma cultura pobre, se passo ou não por essa experiência. Isto é bem mais importante, no sentido da cura do Social. Não me importa, por exemplo, se meu analisando vai entender o que é a grande obra de arte, e sim que possa aproximar sua experiência estética em transposição, aqui

e agora, ainda que eu ache aquilo uma bobagem porque estou careca de conhecer. Outra questão – que trataremos depois – é: no final disso tudo, juízos de valor vão estabelecer o que é obra de arte ou não? Ou, então, será que esse problema ainda vai interessar? Fernand Léger achava que no futuro tudo isso seria uma mera indústria do belo, da arte, dissolvida por aí. Artistas, vamos sempre supor e nomear alguns. Ou seja, aqueles que, pelo menos no horizonte que conseguimos enxergar, nos parecem extrapolar um pouco a experiência estética que costumamos ter. Mas os nomeamos por bobaquice, por questão de mercado, ou social...

- P – *É sempre uma coisa subjetiva?*

Não. É política. Há umas nomeações de mercado feitas porque se está investindo. Portanto, é preciso continuar nomeando para continuar valendo. Mas tiremos isto e coloquemos só no gosto. No horizonte que nosso olhar consegue abranger aqui e agora, me parece – porque tenho minhas formações limitadas – que Fulano é um grande artista, que está dizendo algo que me obriga tentar fazer uma viagem para poder penetrar ali. Não há, quanto a essa experiência, embora os autores insistam no contrário, muita diferença para com a culinária, por exemplo. Dizer que culinária não é arte já não cola mais. Ou, então, vão me dizer que “instalação” é arte? Não se pode, por exemplo, fazer uma instalação com todo mundo escovando os dentes? O que é isso? Estamos procurando conceitos, experiência estética ou o quê? Aquelas coisas que Fulano, que é pintor, coloca em cima da tela, para que servem?

- P – *Costumo dizer, quando gosto de um trabalho, que dá vontade de ir para casa e fazer o meu. Como você pensaria isto?*

Acho que você tem toda razão. Só que o problema é seu.

- P – *Nomear analista é como nomear artista?*

É igualzinho. É pura suposição de alguém.

23 MAR

3

ANÁLOGO DO HAVER

Da vez anterior, eu falava da tese e da antítese, que se excluía mutuamente, como questão fundamental da Estética. A tese é que o gosto depende do sentimento, é subjetivo, incomunicável – isto que chamam de *inefável* –, e portanto não se pode senão cair no solipsismo estético. A antítese é que é possível fundamentar o consenso do ponto de vista racional, mas, neste caso, o juízo de gosto passa a ser um juízo de verdade e perde a subjetividade indicada pela tese. Então, ou bem se tem a subjetividade e se cai no solipsismo estético, ou bem se fundamenta racionalmente a estética e se perde a subjetividade. Era assim que se pensava naquele momento.

* * *

Alexander Baumgarten, o tal moço que teria fundado a estética propriamente dita em 1750, tenta resolver a questão produzindo a idéia do que chama *analogon rationis*.

Haveria um análogo da razão no próprio processo de sensibilidade da produção estética. Ele considerava isto um conjunto de faculdades que são para o mundo sensível o análogo do que a razão é para o mundo inteligível. É bem bolado, uma saída brilhante para a época. Ou seja, do ponto de vista da sensibilidade, haveria algo que no mundo sensível é análogo ao mundo inteligível. Através desta analogia, ele tentava fundar uma *ciência* chamada *estética*.

Como esse análogo era meramente “analógico”, ele considerava que o conhecimento estético necessariamente teria que ser inferior ao conhecimento racional. Então, essa estética fundada como uma teoria das artes liberais, uma doutrina do conhecimento inferior, a arte do belo pensamento, a arte do análogo da razão, ele definia como sendo a *ciência do conhecimento sensível*. É espantoso. Isto certamente retiraria a ciência da égide da razão pura.

Não irei, aqui, ficar discutindo a história da filosofia ou da estética, apenas quero considerar alguns pontos.

Acho muito inteligente a noção de *analogon rationis*, desde que traduzida de maneira completamente nova, completamente outra. Como se lembram, em nossa linhagem, Lacan definia o Inconsciente como estruturado como uma linguagem, *l'inconscient est structuré comme un langage*. De brincadeira, a sério, eu disse: *l'inconscient est structuré comme on l'engage*, como a gente o engaja. Por outro lado, eu havia dito que, se é para considerar que algo se estrutura como linguagem, não há motivo algum para não se perguntar: o que não se estrutura assim? Isto, para fazer diferença em relação ao que Lacan queria definir como sendo o inconsciente. E disse, então, que preferiria considerar que o Haver é estruturado (não como *uma*, mas) *como linguagem*. Ou seja, o modo como o Haver se estrutura chama-se linguagem e é *análogo* – e aí é que acho interessante a idéia de Baumgarten - ao modo como a gente fala. Se está metido dentro da mesma situação, por que seria diferente? Não vejo diferença alguma entre o simbólico da produção humana de discurso e a estruturação do próprio universo, do próprio Haver. São da mesmíssima ordem. Não vejo motivo algum para haver zonas de diferença radical, para heterogeneidade dentro do Haver. Este postulado faz muita diferença no seio do pensamento pregresso. O Haver é estruturado assim, e não há motivo para, dentro dele, algo se estruturar diferentemente dele. Isto em função mesmo da tese do princípio antrópico que tomei de alguns cosmólogos. A espécie humana não é senão uma repetição da estruturação do próprio Haver em si mesmo. O Haver é homogêneo.

Por isso, digo que o Haver se estrutura como a linguagem se estrutura, ou que a linguagem se estrutura como o Haver se estrutura. E o inconsciente

se estrutura nisso aí conforme a gente se engaja nisso. Ele já era assim mesmo, então, se estrutura na sua particularidade dependendo dos engajamentos que se façam em regiões dessa linguagem. Portanto, não digo que o inconsciente se estrutura como *uma* linguagem, mas sim que jamais sabemos ou saberemos o que seja linguagem. Isto porque ela é o modo de estruturação mesma do Haver, isto é, o *programa* do Haver. É grande demais. Nem hipercomputadores dariam conta de tal programação. Mas não custa insistir, pois alguns pedaços podemos conhecer. Então, repetindo, digo que o inconsciente é estruturado como a gente o engaja porque aqui e ali, agora e outrora, em função de seus engajamentos nas formações mesmas do Haver, é que o homem se organiza. Esta espécie se organiza em função de seu engajamento nas formações do Haver. O inconsciente é estruturado do mesmíssimo modo que o Haver é estruturado.

- Pergunta – *Como você formaliza esta estrutura?*

De modo algum. Nunca fiz isto. Talvez algum dia o faça.

- P – *Como entendo, isto se estrutura em Lacan como S/s.*

E o que quer dizer isto? Parece uma cópula. Não diria que Lacan formaliza exatamente assim. Se for para ir por esta via, há muito tempo escrevi: S/s/G. Mas não sei se formaliza o que estou dizendo, que é: se não faço diferença entre a estrutura do Haver e a desse que Lacan quer chamar de falante, se homogeneízo o campo, então, se estruturam do mesmo modo. Mas como o homem *se* organiza, como *se* estrutura (e não como é estruturado, enquanto estrutura dada)? Segundo seus engajamentos nas formações do Haver, e não no Haver por inteiro. São, portanto, engajamentos sintomáticos. Ou seja, a gente costuma se estruturar com engajamentos sintomáticos. Isto porque a macro-estrutura do Haver, que é a mesma nossa, não nos dá nenhuma forma, nenhum conteúdo, nenhum modelo. É, pois, em meus engajamentos, inclusive os espontâneos (como o corpo construído), com as formações do Haver que vou me estruturando tal e qual determinado sujeito, determinado indivíduo, etc.

O que quer que se forme, que se parciarize na fractalidade do Haver, chamo *formação do Haver*. Seja isto da ordem de um ser vivo, de uma formação

psíquica, orográfica, qualquer coisa. O que varia é o modo de formação. As formações do Haver, que são estruturadas como o Haver, são, entretanto, parciárias dentro da estrutura do Haver. Elas se estruturam do mesmo modo que o Haver se estrutura, mas parciariamente. Elas são estruturadas como o Haver, mas não com *todos* os ingredientes das formações do Haver. Por isso é que a gente se engana. Por isso mesmo que o tal Haver, embora fractalizado, é homogêneo com sua estrutura como linguagem. Mas não podemos confundir um conjunto de elementos interativos da linguagem com a linguagem. Se, por exemplo, tomarmos uma grande formação sintática dentro da linguagem, é uma formação da linguagem, logo, do Haver. Então, podemos encontrar – e isto permitirá ciência, conhecimento – com esse modelo de uma formação sintática na linguagem, formações naturais homólogas. Aí diremos que estamos fazendo ciência. Não só porque se tem um modelito de semelhança para mapear uma formação com outra formação, mesmo que sobre um resto, como também porque aquilo funciona. É o nosso grande dilema com a ciência, a qual simplesmente aplica uma formação sobre outra. O laboratório, por exemplo, é uma formação. Um aparelho teórico é uma formação que se acopla a um laboratório para observar determinada formação supostamente natural. De repente, certa formação encaixa com certa outra formação, que não é necessariamente o objeto inteiro da observação. Se estou observando, por exemplo, uma questão celular, uma formação se encaixa, mas muita coisa fica de fora. E aquela que se encaixou não é falsa. É apenas incompleta. Então, tiro daí um conhecimento e, enquanto pedir que uma realidade funcione no nível da formação que capturei, ela funciona. Não custa nada, pois ela é assim mesmo. Mas se peço mais, não funciona. Aí vêm as provas de falsificação de Popper.

Estou, então, dizendo que a questão pode ser estritamente de conseguir cada vez maior afinação, refinamento, no mapeamento dos objetos observados. Mas as formações são compatíveis. Posso dizer que, lá, aquela formação existe, funciona, só que há outras além que minha formação mapeadora não capturou. *Não há outro conhecimento a não ser formações mapeando formações.*

* * *

Se isto que estou dizendo é aplicável como verdade possível, quero, pois, começar a perguntar: qual é a diferença entre arte e ciência? Do ponto de vista desta definição, não há diferença.

Como acho a arte mais interessante, mais liberta, prefiro dizer que só existe arte, mais nada. Existe a arte da física, da química, da pintura, da poesia... Digo isto porque quero dizer que o modo essencial de abordar ainda a realidade é sempre o mesmo. Quem quiser, pode chamar de ciência e dizer que só há ciência e o resto não interessa. Digo que só há arte porque o modo de abordagem me parece ser artístico. O que vai variar é o ateliê, as propostas de abordagem, que serão matematizantes ou não, que serão mais logicizantes do que outros que se dirão mais sensíveis. Então, *pensar uma estética é pensar toda e qualquer prática do homem*. Estou dizendo há tempo que o homem faz arte e mais nada. O radical ART, de *articulação*, re-solve todas estas questões.

Acho que a fronteira entre arte e ciência jamais será nítida, mas se tivermos que estabelecer uma, no máximo estabeleceremos alguns pólos de atração maior ou menor. Fronteira mesmo, é impossível. Ou será algo particular, que cada um colocará onde achar. O que teremos sempre serão formações e formações, descrições e descrições, grandes mapeamentos que funcionam com precisão, outros que funcionam mais ou menos, às vezes, sim ou não, porque são elásticos demais. A *formação observante*, às vezes, consegue capturar um grande momento da *formação observada*, mas não detalhes muito precisos. Ou o contrário, observa detalhes que não temos ferramentas para manejar. Vejam, por exemplo, o último Deleuze-Guattari, que já citei aqui, *Qu'est-ce que la Philosophie?*, que é um fracasso total. E sua grande virtude é justamente o seu fracasso.

Por que as artes lógicas, matemáticas, científicas, são, talvez, mais rigorosamente transmissíveis? Por uma razão que ninguém ousa dizer: porque *são mais pobres*. Se fossem mais ricas, não o conseguiriam. Ou seja, são necessários meios bem mais pobres para seu registro e sua transmissão. A

matemática, por exemplo, é uma pobreza. O hábito é ficarmos nos desculpando diante das ciências duras, das lógicas e das matemáticas, pois nossa sensibilidade seria, como diziam, inferior. É o contrário. É porque nunca inventamos aparelhos suficientes para capturar os jogos e as lógicas internas dessas sensibilidades que não conseguimos mapeá-las. Como a matemática é uma pobreza compatível com os objetos pobres que observa, então consegue ser precisa. Como vêem, inverte o vetor.

• P – *É pensável uma matemática da sensibilidade?*

Ou isto ou existem muitas lógicas que estão para serem criadas. Nós é que somos pretensiosos de supor que as lógicas, as ciências matemáticas, etc., que foram construídas são muito porretas e que a sensibilidade é uma coisa meio grosseira. E se for o contrário? Se não inventamos ainda ferramentas e mesmo tecnologias adequadas à leitura complexíssima desse processo, de maneira a poder construir formações capazes de mapear essas formações? Isto porque são ricas demais. Então, formações mais pobres ou mais simples são mapeáveis por formações pobres. Por isso, a incompetência da ciência em, por exemplo, melhorar nossa vida em muita coisa.

A arrogância que até o século XX se teve com o conhecimento científico e menosprezo para com o sensível, não nos deixou ver que, o sensível, nós o ignoramos. Ele é complexo demais, e ainda não conseguimos inventar ferramentas capazes de mapeá-lo. As artes pictóricas, literárias, eróticas, gustativas, são menos rigorosamente registráveis e transmissíveis porque são mais ricas, mais complexas e não temos instrumentos competentes para isto. São necessários meios, *media*, excessivamente caros e difíceis de produzir para seu registro e sua transmissão. Estou contra a arrogância, a pretensão, a burrice do homem do século XX, que ficou farto de si mesmo, *rempli de soi-même*, achando que tem uma ciência maravilhosa. É uma merda, o século XX é um amontoado de besteiras. Precisamos entender que há muitos passos a serem dados. Mal começamos a degingolar os sistemas idiotas que o século conseguiu – com muito esforço, é claro, mas que foram a idiotia do século junto com um delírio desbragado, e depois se desmanchando nessa bobagem chamada

pós-moderno. É um desmanche da situação pregressa. Isto para dar um salto por cima e verificar que não sabíamos quase nada, que era tudo um monte de besteiras.

* * *

É preciso esta *Clínica*. Começarmos a fazer a própria cabeça para sair da arrogância e assumir que é ignorância, pobreza, miserabilidade do pensamento e de nossas táticas de produção. Não é, como dizia Marx, a miséria da filosofia, e sim a *miséria total*. Somos miseráveis.

A dificuldade de uma Estética Geral como campo de observação da Clínica Geral é a mesma de se constituir uma psicanálise plena, que saia dos guetos idiotas de consultório e de teorias fechadas demais. O narcisismo natural – no sentido de que é de se esperar –, quando inventamos determinado conhecimento, determinada ciência, nos faz cair imediatamente em crise, pois ficamos apaixonados por aquela besteira como se fosse grande coisa. Esquecemos que se trata apenas de uma pobreza regional. Basta vermos a discussão que há em torno do sensível e do inteligível, como se aí houvesse alguma oposição. Meu questionamento é: *que oposição há efetivamente aí?* A única que reconheço é que o que querem chamar de sensível é da ordem da ignorância, e o que querem chamar de inteligível é da ordem de uma suposição de saber. Funciona? Claro que funciona. Se conseguimos alguns aparelhos biológicos, um sujeito adoece e os aplicamos, de repente, até curam. Mas o outro lado também funciona, tanto é que as obras de arte estão todas aí e não sabemos o que fazer com elas.

Fazendo um parêntese, vejamos, por exemplo, a idéia de interdisciplinaridade que vigora muito neste final de século. É no sentido de se darem conta de que, se não houver um vasto cruzamento de todas as informações, vamos ficar sem leitura para as coisas que deixamos de ler por incompetência instrumental. Então, como conseguir representar e transmitir as formações que digo que são, por exemplo, da ordem do Primário? Já pensaram que todo o Primário

do homem, mais o do Haver, foi muito pouco lido, que quase nada sabemos a respeito? O que a biologia sabe a respeito deste nosso corpo? O que sabemos sobre todo o Primário de nível etológico? O que sabemos efetivamente de levantamento preciso, complexo e cada vez mais completo das formações do Secundário? A tal cultura, essas coisas que estão por aí, está toda acumulada, e quase nada sabemos. E, pior, como poderemos registrar e, pelo menos, acompanhar o recurso à formação Originária? Se digo que, no recurso à formação Originária, isto é, ao Revirão, ao processo que fundamenta a espécie, não temos nenhuma ferramenta... Outro dia, alguém me perguntava sobre isto em minha Supervisão: como se sabe que um sujeito entrou em processo e se referiu ao Originário? Não sei. Por enquanto, só por sensibilidade é que posso supor. Mas como isto será mapeado pelo século XXIII? Não faço a menor idéia. Nem por isso tenho que engolir que certas formações são superiores a outras ditas inferiores.

Se estou dizendo que precisaria de uma Estética que abrangesse tudo, não estou com os problemas dos pensadores daquele momento, de se a estética é ou não autônoma, se há uma autonomia do sensível, etc. Não estou dizendo que se trata do sensível, e sim *que o fenômeno estético abarca toda e qualquer formação*. Não estou, portanto, dizendo que a estética é autônoma, e sim que é *hegemônica*. Não se trata nem do campo do sensível que possa ser abordado e decifrado pela razão, nem do campo do inteligível que possa ser expresso em sentimentos e sensações. Trata-se, sim, do campo onde esta distinção não faz sentido, a não ser por quantificações e polarizações. Tenho pois que pensar *uma estética que fosse do campo do pleno, do plerômico, da Grande Arte, na qual razão e sentimento (ou sensibilidade) são do mesmo naipe*.

O que chamamos de razão em contraposição ao sentimento, à sensualidade, à sensibilidade, é uma bobagem. Não do ponto de vista do sensível, mas sim do ponto de vista mesmo de uma razão maior suponível que inclui o coração da razão e as razões do coração. *Estou, portanto, fundando um racionalismo radical porque estético*. Como pensar em cima do fio da navalha deste aparente paradoxo? Aliás, não vejo paradoxo algum aí, pois só há para-

doxo quando um toma um partido e outro toma outro. E eu, estou pressupondo que *é* assim. Estou pressupondo que a razão seja extremamente mais ampla, mais abrangente, mais potente, do que as pobrezaas que chamamos de lógica, matemática, cientificidade, etc. O de que o século XX parece que ainda não se dá conta muito bem e se recusa a ver é sua miserabilidade. Sua, logo de todo o passado, de tudo que chegou até aqui. Então, o pensador, o cientista tem que se mancar e dizer que é pura pobreza, que é porque não tem potência suficiente. A razão deve ser algo bem mais amplo, bem mais capaz, com muito mais recursos, muito mais formações que virão a ser produzidas para ela se mostrar perfeitamente compatível com o sensível.

No momento do nascimento das idéias de Inconsciente, ficou-se com a impressão de que isso fosse para além do racional. Isto porque o racional era o que diziam então que era o racional. Apelidaram de racional o que as pessoas utilizavam como sendo mapeamentos absolutos da razão. Não eram. Freud veio justamente demonstrar que as razões do inconsciente devem ser extremamente racionais. O inconsciente não é da ordem do irracional ou da desrazão, e sim da ordem da razão *n potencial*. Se imaginar uma razão *n potencial*, reconheerei a pobreza da razão que nos é apresentada. Razão esta que ainda não tem surgimento, ainda não foi descrita entre os primatas e pobretões culturais que costumamos mais freqüentemente ser. Precisamos começar a pensar na pretensão e arrogância dos séculos e, sobretudo, do século XX. Ainda estão por vir os meios, a *media*, da Grande Razão – que poderei chamar de *Plerológica*.

Eu ia falar do Belo e do Sublime. Mas fica para a próxima vez.

* * *

- P – *Você pode falar mais sobre essa razão plerológica?*

Isso que chamamos de razão, e os instrumentos que apresenta para se dizer tal, são de extrema pobreza. Justo por isso, baseado nessa miserabilidade, faço a suposição de que há outras razões, que comparecem sintomaticamente

mas não se dizem explicitamente. Qual foi o esforço de Freud? Entender algo que parecia obscuro, que chamou de Inconsciente, e justamente apresentar, até iluministicamente, sua razão. Não vejo, por exemplo, nenhuma vantagem para os neo-nietzscheanos, em sustentarem ainda a separação do inconsciente, das forças ocultas da irracionalidade, quando o nome disso é apenas *ignorância*. Assim como o nome da ciência é *pretensão*.

Se o que estou propondo é viável, isso é um grande Pleroma, onde uma homogeneidade, necessariamente pensável para que ele exista, permite supor que haja mapeamentos assim, assado, etc. Enquanto essas lógicas não se apresentam como tais, temos que pelo menos suspeitar que, no *sintoma* de produção de determinadas áreas que não se dizem, não se explicitam no modo das chamadas produções racionais, não sejam irracionais. Quando acompanhamos os processos de produção nessas regiões ditas de obscuridade, eles se apresentam com certa coerência que me faz pensar que um sintoma ali se organiza com muita precisão e muita razão. Nós é que não sabemos dele e não temos ainda os instrumentos para o ler. O que dirá no futuro um hipercomputador dotado de grandes teoremas capazes de dissolver essas informações em fragmentos, reoperá-las e notar que eram absolutamente claras? Se ainda não podemos fazer isto, podemos pelo menos reconhecer que esta possibilidade tem que ser pensada.

- P – *Não haveria uma resistência maior nesse tipo de razão?*

Toda e qualquer formação se organiza na vertente do sintoma. Portanto, uma lógica matemática, uma organização filosófica, um estilo musical, etc., são formações produzidas e que *insistem* em sua própria sustentação. Logo, são da ordem de um sintoma difícil que vai resistir à sua própria mudança. E mais, na selva do simbólico, todos serão verdadeiros animais bem compostos que tenderão a tomar o poder, ganhar território para si. Falamos dessas coisas como se não constituíssem uma selva. Estamos falando dessas coisas como se não estivéssemos numa selva. Como se a universidade, por exemplo, não fosse uma selva. Qualquer um que chegar aqui saberá que se trata disto – e não sei quais animais são piores...

Na vida prática, o que temos são lutas de forças. Vamos supor que estamos considerando uma formação que, em si mesma, parece mais bem construída, refinada, competente, do que outra. Ou seja, que, em sua conjunção com outras que nos parecem menores, tem uma força de imposição que estas não têm. O que pode julgar disso? Que critérios encontrar, por exemplo, para saber se a cultura de massa é uma boçalidade, que existem formações bem mais refinadas que não têm o mesmo poder? O máximo que se pode fazer é tentar convencer um número cada vez maior de pessoas – que será sempre pequeno – para fazer a sustentação desse movimento de refinamento, de modo a que ele possa sobreviver e se infiltrar no seio da outra formação. Tomemos um exemplo que podemos supor ter acontecido com a humanidade: havia o planeta, apareceu um negócio chamado vida, os animais e o tal homem, o qual supostamente, até agora, tem sido um pouco mais competente para manejar o simbólico do que os cavalos e os dinossauros. Já imaginaram a luta que foi para esse ser sobreviver e ainda fazer uma pequena – porque foi mínima – tentativa de puxar o seu processo no vetor que vai do Primário ao Secundário e ao Originário? Isto, com tudo que era contra ele, a chamada Natureza com seus animais, suas tempestades, etc., etc. Mas não era só contra. Ele aproveitou bem, fazendo suas próprias besteiras, e não as dos dinossauros. Como essa coisa pode ter acontecido? Se estou pensando em lutas de forças, que forças tem isso para além das grandes massas animalescas? Deve ter, se não, aí não estava.

Estamos decepcionados, frustrados, neste final de século onde a boçalidade impera aliada ao comportamento retrô, mas quero supor que existem forças aí, talvez mais refinadas, que ainda não reconhecemos e que vão recuperar o campo. Há que ser forças, se não, não passam. É sempre uma queda de braço, que não sabemos muito bem onde está se realizando. As vontades de poder estão em jogo. Imaginem que termine o século XX, passem uns dez ou vinte anos – é pura imaginação, pode não ser nada disto, pode ser pior, dar para trás durante algum tempo, mas vamos brincar de *history-fiction*... Suponhamos que esse balanço venha a fazer da massa de produção do Ocidente um grande

lixo. Nada impede que, daqui a pouco, se tome a história da filosofia e se diga: que monte de tolices, vamos mapear isso e ver o que sobra. Joga-se num hipercomputador os Hegel, os Kant, os Espinosa, faz-se uma limpeza e vê-se o que efetivamente sobra. Isto não é impossível, pois aquilo é um monte de palavras, mais nada. Aí, tira-se o *sumo* disso tudo e vai-se ver que instrumentos são possíveis a partir daí. Quem sabe, não aparecerá algo completamente diferente, um modo de agir e lidar para além de *Blade Runner*. Isto, em vez de ficarmos, como ficamos, indo para a Universidade, onde há um ruminante, uma vaca universitária, que fica mastigando Kant, outra Lacan, para não se ir a lugar algum. O nome disto é doença. É da ordem da sobrevivência das plantas e dos animais.

• P – *Você distinguiria formações políticas das mapeadas pela ciência, na qual a determinação, as leis do haver objeto ali são como que impostas segundo uma invenção que corresponde a determinada formação? E no caso do saber político, parece haver antes uma imposição de que, na verdade, o objeto seria totalmente determinado pela invenção dessa formação? O psiquismo, então, não estaria mais de acordo com o objeto político, pois nele haveria um jogo de forças mais do que leis próprias do objeto?*

Dá muita vontade de pensar assim, e temos pensado assim através dos tempos. Mas pretendo que minha questão dê mais alguns passos: se determinadas formações são um pouco mais duras, ou seja, sua frequência é maior – por exemplo, supostamente uma lei da física em qualquer parte do Universo deveria funcionar, do que, aliás, duvido muito... Não sei por que no Universo, embora suposta sua homogeneidade, suas formações não possam variar em leis diversas. Os físicos nunca fizeram laboratório na galáxia NKXQ. É arrogância deles fazer tal suposição. Há, então, formações duras, repetitivas demais, que observamos, e das quais conseguimos formular uma formação mapeadora que, das formações vistas do objeto (que pode ter muitas formações), podemos aplicar. É uma formação perfeitamente compatível com outras de suas formações, e cuja aplicação funciona muito bem porque o objeto é extremamente

repetitivo, duro demais – por exemplo, um átomo. E se as leis da física funcionam bem mapeadas, com todo o pouco, o pouquíssimo que sabemos até hoje em relação àquilo, é porque há pobreza aí. Já desconfio de saída. Ou o objeto é pobre mesmo em suas formações, ou o suposto conhecimento é que é pobre e apenas consegue desenhar uma formação que funciona só ali. Vocês poderiam dizer que aquilo se impõe a mim no laboratório. Leiam o livro de Bruno Latour, *Les Microbes: Guerre et Paix*, Paris, AM Metailé, 1984, de que já tratei há alguns anos, que comenta os laboratórios científicos contemporâneos: o que determina a pesquisa e sua forma é uma política de laboratório. Ou seja, a imposição política acaba por determinar o que se pesquisa.

Continuando, então, uma vez a formação mapeada, temos a impressão de que aquilo bate. Digo impressão porque não sabemos, por exemplo, curar gripe, destruir o HIV. A política do HIV, não se sabe qual é. Ou seja, enquanto não se mapeia, há que se ter uma política aí. Por outro lado, quando se diz que o jogo político impõe uma realidade, ele impõe o quê? O jogo político terá sua realidade própria, a qual não foi mapeada. Então, não é ele que é menos racional que o jogo da matéria, a ciência política é que é uma pobreza. Não tem modos de mapeamento com a precisão que outro campo tem e também é ruim porque suas formações são bem mais complexas do que as de outro campo.

É preciso, pois, tomar toda e qualquer formação como mera formação. Não sei, por exemplo, se no jogo político não existirão formações capazes de ser lidas por outras formações com tanta precisão quanto no jogo da física. Entretanto, não temos produzido formações suficientes para fazer sua leitura provavelmente porque o jogo da física é mais *pobre* que o da política. Ou o que o homem pensa que são as leis da física é pura idiotice, não é nada disso, funciona apenas num regime bem pequeno. Já pensaram nesta hipótese de que as leis científicas sobre a Natureza, a matéria, etc., nos parecem funcionar num regime de prisão dentro de um núcleo muito pequeno do Haver? Alguém pode garantir que deslocando-se essas leis aí pelo Universo, chegando-se lá adiante, não se vai quebrar a cara? Não será mera pretensão dos cientistas suporem que a coincidência, a aplicabilidade nesse laboratoriozinho aí é suficiente para lhes garantir um universal?

- P – *Quando Foucault, por exemplo, critica isso é em nome da moral que está embutida nessa espécie de saber.*

E por que não podemos criticar a física em nome da moral que lá está embutida? Haverá uma moral embutida na física impedindo seu crescimento? Na psicanálise, tenho certeza: Freud é suspeito de judaísmo e Lacan de cristianismo. Mas a moralidade, muito na moda atualmente, que impede os cientistas de continuar certas pesquisas em muitos campos hoje, na biologia sobretudo, não estará ela impedindo que venha a surgir um passo radical num campo desses de maneira que poderá ser desfeita a formação mapeadora passada? E não se trata necessariamente de uma moralidade embutida na própria biologia, e sim de uma moralidade social proibindo seu movimento, fora a moralidade que certamente está nela embutida. É preciso nos acostumarmos a pensar – e isto é curativo – que tudo que acontece até o nosso século XX é suspeito de arrogância, de pretensão. Mas não vamos nos desesperar por causa disto, vamos continuar brincando...

- P – *Quando você fala em aumentar a competência para que se possam mapear outras formações ainda não mapeadas, fica parecendo que isto se daria aumentando a complexidade do próprio campo até ele ser empuxado por um Originário e possa, em si, fazer um Revirão qualquer e melhorar sua competência de mapeamento. E quando você fala em colocar toda a filosofia no computador para tirar alguma coisa que preste, fica parecendo que a maior competência tem que ser obtida à custa de muita faxina e não de complexificação. Ao mesmo tempo é ambíguo porque a própria faxina pode levar a uma complexificação num outro nível...*

É isto que chamo de *processo de cura*. Chega um sujeito em seu consultório. Se você for uma boa faxineira, ele sozinho começará a expandir, pois está cheio de entulhos em cima e não consegue se mexer. Quer dizer, o enriquecimento, que podemos chamar de complexificação, vai lhe dar outras formações cada vez mais complexas. Quer me parecer que o movimento de cura que a Clínica Geral deve tentar produzir é, primeiro, o desse “semancol” de fazer com que se tome banho, se tire a sujeira, se deixe de ser porco e de

ficar se refestelando no chiqueiro da filosofia, por exemplo. Depois, que se enfie na cabeça que é preciso deixar de ser besta, de se pensar que se é herdeiro de um grande saber quando na verdade se é herdeiro de uma titica que não vale quase nada, tanto é que o mundo está a cloaca que está. Só de pensar nisto, já se começa a ampliar. As pessoas estão sofridas, perdidas, etc., talvez na suposição de uma falência, mas parece que não se está praticando o semancol de saber que não é nada disso, que tem muito para a frente ainda, talvez não tenhamos visto quase nada, talvez não seja assim. Os vínculos se estouraram porque eram muito ruins. Que bom que se arreentaram, pois deve haver outros melhores de que nunca suspeitamos. Por que ficarmos nos lamentando se foram para o brejo? Já foram tarde. Outros melhores devem estar por aí que não estamos usando, que não estamos nos predispondo para eles. Ficam se lamentando por ter perdido uma moeda de centavo e não vão lá ganhar os milhões que estão diante do nariz. O que vemos por aí é um movimento retrô e deprê – não quero falar de *niilismo* ou coisas assim – que são uma burrice e uma doença escandalosas.

06 ABR

4

BELO, BOM E BARATO

Da vez anterior, chamei atenção para a possibilidade de se considerar a pobreza das formações ditas inteligíveis, lógicas, científicas. Em contraposição à suposição de que essas formações são as garantidoras de uma racionalidade capaz de conquistar a realidade, pus a questão de que, por mais eficazes, eficientes, tecnicamente bem construídas, logicamente perfeitas, a precisão que supõem nos apresentar pode perfeitamente advir da pobreza de suas competências enquanto formações que pretendem dar conta de outras formações. Seria, talvez, que a excessiva riqueza das formações ditas sensíveis ainda impossibilite provisoriamente escrevê-las de modo inteligível.

Faço, portanto, a suposição de que as formações podem ser abordadas por formações não desenhadas do ponto de vista da inteligibilidade, no entanto decorrentes de alguma construção que pode vir a ser inteligível de algum modo em provisoriedade. Isto, não fazendo uma nítida separação – embora a distinção exista –, não aceitando a descontinuidade entre o inteligível e o sensível. Não confundamos nossa ignorância, a pobreza de nossas construções ditas inteligíveis, com sua heterogeneidade em relação ao sensível. Eu suporia mesmo que as formações ditas inteligíveis são fundadas no sensível, o que não é de mão única. Assim como as formações do sensível, dada a suposição da homogeneidade do Haver, supostamente “estruturado como linguagem”, são necessariamente inteligíveis, mesmo onde não tenham sido inteligidas.

A suposição dos fissurados do simbólico no sentido da discriminação significante imposta por Lacan e pelo lacanismo é de que o verbal sempre esteja por trás do não verbal. Uma pintura, uma música, qualquer construção dessa natureza, teria por trás uma sustentação da ordem do verbal enquanto o lugar em que a linguagem pode se apresentar *como tal*. A tolice pode ser a de não se considerar o inteligível para além ou para aquém do verbal. Por que só o que é estruturado verbalmente é inteligível? Ou será, pelo contrário, que o que se apresenta como verbal pode ser tomado apenas como uma parte aparente daquilo que poderíamos genericamente chamar de linguagem? A redução do que se possa chamar de linguagem aos aparelhos do verbal, ou seja, às ordenações exaradas nos sintomas lingüísticos, pode ser uma das tolices do pensamento de nossa época.

Se, então, preconizei a homogeneidade de lastro, de base, do inteligível e do sensível, estou, portanto, dizendo que não existe nenhum irracional. Isso que chamamos assim só pode ser um apelido provisório e localizado das nossas ignorâncias. A recepção, naturalmente que perceptiva por alguma via, segundo o modelo do sensível tem que carrear, embutida no seu processo, uma ordenação qualquer que possa ser concebida como da ordem da linguagem no sentido mais lato.

* * *

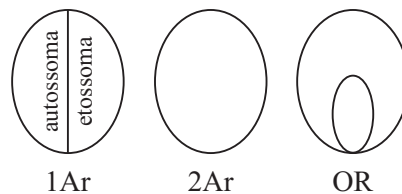
Hoje, gostaria de falar do Belo, do Bom e do Barato. Não farei digressões filosóficas porque não é o caso nem o interesse. Trata-se de considerar um pouco o que pode ser, para a psicanálise, esta que apresento, o Belo, o Bom e o Barato no sentido que deve aqui ser tomado.

Segundo a construção que dirige os passos de nossa articulação, o Esquema que apelidei de *Pleroma*, o Supremo Bem coincide obrigatoriamente com o Supremo Mal. Isto quer dizer que, se o Esquema estiver valendo, é na região do não-Haver, lá para onde se empurra esse nome pois o não-Haver não há, enquanto absoluto desejado, enquanto “objeto” absoluto do desejo e no entanto

impossível, é ali que coincidem o Supremo Bem e o Supremo Mal. O Bem supremo seria conseguirmos capturar o não-Haver, movimento este que imediatamente resultaria em seu oposto, pois ele é que nos capturaria e nos faria desaparecer: capturar o não-Haver é ser tomado por ele. Supremo Mal, portanto, pois quando estamos no regime da resistência de tudo aquilo que pertence à ordem do Haver, esse não-Haver, esse desejado, é o lugar da destruição dessas resistências, do sumiço dessas formações. Se elas, em seu modo de existir, resistem, não podem não considerar esse lugar indicado pelo desejo como Mal Supremo. Portanto, a não ser pelas circunstâncias em que nos coloquemos e pela vetorização que emprestemos a nosso movimento desejante, não há a menor condição de discernibilidade para distinguir o não-Haver como Supremo Bem ou como Supremo Mal.

Nesse mesmo lugar coincidem o Bem e o Mal supremos, assim como o Belo e o Horrível. O Belo absoluto habita o mesmo lugar do absoluto Horrível. Essas coisas que chamamos de belo e de feio no cotidiano não são assim tão radicais, tão sublimadamente apresentadas. O que chamamos de *belo* e sua contrapartida de *feio*? Não vamos entrar aqui na antinomia do gosto que já apontamos no pensamento da Estética, nem o resolver por nenhuma via filosófica conhecida. O que tenho para oferecer é que os belos aos quais nos referimos, e que são necessariamente relativos – donde o gosto não poder se disputar, e quando se o discute é apenas na tentativa de convencer o próximo de que aquilo também é interessante –, dependem dos recursos disponíveis para cada um no seu percurso em sua *estada* no Haver.

Na verdade, o que a construção de índole psicanalítica que lhes trago pode apresentar é que *nossas belezas* não são senão formações hauridas do Primário (1Ar), tanto no nível do autossoma quanto do etossoma, e do Secundário (2Ar) pela convivência cultural, do simbólico, como dizem, e que, em nossos termos, é a convivência com as formações Secundárias, e nossas respostas orientadas ora pelo Primário, ora pelas próprias pressões do Secundário a essas mesmas formações.



A questão é nos perguntarmos se não existiriam denominadores comuns. As pesquisas – antropológicas, psicológicas, etc. – realizadas na tentativa de levantamento de denominadores comuns tanto primários quanto secundários são fracassadas. Mesmo a Gestalt, que fez um belo esforço de demonstrar que há certas repetições formais como que se impondo à nossa percepção (sua famosa teoria da percepção por formações pregnantes), mesmo aí não se pode conseguir mais que uma estatística mediana, medida em laboratório de psicologia. De modo algum uma totalidade, possibilidade de qualquer universal. E mesmo uma estatística medianamente formulada como base geral dos interesses do pensamento da Gestalt é passível – naturalmente, como meu Esquema pode sugerir – de suspeição quanto à pressão cultural, ou seja, a pressão das próprias formações secundárias na história e no campo desses indivíduos pesquisados em laboratório e que apresentaram essas repetições.

Portanto, é melhor que se consiga reconhecer, para o Belo de cada um, mediante o acompanhamento caso a caso, suas *fixações*, como já coloquei em Seminários anteriores, num nível absolutamente estético, perceptivo, sensível, que não é não inteligível: apenas ainda não está inteligido. Isto, através da sua história desde feto, quem sabe, ou mesmo desde antes de ele ser gerado como sugerem as questões simbólica e genética. Há uma confluência extremamente poderosa e muito grande de formações primárias, formações autossomáticas, formações etossomáticas que ainda não sabemos ler bem, formações primárias do Haver no nível do climático, assim como de formações secundárias dentro da ordem sintomática lingüística, nacional, etc. Quando alguém determina que algo é belo, a massa de confluência de elementos capazes de oferecer uma formação complexíssima em nível primário e secundário é enorme, a qual massa

deve ser lida caso a caso. Só nos interessa saber que o Belo provém dessa confluência, dessa massa gigantesca de configurações.

Afora – porque supomos que não somos meros animais – a pressão do que chamo de Originário (OR), que ainda por cima é capaz de subverter, entrecruzar, relativizar, tocando aqui ou ali, tocando em determinadas formações e em outras, fazer tudo isso para com a massa confluída das formações primárias e secundárias. Então, além de termos uma estratificação primária e secundária muito específicas para cada um na sua história, ainda temos a chance de subversão dessas formações e, melhor ainda, a chance de *transmissão* do gosto Belo e Bom. Isto não está bem resolvido nos projetos filosóficos porque eles não têm o tipo de instrumento que a Nova Psicanálise pode oferecer.

Então, venho repetir que não há possibilidade de nenhum universal no regime do gosto, só há possibilidade de transmissão de confluências desse gosto porque, se nossa *formação de gosto* depende da massa enorme de formações primárias e secundárias que nos acossam, nos conformam, nos adequam, há também a chance de subversão através do que chamo *Vínculo Absoluto*. Não que algo como este Vínculo possa necessariamente nos vincular uns aos outros, mas nos deixa vinculados a uma única absoluta e unária situação mediante o quê posso passar no outro uma cantada a ponto de convencê-lo de que algo que para mim é belo ou bom pode também para ele o ser. Não fosse isto não existiria o que chamamos de cultura. *Convencer* é uma péssima palavra, talvez fosse melhor *seduzir*: se-duzir alguém para o gosto que me parece bom, ou mau, tanto faz. Posso tentar seduzir um outro para convir comigo que determinado gosto é ruim. E o pior é que é mesmo, pois o que quer que haja como formação, em função da absoluta indeterminação de sua valoração, é bom e é ruim. Sofre do impacto decadente, digamos, do próprio lugar que é receptáculo do Belo e do Horrível, que é o não-Haver. O Belo e o Horrível absolutos declinam dentro do Haver infectando o que quer que haja com a possibilidade de valoração para belo e para horrível. Se me estratifiquei aqui ou ali em determinadas formações que chamo de belas e em outras que chamo de horríveis, são peripécias de meu percurso, de meu périplo. No entanto, tenho as possibilidades de subversão e

de sedução, nos sentidos ativo e passivo: posso seduzir e ser seduzido. Seduzir para o Belo ou para o Horrível, tanto faz, para o Bem ou para o Mal.

Todo o Belo ou Horrível decantado sobre determinada formação – observem que não falo de objeto, pois não estou interessado nisso, mas sim em *formações*, sejam elas quais forem, sensíveis, externas, materializadas nisto ou naquilo –, o que quer que se possa chamar de Belo ou de Horrível, está na dependência do *vetor* resultante do enorme acúmulo de formações que, no périplo da minha havência – para não falar necessariamente em história –, se decantaram desta ou daquela maneira.

* * *

• Pergunta – *Você está dizendo que, apesar de todas as decantações primárias e secundárias, há uma possibilidade de reversão, de subversão...*

Se não, os artistas iriam contar com o quê? Com quê o artista conta em mim para me oferecer uma obra? Ele conta com a possibilidade de subverter o meu Belo ou o meu Horrível, de me seduzir de tal maneira que eu possa vir a nomear aquilo ou belo ou horrível.

• P – *...e isso tem a ver com o fato de o sujeito esbarrar no Cais Absoluto?*

Sim. Uma coisa, é eu fazer um percurso – didaticamente orientado, que é o que chamo de psicanálise como Pedagogia, ou não – de aproximação do Originário, de visitação ao Cais Absoluto, como experiência a ser acompanhada por mim mesmo. Outra é, porque essa formação é nossa especificidade, ela funcionar automaticamente: sou pego nas armadilhas da sua aparição. É com isso que conta um artista ou qualquer pessoa que está pretendendo criar algo no sentido da transmissão para poder invadir subversivamente seu campo sem você se dar conta. Uma coisa, então, é o Revirão funcionar porque lá está disponível e até me pegar, e é claro que ele funciona e pega do mesmo jeito. Outra, é eu fazer o movimento de acompanhar a sua aproximação e, digamos, curtir a sua visitação e tomar noção clara dele. É o que dizem do artista, que ele aproxima isso de maneira inconsciente, e

produz mesmo assim. Não confundir o papo do analista com o do artista. O analista está, ou deveria estar, atento para a Pedagogia dessa aproximação tanto para si mesmo quanto para seus analisandos, no interesse de fazer acompanhar aquilo e se dar conta, explicativamente para si mesmo, desse acompanhamento. Outra coisa, é me deixar empuxar por essa visita, ela me co-mover – no sentido etimológico do termo –, ao sofrer um processo qualquer de reviramento, algo em mim se subverte e digo aquilo. E no que o digo bem, um outro também se subverte, eventualmente, quando diante da minha exposição.

O psicanalista está na intenção pedagógica de acompanhar esse processo e dar conta dele. O artista, não, ele quer só o resultado. Se lhe perguntarmos como foi o processo, ele freqüentemente não sabe. Às vezes, pode coincidir de um artista querer saber, querer se explicar e outro não, sofreu o impacto de reviramento que lhe dá condições de reinstaurar o Belo, e portanto o Horrível, e transmite isso a outro, que pode receptá-lo ou não. Mas há chance dessa subversão. Insisto no meu esquema do “tacacá da Clare”, que é da ordem do gosto da comida. Podemos, observando o gosto com que alguém come aquela “porcaria”, nos convencer de que deve haver um gosto que estamos perdendo. Então, nos aproximamos e descobrimos que realmente há um gosto, um grande barato, que não nos oferecíamos por sintomática nossa. Não estou aqui fazendo a filosofia do comunicacionês – não sou alemão, não me chamo Habermas, Karl-Otto Apel, essa patota –, e sim da possibilidade e da disponibilidade de subversão que poderá acontecer ou não por insistência de uma exposição. Isto porque há vinculação absoluta, e no que ela há, há possibilidades. Há o possível da transmissão do Horrível enquanto Belo, do Belo enquanto Horrível.

* * *

O que eu gostaria de conseguir eliminar com essa produção teórica de interesse e de experiência psicanalíticas é a famosa “antinomia do gosto”, de

que já tratei, suprimindo a distância suposta irreparável entre o inteligível e o sensível, ou emprestando uma continuidade a isso. Abolição também da oposição idiota que o Ocidente tem cultivado entre objetivo e subjetivo. Por que ainda temos que tratar dessa bobagem?

Temos formações que visitam formações. Se alguma coisa pode eventualmente ser apelidada de *Sujeito* na estrutura de nossa condição não é senão a projeção em abismo que coloco entre Haver e não-Haver, e isto não encontra objeto de espécie alguma. Também já falei em Sujeito no sentido de *assujeitado* às formações e às oposições dialéticas dentro do Revirão. Mas não vejo a menor necessidade nem de insistir nem de desistir desse tal Sujeito. Ele se torna uma coisa inócua, desinteressante, para o nosso percurso. Se quiserem falar dele, falem. Se não, joguem no lixo. Isto porque o que temos são essas formações, e formações dentro de formações, e sobretudo a formação originária, o carimbo, a marca, de nossa espécie, que é o Revirão, produzindo essas possibilidades de formações, re-formações, subversões de formações, retomadas de formações, e mais nada. O resto é o anedotário das festas regionais que produzimos ou visitamos, as festas culturais, movimento cultural x, y, como as famosas vanguardas, que já pereceram, graças a Deus. Estamos, então, no momento, diante da situação estapafúrdia de termos nos dado conta de que tudo isso é uma grande massa, um grande acúmulo, mais ou menos desbaratado, mais ou menos desorganizado, de formações sobre formações sobre formações sobre formações... E isso não tem começo nem fim.

Parece que, também, o tal *o Bem* – sobre o qual já discuti em Seminários anteriores – tem as mesmíssimas oportunidades de nomeação. O que é o Bem? O Bem supremo não é senão o não-Haver. Se meu Esquema é aproveitável, se serve para alguma coisa, o desejado é o não-Haver, portanto, é o Bem supremo – e portanto, o Mal supremo. Isto porque, para as resistências “internas” do Haver, é um Bem assassino e, portanto, é o Mal radical, capaz de aniquilar tudo. Suas decantações, declinações, no seio do Haver dependerão das formações em jogo, das forças em jogo nessas formações, e portanto da resultante vetorial dessas formações. Portanto, sempre haverá o *caso*. O Bem ou o Mal

são sempre um caso a ser observado, descrito, estudado, a ser *indecidido*, pois tomar decisão é cair na formação de novo. É preciso indecidir, indiferenciar o Bem do Mal para poder dar mínima conta dessas oportunidades de nomeação.

O Bem de quem, segundo que argumento, que formação, que partido vencedor? O partido vencedor pode ser o dos órgãos internos. Quem ganhou a guerra, o fígado ou a bactéria? A Aids é um mal... para quem quer ficar vivo. Para o vírus, é bem supremo. Para as formações viróticas, é uma beleza. Se tivéssemos uma Aids psíquica, e não física, já pensaram que maravilha não seria?! Acabar com a “imunidade” da gente, com nossa burrice, nossa estupidez. Afinal de contas, é isso que tenta o imbecilzinho do vírus: é um sacana que é contra as minhas resistências que adoro tanto. Já disse em Seminários antigos que Freud, muito antes do HIV, tentou inventar o HIV psíquico, mas logo em seguida inventaram a vacina. Para isto, parece fácil. A outra vacina é que está difícil de sair.

Vocês já repararam, então, que o Belo e o Horrível – vamos tomar de um lado só –, o Belo tem compromissos com o Bem? Em certas regiões de nossa prática, não sabemos distinguir um do outro. Só se tornam um pouco distintos quando se consegue deparar com algo que, em determinada instância, em determinada região, em determinado momento, se pode considerar da ordem do Bem, e no entanto aquilo parece muito feio do ponto de vista da ordem do Belo. São duas formações que não estão no mesmo lugar, mas que às vezes se sobrepõem. Posso ter uma formação capaz de abordar isso como Belo e outra capaz de abordar isso mesmo como Mau. E fico no dilema do que fazer. Basta distinguir as duas formações e dizer: Realmente, é belíssimo, só que no momento, para mim, é muito mau. Se, por exemplo, visitamos uma Siderúrgica, vemos aquela beleza de caldeira com aço líquido, dá vontade de beber, de pular dentro, é lindíssimo. Pula para você ver! Algo em você vai lhe dizer que aquilo é da ordem do mal. A não ser que, por uma questão de reviramento radical e suposição de que esta vida é uma merda, você diga: Vou partir para o Bem absoluto segundo a Beleza total. Nada impede que isto aconteça. Isso tudo faz parte de nós outros. Há, então, momentos em que, segundo as mesmíssimas formações

de ordem primária, secundária e por subversão da formação originária, posso considerar que as formações das quais participo são belas ou horríveis, boas ou más.

* * *

Dá impressão de que o aparelhinho de orientação teórica e de herança da prática psicanalítica facilita a consideração desse tipo de coisa, na qual os filósofos ficam perdidos, emaranhados em teias sem fim, pressionados pela sintomática da língua que falam ou da matemática que aplicam.

É claro que isto não é simples assim. Se quisermos acompanhar os procedimentos de formação de Belo ou de Mal para determinado indivíduo, isso vai tirar uma teia enorme de elementos que compõem essas formações e pressões de forças que terão que ser desenhadas. É preciso fazer *como engenheiro*, e não como filósofo, a *épura* da situação. Quem sabe, metê-la num computador e, afinal, retirar uma boa curva com um bom vetor de indicação.

Digamos que o Belo, segundo essa perspectiva, pudesse ser dito por nós como sendo a experiência de alguém – alguém quer dizer: uma baita formação complexíssima – perante outra formação do Haver, a qual se apresenta para a primeira formação como metáfora, decantação, em declínio, do não-Haver – que é o Belo absoluto –, mas em conformidade com as resistências da formação observante. Ou seja, há alguém, que é uma formação complexíssima, diante de outra formação, a qual, no mapeamento entre essas duas formações do Haver (assim como a formação que está como observante, mas da qual só estaremos tratando quando fizermos sua observação através de outra formação) e como resultante da observância da outra formação, será designada como bela enquanto declinação, decadência, do Belo absoluto, que é o não-Haver. O Belo é uma formação do Haver assim considerada, segundo o modelo da resistência, por outra formação do Haver. Mas se, para nós outros que a consideramos, o absoluto Belo é o absoluto Horrível que está inscrito no não-Haver desejado, aquilo não pode não ser decadência, metáfora, dessa formação. Isto, de acordo

com as resistências da formação observante, pois só temos como observação as suas formações, e não outras.

Você pode ser subvertido, mas no momento em que o for, perante uma obra que o artista apresentou, você eventualmente não teria condições para chamar aquilo de belo, pois talvez soasse para você como horrível. Frequentemente – e isto acontece na narrativa da história da arte –, no movimento de passagem, um artista ou um grupo, apresenta algo que as pessoas, *enformadas* segundo as formações anteriores, não suportam, lhes parece horrível. No entanto, a insistência artística do produtor da obra tentará subverter isso de tal maneira que você vai revirar e transformar aquilo num belo. No entanto, no momento em que revirou, se você teve a sorte de fazer passagem a uma situação para a qual você não tinha competência de acolhimento, uma vez obtida essa competência, já está outra vez estabelecida como uma nova resistência sua. Não há saída. O que você pode é, no que se lembra da passagem de uma resistência a outra, lembrar-se que, ali no meio, você é gente, tem alguma possibilidade de funcionar segundo a ordem originária. Na lembrança disso, pode manter a desconfiança de: quem sabe, sou gente.

* * *

- P – *Segundo o que você está dizendo, não há mais interesse algum no falo lacaniano?*

O falo lacaniano é o falo de Lacan, eu tenho o meu. Cada um goza por onde pode.

- P – *Eu estava pensando no falo em termos do não-Haver, desconteu-dizado, mas que fica como significante do desejo.*

O não-Haver fica como sendo aquilo que o desejo busca. No pensamento de Lacan, em última instância, na redução máxima, mesmo literal, mesmo matemática, do famoso falo, ele não passa de ser o “significante do desejo”. Se é isto, serve. Mas não sei por causa do quê colocar-se o significante do desejo em cima do pau da gente. Por isso, não gosto do tal falo. Conheço bocas

desejantes... Acho isso uma peripécia da história da psicanálise, que pode ser jogada no lixo. Mas se o chamarmos de significante do desejo, ou seja, marca de haver desejo, serve.

Se quisermos falar em Lacan, temos algo mais interessante, quando ele designa o Belo como sendo o que faz a última barreira para a Morte (ele acredita na Morte), que se apresenta enquanto resistência à própria Morte, como última resistência a esse sumiço. Posso manter, utilizar sua definição, desde que diga que o que importa na minha definição do Belo é a *vetorização*. Vocês se lembram que estou tentando vetorizar a psicanálise em todos os níveis, as formações patológicas, nosológicas, etc. Então, o Belo, o Bem, são o vetor do não-Haver para o Haver. Decantação do Bem, do Belo, do Mal ou do Horrível supremos em formações do Haver. Não temos apenas a experiência maravilhosa do Belo, temos também a não menos maravilhosa do Horrível. O artista pode querer me trazer, me pôr diante dessa experiência do Horrível que me leva ao mesmíssimo lugar aonde o Belo pode me levar, que é a experiência de decantar numa formação resistente aquilo que eu designaria como Bem, como Mal, como Belo, como Horrível Supremos. Isso se decanta e se bifidiza, pois aqui, dependendo da relação do apresentado com aquele que está diante do apresentado, se portará como Horrível, ali, como Belo, acolá, como Bem, como Mal.

O que importa, pois, é que *o vetor desse Belo, ou desse Horrível, e de suas oposições, desse Bem ou desse Mal, dentro das formações do Haver, é no sentido do não-Haver para o Haver*. Decantação, declinação, decadência do não-Haver em formações do Haver. Ou seja, é tratar o que quer que se pegue como impregnado das significações que se teriam dado no movimento desejante para o não-Haver. É tomar isso como uma bela metáfora decadente do não-Haver capturado, portanto resistente. É o que fica nesse limbo, nesse limiar do que Lacan diz como sendo a última barreira contra a Morte, no entanto, apresentação de seu rosto. Mas de forma resistente. Apresento num filme, num quadro, numa música, a Morte segundo o modelo de minha resistência, de

cagaço da Morte, de minha resistência contra ela. Então, mesmo em Lacan eu teria que fazer a leitura desse tipo de vetorização.

- P – *Essa decantação é o que possibilita a mimese, em sentido clássico?*

Se entender a mimese no sentido mais geral, na sua última instância, ela não é senão a decantação do não-Haver em formações do Haver. Daí a idolização, a paixão por objetos, o fetichismo radical da vida de *qualquer um...* Chamamos de fetichista propriamente dito o sujeito que está numa outra formação sobreposta a essa e que fica escravo demais de uma situação. Mas quem não é fetichista, no sentido amplo? Não existe a possibilidade de não sê-lo.

Não se trata, portanto, de uma formação qualquer, mas de uma formação que vem aparecer diante de mim, diante de outra qualquer formação observante, como aquilo que, se quisermos no sentido de Lacan, é a última barreira que construo antes ainda do não-Haver, antes de defrontar-me com ele. É um, se quiserem, objeto que está ali funcionando como substituto decadente do não-objeto que é o não-Haver. Pode ser *uma redução*, se quiserem, metafórica, *do tal Sujeito em abismo, à categoria de objeto*. Se quiserem usar a categoria de Sujeito no sentido que coloco, de Sujeito abissal, Belo é aquilo em que deposito de maneira metafórico-decadente o Sujeito. Ou seja, ali estou reduzindo o Sujeito à categoria de objeto. Isto, para falar na linguagem de quem gosta de sujeito e de objeto. Para mim, não há que subjetivar ou objetivar, pois a coisa se *adjetiva* entre formação e formação. Duas formações ad-jetas, ou adjetivas. E são muitos os vários e válidos níveis dessa redução.

* * *

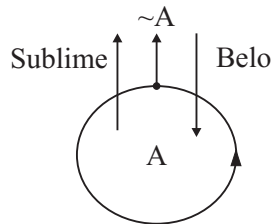
Como devem se lembrar, Lacan toma uma palavra de Freud, *Sublimierung*, sublimação, e diz que é “a elevação do objeto à dignidade [deve ser à *dinguidade*, à loucura, à maluquice, à *la dingueté*] da Acoisa (*das Ding*)”. É belíssimo, corretíssimo. Só que isto nada tem a ver com sublimação, não com essa cotidiana que conhecemos. Talvez tenha a ver com a essencialidade mesma da sublimação.

Além do chamado Belo, do chamado Bom, fala-se, no campo da Estética, da filosofia da arte, na questão do *Sublime*. Coisa estampada com muita percuciência, e hoje reestudada com muita falação, no velho Kant. Não farei aula de kantismo aqui, pois não é o caso e nem interessa. As pessoas têm mania de dizer que têm experiência de Sublime. E têm. Se estão dizendo, devem ter. Eu mesmo as tenho. Há coisas que são sublimes, que são para além de Bom e de Belo, para além de Horrível e de Mal. Por que não o Sublime do Mal? O Sublime da maldade, da feiúra... Deve ser justamente um lugar onde essa distinção começa a se perder.

Kant ficava em palpos de aranha para tentar decidir o que fosse o Sublime. Há a famigerada *Analítica do Sublime*, sobre a qual Lyotard escreveu um livro desta grossura. Mas o que é o tal Sublime? Kant achava – e muito bem achado – que era da ordem do desbordante, do transbordante, daquilo que escapa às medidas, transborda toda e qualquer mensuração ou circunscrição. É bem bolado. Ele não podia reduzir isso às formas do Belo. Ele pensava coisas incríveis a este respeito: o excessivo, o disforme, o enorme. Por que não o monstruoso, embora ele não tenha dito assim? Ele lidava com isso no sentido da formação e da possibilidade de se abarcar as idéias. Não é nosso caso aqui. Como achava que o autêntico Sublime não pode estar contido em nenhuma forma sensível, jogava-o para o campo das idéias dentro da razão. É uma espécie de malogro da imaginação na tentativa de apresentar o que é inapresentável. Estão vendo aonde ele estava indo? Claro que é ao não-Haver.

Como posso apresentar um traspassamento do espaço a partir da idéia do espaço? Toda e qualquer construção que fala de espaço reduz aquilo que possa ultrapassar a espacialidade. É o mesmo com a temporalidade. Mais ainda: quando Kant tenta dizer com bem mais precisão o que é o Sublime, diz: “É a exposição aparente do Nada”. Ou seja, pensa como eu. Só que não tinha as minhas ferramentas. Nem por isso tenho que ser kantiano ou ele psicanalista. Do que está-se falando, e de que tanto se fala, nessa Estética do Sublime? O que importa, em nossos termos, é que, se Sublime há, se há experiência de *sublimação* no sentido do Belo e o Horrível, o feíssimo, o malíssimo, etc., é

apenas uma *inversão de vetor*. O vetor, agora, passa do sentido do não-Haver ao Haver para o sentido do Haver para o não-Haver.



O que importa, do ponto de vista de uma Estética que a Nova Psicanálise possa pensar, é que tenho estas duas possibilidades vetoriais. A decantação do desejado em formações do Haver. Ou seja, de retorno, alguma formação produz que, ainda que provisoriamente, é nova decantação do não-Haver em uma formação do Haver. Não vamos nos deter de maneira escrava nos objetos de museu, que estão agora na dignidade de objetos que um dia foram assim, e podem não ser mais. Estou falando da experiência, aqui e agora, de alguém, de um artista, de qualquer área, da física, da biologia, da cultura, da matemática, etc., que, a partir de formações de cá e de lá, apresenta, constrói alguma formação que, dentro de certa vincularidade, de certo momento, vai me seduzir de maneira a achar que aquele é o grande objeto de meu desejo. Aquele que caiu do céu, ou seja, é decantação do não-Haver numa formação de Haver. Isto é que é Belo.

Mas se fala do Sublime, que excede, extrapola, rompe, tenta representar nada mais do que Nada. É aí que encontro certa experiência que, para mim, ainda que provisória, temporária, instantânea, reverte o vetor. Encontro-me diante de uma situação que, ao invés de me prender de maneira a curtir-la enquanto formação, ao invés de capturar a mim, o meu toque, a minha observação, minha visão, minha audição, diante dessa formação me devolvo imediatamente para o não-Haver desejado. Digamos que a verdadeira obra de arte, a Grande Obra, é a que me deixa oscilando entre esses dois vetores. Desço até o objeto e o curto

desesperadamente como o grande barato do meu desejo, e todo desejo é erotizado, passe ou não pelas regiões anatômicas que são meras formações, ao mesmo tempo que me joga fora: não se trata disso, e sim daquilo, daquilo lá de cima, que não-há. Então, passo de Belo a Sublime e de Sublime a Belo, do Horrível ao Sublime e do Sublime ao Horrível, do Bem ao Sublime e do Sublime ao Bem, do Mal ao Sublime e do Sublime ao Mal, e digo: Vale tudo. Tudo está valendo nessa vetorização. Outra coisa, é a polícia cultural, outra coisa, são as patrulhas que nos cercam. O mais freqüentemente estamos cercados de polícia quando é caso de estética.

Aí é que Lacan dizia que sublimar é elevar o objeto à dignidade da Acoisa. Nada contra. Sublimar é elevar as formações ao lugar do não-Haver: isto é a experiência do Sublime. Não vamos confundir com a tolice chamada sublimação que freqüenta os livros e os ateliês de psicanálise: o sujeito está sublimando, não está sublimando... Isto é outra estória. O sujeito está deslocando, para cá, para lá, mudando de formação, de acento, tudo vale. Por que não posso sublimar para baixo? Se acompanharmos o pensamento de Bataille, por que a pornografia não é sublimação? Como já lhes disse, nunca vi cachorro fazendo revistinha de cachorro fazendo sacanagem. Gente, já vi. Já viram revista de sacanagem com cachorro, cavalo, feita por eles?

Aí, estamos diante da transa, da transiência possível entre, se quisermos chamar de Belo... Não sei o nome de algo que sirva para Belo e Horrível ao mesmo tempo. O Sublime serve para os dois, mas trata-se da relação do Belo com o Sublime, ou do Horrível com o Sublime, ou do Belrrível com o Sublime, pois podem ser encontrados como experiência diante da mesmíssima formação se ela tiver a grandeza, momentânea, quer dizer, contemporânea, de me fazer isso. Contemporânea, não quer dizer que o artista fez hoje, pode ter sido há cinco séculos, mas se contemporaneizou para mim. Se quisermos considerar essa formação, temos que levar em conta que inscrições esse objeto, essa formação, porta para ser por “mim” – outra formação – considerada como uma série de formações daquela outra ordem, do Belo, do Sublime. Certamente que isto não depende só das inscrições sobre a formação artística,

ou qualquer outra, que posso chamar de objeto, mas muitas outras formações devem sobredeterminar esse processo.

Então, não posso ter senão a Estética do psicanalista, que, em algum lugar pode se confundir com sua Ética, que é de considerar indiferenciadamente todas as formações de maneira a poder distinguir quais são efetivamente aquelas que estão em jogo, sem a menor intervenção de gosto ou de valor. A diferença fundamental entre o Belo/Horrível e o Sublime, ou entre o Belrrível e o Sublime, está portanto, segundo esta escrita, segundo os esquemas da Nova Psicanálise, na *experiência do sentido do vetor* que ali se apresenta. Tenho formações do Haver de um lado e o não-Haver do não outro lado, pois não há outro lado. O vetor que vem do não-Haver para as formações como vetor do Belrrível, e o vetor que vai do Haver para o não-Haver como vetor do Sublime.

* * *

Por que, então, escrevi no quadro: Belo, Bom e Barato?

Porque temos que tratar de *algo que é o maior barato*. Vocês já notaram que, talvez tendo começado na década de 60, pintou isso de não nos referirmos a algo como belo, horrível, mas sim como “o maior barato” – não se sabe para que lado? Pode ser que por uma horrível experiência de LSD, um sujeito caia no abismo... e seja o maior barato. Tanto quanto à questão do Belo, do Bom, do Sublime, temos, então, hoje, a questão do *Barato* diante da obra de arte, da droga, do sexo – é um monte de baratos. É apenas um novo nome mais ou menos indiferenciado quanto a Bom, a Belo e até quanto a Sublime, de experiências que deixam a coisa mais ou menos *indiferenciada*. Sobretudo nessa experiência das décadas de 60 e 70, dizem que é o maior barato. Você entra nela e, de repente, vê que é uma dica horrorosa, uma *bad trip* horrível, mas sai dizendo que realmente é o maior barato.

O que querem as pessoas senão sair dos gonzo, senão uma experiência qualquer de deslocamento para dentro ou para fora, de beleza ou de

sublimidade, para sair das amarrações das imbecilidades das formações que as decantaram e as deixaram presas? Querem o mesmo que podem pedir à obra de arte, a uma experiência psíquica qualquer. Passamos por uma longa experiência de drogas – *passamos* não, pois não sou dado a isso, mas li muito – que pudemos surpreender e de que hoje já não se fala muito. Tivemos Huxley, com *As Portas da Percepção*; Baudelaire, com *Les Paradis Artificiels*; Henri Michaux, com sua obra inteira, tanto poética, pictórica quanto seus quatro volumes só com descrições de experiências de sonhos e de drogas; Burroughs, com toda sua obra, ele, que é um *junkie* absoluto e que passou por todas essas experiências para dizer que queria ver a gente passar por elas sem droga nenhuma. Ou seja, é um homem lúcido que, depois de passar por experiências mortais para ele, diz que o certo mesmo é passar por tudo isso sem precisar de nenhuma droga. Os artistas, os poetas, alguns filósofos, há muito já falam de experiências psíquicas que não precisam de drogadição. Essa química destrói os aparelhos de a gente operar...

• P – *Você pode dizer, numa frase, o porquê da dificuldade de entendermos os artistas?*

Não só posso, como já disse várias vezes. Na medida em que estou aprisionado às decantações das minhas formações, num sentido em que faço a verificação e acredito que as sou, fico estúpido. Quer dizer, torno-me estúpido quando me faço uma ontologia de mim mesmo...

• P – *Seria o medo do vivo.*

Seria, por exemplo, o medo de desvincular-se de seus vínculos, estabelecer outros e poder ultrapassá-los. Mas o problema não é este, pois a gente até sabe dizer como *é*. Interessa é saber como se *faz*. Inventou-se uma tal de psicanálise, os artistas se esforçam, mas que *política* – o nome é este, pois não se trata de ética ou coisa dessa ordem – se instalar no mundo para que as pessoas se tornem *disponíveis* para sua originalidade, disponíveis à experiência estética ou qualquer outra?

Continuando, então: Van Gogh, que hoje está valendo uma fortuna, mas morreu desgraçado; Verlaine e Rimbaud, por suas maneiras também esquisitas

Belo, bom e barato

de operar e de viver... Tudo isso são tentativas de instaurar o *Barato* no planeta, se é que esta palavra serve na contemporaneidade para resumir os jogos do Belo e do Horrível, do Mal e do Bem, do Sublime, também em contraposição às decantações para dentro do Haver.

* * *

Bem, era só dizer como podemos, com nosso ferramental, teorizar essas coisinhas. E como temos mudado de sala a cada vez, quero dizer-lhes que é só para dar inveja em Deleuze: este é um Seminário nômade.

04 MAI

5

CHEGA DE PÓS

Hoje, vou preferir fazer um parêntese, se não mesmo uma digressão, mas que é de serventia, embora seja em grande parte uma retomada de algo já tratado em Seminário anterior e mesmo já publicado. Trata-se, a partir de indicações prévias mais ou menos já decantadas, de uma retomada que talvez possa nos indicar uma possibilidade de abordagem da *questão cultural contemporânea*. E também, supomos, a valia a mais de se poder, igualmente por essa via, retomar de outro modo as questões da fundação do Belo, do Bom, do Incesto, já no regime das práticas culturais. Desculpem-me aqueles que já ouviram parte do que vou dizer, mas retomarei para que a coisa se esclareça, e como lembrete para alguns que não acompanharam o que então apresentei.

* * *

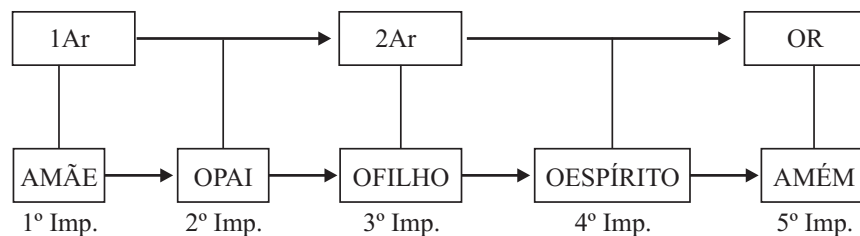
Quando intitulo hoje esta sessão *Chega de Pós*, não se trata de nada anti drogas. Ou é a mesma coisa. Escolham.

Depois dos acontecimentos no campo da Cultura, digamos, sobretudo da década de 70 para cá, já começa a fazer um pouco mais de vinte anos que entrou-se na moda dos *Pós*: pós-moderno, pós-vanguarda... O que, do ponto de vista da Nova Psicanálise, poderíamos dizer sobre essa questão e talvez endereçá-la de maneira diferente e um pouco mais promissora? Já se fala

mesmo em pós-estruturalismo. Já fiz também a bobagem de comentar em Seminário que eu era pós-lacanianos... O sentido era de afirmar outra vez – o que continuo a garantir – que *Lacan é um pensador terminal*. Ele fecha um ciclo, não abre coisa alguma. A não ser que possamos pensar, na continuidade que supponho haver nos processos, na não ruptura necessária entre um processo e outro, que ele seja uma espécie de embreador, de mudança de marcha, para uma nova situação. Mas quer me parecer que restar pensando segundo o modelito geral do lacanismo é algo que não vai mais a lugar algum. Aquilo fecha um ciclo e o melhor que se pode fazer, quem sabe, é aproveitar o que haja de possibilidade de embreagem no pensamento de Lacan para passar a um novo movimento, a uma nova marcha.

O Pós é algo que nos atazana a vida ultimamente, mesmo na Universidade. Antigamente, chegava-se a ser Doutor em algo. Era o máximo. Não dá mais, agora há o Pós-Doutor. Eu teria um pouco de vergonha de dizer que sou um Pós-Doutor. É o mesmo que dizer que sou um pós-de-arroz... Pós-graduação, há de montão. Pós-industrial, pós-humanista, e sobretudo o famigerado *Pós-Moderno*... São essas questões, sobretudo a da Modernidade, do modernismo dentro da modernidade, o que se pode fazer com isso... Como sabem, existem toneladas de respostas pelas mais diversas vias, tanto do lado europeu quanto do americano. Nossa modesta contribuição é apenas no sentido de re-visualizar isso a partir de nossos teoremas.

Repito, portanto, para ver se nos ajuda a pensar, o aparelho que já apresentei há algum tempo. Eu o indiquei em Seminário posterior como sendo uma das referências clínicas importantes na tarefa do analista. Como tenho a pretensão de insistir no que chamo *Clínica Geral*, preferia falar em *Clínica* da Cultura (como já falei em *Clínica da Arte*). Essa é, pois, uma das referências importantes aí. Tentarei, então, fazer um pouco de Clínica da Cultura. Isso precisa de um longo desenvolvimento, e hoje apenas introduzo a questão e as possibilidades dessa abordagem.



Como sabem de Seminários anteriores, situei para nosso percurso o que chamei de Primário (1Ar), que está decantado sobre as formações que o Haver nos oferece espontaneamente. São, no caso da estrutura do Haver como tal, todas as formações materiais que existem nisso que gostam de chamar de Universo – eu, não conheço Universo algum, o que conheço é isso aí, o Haver –, e também, no caso de nossa espécie, as formações bióticas que portamos. Costumo distingui-las em *Autossoma*, que é a constituição biótica do boneco, do macaco que nos porta, e no qual incluiria, como qualquer animal conhecido pela Etologia, um *Etossoma*, que temos o mau hábito de desprezar demais e de não fazermos, na história mais recente da psicanálise e mesmo de outras ciências humanas, a suposição de que existe.

Nós, por algum mistério, teríamos abolido completamente o etológico, o etossomático, de nossa vida. Não creio que isto seja verdade. Simplesmente isso se imbrica de tal maneira no que chamo de Secundário (2Ar), nas tramas da chamada Cultura, que não mais sabemos discernir com precisão, mediante alguma suposta etologia humana – que os etólogos tanto perseguem –, o que é emanado diretamente de um etossoma e o que é produção secundária: do simbólico, do cultural. Acho que, com o tempo, seremos capazes de começar a distinguir isso um pouco. É só dar mais tempo à etologia e pormos um pouco mais de humildade nisso que temos a pretensão de chamar de Simbólico.

O Secundário é algo da nossa produção como espécie referida ao Primário enquanto autossoma e etossoma, mas empuxado pelo que chamei Originário (OR), que é nossa competência de reviramento radical do que quer que se nos apresente. Na confluência desses dois *corpos* humanos, o Primário e o

Originário, há chance de surgimento do Secundário, o qual se decanta, se estratifica, com tanta facilidade na chamada cultura, nos culturemas, nas formações simbólicas, se solidifica de tal maneira que começa a ser para nós uma verdadeira Neo-etologia (no que aprendemos uma cultura em qualquer de seus níveis, uma língua, um comportamento). Isso se decanta, nos pressiona, ou melhor, dizendo em nossa terminologia, isso *recalca* de tal maneira nossas possibilidades de reviramento – assim como o Primário também recalca vigorosamente essas possibilidades – que, quando refletimos pouco a respeito, temos o mau hábito de fazer a suposição de que aquilo nos é natural, de que é uma imposição tão forte e tão renitente quanto seria uma imposição etológica. Por isso, chamo ao que aí está enquanto decantado, depois de aí produzido, de *formações neo-etológicas* desta espécie.

Isto é horrível, pois, se são formações neo-etológicas e se assim forem encaradas, sem a suspensividade que nos permite e nos dá a possibilidade do reviramento incluído em nossa formação originária, estamos freqüentemente nos separando em subespécies, para não dizer em sub-*raças* e portanto re-incentivando toda forma de *racismo* neo-etológico. Está aí o mundo contemporâneo que não nos deixa mentir, com todas as suas pequenas guerras de *raça*, se chamarmos assim cada formação neo-etológica que se supõe rainha da cocada preta.

* * *

Dito isto, fiz a suposição e postulei que, se essas três formações – Primária, Secundária e Originária – são capazes de dar conta de nossa estada nesta espécie, poderíamos perfeitamente observar no processo, no encaminhamento desta espécie, onde quer que encontremos seu desempenho, sua performance, alguns degraus mais ou menos repetidos como formações pelas quais, quem sabe, se passaria necessariamente (no sentido que se dá ao termo *creodo*, caminho necessário, caminho, digamos, facilitado pela própria orografia do *design* cultural, do desenho da passagem dessa formação). Ou seja, a espécie

passaria por uma série à qual poderíamos dar o nome que quiséssemos, mas que, parafraseando Fernando Pessoa, chamei de *Cinco Impérios*. Isto em função de uma narrativa que nos é próxima culturalmente e que tem a ver com a sobredeterminação cultural da nossa posição de indivíduos e de elementos do social e de grupos sociais também dentro da espécie como fundamento cultural para esta espécie.

A partir, então, da sequência dessas organizações de base – Primário, Secundário e Originário –, tentei a instauração da idéia de Cinco Impérios que teriam uma sequência (que eu não diria que é necessária, pois não se trata deste termo, mas é) mais ou menos imposta, forçada, empurrada, para essa direção. São os Cinco Impérios de nossa, digamos, performance cultural.

Ao *Primeiro Império* chamei de AMÃE. Não se trata de nenhum matriarcado, mas sim do Império que ligo diretamente com o Primário. Teríamos, pois, ainda dentro do processo de fundação e de constituição da Cultura, um primeiro Império mais antigo que é como se fosse uma metáfora direta do Primário tanto em seu aspecto autossomático quanto etossomático. Ao *Segundo Império*, que suponho existir na passagem do Primário para o Secundário, no esforço de superação do Primário no sentido da referência secundária – não que o Primário vá sumir, mas está-se nele tentando encaminhamento para uma hegemonia do Secundário –, chamei de OPAI. Quando se consegue sua hegemonia, a qual não apaga o Primário e tampouco a passagem ao Secundário, eu diria que estaríamos no *Terceiro Império*, d’OFILHO. Também este, numa tentativa de superação, busca passar para uma referência hegemônica do Originário. Nessa tentativa, nesse esforço, de superação d’OFILHO estaria o *Quarto Império*, que chamo de OESPÍRITO. E, por fim, teríamos, se o tivéssemos, o *Quinto Império*, que seria nos referenciarmos primeiramente – ou seja, esta ser a hegemonia na nossa referência – à formação originária. É o que chamei de AMÉM: assim seja, agora vale tudo. E vale mesmo. A atribuição desse vale vai depender da referência hegemônica do Originário.

* * *

Embora já tenha tratado longamente disto, vou desenhar um pouco melhor.

O Império d'AMÃE, referido estritamente ao Primário, é aquilo que talvez alguns autores em várias linhagens – antropologia, sociologia, etc. – têm tentado explicar como sendo o sonho de, em dado momento, ter havido um matriarcado. Coisa que acredito jamais ter havido, pois as mulheres sempre estiveram em situação muito difícil, muito precária, para conseguirem hegemonia no seio do Social. Sempre foram literalmente sacaneadas. É no futuro que talvez tenham alguma salvação. Mas o surgimento de um elemento novo no seio de um grupo, de uma sociedade, era marcado, designado, desenhado, se quiserem, pela prova de que tal indivíduo saiu de tal indivíduo. Isto é algo quase bárbaro. É simplesmente colocarmos as pessoas assistindo ao parto para haver testemunho de que Fulano é filho daquela mulher: eu vi, eu estava lá presente. Vários do grupo garantem e isto é inarredável porque, se há esse testemunho garantido por vários, é como carnalmente visível. Então, digamos que mesmo a sociedade jamais tendo sido matriarcal, pelo menos a instalação de um indivíduo novo em seu seio poderia ser culturalmente marcada pelo testemunho de que Fulano saiu de dentro de Sicrana. Na série dos filhotes fêmeos teríamos a beleza das bonecas russas. Esse desenho da série fêmea dos filhotes é que mostra qual é, digamos, o paradigma geométrico das seqüências e dos nascimentos. É claro que também nasciam machos, mas estavam designados. Isso deve fazer uma forte pressão cultural: um reino de Império de determinado tipo de força recalcante das transformações, das possibilidades de reviramento, apoiado no processo de determinação dos indivíduos por sua deiscência de dentro de determinado útero.

Eis senão quando alguém ou alguéns extremamente brilhantes tiveram a feliz idéia de inventar uma pequena abstração. Se somos seres que além do Primário temos o Secundário, porque é este que está tentando registrar as descendências a partir de uma herança do Primário, poderíamos ser um pouco mais abstraídos e abstraentes e designar as situações dos indivíduos nascentes por algo que pertença melhormente à possibilidade secundária, ao dito simbóli-

co. No percurso, no périplo, da humanidade, deve ter sido uma grande invenção. De perto, suponho que conhecemos certo povo onde podemos surpreender isto. Não que o tenham inventado, pois deve ter surgido aqui e ali em vários lugares, mas o *momento judaico* é muito claro. Digamos que haja certo paganismo, se não mesmo certo barbarismo nos grupos organizados no Império d'AMÃE. Qualquer outro grupo que tiver dado um pequeno passo no sentido da procura da hegemonia do Secundário, embora ainda não o seja, como verão, terá sido brilhantemente inventivo, pois inventou o Segundo Império, o d'OPAI.

É quando surge na hegemonia da definição do indivíduo nascente a figura daquele macho que terá acolhido o feto que saiu de dentro da fêmea, comprovadamente pelas testemunhas, como seu próprio filho. Não só porque fez alguma adoção, mas porque acha que tem garantias para dizer que quem o colocou lá dentro foi ele. É uma tentativa de passagem ao Secundário porque é o macho reprodutor e constituidor da família que ali vem acolher o filho como seu, e não da tribo, dos espíritos, dos antepassados. Como pode alguém, não tirando de seu próprio ventre, ter a audácia de acolher um filho como seu carnalmente? Mediante um processo policial e repressivo de vigilância da vulva das mulheres. Se a coloco sob jurisdição e digo que a ela não se tem acesso senão pela nomeação daquele que, por direito dentro da tribo, da sociedade, a ela deve ter acesso, e coloco pessoas vigiando, mesmo que o guarda também possa querer ter acesso, fico com a possibilidade de imaginar que seja meu. Há, pois, um aparelho repressor, policial, em torno das mulheres para garantir que o filho d'AMÃE, aquele primeiro, agora também é filho d'OPAI (enquanto filho d'AMÃE). Então, no Segundo Império, conseguiu-se um grande passo, pois se garante que o filho d'AMÃE é filho d'OPAI. Mas só o é enquanto primeiramente filho d'AMÃE.

Digo que podemos ver isto claramente na cultura judaica, sobretudo em seu nascimento, uma vez que, até hoje mesmo, um judeu só o é quando é filho d'AMÃE, embora OPAI seja a garantia simbólica dessa cultura. Não há a menor dúvida de que, no Velho Testamento, nada tem mais aparência de limitação de acesso à vulva da mãe do que, por exemplo, o hábito judaico de se

apedrejarem as adúlteras até a morte. Lembrem-se de que Jesuscristinho futuramente dirá: parem com isso, pois não é disso que se trata. Elas eram apedrejadas porque teriam rompido com a tentativa ancorada de abstração, na cultura, de fazer com que o próprio filho d'AMÃE viesse a se tornar o filho d'OPAI. Desculpem o mau jeito, mas, se não for mesmo do pai, é aí que nasce o filho d'Aputa. Chamo, então, de Segundo Império esse momento fulgurante mas, no entanto, por necessidades sérias, com processos policiais e repressivos para fundar a filiação paterna. Não há aí nenhuma definitiva adoção, nenhuma *passagem* direta ao simbólico. Este já entra aí um pouco – sou filho de Fulano –, mas com a garantia do Primário. Mas é um passo cultural importante.

O Terceiro Império, d'OFILHO, embora obviamente não despreze o restante, está sob a hegemonia referencial do Secundário. É aí que, por um processo revolucionário mais luminoso que o inicial, mais abstrante, digamos, mais algorítmico, alguém exige que a filiação seja estritamente simbólica e que se abandone o registro de filiação do Primário. Isto é difícil, pois aparecem todos os ciúmes do macaco, todos os sentimentos de posse do troglodita contra esta nova formação. Fazendo um parêntese, não podemos esquecer que, pelo menos segundo nosso precursor, Sigmund Freud, Moisés teria vindo do Egito onde tivera sofrido uma forte influência do pensamento de Akenaton, o qual, lá, queria construir uma cultura mais abstrante do que, naquele momento, o Segundo Império. Parece que ele queria passar direto para o Quarto Império. Por isso, sofreu uma verdadeira rejeição por parte do povo, que só o obedeceu enquanto ele estava no poder. Bastou que morresse, para que imediatamente voltassem para as figurações anteriores. Moisés é herdeiro dessa educação que recebeu no Egito. Quando milagreiramente carrega seu povo para o outro lado do Nilo, quer impor uma legislação que, de forma abstrante, tivera recebido de Deus, lá em cima do morro: Recebi de Deus a imposição que funda a relação do povo com OPAI. Isto é uma revolução cultural importantíssima, mas, se Freud está certo, o pessoal não gostou e assassinou o rapaz. Um século depois, os profetas retomaram seu pensamento e foram mudando a situação, até mesmo por sentimento de culpa. De qualquer forma o que aconteceu com o judaísmo é uma séria referência paterna através d'AMÃE: é OPAI do filho d'AMÃE.

A revolução no Terceiro Império é outra. Podemos encontrá-la no percurso de gente próxima à nossa cultura, ou seja, na fundação da mentalidade cristã. (Não estou falando da Igreja, pois isto é outro papo. A Igreja católica foi fundada mesmo pelo malandro do Paulo, e não por nenhum Jesus Cristo). Trata-se da revolta, se é que houve – pelo menos é o que está exarado nos Testamentos novos –, de alguém que, no seio da cultura judaica, se deu conta de que o tal Pai deles, digamos que se chamasse Jeová, era meio racista. Era Pai dos filhos enquanto seu povo eleito. Os outros tinham uns deuses, uns troços esquisitos que deveriam ser eliminados. Quer me parecer que o brilho desse gênio tão jovem chamado Jesus Cristo foi dizer: se estamos nos encaminhando veementemente para a referência simbólica de um Pai que está no Céu, se nossa vontade de monoteísmo é séria, não temos que colocar nosso Deus como especial e em confronto com outros, pois estes não existem, só existe um. Ora, se assim é, não preciso de referência materna alguma – melhor dizendo, para as mulheres e as mães não fiquem chateadas: de referência primária alguma – para instalar apenas simbolicamente uma filiação e pensar num Deus único, puramente ideal, puramente simbólico, que é Pai de todos, portanto Pai de qualquer um, ou seja, também Pai de meus inimigos. É Pai também dos outros povos, e não precisa de nenhuma referência do Primeiro ou do Segundo Impérios para que qualquer ser que eu encontre e faça a suposição de que é da minha espécie esteja sob a mesmíssima filiação.

Isto é uma revolução enorme, pois é reconhecer como filhos do mesmo Pai – ou seja, como *irmãos*, como Jesuscristinho gostava de dizer – todo e qualquer ser da mesma espécie. (Lá adiante, um chamado São Francisco ficou tão empolgado com isto que, no que reconheceu que tudo era filho de Deus, por que não os animais? É o fundador da Ecologia, do direito dos animais, que hoje está na modíssima). O que importa é que, no Terceiro Império, a referência teria passado a ser estritamente de nível simbólico. Portanto, todos são filhos do mesmo Pai abstraído, que está no Céu – ou seja, que não precisa existir como pessoa –, e mais, não posso guerrear os meus irmãos por motivo de diferença de deuses. Assim também como o filho d’Aputa simplesmente não

existe. Qualquer guerra que faça contra eles, estou refundando ou re-exercitando fratricídio. O pensamento do Jesuscristinho era: não vem com esse papo de que judeu é povo eleito e que os romanos são uns animais, porque somos todos iguais. Tanto é que quando, mais tarde, a Igreja esquece disto com a maior facilidade e resolve investir contra os infiéis nas Cruzadas, não dirá que eles têm outro Deus que é contra o dela, e sim inventa uma desculpa inteligente, que é: Somos todos irmãos, só que aqueles irmãos não andam muito fiéis ao nosso Pai, portanto, vamos lhes dar uma porrada para ver se voltam para o seu lugar. Vejam que é um tipo de desculpa referenciado ao Terceiro Império, e não ao Segundo. Até para se matar o outro, a desculpa tem que mudar, pois a referência já não é a mesma.

Não vamos pensar que o mundo todo segue ao mesmo tempo esse movimento. Digamos que exista certo comando social, político, que diz ter como referência um desses Impérios, mas os outros continuam remanescentes. Comportamentos ligados aos outros Impérios permanecem no seio da cultura que se diz referenciada àquilo, como em outros lugares onde isso ainda não apareceu. Estou apenas mostrando uma possibilidade de encaminhamento que *nossa* cultura parece indicar.

Ora, acontece que aqueles que tomaram ou pareceram tomar bem a lição do Terceiro Império continuaram no processo de abstração. Mesmo não sabendo do meu Revirão, alguma coisa lhes dizia que a referência é ainda mais abstrata do que se imaginava, que o Império d'OFILHO ainda exigia a designação externa desse Pai simbólico (que acabava sendo facilmente confundido com figuras de poder no seio da cultura, como o Papa, por exemplo). Fizeram, então, os maiores esforços de abstração e, diria eu, que teriam inaugurado a tentativa de passagem do Secundário para o Originário como referência fundamental. Neste esforço de passagem é que eu situaria o Quarto Império, o d'OESPÍRITO. Vejam que estou fazendo a série numa brincadeira com o hábito ocidental, mesmo que não se diga: em nome da Mãe, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém. Tiraram a mãe fora de uma vez por todas como se ela não estivesse antes por aí garantindo as coisas. É esta a seqüência que o Ocidente costuma repetir com facilidade.

Ora, quero supor que movimentos sérios são feitos desde então no sentido de superação do Império d'OFILHO. Mesmo movimentos ligados maior ou menormente à própria constituição da Igreja chamada cristã como várias tentativas de subversão que foram chamadas de heréticas no seu seio e que algumas vezes foram dizimadas. Por quê? Pelos mais diversos motivos – não vamos fazer aqui história da religião –, mas, em alguns lugares, às vezes confundidos com outros de intenções mais baixas, como as heresias que queriam retorno, podemos encontrar aqui e ali heresias que são tentativa de superação, que querem dizer que não é preciso falar de Pai algum, pois sobre nossa espécie cai OESPÍRITO, diria eu, do Haver. Somos simbolizantes, nos organizamos em torno de algo que está em nós, com ou sem designação paterna, pois somos os portadores d'OESPÍRITO, seja lá o que isto for, a linguagem, o simbólico, o Revirão. Deveríamos, pois, nos referenciar e nos relacionar em torno disso, e não da filiação a uma figura idealizável, ainda que seja um matema como se supõe ser o Nome do Pai no lacanismo, que não passa do Terceiro Império.

* * *

Vamos considerar um pouco a Cultura contemporânea.

Entre essas tentativas vigorosas de passagem para o Quarto Império, tentativa de lá viver, eu colocaria – de um modo que acho que ninguém ainda o fez – o que se chama de *Modernidade*. Ela é abordada pelos mais diversos ângulos, e se lermos cinquenta autores veremos cinquenta concepções a respeito. Estou dizendo que, segundo o esquema que posso propor, *a Modernidade é a tentativa, onde quer que se a encontre, de fazer funcionar o Quarto Império*. Por isso mesmo, o Capitalismo lá está. Não há nada mais espiritual do que dinheiro. Parece um absurdo, mas o que se faz com ele nada tem a ver com sua função abstrata. Digamos, no sentido lacaniano, que *significante mesmo é dinheiro, o resto é tudo significado*. É uma força de abstração que estaria tentando tratar todos os negócios humanos de maneira absolutamente simbólica.

Junto com isto, todos os esforços de Modernidade, onde quer que os encontremos, na filosofia, nas artes, nos comportamentos culturais, nas fundações sociais, nas reorganizações políticas, no remanejamento do poder, me parecem no sentido de se implantar o Quarto Império. E por que a tal Modernidade não dá certo? Ou dá certo mais ou menos? Ou, pior ainda, depois de se apresentar longamente como Modernidade, começou a se comportar de uma maneira que ninguém conseguia entender e que os autores tentaram arrumar sob o patrocínio do tal *Pós*, do *Pós-Moderno*, que ninguém sabe explicar o que é? Uns explicaram para lá, outros para cá, é uma cambulhada – vocês já devem ter lido textos a respeito –, e ficaram na mesma. Isto porque não se consegue ler tudo que lêem segundo o parâmetro que apresentam como definição.

Modernidade esta que não podemos confundir com Modernismo, que é certa postura, no campo da cultura, e das artes principalmente, que tenta determinar um certo tipo de produção. Mas a questão de Modernidade e Modernismo nos interessa demais, sobretudo porque descambaram para o Pós-Moderno. Nosso interesse é: teremos nós uma ferramenta capaz de lançar tudo isso ao lixo e repensar de maneira nova? Suponho que sim. Quero supor – e hoje ficaremos no regime das suposições e apenas abrindo as questões – que o *projeto moderno*, onde quer que possa ser suspeito assim e assim ser chamado se encaminha na mesma direção de todos os projetos culturais segundo o creodo aqui suposto. Ou seja, é um projeto cujo *vetor* – não se esqueçam de que estou sempre vetorizando para teorizar – parte do Primário para o Originário, do Primeiro para o Quinto Império. Assim como se fala de flecha do tempo no Haver, digamos que há *flecha cultural* na performance dos homens enquanto capazes de se distanciar de sua Primariedade e se aproximar de sua Originariedade. Quero, portanto, supor que o projeto moderno se encaminha segundo o mesmo vetor. Só que podemos surpreendê-lo *com evidência*, com clareza, como o vetor cuja força é de tentativa de passagem do Terceiro para o Quarto Império. Este seria, segundo os teoremas que tenho, o *projeto moderno*.

Fica complicado juntar tudo isto numa única fala. Vocês já devem ter lido muito em livros de autores europeus ou americanos sobre a questão do Pós-Moderno, do Modernismo, do moderno iluminismo, da retomada da luz, é

uma confusão dos diabos. Mas, por enquanto, fiquemos nesse encaminhamento. Por que não dá certo? Por que o projeto moderno deu a impressão, na cultura, de que se encaminhava vigorosamente, digamos, segundo o meu esquema, para o Quarto Império e, de repente, as coisas se embaralharam? Aparece o suposto Pós-Moderno, que uns acham que é exacerbação do Moderno, outros, um movimento retrô, de retomada de formas anteriores. Outros, chegam a achar que é um trabalho em contraposição ao Moderno. Encontramos, pois, o tal Pós-Moderno como a grande lata de lixo da cultura ocidental deste momento, onde cabe de tudo. E cada um tentando endereçá-lo para um lado de sua preferência.

Gosto muito, entre tudo que já lemos – os Lyotard, aqueles americanos todos, os Baudrillard –, do livrinho de 91, publicado aqui ano passado pela editora 34, de um autor que já citei diversas vezes por outros motivos, Bruno Latour, intitulado *Jamais Fomos Modernos*. Ele diz que nunca conseguimos ser modernos. Concordo plenamente. Isto quer dizer que, no esforço vetorial de passagem do Terceiro para o Quarto Império, como o vetor da Modernidade, acreditamos que somos modernos e alguns, eu inclusive, podem dizer que nunca o fomos efetivamente. Quero supor que o esforço da Modernidade, no vetor do Terceiro para o Quarto Império, é incompletável segundo o movimento de sua *estada* entre esses dois Impérios. Ou seja, *toda vez que encontramos um vetor qualquer de tentativa de passagem de um regime para outro, ele não tem condições de se estabelecer e se completar senão quando algo posterior a ele chega ao regime seguinte*. Não há condições de se efetivar o Segundo Império a não ser que se chegue ao Terceiro. Os intermediários sobretudo são regimes efetivamente instáveis. Os regimes estáveis são estabelecidos ou no Primário, ou no Secundário ou no Originário. Os intermediários têm sérias dificuldades de se sustentar.

Digamos que – vejam só a tese aparentemente absurda que vou lançar – *a força do judaísmo é a fundação do cristianismo*. Um dia, alguém demonstrará isto. Não era muito difícil aos romanos terem acabado com aqueles... (falando em valores e forças da época) ...aqueles titicas. Não fosse ali dentro mesmo brotar essa outra questão, eles não se segurariam. Mas voltemos

à questão da Modernidade. A dificuldade de sua instalação e a aparência esquisita do chamado Pós-Moderno, que vai para a frente e vem para trás, às vezes parece progressivo e às vezes regressivo, que tem uma vocação retrô ao mesmo tempo que intenta ir para adiante, isto não é senão o regime mesmo do Quarto Império que não se conseguirá estatuir e estabelecer de uma vez por todas senão quando a referência efetiva for o Quinto Império. A impossibilidade de superação – ou de super-ação (não se sabe se vamos superar a Modernidade ou super operá-la) – está numa revolução que ainda não chegou. Mas, quem sabe, não está chegando por aí nas ondas caóticas do tal de Pós-Moderno?

A possibilidade de instauração definitiva do Quarto Império, na prática, no exercício cultural, está na dependência de se passar – pelo menos como referência – ao Quinto Império, ao puro Reviramento, à pura Indiferenciação. O que temos hoje é uma vasta loucura. Certamente, em outro momento, teremos tempo de continuar a conversar sobre isto, mas, para começar a abrir esta questão absolutamente louca, vejam o que está acontecendo por aí: movimentos nitidamente retrô; outros, que parecem retrô mas são de mera apropriação de coisas antigas; outros ainda, que parecem tentar avançar para adiante, dar um passo a mais de abstração; tudo isto de cambalhada na mesma época. Por quê? Porque, se não tenho minha referência no Quinto Império, não posso fazer o que é possível fazer quando se tem essa referência, ou seja: apropriar-me de todos os outros Impérios com Indiferença e com competência de performance e levar tudo isto a algum lugar, a alguma significação.

Mas, no momento em que alguns, sabendo disto ou não – ou seja, consciente ou inconscientemente operando –, têm sua própria referência no Quinto Império, já começam a operar assim. Ao passo que outros que ainda, em suas cabecinhas, em sua instituição ou em sua organização formal na sociedade, na cultura, estão mergulhados na baderna de passagem e não conseguem ter sua referência no Quinto Império – e que, às vezes têm referência progressas como a do Nome do Pai, como o capitalismo não realizado da nossa época – também ficam na perspectiva de olhar para trás e ver que tudo é apropriável, mas, ao invés de se apropriarem, entram em movimento retrô. São

capturados pelo passado porque não lançaram sua corda ao bastião do Quinto Império. Entram nas ondas pregressas e são por elas capturados. Por exemplo, ao invés de fazermos um esforço de superação de toda e qualquer *Ética* e inventarmos uma convivência sem essa palavra hoje tornada obscena, estamos procurando por éticas as mais idiotas, as mais absurdas: a ética de Dona Mariquinhas, a da solidariedade das pessoas que sentem dor de corno, dos que são portadores de tal vírus... Isto não é nada. É mera política regional.

Este foi um primeiro encaminhamento para uma abordagem da cultura segundo a *Clínica* cultural da Nova Psicanálise.

* * *

- Pergunta – *Você pode falar mais sobre o porquê de os intermediários terem mais dificuldade de se instalar?*

Como disse, a força posterior do judaísmo dependeu da instauração do cristianismo. Porque houve passagem para o Terceiro, o Segundo Império tem condições de se decantar. Entendam que o Quinto Império é neutro, não existe culturalmente, nada tem a dizer. Não haverá a menor condição de instalá-lo na cultura. Ele é a *referência* que fará com que o Quarto se realize. Aí teríamos *realizado* a Modernidade, que nunca tivemos. Somos um bando de trogloditas pregressivos. Não conseguimos saltar fora dos racismos, das invectivas e acusações de grupelhos. Em nossa época, isto está à flor da pele e em agonia: os feminismos, os viadismos, os machismos... Por que não se pode passar a borraça nisso? Ontem, li num jornal que uns crioulos estavam revoltadíssimos na Bahia porque certo historiador descobriu que Zumbi era viado. Viado não pode fazer revolução. É um espanto! O que tem a ver? Tivemos bichas poderosíssimas no poder, no Brasil, esqueceram disto? Se viado não pode, imaginem as mulheres. Margaret Thatcher deve ser é homem.

- P – *Como, diante do que você apresentou, fica a retomada, pelo menos nos últimos trinta anos, do barroco e, no campo da filosofia, dos estóicos, dos sofistas?*

Tentarei desenvolver melhor depois, mas quero dizer que, enquanto não fizermos efetivamente a passagem da nossa referência para o Quinto Império – ou seja, que nossa referência esteja no Originário –, não conseguiremos tomar essas outras coisas como meras disponibilidades oferecidas para nosso manejo, nossa performance. O que mais acontece são fugas retrogressivas. As pessoas andam para a frente, o negócio se embaralha, a referência não consegue saltar para a última, aí, correm para trás. Ora, você está falando de retornos que ainda são culturalmente chiques, mas o que dizer dos retornos espiritistas, horoscopistas, crendices? É a mesma razão.

- P – *Mas eles não vêem como retrô.*

Não vêem porque não podem. Eles não enxergam. Faço a suposição de que estou vendo algo que eles não estão. A paranóia é minha. Cada um tem a paranóia que merece... Não é retorno porque alguém retomou a questão. Se minha referência é ao Originário, se digo AMÉM – ou seja, aquilo que o velho Lacan queria: bem dizer o-que-quer-que –, se posso bendizer para trás, posso retornar, passear à vontade, fazer o que quiser, mas não estarei referido e determinado em meu encaminhamento por nenhum momento anterior. São *materiais* que utilizo em função de meus projetos. Então, não tem importância que eu torne a lançar mão de um projeto espiritista, por exemplo, mas não *referido* a ele. É um material como outro qualquer, literário, político, social, ou de “crença”... Quem chega ao Quinto Império perde o valor de crença em discursos constituídos. É uma fé muito mais exacerbada, em coisa nenhuma, uma fé pela fé. Você acredita em quê? Em nada – por isso essa fé toda.

- P – *Então, como considerar o retorno a Freud, de Lacan, e o retorno de Freud proposto por você?*

O *retorno a Freud* é um momento importantíssimo porque Lacan quer refazer a leitura (desculpem o mau jeito, mas vou dizer:) judaica que Freud fez do mundo em leitura cristã para que a própria leitura judaica achasse finalmente consistência. Isto porque a tal judaica é de passagem. Por isso, chamo Lacan de cristão. No que faz uma leitura cristã do judaísmo de Freud, ele retoma o seu Nome do Pai numa outra instância, mas dá escopo e firmeza, em outro nível, à

nova edição do Édipo. Quando digo *retorno de Freud* é porque quero de volta o sintoma anti-judaico de Freud. Mas também anti-cristão e anti-tudo, que é esbarrar com a *Pulsão*, com essa coisa terrível – que ele supunha “de morte”, mas que não o é, pois é *Pulsão* que deseja gozar e deseja a Paz – que abole todos os aparelhos constituídos previamente como meros receptáculos dessa *Pulsão*. Então, quando se toma de volta Freud, isto é exigir seu retorno, aqui no nosso tribunal, como inventor da *Pulsão de Morte* e ainda o *condenar* a retornar sobre seus próprios passos – coisa que fez pouco, e com muito receio, muita cautela –, a tomar tudo de volta e de o ler com o instrumento de sua *Pulsão*.

• P – *O seu Esquema, você já o definiu como circular, então, o Originário antecede o Primário, e neste sentido o fato de ir ao Quinto Império já foi referido e explicitado.*

Só que – porque habito uma carne mais ou menos imbecil, uma etologia mais ou menos idiota – o Quinto Império está recalcado desde sempre. Qual o processo que suponho que a humanidade esteja seguindo e a Modernidade tem como projeto? O processo da *Cura*: de desrecalcar o Originário. Ele lá já estava, mas, como já mostrei fartamente, sofre todo tipo de recalçamento, Primário e Secundário, o que é uma coisa enorme. Ora, o projeto é desrecalcar nossa Originariedade. O projeto Moderno é este, só que não se está conseguindo porque ainda é auto-referente à sua própria estada no Quarto Império. Não consegue dar o salto porque as pessoas têm muito medo. Por quê? Porque vai acontecer de vez nas suas cabeças o que já acontece hoje no mundo: a perda dos referenciais, dos fundamentos – e ainda querem segurar a coisa de qualquer jeito. Minha tese é de que não se tem que segurar nada. Há que deixar rolar, e mesmo que acelerar.

• P – *Se a referência passa a ser o Originário, se há o desrecalçamento disso, OESPÍRITO não deixa de ser só OESPÍRITO também?*

Vira OESPÍRITO puro. É o sonho de Lacan. Tudo é significante, para quê significado? Ou, significado a gente empresta, pois tudo é só significante. O lacanismo não tem futuro, porque está parado, igualzinho à Modernidade. É só o que quero dizer: o lacanismo não tem futuro por causa de sua paralisia na Modernidade. Ou seja, em não conseguir ser moderno.

- P – *Todo o investimento em informática, em inteligência artificial, seria o movimento d'OESPÍRITO puro?*

O movimento da informática é o único lugar material onde as pessoas, hoje, tentam encontrar OESPÍRITO. A fissura pelo computador, que os pedagogos tanto criticam, ela é ótima. Vai acabar subvertendo-os todinhos. Já que não há educadores, haja computador. Já que os analistas também são uns titicas, que haja computador.

[...]

O Originário, no Quarto Império, já está lá, só que recalcado. É no sentido do retorno desse recalcado que nosso movimento se faz. Toda vez que um desses Impérios é intermediário, fica meio dilacerado. Porque no Quarto Império o Originário não foi instalado ainda, mas é meio referente para ele, ele ainda está com o rabo preso no Terceiro. É preciso uma outra guinada. Toda *superação* depende de *separação*. Por exemplo, não consigo distinguir claramente o Secundário do Primário, fico confuso. Verificamos isto em qualquer análise. É o que Lacan aponta sobre a simbolização na Cura. É só isto. Como as pessoas não sabem do que estão falando, ficam repetindo essas bobagens em congressos sem saber que se não distinguirem um do outro, não saberão operar. É importante saber distinguir. No Secundário entra certa imitação (não necessariamente dos elementos, mas) dos *processos* do Primário: é *metafórico*, não é *obrigatório*, pois não é primário – isto, se eu entendo, posso manejar à vontade.

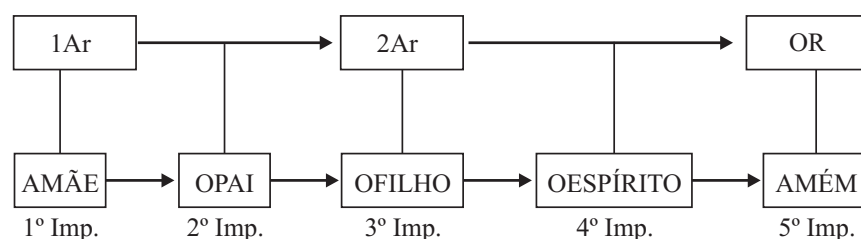
Da próxima vez poderei falar sobre o Incesto. Vocês verão a indecência com que isso (a tal passagem de Natureza a Cultura segundo Lévi-Strauss, ou seja, de Primário a Secundário) é culturalmente tratado no Ocidente.

18 MAI

6

A EXTRADIÇÃO DO INCESTO

Da vez anterior, a partir dos regimes de Recalque, conforme já tinha estabelecido em Seminários anteriores – Primário, Secundário e Originário – e também sobre suas conseqüências supostamente culturais enquanto possíveis creodos no desenvolvimento das culturas, eu estivera recolocando o que chamei de *Cinco Impérios* – AMÃE, OPAI, OFILHO, OESPÍRITO e AMÉM – e havia dito que este instrumento me servia para situar a Modernidade, como se costuma chamar, e as questões também contemporâneas relativas ao Pós-Moderno quanto à configuração nas mais diversas áreas – arte, ciência, religião, etc. – disso que hoje chamamos *cultura pós-moderna*. Tudo isso no sentido de, de maneira específica – de nosso discurso, de nossa produção teórica –, conduzir a reflexão a apontar que poderíamos conceber o projeto da Modernidade como designado na passagem ao reino d’OESPÍRITO, sobretudo na passagem do Terceiro ao Quarto Império e, subseqüentemente, no vetor que se encaminha para o Quinto Império.



* * *

Hoje, gostaria de fazer pequenas considerações e utilizar um aparelho reconhecido tipicamente pela cultura ocidental, o famoso *Incesto*, para pensá-lo sobre o seqüenciamento dos Impérios.

Chamei atenção para a dificuldade em que se acha qualquer Império que se coloque em posição intermediária em relação aos campos de recalca-mento. É como se houvesse uma decantação bastante densa no Primeiro Império porque referido ao Primário; no Terceiro porque referido ao Secundário; e no Quinto porque referido ao Originário. Os intermediários são de transposição, de passagem, e tendem a grande oscilação vetorial, de empuxo dos vetores nos dois opostos sentidos. A flecha da cultura – digamos assim em paráfrase com a flecha do tempo – indica no sentido d’AMÃE para o AMÉM, e quando se está num Império intermediário, há forte oscilação vetorial. Assim, o Império d’OPAI parece que só se realiza pelo vetor progressivo, por implantação definitiva do Império d’OFILHO. Enquanto este não se estabelece, o vetor parece oscilar fortemente entre o Primeiro e o Terceiro Impérios. Quero supor isto em várias culturas, inclusive no judaísmo. O Império d’OESPÍRITO, por sua vez, parece oscilar fortemente entre o Terceiro e o Quinto Impérios. Esta parece ser a situação da cultura contemporânea.

Toda a problemática dita do Pós-Moderno está em que, no momento em que isso tudo se exacerba (porque até então a pregnância vetorial parecia endereçar mais para o Terceiro Império), no momento em que, de repente, a vetorização empuxa para o Quinto Império, há forte oscilação vetorial entre o Terceiro e o Quinto Impérios. Isto, como disse, resulta nessa emergência de abordagens fortemente opositivas de um mesmo objeto cultural. Na configuração da Arquitetura, por exemplo, na época pós-moderna, em referência à suposta época moderna – porque Pós-Moderno, Moderno é –, ou pelo menos em referência ao Modernismo e não à Modernidade, encontramos essa oscilação na interpretação: alguns supõem que há forte tendência para a realização definitiva do projeto modernista, outros acham que há contestação e retorno. Quero supor que ambas as coisas comparecem, na medida em que os vetores oscilam.

Difícil conseguirmos discernir nessa báscula vetorial a mentalidade retrô que funciona no vetor regressivo e a mentalidade hipermoderna, vanguardista, ou transvanguardista, como quiserem, que funciona no vetor progressivo. As duas coisas parece não se eliminar, no que fazem parte da tentativa de implantação definitiva do Quarto Império. O projeto da Modernidade fica, nesse momento, parecendo indeciso entre OFILHO e AMÉM por causa da oscilação vetorial. Minha suposição é de que a única saída eficaz desse processo é se (como se fosse possível) o momento cultural viesse a instaurar o Quinto Império de uma vez por todas, o qual não oferece nenhuma situação estável, mas daria chance de se habitar o Quarto Império coerentemente, com precisão e dispensa dos movimentos retrô.

Portanto, *concluir o projeto moderno é escapar do Moderno de uma vez por todas*. Não por nenhum movimento retrô, de rebarbarização da cultura, mas, muito pelo contrário, *por um movimento de hiper-abstração do processo que se estatui nesse movimento*, que não é senão aquilo que, pela vertente de nossa cultura cristã – AMÃE, OPAI, OFILHO, OESPÍRITO e AMÉM –, está representado no seio das culturas como movimento de abstração, ou mesmo de algoritmização, nas relações das pessoas no seio da cultura, de suas nomeações posicionais, etc., como acontece com o surgimento d’OPAI no seio do Império d’AMÃE, com a abstração d’OPAI no Império d’OFILHO (que foi tomado pelo campo da psicanálise desde o Édipo, de Freud, até o Nome do Pai, de Lacan, como representante lídimio desse movimento cultural e dessa instalação). Por isso, estou tomando o vetor da nomeação do tal Pai como lídimio representante, na flecha do creodo cultural, da representação de seu movimento de constituição de si mesmo.

Eu diria, então, que o projeto moderno se realizaria, enquanto tal, enquanto próprio – pois nunca se realizou, como está dito no livro de Bruno Latour que citei, *Jamais Fomos Modernos* –, quando o Quinto Império se instalasse e pudesse autenticar o Império d’OESPÍRITO de uma vez por todas. Eu não chamaria mais isto de Modernidade, pois a efetiva *realização* da Modernidade me parece merecer outro nome. Sugiro um, tirado de minhas

peripécias anteriores. Eu diria que o Quinto Império é o momento do projeto MANEIRO. Isto está embutido na cultura, através de várias manifestações, e até mostra um pouco as caras num certo Maneirismo do século XV. Digamos, então, que fizéssemos uma recomposição – como os historiadores gostam de fazer – da série das eras como: o Antigo, o Medieval, o Moderno, e o Maneiro. Seria uma boa idéia.

Justamente porque esse dispositivo de que me utilizei para montar o aparelho dos Cinco Impérios é exemplar, o qual me parece mesmo o dispositivo de hominização, e considerando que aí se faz um percurso que é creodo na produção de culturas, é que gostaria, hoje, de abordar o dispositivo do Incesto no seu curso através dos Impérios.

* * *

Tivemos tantas teorias a respeito do Incesto, sobretudo as de índole antropológica. Vamos ver se conseguimos resumir em quatro ou cinco as posturas principais da produção teórica do Ocidente a respeito da existência, no seio das culturas, do tal Incesto.

Costumava-se dizer, antes ainda da peripécia heróica de Lévi-Strauss, que talvez o Incesto fosse algo embutido na própria natureza humana. Haveria a tendência à interdição do Incesto porque a Natureza tinha horror a ele. (Aliás, a Natureza, na história do conhecimento, já teve horror a muita coisa. Na história da Física, por exemplo já teve horror ao vácuo). Embora, então, não se falasse disso naquela época, pois o desenvolvimento era parco, é como se houvesse um verdadeiro dispositivo etogrâmico – como pela etologia moderna supomos poder encontrar nos animais – de impedimento, talvez, dos cruzamentos consangüíneos capazes de produtos eugenicamente incorretos, geneticamente deteriorados, quem sabe produtos monstruosos. Fazia-se a suposição de que o Incesto produzia monstros sem nunca terem observado que a relação entre os animais é o mais freqüentemente incestuosa, quando, pelo contrário, a única monstruosidade que aparece é uma depuração da raça

que, mesmo podendo ter efeitos nocivos, pelo contrário, as coisas se tornam maravilhosamente bem construídas como raças puras. Isto parece ter caído por terra, pois foi criticado de todos os lados, inclusive pelos biólogos.

Dando um salto bem grande, isto vai cair na mão da nascente, da emergente – como está na moda dizer –, teoria de nosso caro Lévi-Strauss, o qual, em 1949, depois de fazer quantas pesquisas, mesmo no Brasil, produziu o livro, hoje tão conhecido e também tão dejetado, intitulado *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Ele tentou dar uma calça *Levi's* para a questão do Incesto. Como era hábito na família produzir calças universais, tentou produzir essa outra vestimenta para as culturas, chamada Interdição do Incesto, como um universal cultural a ser depreendido das pesquisas de campo da sua antropologia. Releiam, por favor, as poucas páginas de sua introdução ao livro e vejam a coisa espantosa que nos diz: que a Interdição do Incesto “deve” ser um fenômeno universal. Justifica-se isto num rodapé, dizendo, como já brinquei diversas vezes, que nove entre dez estrelas da antropologia certamente a considerariam como um fenômeno universal. Isto é apenas uma conjectura estatisticamente suponível e, sobretudo, se remete ao estrelismo dos antropólogos, e não a algo de que se possa dizer que em pesquisa de campo, com o máximo de limpidez de escuta, se encontra necessariamente a Interdição do Incesto como universal. Ou seja, construiu-se o universal sobre a suposta opinião de noventa por cento dos antropólogos.

Então, neste regime, Lévi-Strauss tenta construir uma idéia que foi brilhante na época. Nós a usamos, felizes da vida, pois parecia que tínhamos achado a resposta definitiva. É parecido com a tal Forclusão, de Lacan, com a qual todos ficam tão felizes, pois se livram da psicose, da dos outros naturalmente... Mas a Interdição do Incesto, segundo Lévi-Strauss, era um universal *cultural*, pois pesquisam nas estruturas e vêem que é uma regra produzida pelas culturas, no entanto freqüente, se o for, nessas culturas, em noventa por cento das opiniões dos antropólogos (e não das culturas). Tudo que acontece no regime da Natureza parece ser universal, assim se pensava naquela época. Mesmo hoje, quem sabe, alguns cientistas do campo *hard* talvez não digam

esta bobagem, não acreditarão que tudo que aconteça na Natureza seja universal. É esse o joguinho que Lévi-Strauss faz, de que tudo que é natural é *universal* e tudo que é cultural é *contingente*. Encontramos uma regra, contingentemente produzida pela cultura, que é universal, havendo, então, aí, um cruzamento: algo contingente e universal ao mesmo tempo. Ou seja, algo que faz a passagem de Natureza para Cultura. Em cima disto, Lévi-Strauss produziu toda uma obra e, pior, inventou todo o estruturalismo, que se apoiou nisto e foi cozinhado na cozinha da lingüística estrutural de Praga, e outros fogões.

Na verdade, o que Lévi-Strauss desenhou foi um computador cultural utilizado para a nomeação dos indivíduos dentro das sociedades para a organização dos grupos sociais. Isto em cima da idéia de que a Interdição do Incesto seria capaz de produzir um regulador que era universal. Então, a antropologia virou ciência, pois tinha um universal. Isto, como todos já sabem, é uma acabada bobagem. A argumentação principal de Lévi-Strauss, hoje, parece ridícula na medida em que diz que tudo que é humano tem regras, que as culturas teriam regras de comportamento e que os animais se comportariam de maneira aleatória. Mas já sabemos, através das pesquisas etológica, que, muito pelo contrário, os animais são estritamente regrados segundo seus etogramas, com alguma elasticidade, e que os homens sim é que precisam ficar inventando e sustentando regras, se não, eles se perdem.

Uma terceira opção foi retornar à crítica do tipo de pensamento de Lévi-Strauss (que, afinal, diz que a Natureza não tem horror algum do Incesto, mas que este é uma produção cultural que se apresenta como universal). Uma crítica disto, por vários antropólogos, veio lembrar que a Interdição do Incesto é datável (do Neolítico), que é um fenômeno histórico, uma emergência, um acontecimento que será retomado pela cultura e, quem sabe, suponho eu, um credo cultural. Talvez qualquer grupo humano ao se juntar e produzir cultura deva passar por essa distinção de pessoas segundo o que Lévi-Strauss desenhou e seja preciso interditar essas relações para que se constituam linhagens e grupos, para que se possa *computar* o social. Então, esse evento historicamente datado, pensam os críticos, pode até mesmo ter a função indicada por Lévi-

Strauss, mas pode ser bem mais centrado na idéia de *propriedade* como dispositivo de poder. Aí, sabemos que é uma invenção. Se assim o é, não é nenhum universal, mesmo que, nesse momento cultural, encontremos em todos os grupos humanos pelo menos uma proibição, como ele indica – e pode não ser aquela a que estamos acostumados –, mesmo que fosse universal no espaço não o seria no tempo. Isto porque antes não teria havido, foi inventada em determinado momento de brilho da organização humana, e mesmo de processo de hominização.

Digamos que um quarto momento, um pouco mais recente, do qual já falei algumas vezes, seja o que é bastante representável pela produção teórica de laboratório de Jacques Ruffié, do Instituto Pasteur. É o momento de se retomar algo de “natural” na Interdição do Incesto. Esse autor, que faz a chamada *biologia populacional*, retoma a idéia de que a Interdição do Incesto, a um certo momento da existência humana, começa a ser utilizada pelos grupos sociais no sentido de suspender a reprodução extremada de corpos humanos dentro da mesma linhagem genética. Isto de maneira a fortalecer o grupo contra determinadas agressões – epidemias, por exemplo – que, atingindo o mesmo estoque genético, eliminariam a todos. Pode, então, neste sentido, ter sido uma manifestação de inteligência do grupo não permanecer na repetição genética, com um estoque único, pois isto o enfraqueceria. É preciso um mínimo de mistura para diversificar os estoques e, no caso de alguma epidemia, sobra-rem alguns. Pode até ser. Isto embasaria a fundação do Incesto e explicaria biologicamente certas sobrevivências, mas não sei se é válido. Talvez acontecesse com certos grupos, com outros não. Será que esses grupos primitivos realmente têm consciência da sua possível dizimação por epidemias? Acho uma hipótese um pouco difícil de ser comprovada.

* * *

E agora eu diria que podemos propor uma quinta hipótese a respeito do Incesto – é claro que baseada em toda a história da psicanálise –, que é o que estou chamando *Extradição do Incesto*.

A Interdição do Incesto é um processo de Extradicação. Inventa-se, dentro da cultura, um processo de Extradicação que garante a permanência do Incesto durante um longo período. O termo *extradição*, no Aurélio, que vem do latim *extraditione*, redundantemente, é um *ato de extraditar*. Mas, logo abaixo, no verbete *extraditar*, se diz que é um verbo transitivo direto que significa “entregar (um criminoso) por extradicação”. Voltamos então à extradicação, que é “a entrega de um indivíduo, feita pelo governo do país onde ele se acha refugiado, ao do país que o reclama” – é um ato jurídico entre estados – “para ser julgado perante os tribunais deste ou cumprir pena que lhe foi imposta”. Mesmo que não estejamos falando de estado, estou – no sentido genérico de estado tal como fala Badiou, por exemplo, da recontagem por Um de uma conta por Um já feita, a qual já põe um *estado*, mesmo que não seja explícito – dizendo que há certa Extradicação do Incesto como se fosse um verdadeiro processo jurídico de imposição de regragem punitiva, de lei, em cima de um aparelho que foi inventado na perplexidade da espécie diante da falta de algo que os animais parecem ter. Ou seja, é uma *fundação simbólica* em sobreposição a uma falta de inscrição etogrâmica.

Sabemos que nos animais, sejam quais forem – mas vamos falar dos vertebrados superiores que nos são mais próximos –, observou-se a existência de uma cesura, um corte, uma ruptura, uma solução de continuidade entre o apego da maternagem e o intercuro sexual, reprodutivo ou não. O apego da maternagem sofre uma cesura que permite, depois, com indiferença de escolha, o intercuro sexual entre consangüíneos. *Eles* não sabem que é para se reproduzir, mas *nós* observamos que isso pode ser reprodutivo. Isto parece espontâneo nas espécies animais. O bichinho lá – o cachorrinho, o gatinho, o cavalinho – é inteiramente apegado, grudado com a mãe, mantém por algum tempo certa viscosidade com ela e, de repente, há uma cesura, um estranhamento, certamente produzido por um mecanismo que antigamente se chamava de instinto e que hoje se chama de *ato terminal* no nível da etologia. Ou seja, cumprida determinada tarefa etogrâmica, há uma cesura, acabou esse programa e passa-se a outro. No novo programa, com a cesura, há um descolamento, um

estranhamento, em relação à mãe: vale qualquer coisa e, se ela estiver por perto, em condições adequadas, ele tasca. Não se pode, portanto, falar em Incesto no reino animal, pois o que existe é um programa que se cumpre e que, uma vez acabado, é: somos estranhos, muito prazer, a Sra. não vire as costas para mim porque estará a perigo.

Dizem até os etólogos que há esboços de Interdição em alguns primatas. Acho essas pesquisas extremamente difíceis de serem sustentadas, mas eles tentam. Vamos supor que isto seja verdadeiro, que entre os primatas observados longamente haja um esboço de Interdição, alguma aparência de desaparecimento daquela cesura. Digamos que, com uma complexificação extrema, cada vez maior, dos programas, dos etogramas, quem sabe se a cesura vai se apagando e alguns comportamentos desses animais sejam no sentido de recuperar algo no lugar dessa cesura espontânea, até por alguma necessidade – se Ruffié tiver razão – de segurança quanto à biologia populacional, ou outra coisa. Pode até ser, mas é ainda problema dos etólogos...

Entre os membros da espécie humana acontece algo radicalmente diverso. Não parece haver, em lugar algum de inscrição etogramática, cesura entre a *maternagem* e a *concubinagem*. Parece que a coisa é contínua. Tento situar aí o lugar onde deveremos procurar, sejam quais forem os resultados – secundários, naturais –, no nível do humano, onde se insere, se inscreve, a necessidade de *considerar* o Incesto. Se ele está inscrito como cesura – ou seja, se não está inscrito –, se há uma cesura espontânea, não há o que considerar. Mas é preciso considerar no caso da espécie humana, pois parece haver *continuidade da maternagem*: a viscosidade entre o filhote e a mãe parece que, espontaneamente, não acaba. Não há uma maquininha que se desliga, e acabou. A mãe animal se levanta, o bicho tenta mamar de novo, a mãe dá-lhe uma patada ou uma mordida – não há isto na nossa espécie.

Como vêem, estou lhes apresentando uma hipótese de índole psicanalítica, compatível com o que, em psicanálise, tem-se falado sobre a relação entre bebê e mãe. Dada a continuidade, portanto, a *Interdição* – quem sabe se baseada em algum dispositivo etológico ou não, pois não sabemos ler a etologia

humana – viria facilitar a separação não como efetiva proibição de intercuro sexual – não estamos aqui para fazer moralismo –, mas sim *como rompimento da maternagem*. O dispositivo do Incesto e sua consideração – portanto, como Interdição – viria no sentido de tentar produzir artificialmente a cesura que entre os bichos é espontânea. Não é, pois, no sentido de proibir o intercuro, mas no de acabar com a pieguice, de permitir que o bichinho se desenvolva, se não, ele pode restar na viscosidade sem jamais se diferenciar.

Talvez seja, então, uma invenção no sentido da *separação*. E bem compatível com a invenção do Império d’OPAI. Ou seja, nesse momento do Neolítico, é compatível com a transposição do regime d’AMÃE para o d’OPAI. Ao invés de se coibir a permanência da maternagem, interdita-se o intercuro sexual e a formação de família *em estado de maternagem*. Interdita-se a transação, a pieguice, no sentido de começar a separar e deixar o neo-animal, mediante uma neo-etologia forçada culturalmente, parecido com aquele afetado pela cesura que os animais portam. Mas como essa cesura não acaba simplesmente pela interdição, esta tem que ser sustentada, se não, ele volta e, de novo, gruda com a mãe como faria qualquer animal etologicamente incorreto. Então, se comer a Sra. sua mãe, nunca se saberá se ele o faz por cesura ou por continuidade, por não conseguir separar-se da maternagem. É como se a viscosidade fosse um fenômeno que atrapalhasse seu percurso de crescimento no Secundário. Por isso, digo que deve ser uma grande invenção do Segundo Império sacar que não dá para simplesmente imitar os animais pintando coisas rupestres nas paredes das cavernas e adorando bisontes. É preciso inventar algo que produza neo-etologicamente a cesura no seio da relações para que haja um empuxo no sentido do Secundário e se afaste do Primário. Mas a cesura postiça, de indústria, não funciona automaticamente como a cesura espontânea.

Por isso, estou dizendo que, no regime do psiquismo, que é o que nos interessa, o Incesto é como que juridicamente, no sentido genérico, extraditado do território do Primário, onde habitava com direitos de inscrição etogramática, para o do Secundário. Ele se tornará culpável no nível do Secundário. Seu

campo de refúgio, onde ele nem mesmo se apresenta como crime, é no Primário. O Secundário é que vai extraditar do Primário a cesura para incluí-la do seu lado como função proibitiva e portanto punível no regime jurídico de segundo grau, de ordem secundária, onde o Incesto pode ser considerado em função da continuidade do apego da maternagem, ou seja, onde se tentará estabelecer uma cesura artificial. Se não gostaram do termo *extradição*, podem dizer que, junto com a Interdição, há *Interdução* do Incesto. Ele é conduzido entre os dois níveis.

* * *

Vamos tentar acompanhar o dispositivo do Incesto segundo a carreira cultural que os dispositivos poderiam fazer.

Só em falarmos a palavra *Incesto*, o conceito já inclui o dispositivo de sua Interdição. Não é preciso falar em Incesto se o termo não incorporar um juízo, ainda que moral ou jurídico, sobre a existência condenável dessa função. Se estou falando em Incesto, é porque já estou prejulgando sobre aquela relação. Ninguém dirá que há Incesto entre cachorros e cavalos. Há reprodução sangüineamente aproximada, mas não Incesto. Então, tanto faz dizer Incesto ou Interdição do Incesto, pois são a mesma coisa. Repetindo, não há Incesto entre os animais, por causa da determinação etogramática. Durante a fase infantil, há grande promiscuidade entre mãe e filhote. Terminada esta fase, não há mais mãe e filhote, pois acabou-se o programa: ambos passam à categoria de membros colegiados do mesmo grupo, em perfeita paridade e sociabilidade. Logo, os intercursos sexuais não constituem Incesto.

O que será que acontece com nossa espécie na relação entre maternagem e concubinação? Quero supor que as idéias que surgiram a respeito da possibilidade de ter havido um matriarcado em alguma época são justamente de não se ter dado conta de que se trata da função que chamo, no Primeiro Império, de AMÃE. Isto porque é onde as relações são primariamente de maternagem. A separação, a cesura, vai produzir certo distanciamento,

mas como o regime de reprodução e de cuidado com o filhote continua nesse nível, a coisa fica mais ou menos centrada em torno do processo de produção de gente e de afastamento posterior. Sendo que, em nossa espécie, se etogramaticamente esse afastamento, essa cesura, não está inscrita, aquilo devia restar extremamente promíscuo. Talvez fosse o que Freud quisesse chamar de “horda primitiva”. Antes ainda da invenção do orangotango que viesse dizer “as mulheres são todas minhas, vocês caíam fora” – aquela brincadeira que Freud inventou –, que é o mito da invenção d’OPAI, do Segundo Império, antes ainda disso, aquilo devia ser de alta promiscuidade. Não estou falando no sentido de intercurso, pois os cães também são altamente promíscuos, mas no de promiscuidade, digamos, “afetiva”, de colagens, de viscosidade, em relação àquela Sra. que os pariu, e a seqüência das mães que pariram aqueles bichos todos, talvez até se deslocando pelo mundo de maneira nômade. Ou seja, isso podia ser algo que beneficiasse o movimento nomádico: o grupo viscosamente se deslocando em torno daqueles úteros maravilhosos sendo capazes de acolher, como uma verdadeira Igreja para esse momento, aquela ligação toda que nunca foi efetivamente rompida. É claro que a própria vida se encarrega de propiciar os rompimentos. Se isso não está inscrito no programa, os movimentos de vida, as necessidades, os desejos, também são dispositivos de descolamento. Mas aí ainda não se inventou um dispositivo secundário decisivo de tentar reproduzir a cesura no nível artificioso do Segundo Império, e não no nível do espontâneo.

Eu diria, então, que há Incesto no Primeiro Império. Já é possível olharmos para aquilo como algo que não funcionou como cesura, pois, *ao mesmo tempo*, a viscosidade com a mãe embaraça e é vantajosa. Os historiadores confundiram aquilo com “matriarcado”. Jamais houve matriarcado. O que há é uma hipótese de viscosidade de maternagem no regime d’AMÃE. Isto é, a nomeação, a situação de cada indivíduo é referida à sua mãe. Digamos que, no Segundo Império, por necessidades de, no Neolítico, estabelecer-se num território, passar da coleta e da caça para a agricultura, aquilo tenha começado a incomodar demais. Quando se está em regime de movimento perene sobre a

superfície do planeta, isso pode até ajudar, mas quando todos param no mesmo lugar começa a sair uma porradaria feia. A família inteira morando na mesma casa, como sabemos, o pau come... Acho que esse momento iniciou a invenção paulatina, terminada com o final do Neolítico, do Segundo Império, o d'OPAI. Seja qual for o mito que se queira inventar – o da horda primitiva e do Pai orangotango, de Freud, por exemplo –, quer me parecer que sempre resume um longo período de tentativas que chega a essa invenção. Isto até, às vezes, premido por questões geográficas, de permanência no mesmo lugar, etc. Esse negócio durou muito tempo. E junto – talvez sendo a grande invenção para a estruturação do Império d'OPAI – veio a invenção do Incesto, ou seja, inventaram a Interdição do Incesto.

No Terceiro Império, parece que se inaugura um verdadeiro, no sentido jurídico do termo, *processo* – agora já por inteiro na ordem do Secundário, pois a invenção do Incesto se deu no regime d'OPAI, com o vetor virado para a frente – de abstração do tal Pai (o qual, no Segundo Império era o Pai mesmo, aquele cara, e bastava estruturar-se uma polícia das vaginas e dos úteros para se estabelecer a paternidade). No Terceiro Império, então, inicia-se um processo de abstração dessa figura, vai-se jogá-lo mesmo, definitivamente, no Secundário. Como sabemos, no Terceiro Império, a referência mesmo é o Secundário puro. E curiosamente há intensificação – paradoxal, aliás – da Interdição do Incesto. O espantoso é que, justo no momento em que se abstrai, a coisa, para se organizar na realidade social, vai se assentar não mais nas questões primárias, mas sim na proliferação paranóica, como delírio do Secundário, dessa Interdição. Ou seja, paradoxalmente, na medida em que se faz a abstração do tal Pai e se o coloca definitivamente no regime do Secundário, em seu regime jurídico, ele enlouquece, pira, pois passa a ser delirável, justo por ser estritamente simbólico.

Para entendermos isto, pensemos na diferença que há entre um intelectual e um homem. Intelectual, é aquele panaca que fica delirando com idéias; homem, vai lá e faz as coisas direitinho, quer que o mundo funcione. Quero dizer que se trata de continuar o processo da abstração desse Pai que

foi entendido como sendo algo efetivamente de invenção secundária. Ele, no Segundo Império, por sua herança, estava misturado com o Primário, e agora vai-se levá-lo às suas conseqüências secundárias. Abstrair esse Pai abole o Incesto? Não. Estamos aí no regime da paranóia lacaniana, por exemplo, no regime do significante. Se deixarmos isso solto – atenção, se não, todos vão cair na Foraclusão do Nome do Pai –, justo o processo de abstração do Pai, justo a invenção do Nome do Pai, faz a cultura ficar *psicótica*. Paranoíza porque se toma esse Pai e se retroage, no sentido em que coloco o conceito de reificação. Não é mais agora um Pai natural, do Segundo Império, mas sim tomado do Terceiro Império, com o qual se começa a delirar e se vai reificá-lo, para trás. Isto tem um ar psicótico e, por isso, a Interdição do Incesto, ao invés de se abolir, paradoxalmente se intensifica e se multiplica no regime d’OFILHO. Já não é mais o filho com a mãe ou com a irmã. Agora, quando todos são irmãos segundo o mesmo Pai, qualquer toque é incestuoso. Não se pode pôr a mão em ninguém. Do ponto de vista da paranóia – crítica ou não – do Nome do Pai, no que o reifico, no que o trago para dentro dos movimentos culturais, ele se torna o pivô de uma *psicose social*. Começam a delirar e tentar coibir de todas as maneiras o mínimo laivo de incesto. Já não é mais nem questão de se fazer filho com parente próximo, mas meramente de *tocar* o irmão. *Todos* são irmãos. Seja hetero ou homossexual o toque, é a mesma coisa. Mas o delírio começa a produzir uma grande refinaria – que, aliás, está na moda com a greve atual dos petroleiros – de processos simbólicos de intensificação extremada do Incesto.

• Pergunta – *Não é o que acontece no cristianismo?*

Não precisava nem citar. O Incesto deixa de ser um crime de lesa-sociedade, de lesa-divisão reprodutiva, de lesa-consangüinidade, e passa a ser um *pecado*. O cristianismo expõe o Terceiro Império com clareza. Imaginem, se vou para um convento, verei que ali são todos irmãos, que é onde mais essas coisas talvez se pratiquem – por “deslizes”, pois Deus acaba perdoadando os pecados (se não, Ele não iria segurar essa barra)... –, e que é um lugar onde o pecado reina o tempo todo porque a paranóia está no ar.

Se somos todos irmãos, no regime do Pai – do Céu, aliás –, qualquer intercuro carnal, retroativamente, reificadamente, é Incesto. A menos que esse intercuro seja *sacramentado* por rituais, como o do casamento, que vão reduzir a coisa aos moldes estritos do Segundo Império.

* * *

Ora, meus caros, o projeto da Modernidade é o de assunção definitiva do Quarto Império, a qual jamais se conseguiu efetivamente realizar.

O que assusta Marx, por exemplo, que fala em prostituição universal, que o capital faz e acontece? Acho que o bobo aí é Marx. Ele devia entender que esse troço tem um movimento no sentido dessa abstração e dessa abolição radicais. Posso até retomar, em Seminário adiante, a comparação entre o Sujeito, de Lacan, que um significante representa para outro, e o Dinheiro, de Marx, que representa uma mercadoria para outra. A grande abstração de Lacan é dolarizar o Sujeito: é o Fernando Henrique da psicanálise. A rigor, o capitalismo pleno, se funcionasse mesmo, deveria abolir o Incesto. Não se discute mercadoria com dinheiro. Por que terei escrúpulos em relação à mercadoria que é traduzível em dinheiro? Ela só se traduz em outra mercadoria por intermédio do dinheiro. Qual o valor financeiro do Incesto? Qual o valor Sujeito do Incesto? Não é por menos que Lacan, sabendo muito bem disso, enfiou o Incesto onde? O mais que fez foi largar mão disso, não quis mais saber de Édipo, e foi pensar na instalação do Nome do Pai no Terceiro Império como essa abstração e ver o que fazer com ela. Lacan, em sua obra, dá este passo – que não está na obra de Freud.

A distinção social, se a Modernidade prevalecesse, bem como a cesura entre maternagem e intercuro, que foi perdida do reino animal, poderá passar perfeitamente por mil outros artifícios que não a Interdição do Incesto. *Basta que, de fato, nos tornemos modernos*. O que acontece, como disse no começo da fala de hoje, é que, no Quarto Império, onde tentamos habitar, os vetores puxam para lados opostos. Há, então, um forte movimento reacionário,

ou seja, retrô, e um débil, porém eficaz porque lúcido, movimento de progressividade. Quanto mais a era dita pós-moderna pretende instalar-se como movimento terminal do projeto moderno, mais psicótica está a sociedade. Estamos é passando por um surto psicótico no mundo, cuja cura jamais será invocar o Nome do Pai, ou chamar a Mamãe. A cura – que não sabemos se virá – seria entrar de vez no Quinto Império. Se alguma coisa acontecesse na cultura – não sei se é possível, nem quando vai se dar, mas precisamos ter lucidez quanto a isto –, se todo o movimento cultural, os valores, os fundamentos, desabassem, isto não seria ruim. É o falecimento do Terceiro dentro do Quarto Império. Ele está morrendo. É claro que muitos estão se virando para retornar tudo, e que nada impede que os fascismos culturais reapareçam.

A cura seria, então, passar ao Quinto Império como *referência* para se poder viver efetivamente no Quarto Império *abolindo* o Incesto, de novo, como o fora entre os animais. Ou seja, *a cesura já está feita, pois a simples multiplicação da cultura, o simples desmembramento cultural, acaba com muita possibilidade de visgo*. O desmembramento geral, mesmo da família, quem sabe, aponta referenciais de separação radicalmente novos, e que de fato já estão aí em uso. Na medida em que a cultura prolifera, a gente já não está tão a fim de comer a mãe, pois há coisa melhor para se querer. Enquanto as interdições cristãs impedem a filha da vizinha, a mamãe que está perto fica valorizada demais. Na falta, vai até a velhinha: “por falta de roupa nova, passaram ferro na velha”... E mesmo se você gosta das velhinhas (ou dos velhinhos) – o que nada impede, graças a Deus –, não precisa necessariamente ser segundo aquela viscosidade inicial. Gente escolhida é fácil, pois o sistema de computação, hoje, é extremamente variável, volátil, lábil. Então, tudo isso pode ir para o bebelê. Também se um ou outro quizer comer a mãe, problema dele. Gosto não se discute. Mas, aí, aparece este angustiado silêncio aqui nesta sala... porque estamos falando dos sintomas decantados do Terceiro Império. Quando se fala nisto, é uma blasfêmia, uma heresia, não para a cultura ou porque o guarda esteja nos vigiando. O guarda eficiente é a sintomática decantada dentro de nós mesmos que ainda estamos, retrogressivamente, insistindo em nos referir ao Terceiro Império. Nem ao menos ao Quarto. Quanto mais ao Quinto.

Por isso mesmo lhes falei em *Extradição do Incesto*. Ele está sendo extraditado do Primeiro para os outros Impérios e, quem sabe, dentro desse creodo, ele também seja um outro creodo, haja que existir intrínseca e inclusivamente entre o Segundo e o Quarto Império. A vida útil do Incesto parece ser n'OPAI, n'OFILHO e ainda n'OESPÍRITO. No Primeiro e no último Império, é inteiramente desnecessário considerá-lo. Então, o passo da Modernidade será recuperar uma situação que tínhamos no Primeiro Império, mas num regime radicalmente novo, sem nenhum movimento retrô, por um salto para a frente.

* * *

- P – *Na medida em que a criança disputava a mãe com o pai, ele era o único rival...*

Isso tudo é mito. Nunca vi criança disputando necessariamente mãe com pai na minha vida. Psicólogo e analista acreditam mesmo que a criança esteja disputando a mãe com o pai. Pode até acontecer, mas ela disputaria com a vizinha, com o cachorro, com o gato. O que interessa aí é a viscosidade, e não se é o pai quem vai comer. É que ninguém, nem o passarinho, vai comer a mãe. Só a criança come a mãe. Pelos peitos, naturalmente...

- P – *Não é porque interessou à sociedade, em determinado momento, instituir esse mito?*

É o que estou dizendo. Historicamente, foi posto aí, pois resolvia questões efetivas de viscosidade, ao mesmo tempo que instituíu o computador do Segundo Império, que se mantém esse tempo todo, e empresta poder àqueles que são os determinantes dos processos de permissão, de coabitação. Quando chega o Terceiro Império, isso vira pecado e é preciso sacramentar o troço para deixar de ser pecaminoso. O sacramento do casamento é tirar o pecado da transação. Alguns anos atrás – hoje, já não é mais assim –, se alguém dissesse estar em concubinato com alguém, a resposta que teria era: você está *vivendo em pecado*. Portanto, o sacramento não é para, positivamente, criar

uma união, mas sim para permiti-la apesar do Incesto que porta. Acordem, por favor, que está na hora! É como o desejado, mas impedido casamento de homossexuais hoje em dia.

- P – *Quando se observam as classes mais desassistidas...*

...ou muito assistidas...

- P – *...vemos que todos comem todos...*

...é uma felicidade. Os pobres e os ricos são tão felizes...

- P – *...como pensar isso?*

Na linguagem dos homens “de bem”, isto não é senão a deterioração da família no seio da *escrotidão* urbana. (o termo técnico é este, não conheço melhor). É fazermos uma comparação em termos de Brasil, por exemplo, da estatística de habitantes do mundo urbano escatológico em que vivemos e os do mundo rural, onde vamos encontrar a permanência das interdições. Isto aqui virou esgoto humano de pessoas excluídas da cidadania, sem dinheiro, sem isso, sem aquilo, então pouco importa. Não estou criticando, pois o quadro é esse. Aí, a abolição se dá. Com que cara vou dizer: você, cuja família dorme toda empilhada num quarto de 1,5 por 2m, não pode, durante noite, esquecer de quem é a bunda que fica ao lado. O Inconsciente esquece muito de quem é a bunda que está do lado. E já que está, deixa ficar... Assim como encontramos nas classes hiperdotadas a mesma possibilidade, pois aí se tem como comprar o fisco. Já li Bulas papais para vocês. “Comeu a mãe, custa x. Matou o pai, custa y...” Isso tem preço. Quem tem, paga.

- P – *Pode-se, então, ao contrário dos lacanianos, dizer que na psicose há excesso do Nome do Pai?*

Eu não diria assim tão fácil, pois não encaixa no projeto lacaniano. Eu diria que a grande invenção do Nome do Pai é uma abstração, a qual, conduzida no seu vetor para o Quinto Império, ela própria se abole e abole suas funções, mesmo o Incesto. Acontece que o processo de retrogressão, de reificação, de hipótese, desse mesmo significante do Nome do Pai é o mais freqüente. Isto até mesmo em cabeça de analista. Encontramos, por exemplo, pessoas enlouquecidas por via da religião católica nas quais podemos ver que sua psicose não é

senão a reificação pura e simples do tal Nome do Pai instalado na sua relação religiosa. Toda a psicose dessa pessoa é reificação desse Nome, no sentido regressivo. Ou seja, no que se tem raízes para trás, porque se tem, se o vetor se inverte para o sentido do Quinto Império, o Nome do Pai, que deveria ter função altamente abstrata no regime do Terceiro Império, paradoxalmente se torna função psicotizante. Começa-se então, em regime puro do Secundário, a delirar em cima do Nome do Pai. Depois, quando vai ao mundo, o simples fato de lá ir, de ir à carne, é um processo necessariamente de *empuxo*, de hipóstase do que se tem abstraído. Vai-se à carne, se você traz o Nome do Pai e desce com ele... Ou seja, desço dos Céus com esse troço na mão e o encarno. Aquilo que, a partir de movimentos freudianos, os lacanianos gostam de chamar de identificação, a qual se dá no nível do simbólico, *diferentemente* de qualquer pega imaginária... não tem *diferentemente* não, pois a pega imaginária vem junto.

• P – *Nessa seqüência, se não se fizer todo o percurso, necessariamente o anterior acaba recaindo sobre o sucessor?*

Acaba que seu vetor pira. Observe em você, pois isso acontece dentro de cada um de nós. Toda vez que tiver uma forte tendência a abstrair, no sentido do AMÉM, e um empecilho grave lhe dá uma porrada, você corre para trás. É o que está acontecendo na cultura contemporânea. A angústia de enfrentar o passo a mais que levaria a uma abolição disso, e ninguém sabendo ainda como estatuir, porque não se sabe como isso vai *se* estatuir (não é como *eu* vou estatuir), faz com que as pessoas corram para trás. É aquele negócio, o sujeito é muito prafrente, leva uma porradinha, uma doença, e fica “ai, Jesus”, “ai, meu Deus” e corre para a igreja. É natural, é a recaída...

• P – *Do que você tem apresentado, fico pensando em termos de uma catálise para o Revirão, que isso seria um processo dinâmico no sentido de uma Pedagogia. Não sei se você pensou em termos de catálise...*

Foi exatamente o termo que usei: a função catalisadora do analista. O analista é um catalisador enquanto pedagogo disso.

• P – *Esse final de semana li no jornal coisas sobre surfistas da Internet e um filósofo dizendo que o mundo virtual está substituindo o chamado mundo real, que o pensamento está fora de uso...*

É uma besteira. Não sei nem se é pensamento, mas tudo está entrando em uso. Se ninguém vier a estatizar, burocratizar e nomear governadores para a Internet, o que pode efetivamente acontecer com uma rede que, embora nela haja poderes, não tem cabeça? O que é uma rede sem cabeça, mesmo que haja poderes de dominação ali dentro? Ninguém terá mais controle sobre essa situação. Graças a Deus.

- P – *E essa convergência digital, de converter tudo em bit...*

Sou plenamente a favor. De tanto converter isso em digital, chegarão à *segunda potência do digital*, onde os espero desde o ano passado. Lembram que falei de segunda potência do binário?

- P – *Eles dizem que isso permitiria um mundo descentralizado e democrático por definição.*

Esta palavra, não gosto dela, pois não sei o que é. Democrático, uma ova. Sei que é espalhado e que esse processo me parece ser um fluxo no sentido do Quinto Império.

- P – *Você falou em Maneirismo, mas ele não seria retrô?*

O nome é velho. Utilizei só porque gosto dele. A idéia que tentei destacar no coração do maneirismo é a de Terceiro Sexo que, como sabem, não é viado ou sapatão, é o lugar onde a consideração dos processos de Consistência e Inconsistência é indiferente. Por isso, gosto de dizer: Maneiro, Falanjo, Terceiro Sexo...

- P – *Quando você diz que no Quinto Império haveria abolição do Incesto por ser desnecessário, quer dizer que, de certa forma, se voltaria ao Primeiro Império?*

O processo de viscosidade encontra miríades de situações para ser dissolvido. No Primeiro Império, a viscosidade está instalada e é útil. Mas lá existem funções – pode ser o nomadismo, por exemplo – que determinam o funcionamento disso sem grandes problemas. O que é possível é voltar a essa abolição sem recair na viscosidade, pois esta encontra outros e muitos dissolventes. Há muitos processos de dissolução, e não só a Interdição do Incesto. Imaginemos uma sociedade – pode até parecer monstruosidade o que

A extradição do incesto

vou dizer – em que as mulheres façam uma revolução e digam em relação a seus úteros: isto aqui não é apart-hotel de vagabundo, vai gestar lá na garrafa, não sou poedeira, não me encham o saco, meu corpo é meu. Agora, ainda não se pode dizer, pois fica só feminista. Mas elas podem se revoltar quanto a terem que ficar carregando esse fardo quando há laboratórios onde botar o bichinho e depois pegá-lo pronto. Isto porque se acha que é bom criá-lo. Depois, o bichinho se solta, pois a mãe vai trabalhar e o joga numa creche até maravilhosa, cheia de coisas interessantes. As viscosidades vão se dissolver.

01 JUN

7

PRECURSORES DO AMÉM

Da vez anterior, estive colocando, de maneira inusitada, o recurso que me pareceu poder apresentar-se como creodo na sucessão das formações culturais, que é o da velha questão do *Incesto*, sua *Interdição*.

Aproveitei ocasião para mostrar que, se tal encaminhamento for aceitável, o Incesto – ou a Interdição dele, o que dá na mesma – teria nascimento efetivo no Segundo Império e, uma vez chegado o Quinto, com seu advento ele se tornaria dispensável. A abolição dessa invenção neolítica se daria por se tornar desnecessária, uma vez que supostamente, segundo nosso percurso, sua exigência dependeu estritamente da reacomodação de uma função de cesura existente espontaneamente entre os animais. Ou seja, não havendo tal cesura espontânea em nossa espécie, para fazer face ao que chamei de verdadeira cola, visgo, que terá surgido em função da falta dessa cesura espontânea em nível etológico, a seqüência dos surgimentos individuais, dos nascimentos e das inserções dos indivíduos no seio da chamada cultura exigiu que se fizesse a invenção do Incesto como *processo de separação*. E só a referência definitiva de nossa cultura presente – isto acontecerá ou não (não faço a menor idéia) – ao Quinto Império, aquele que se remeteria direta e exclusivamente à ordem originária do reviramento, aboliria de uma vez por todas a questão, isto é, ela se tornaria dispensável.

* * *

É difícil, de um ponto de vista arrolável teoricamente, encontrar sinais da posição de referência ao Quinto Império no seio da cultura.

É claro que conhecemos fartamente as injunções de desconsideração do Incesto no seio da falência dos aparelhos de organização da sociedade, a partir dessa Interdição, nos grandes centros urbanos contemporâneos. Mas as pessoas não têm como reconhecer isto enquanto sinais dessa possível abolição. Estudam-se esses fenômenos – sociologicamente, de preferência – como surtos de um verdadeiro degradingamento da estrutura da sociedade em função de determinados processos de deterioração social, na favela ou na mansão. Parece que os dois extremos exibem maior deterioração. Difícilmente se reconheceria que estes são lugares de suspensão, onde a invocação da Interdição parece perder a função, talqualmente, como quer me parecer, que uma referência estrita à ordem originária do Recalque suspenderia do mesmo modo a questão. Mas não vamos pedir que as pessoas queiram aceitar que sejam sinais de invasão do Originário no campo das organizações de extração mais baixa. Já lhes mostrei que, mesmo no Quarto Império, o d'OESPÍRITO, uma vez que ele está entre duas situações, o Secundário e o Originário, mesmo ali a coisa oscila fortemente. Enquanto não houver referência estrita ao Quinto Império, vai oscilar. Até com o sério perigo – o que hoje visivelmente acontece em várias regiões – de retroceder, no sentido mesmo da psicotização.

Então, encerrando o Seminário deste semestre, gostaria de apontar alguns momentos que posso considerar como *precursores do Quinto Império*. Vemos, em cada região de operação, articulações no sentido de certas abolições que seriam, como valor, semelhantes à abolição do Incesto. Isto na medida em que tal abolição não é senão um afastamento progressivo das formações primárias e, depois, um afastamento progressivo das formações secundárias numa liberação abstrata – apenas no sentido de se tornar de conteúdo quase zero em relação a determinado foco, e não em relação a tudo – das formações anteriores.

Eu falava do projeto moderno, da Modernidade, como facilmente destacável entre Terceiro e Quarto Impérios. É claro que é destacável em todo

o percurso, mas o projeto moderno é propriamente assinável entre Terceiro e Quarto Impérios e, na verdade, jamais conseguiu realizar-se. E, penso eu, não se realizaria sem que o Quinto Império se instalasse como referência definitiva, abolindo, para trás, não a existência dos outros Impérios, mas sua função hegemônica enquanto *referência*. Assim, tal como o dispositivo do Incesto e sua supônível abolição com a referência ao Quinto Império, encontramos no campo da Cultura, nomeadamente no campo das artes, movimentos de abolição do que, digamos, figuraria algo que se assemelhasse à Interdição do Incesto. Isto parece cada vez mais claro no seio da produção artística.

É preciso que se faça distinção operativa entre a idéia de *Modernidade*, o projeto no sentido que acabo de colocar, e a de *Modernismo*, como determinado momento, uma forma de realização do projeto da Modernidade. Não é o caso de estarmos aqui redefinindo Modernismo, pois todos sabem o que é ou se é capaz de utilizar diversas definições, diversas abordagens, sobre o tema. Sendo que valia a pena termos a cautela de fazer a suposição de se poder distinguir um pouco atitudes ou produções *modernistas* das *modernosas* (este termo, aliás, pegou). É-se modernoso quando se toma o jeitão da coisa, mas não se investe no processo de destacamento de determinadas funções disso que, em geral, se chama de Modernismo e se o exerce. Algumas indicações que farei aqui não devem ser levadas tão a sério a ponto de se supor que estou fazendo alguma classificação. É apenas um sentimento aproximado diante de determinadas posições para ver se, pelo menos, suspeitamos da possibilidade da distinção entre Modernidade e Modernismo no sentido de que o projeto geral da Modernidade carrega o Modernismo, mas é preciso reconhecer, dentro do processo moderno, do Modernismo, aqueles que diferem dos outros não por sua qualidade de Modernidade, mas sim por parecerem mais evidentemente precursores do Quinto Império.

Um projeto de produção cultural, artística, poderia parecer aproximar-se mais – digo isto porque um outro, que eu coloque dentro do campo mais estrito do Modernismo, também está dentro do projeto, também se aproxima... Mas, por comparação, evidencia-se mais no projeto artístico ou cultural do que

em outro que há tendência a romper com os Impérios mais ligados ao Primário e ao Secundário, e partir para o Quinto Império e para a referência ao Originário. Vejamos – e estou *exemplarmente* colhendo algumas coisas –, no caso do Modernismo, o nascimento e a presença forte e vigorosa daquilo que se costuma chamar de Cubismo, nas artes plásticas principalmente e na mão de um Pablo Picasso. É um processo nitidamente modernista, no qual há re-concepção geral da plasticidade enquanto capaz de representar ou não algum mundo ou decantar determinado tipo de mente ou de formação psíquica.

O que acontece, então, de mais contundente no sentido de aproximação do Quinto Império na obra de (todo o Cubismo, mas fiquemos de preferência com) Picasso? Acontece, dentro da cultura, uma vontade de ruptura no sentido principalmente de certo movimento, digamos, revolucionário já emergente em diversas formações anteriores ao Cubismo. Temos, por exemplo, a obra de Cézanne como precursora do Cubismo, se não uma visada direta, do ponto de vista pictórico, pelo menos como projeto de observação da realidade. E temos também outras coisas para trás. No sentido do quê? De questionar sobre a veracidade de alguma postura pictórica, de representação, se quiserem, que levasse demasiado em conta a relação suposta dos aparelhos sensórios de observação do mundo com a obra produzida. Entre esses aparelhos, que não são absolutamente naturais, embora supostamente mais aproximados da ordem corporal, há grande diferença entre observar-se o corpo humano, acompanhar suas linhas como um mapeamento de algo que se possa projetar diretamente, ponto a ponto, numa perspectiva paralela, sobre uma folha de papel, um vidro, uma tela, e os princípios de deformação dessa figura segundo uma outra regagem. A coisa começa a se distanciar dos objetos oferecidos espontaneamente pelo Haver, pelo que se chama de Natureza. Mesmo o império, no Ocidente, desde o século XIV até então, da mentalidade renascentista da perspectiva linear, a qual efetivamente se fundamenta na visão euclidiana do mundo, a qual, por mais abstraída que seja, parece nascer de certa relação supostamente visível entre a formação primária do olho e o mundo, desprezando outras dimensões que não comparecem fora do toque imediato. Fazendo a

suposição disso, eu diria que esse conjunto de regras de observação, tomado como mais próximo da chamada Natureza, é questionado no momento modernista. Picasso e Braque talvez tenham sido os grandes criadores de determinado tipo de pintura, de representação, herdado de uma vontade de Cézanne.

Está aí, portanto, um momento modernista, que não se pode negar que tenta romper, puxando para a frente, com aquela representação supostamente assentada no Primário, a euclidiana, por uma vontade secundária, cultural, de fazer a passagem do Primário ao Secundário. Não interessa se o faz, e sim que há essa vontade de fazer e a suposição de que se estaria fazendo. O Cubismo rompe com essa representação. Picasso explode o espaço euclidiano do quadro anterior e vai buscar em outras geometrias, não euclidianas, mesmo em certa relação topológica com os objetos (tivesse ele feito ou não referências a uma topologia matematicamente descrita, há uma vontade topológica no seu olhar) –, e vai reconstituir o espaço por inteiro numa verdadeira revolta contra o espaço anterior supostamente bem mais próximo de uma co-naturalidade da observação. Isto é um forte empenho modernista.

É claro que, no que se afasta das representações anteriores supostamente mais ligadas ao Primário e ao Secundário em vigor, está se aproximando no sentido do Quinto Império. Entretanto, mantém os aparelhos de observação e de nomeação de obra de arte ainda intactos. Um quadro de Picasso é uma obra de arte. Uma panela ou uma pedra achada no caminho não são então bem obras de arte. A questão da nomeação da obra de arte aí tem a mesma importância de uma Interdição de Incesto. Ou seja, o projeto dito modernista, em si mesmo, ainda sustenta as fronteiras reconhecíveis entre o que é e o que não é obra de arte.

* * *

Em contraposição ao campo da plástica, contemporâneo ainda de Picasso e perseguido mesmo por sua existência, aparece um chamado Marcel

Duchamp. Digo “perseguido” porque, muito jovem, Duchamp tinha a preocupação sobre o que iria fazer depois que o Cubismo se instalara como a verdade da arte a ele contemporânea. Ele seria mais um dos cubistas, inteiramente empanado pela existência de um Picasso?

Se continuasse a pintar da maneira que se propunha até então, com tintas sobre telas, sobraria para ele um lugarzinho secundário. Então, depois de sérias crises diante da existência das artes plásticas, do vigor e do valor da pintura, de sua existência como suposto artista ou não, como pintor ou não – crises célebres hoje em dia –, ele, ao lado do Cubismo, ao lado da existência de um Picasso, consegue produzir um movimento de ruptura extremamente vigoroso e de tal vontade e concepção de ruptura que não só vai reformular o campo da pintura e da visualidade como vai intervir nesses campos de tal maneira que já não se sabe mais onde começa e onde termina a aplicabilidade da idéia de obra de arte. Digo, portanto, que, mais do que em outros, do que em Picasso – não que este não o fizesse –, Duchamp é um desses precursores do Quinto Império, pois seu ato de criação abole a Interdição do Incesto na obra de arte. Isto é maneira metafórica de dizer. Ou seja, aquilo que nomearia as linhagens – isto é obra de arte, aquilo vai para o museu, aquilo outro para o lixo, para o meio da rua ou para a loja de bugigangas – fica abolido. Do mesmo modo que o Incesto era capaz de estabelecer linhagens entre os seres humanos.

Como Duchamp faz esta revolução? Com atos sucessivos de mostraçõ e demonstraçõ, em funçõ do que ocorria na sociedade do seu tempo, da coisa mais simples, mais banal, que se pode entender em relaçõ à produçõ de arte. Que o radical ART significa simplesmente: toda e qualquer articulaçõ produzida como artifício industrial, como costume chamar, ou como mero artifício em funçõ da Natureza, como outros chamam. Articulações humanas são da ordem da arte, ponto. Como estabelecer distinção entre uma articulaçõ qualquer e uma que, supostamente, é nomeável obra de arte e colocada dentro do museu? Ele faz o gesto subversivo que abole de uma vez por todas a Interdição do Incesto no campo das artes.

É claro que os mercados da vida vão continuar, em função mesmo da existência daquele que fez o ato – por exemplo, Marcel Duchamp –, a chamar isto de obra de arte e aquilo não. Mas isto está desmoralizado. Não encontramos mais fundamento para dizer que o que está na galeria ou no museu é mais obra de arte do que este pacote de balas que tenho na mão. Não há mais fundamento a não ser aquilo que os artistas, em função da sua existência suposta como especialistas de alguma coisa, tentam insistentemente, mediante poderes constituídos, fazer sustentar-se como circuito de arte, mercado de arte, etc. O ato de Marcel Duchamp foi no sentido de situar qualquer articulação humana como capaz de ser colhida e apresentada como arte. A grande invenção do *ready-made*, que ele exercia com parcimônia (para simplesmente não desbragar o processo de indicição de obra), hoje está à nossa disposição. Que nós queiramos, por vias estéticas as mais estapafúrdias ou por nosso gosto pessoal, dizer que achamos isto ou aquilo muito bonito e o preferimos a aquiloutro, é um problema de poderes constituídos na ordem da sociedade vigente, e não uma questão de nomeação de obra de arte.

Seria o caso de se falar em morte da obra de arte, ou morte da arte? Alguns preferem este caminho de índole hegeliana. Acho isto bobagem, pois justamente no ato de abolição dessa distinção vai dito que isso não morre. Enquanto houver gente, haverá essa articulação. E, aqui e ali, alguém vai escolher tomar tal objeto – a caixa de som que está aqui ao lado, por exemplo – e colocar no canto de sua sala como o supra-sumo da escultura. Não podemos deixar de lembrar que nesse objeto, nas confusões tecidas para com a arte industrial, a arte aplicada aos utilitários, sejam pré-históricos ou contemporâneos, houve uma articulação plástica. E aí vai junto *a intenção de produção de algo que esteticamente interessa*. A quem? Esta é outra questão.

É claro que o sistema é capaz de reabsorver o ato de Duchamp. Sobretudo porque ele próprio, sistema, não chegou ao Quinto Império e insiste em fazer regredir, psicoticamente, esse ato para o passado. Então, encontramos a preservação do mictório de Duchamp dentro do museu. Isto quando encontramos mictórios pelo dia inteiro e vivemos no museu do mijo universal...

- Pergunta – *Você diferenciaria o movimento de Duchamp do que hoje em dia se faz quando se coloca qualquer objeto como obra de arte, esse vale-tudo?*

Por que não? Ele não diferenciou. Apenas foi cauteloso em função do sistema de seu momento. Para poder mostrar e demonstrar que essa passagem é possível, ele não podia sair desbragado. Teve que, cautelosamente, construir grandes articulações que fossem mostrativas e demonstrativas de que se tratava da mesma coisa, e de que só determinadas instâncias de poder, nomeando isto como obra e aquilo não, é que faziam esse processo se efetuar. A questão que você acaba de colocar, e que ronda nossas cabeças evidentemente, está na dependência de que o sistema, a sociedade ainda existente, jamais deu esse passo. Ela enquanto tal, e não a obra. Enquanto sociedade, o Incesto não foi abolido. As fronteiras não foram abolidas. O passo que faria com que a Modernidade se realizasse jamais foi dado. O passo de Duchamp, ele foi dado. Ele foi lá ao Quinto Império, mas a cultura não foi. Estamos, então, outra vez, deglutindo em nível mais baixo, em níveis de extração inferiores, seu ato, o qual veio no sentido cauteloso de mostrar e demonstrar essa passagem. Uma vez mostrada e demonstrada, só insistimos nisso por recalcitrância de nossa formação anterior. Do contrário, quando se indiferencia a obra, não se está dizendo que a arte morreu, e sim que ela se disseminou. São instâncias de poder, relativas aos Impérios anteriores, que ainda insistem em reduzir atos de absoluta abolição a atos de nomeação.

Duchamp é, portanto, um grande precursor, mas que, segundo nosso processo de visão, jamais foi inserido em seu devido lugar. Do contrário, estaríamos, sim, cultivando todas as manifestações artísticas, criativas, sem a tolice, que ainda fazemos, de achar que o que está dentro de uma Bienal é obra de arte e o que está fora não o é. Aquilo é uma lata de lixo. A lata de lixo de minha casa pode ser mais interessante esteticamente. São organizações de mercado, organizações sociais, de poder, de quem é quem, fulano é artista, sicrano não é. Isto não vale mais. Acabou. É esta a comparação que faço com a ordem do Incesto. Independentemente de laços de consangüinidade, de sexo... A abolição,

de lançar o homem em seu lugar – que é absolutamente de indiferenciação e, portanto, de manipulação e articulação do-que-quer-que –, ainda não chegamos lá. Mas os precursores chegaram.

Então, só para fazer breve comparação, no campo das artes plásticas, como situar Duchamp? Ele é artista do quê? Da palavra, do som, da plasticidade, do movimento corporal? Ele é artista na articulação. Ao passo que Picasso, evidentemente, é um artista plástico. Seus quadros e mesmo suas *assemblages* escultóricas, etc., são trabalhos de artista plástico.

• P – *Tenho conversado com alguns artistas plásticos e me parece que o fato de o Bispo ter sido escolhido para a Bienal de Veneza os ameaçou. Sua escolha para lá estar rompe, até mais do que Duchamp, na medida que ele é louco...*

Acho ainda um pouco retrogressivo nos referirmos a um Bispo, a um maluquete de hospício – pois é o que ele é (Duchamp não era maluco de hospício, e sim maluco de rua, o que é diferente) –, e atribuímos a ele alguma vontade de ruptura ou escolha. Ele fez o que brotava de sua deliração. E aquilo é arte, não tenho a menor dúvida. A espécie humana é absolutamente *détraqué*, de tal maneira que fazer cocô é arte. Qualquer criança sabe disto. Não há como tomar algo nosso e dizer que não seja arte. Outra coisa, é estabelecer-se um diálogo intenso e extenso com as produções no sentido das preferências, das explicações. Mas como distinguir? Onde está a fronteira? Não há mais. Foi demonstradamente abolida, sobretudo por atos como o de Marcel Duchamp.

• P – *Pode-se pensar na articulação do olhar...*

Muitos artistas endereçaram não a obra, mas o olhar. Quando se está construindo o olhar, ou ele é meramente vicioso segundo nossa sintomática, ou se pode, por exemplo, fazer operações de reconstrução do olhar. Posso produzir estranhamentos para mim. Quando não consigo produzir o estranhamento direto no psiquismo, posso fazer exercícios de olhar o mundo de cabeça para baixo, por exemplo. Faça isto e observe bem se o mundo não muda. Você estará desconstruindo o seu olhar no que desconstrói a posição do olho e do corpo...

• P – *Os teóricos da Comunicação têm, meio apocalipticamente, insistido na idéia de estetização do cotidiano a partir dos meios de comunicação de massa: a publicidade, a televisão, as novas tecnologias. Pelo que você está dizendo, poderíamos inferir que esta estetização estaria caminhando no sentido do Quinto Império?*

Acho que não. O de Duchamp é um ato cujo vetor é progressivo. Ele explode as nomeações e as configurações. A mídia costuma tentar impor repetições, deformações, que são formadoras de mentalidade estética, mas me parece o contrário, seu vetor é regressivo. Ela tenta impor formações no sentido de produção dessa coisa abominável que anda na cabeça de certos ditos filósofos contemporâneos ligados à tal idéia de Comunicação, que é a produção de *senso comum* estético. Isto é retrogressivo. Não há aí um *ato* no sentido progressivo. O que há, sim, é que, na disputa de mercado, eventualmente a diferença começa a se disseminar e a desencadear processos de absoluta relativização. Mas isto é efeito. Não é o ato deles que resulta nisto. É o efeito de haver a confusão das mídias. Toda vez que alguém começa a brandir a idéia de Comunicação, há uma séria vocação para o *senso comum*, esta imbecilidade que ainda vigora por aí.

* * *

No caso do som, da música, comparemos um Stravinsky com Schönberg.

Digamos que Stravinsky estivesse próximo de um Picasso. Era um modernista. Não que também não dê o passo de que estou falando, mas precisamos distinguir onde ele é mais intensivo. Com Stravinsky acontece o mesmo que pudemos ver com Picasso na linhagem de vários acontecimentos anteriores (do Impressionismo, por exemplo, que produziu revoluções pictóricas, visuais). Contemporâneo do Impressionismo, temos Debussy tentando reconstituir o panorama auditivo em cima de uma escala optativa de cinco tons inteiros e causando estranheza. Temos também, no movimento romântico, o

ex-amigo de Nietzsche, Wagner, tentando quebrar sucessivamente a seqüência da tonalidade, mas num modulacionismo inteiramente dentro da tonalidade. E Stravinsky inventando um universo musical aparentemente novo, mas ainda inteiramente construído segundo o império da tonalidade. Ainda que seja sobreposição de tonalidades, o politonalismo – aliás, a meu ver, aproveitado por Villa-Lobos com mais originalidade do que por Stravinsky – como esses outros, são tentativas modernistas de deformação do espaço sonoro, da textura musical, mas ainda mantendo a distinção entre tonalidade e não-tonalidade. Temos também músicos que vão abolindo a definição de música e não-música, como Cage, por exemplo, nos Estados Unidos, mas não falarei deles hoje. Não é um passo tão gigantesco quanto o de Duchamp...

O que faz Schönberg? Por que seu passo pode parecer mais aproximativo do Quinto Império do que o de Stravinsky? Porque ele começa a construir uma música – que é mesmo de difícil escuta, as pessoas não gostam, embora até esnobem, se digam eruditas e conhecedoras da música dodecafônica – segundo a explosão da ordem tonal. Ele consegue isto e o faz demonstrativamente. Ele não joga fora simplesmente a tonalidade, e dane-se. Não. Ele explode a cadeia tonal, reconstitui em cima de doze sons sucessivos uma cadeia que pode ser permutada à vontade, mas não se esquece da materialidade do som nas suas quantidades de vibração. Ele vai constituir penosamente um Tratado de Harmonia capaz de suportar de maneira lógica e auditivamente aceitável a construção desses objetos sonoros.

O nascimento do tonalismo e da tonalidade na história do som no Ocidente é perfeitamente compatível com os movimentos espontâneos cantantes do corpo humano. As sucessões melódicas que, no começo da história da música ocidental, acabarão produzindo a idéia de polifonia, de acordes, de harmonia, são perfeitamente compatíveis com a espontaneidade do canto, dos sons produzidos pela espécie. Ou seja, dos sons produzidos pela corporeidade segundo o Primário e reinstalados na cultura, optativamente é claro, conforme o Secundário ali vigente. No Oriente, encontramos outro tipo de vocalise, mas que também é perfeitamente compatível com a corporeidade. Não encontramos na

história da humanidade, para trás, nos Impérios anteriores, nenhum vocalise de pássaro, de gente, de nada, sobre o império do atonalismo. Schönberg, então, mantendo a produção musical e musicante, abole os Impérios anteriores um pouco mais fortemente do que, por exemplo, a obra de Stravinsky.

* * *

Os movimentos explosivos dos Surrealistas, do Dada, do Futurismo, no campo da literatura, são extremamente vigorosos no sentido de indiferenciação dos movimentos anteriores, digamos, supostamente mais ligados ao Primário e à sua mimese no Secundário. Mas há um chamado James Joyce, que, no término de sua produção, com o famoso *Finnegans Wake*, começa a explodir o literário, o sentido lingüístico ou languageiro dos sintomas-língua – no sentido em que Lacan fala de *alíngua* – em que se escrevia até então a literatura.

Embora sustentando – se não, a demonstração não viria – um sintoma-alíngua, a língua inglesa pela qual optou, isto é, embora mantendo este sintoma como base de construção, vai explodindo sucessivamente o intercuro *sexual* de línguas. Então, por abolição do Incesto lingüístico, vai produzindo intercursos espantosos de tal modo que *Finnegans Wake* é uma pilha de vocação para o Quinto Império. Ao mesmo tempo que a língua-sintoma que suporta *Finnegans Wake* é absolutamente esfrangalhada, deturpada, pelos intercursos das línguas misturadas. Mas isto, sobretudo pelo pulso de Joyce em sua *escrita*, desvinculando-a dos sentidos pregressos e da obrigação de se estar apenso às referências primárias como costumeiramente se apresentavam no Secundário.

• P – *Com isto, você não está demonstrando que Finnegans Wake é obra de arte? Então, não está totalmente abolida a fronteira...*

Não estou demonstrando, e sim dizendo que o é. O próprio *Finnegans* abole a fronteira. Se você viaja demais dentro do texto, se você viaja demais junto com Duchamp, junto com Schönberg, e explode mais ainda, onde fica a fronteira?

• P – *Mas isto vira um critério de estabelecimento de fronteira, não?*
Como?

- P – *Abolir a fronteira, vira critério de estabelecimento do que é obra de arte.*

Abolir a fronteira, naquele momento, tornou-se critério de obra de arte. Ou seja, no momento dessa produção, a abolição da fronteira foi, quem sabe, o critério. Embora, quando lemos os críticos de Joyce e dessa gente toda, vemos que não estão interessados na abolição da fronteira, e sim em salamaleques literários que estão no meio da obra. Estão se masturbando com as gracinhas de Joyce, e não com seu ato. O que quero dizer é que, mesmo que esse ato tenha sido, naquele momento, produtor de nomeação de obra, e sobretudo porque o meio, a sociedade, onde se deu, não tendo dado o passo, recolhe para trás e chama aquilo de nomeação de obra, esse ato, levado a suas últimas consequências, abole isso. E, a partir daí, qualquer grupo, qualquer indivíduo, vai, nas articulações do mundo, escolher um campo para gozar artisticamente, seja com o que for. Isto porque são articulações da espécie. Não tenho como traçar fronteiras, e sim como me apropriar de formações que prezo e que, politicamente, quero convencer – aí, voltamos ao velho Kant: gosto não se disputa, mas dá para discutir –, impor a determinados grupos como sendo mais do cacete do que não-sei-o-quê. Só isto, pois pode aparecer um maluco extremamente brilhante, competente, que tomará o rebotalho do rebotalho do que se chamaria obra para justamente trazer e alçar à posição de obra.

Os movimentos dos precursores são deglutidos, fagocitados, pela cultura, mas vão no sentido dessa abolição, de tentar que tenhamos referência no Quinto Império. Mas ainda não a temos. Estamos oscilando. Se conseguíssemos nos referir, como peço ao analista que o consiga diante do analisando, a uma Indiferenciação radical, tomaríamos a frase, o dito, do analisando, por exemplo, como do mesmo nível, valor e significação de qualquer outra coisa. Então, ele vai nascer de si para outras formações, a partir de seu processo de Indiferenciação de si mesmo. É assim que vejo a cabeça de um Duchamp e o esforço de um Joyce em sua escrita. Em Joyce, aquilo vai explodindo de tal maneira que, em alguns momentos, não sabemos mais se estamos lendo inglês. Há um estranhamento. Que língua é aquela? Até a língua – sintoma de base sobre a qual foi

construindo a demonstração –, começa-se a ter um estranhamento com ela. Frequentemente não se sabe mais em que língua estamos. Pode ser algo esquisito, uma língua nórdica daquelas, por exemplo, menos puramente o inglês.

• P – *Fica parecendo que a arte dos precursores que você está citando é mais arte do que este caderno que tenho nas mãos, por exemplo.*

Fica parecendo porque estamos falando deles, são famosos, estão no museu, mas eles não achavam isto. Eram capazes como Duchamp de tomar um caderno, colocar na janela, deixar que o vento virasse as páginas, e considerar que o virar as páginas, pelo ato de se ter colocado o caderno na janela, era da ordem da obra de arte. Isto porque eles não se tinham posto no museu. Nós é que o fizemos. Não esquecer que estavam no processo de demonstração. Seja quem quer que tomemos, mesmo depois, um Beuys, um Warhol, o próprio mecanismo de mercado e de publicidade desfigura tudo isso. Ou seja, posso produzir uma prostituição universal do campo da plástica, dentro dos critérios do capitalismo, fazer a demonstração disso, lavar as mãos, e ainda recolher a grana que sobrar.

• P – *Pelo que você tem falado, parece que, quanto ao Império do AMÉM, sempre só serão possíveis precursores, e nunca o Império. A maneira de sua instalação não foi encontrada. Portanto, só teremos precursores.*

A maneira de se instalar foi encontrada. Quando falo nesses precursores, quero dizer que seu ato foi um passo nesse sentido. Acontece que isso ainda não se instala como processo genérico. Então, é refagocitado para trás.

• P – *Você fala na “bobagem do senso comum”, mas será que é possível, em algum momento explodir o senso comum?*

Não sei se é possível. A bobagem do senso comum é uma bobagem instalada sintomaticamente. Ele podia ser relativizado de maneira contratualista, sem ser um senso comum, mas puramente operacional, por exemplo. O que me parece doentio em certos pensamentos contemporâneos é a vontade, às vezes chamada democrática ou senso comum, de arrolamento dos sintomas numa boa. Isto realmente me parece impossível. O que me parece possível é, quem

sabe, conseguirmos fazer certas relações contratuais se cada vez mais nos encaminharmos para a referência ao Quinto Império, que indiferencia para trás, mas que não deixa de apresentar para si mesmo os problemas sintomáticos de cada região, de haver corpo, disso, daquilo, e isto ser tratado contratualisticamente, pragmaticamente, sei lá como. Não farei guerras santas ou raciais de saber quem deve ou não estar no museu. Isto é besteira. Então, diante disso, podemos organizar uma exposição de não-sei-o-quê e passar o resto da vida discutindo que isto é muito mais *rico* do que aquilo. É diferente dizer que tal obra é mais rica, mais abrangente, do que outra e dizer que ela é intrinsecamente diferente da outra. Não é. Existem obras mais ricas e outras mais pobres. Umas mais abrangentes e outras *menas*... (estou quase perfeito, estou chegando lá)...

- P – *Em sua indicação dos precursores, observo que todos já morreram...*

Mesmo porque não sou maluco de falar dos vivos.

- P – ... *e eu queria saber se você é um precursor.*

Isto é problema de vocês, não meu.

* * *

Do ponto de vista, por exemplo, da arquitetura, todo o esforço do movimento intenso da chamada Bauhaus – que não era só de arquitetura, mas de artes plásticas em geral, embora a tendo como base – é modernista. Isto na medida em que desqualifica a produção da arquitetura que não seja no sentido de uma abstração, mas é ainda muito apegada à ordem corporal das funcionalidades. Veremos – embora não estejamos tocando nisso hoje – que no chamado Pós-Moderno, que nasce sobretudo de uma vocação arquitetônica, é em cima da Bauhaus que vai incidir sua crítica. Há na Bauhaus certo purismo que é parecido com o de Picasso, o de Stravinsky. É um purismo funcionalista.

Onde, então, poderíamos encontrar – e certamente não é no retorno pós-moderno – um esforço maior no sentido do Quinto Império? É difícil falar disto em termos de arquitetura. A não ser que chamemos de arquitetura a

produção em certas regiões do desenho industrial. Por exemplo, a tentativa de produzir espaços radicalmente atectônicos em vez de arqui-tectônicos (como sabem, *tectonia* é haver embasamento: constrói-se a partir de um chão). Não dá para se construir espaços atectônicos aqui no planeta, mas as naves interplanetárias são construções que, pelo menos a partir do momento que entram em órbita, têm que levar em conta a atectonia. Assim como há uma tentativa plástica entre o desenho industrial, a arquitetura e a pintura, que é a produção da Moda. Ela tentou ser atectônica na medida em que se tornou *unissex*. A recomposição dos corpos de tal modo que freqüentemente podemos nos equivocar – não é enganar-se –, ou seja, passar por alguém e, às vezes, ficar sem saber para que lado é. Sem trejeitos, sem maneiras, a construção da figura se torna indiferenciada do ponto de vista da distinção do sexo anatômico. Isto, para mim, é mais aproximado da atectonia das naves do que a própria Bauhaus, que é funcionalista.

Há, por exemplo, uma coisa engraçada neste país. Chama-se Oscar Niemeyer. É uma figura espantosa. Constrói casas inabitáveis. Está cagando e andando se corpos humanos vão usar aquele troço. Faz umas naves, uns negócios, absolutamente horríveis do ponto de vista da habitação. Aí as pessoas pensam que é uma escultura. Acho que é uma piração que há na cabeça dele de tentar construir uma arquitetura que não o seja.

* * *

No caso da psicanálise, nosso velho Freud, se o tomarmos em sua generalidade, não passa de um modernista. Lacan faz o esforço maior da Modernidade. Mesmo porque soube beber direitinho nas águas de um Duchamp, de um Joyce, por exemplo. Ele tenta construir algo que possa ir abolindo os Édipos da vida, as configurações culturais em que Freud ainda está tão preso. Mas é uma pena que isso tenha rapidamente se transformado em igreja. Então, a igreja lacaniana já não nos deixa pensar muito a respeito desse passo gigantesco que, quero supor, ele quis fazer, do tamanho do de um Duchamp. No encaminha-

mento de sua obra, sobretudo quanto mais se chega para o fim, mais a coisa vai explodindo e já nem mesmo mais interessa o Nome do Pai, mas sim aquilo que gostam de chamar *a loucura de Lacan*, que não são senão relações topológicas de amarração, bolos de barbante, nós cegos (em todos os sentidos).

Queria apenas apontar-lhes alguns precursores. Próximo semestre, retornaremos com outras questões.

22 JUN

8

A FUNDURA DO TALHO

Retomando o Seminário neste segundo semestre. Como sabem, nosso tema geral tem sido *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*. O que desenvolvemos até aqui é de deixar claro que não é por vocação estritamente artística, no sentido comum, que este título se apresenta. Espero que, cada vez mais, isto se torne claro mediante, inclusive, algumas leituras que vocês podem fazer. O interesse do termo *Arte*, e subsequente do apelido *Estética*, não é segundo o regime habitual.

* * *

Hoje, gostaria de fazer um pequeno interlúdio na série do Seminário deste ano no sentido de apontar algumas apresentações que se podem tomar a partir de certos acontecimentos, pelo menos dois.

Como sabem, Freud, na décima-oitava *Lição Introdutória à Psicanálise*, numa alocução bem conhecida, apontava que as feridas – que chamamos de narcísicas – que a ciência infligiu ao ingênuo amor-de-si da humanidade teriam sido três mais importantes. Copérnico: aquele que mora num mundo que não tem mais centro na Terra – foi onde ele colocou a humanidade. Darwin, aquele que achava que o homem não foi criado diretamente por Deus, mas descende dos macacos. E ele próprio, Freud, que veio dizer que o homem não é sempre consciente de si. A ferida narcísica mais

parece um *talho* que cada vez mais se aprofunda. A ponto de nos perguntarmos o que vai efetivamente separar quando este talho estiver completo. A psicanálise tem sua própria seqüência de aprofundamento desse talho. Primeiro, com Freud mesmo quando aponta que *Eu* não é necessariamente consciente. Depois, um chamado Lacan veio intrometer-se na história do *Eu* freudiano, acoplá-lo com o filosofema cartesiano do Sujeito para dizer: *Eu* é Sujeito, pura brecha, apenas representável de significante para significante. Este foi seu truque, que terá aprofundado um pouco mais o talho. Entretanto, isto não foi suficiente. Foi mesmo precário. Se não um redondo fracasso.

É preciso tentar dizer, de novo, quem é *Eu*. Por isso, arrisquei-me: *Eu é absolutamente idêntico a si, mas, enquanto Sujeito, é apenas rememorável na experiência da hiperdeterminação*. Portanto, não é nem ao menos representável. Apenas que o efeito de sua comemoração, ou rememoração, pode propiciar alguma “criação” no seio do Haver. A este momento de suposta criação poderíamos chamar de um *surgimento*, quem sabe se do Sujeito, deste que não é representável. Por isso, o apelidei de *Surjeito*. Uma espécie de surgimento, uma emergência, que não é representação, no seio do Haver. Vejam, então, que a tendência é que a apelidada ferida narcísica venha se mostrar definitivamente como talho capaz de uma ruptura bastante radical, não no sentido de rupturas científicas, epistemológicas, essas antigüidades, mas no de romper com o primata que costumamos ser. Portanto, se é para isso, na verdade, não se tratam de feridas, mas, ao contrário, são intervenções cirúrgicas que mais não fazem do que extirpar do homem recalques que o oprimem e o encolhem. Então, vamos parar com esse papo de ferida narcísica, são cirurgias excelentes para nos transformar em gente.

Semestre passado, aconteceram duas coisas importantes para a Nova Psicanálise. São dois textos que apareceram por aí. Primeiro, o livro de Jean-Claude Milner, *L'Oeuvre Claire: Lacan, la Science, la Philosophie*, editado pela Seuil, Paris, fevereiro 95. Segundo, a tese de doutoramento de nossa colega Maria Luiza Furtado Kahl, intitulada *A Interpretação do Sonho de Freud*, aqui na ECO/UFRJ, em junho 95. O que estes dois acontecimentos têm de

importância para a Nova Psicanálise é sua virtude de esclarecimento, de informação e de divulgação.

O livro de Milner – uma figura conhecida no seio do falecido lacanismo, um lingüista da melhor expressão na Europa, e de formação psicanalítica no seio da Escola, também falecida, do Dr. Lacan –, aconselho que todos o leiam depressa. Depressa, quer dizer, comecem a ler, pois terão que lê-lo devagar já que é um livro um tanto difícil, sobretudo para quem não estiver acostumado com sua linguagem. É da melhor qualidade. Desses livros que os lacanianos não gostam que existam. Mas existem muito claramente. Trata do “óbvio ululante”, porém muito bem apontado com rigor, vigor, erudição, humor e até mesmo amor. O óbvio que está nesse livro, que justamente por sê-lo raras pessoas conseguem ver, é a grandiosa implosão do edifício teórico construído por Jacques Lacan. O grande espetáculo – que aqueles que tinham olhos para ver viram *durante o acontecimento* – de implosão de um edifício magnificamente construído, mas que, assim mesmo, como a maioria dos edifícios, não dura para sempre. E é uma implosão vertiginosa. O que em nada afeta o vulto e a soberania de Lacan. Muito pelo contrário, é porque construiu um edifício grandioso e porque esse edifício deveu implodir no seu momento adequado, que podemos dizer que ele encerra um período, uma era, de pensamento e dá chance de se inaugurar outra. É claro que não há descontinuidade absoluta nem corte radical entre uma coisa e outra, nunca houve. Mas isso tem conseqüências que devemos observar, às quais devemos dar o máximo de atenção e estudar com cautela. Daí a importância, e recomendo de novo àqueles que querem acompanhar mais de perto o que tenho trabalhado, que leiam cuidadosamente, estudem, o livro de Milner.

Verificarão, então, como tenho apontado – e não posso me dar ao luxo de fazer este tipo de trabalho, não há forças para tanto, ou bem faço o que tenho feito ou o trabalho de análise dos acontecimentos científicos e intelectuais, mas estamos sabendo disso e foi por isso que tenho que tomar outras providências –, que o que chamam de lacanismo, de lacaniano, essas coisas, hoje em dia, ou bem são um *fóssil* ou bem um *museu*. O lacanismo, hoje, não

passa de comparecer senão sob estes dois aspectos. Não é que tenhamos vontade de xingar o lacanismo ou, muito menos, Lacan, a quem prezei pessoalmente e prezo sua memória com o maior carinho. É uma questão simplesmente de que quem pode observar, acompanhar, verificar que – como Milner verifica (melhor do que os que verificaram até hoje, pois não foi o único a fazê-lo) e nos dá as articulações e endereçamentos que demonstram o que acabei de dizer (ele não trata disso, quem está tratando sou eu) – o lacanismo funciona como *museu* quando se apresenta mediante o espetáculo de certas instituições, associações, psicanalíticas ou assim ditas, que, tendo tido a chance e a honra de conviver com a presença da mestria de Lacan, insistem, talvez por reverência, se não por nostalgia, em manter em cena o espetáculo daquela época que tivemos sorte de viver. É a isto que chamo de *Museu Lacaniano*, que deve ter seus méritos, como todos os museus o têm.

Certa vez, afora os que já conheci por aí, visitei um pequeno museu nos Estados Unidos onde havia sido a residência de George Washington. Achei interessante como daquela maravilhosa casa de fazenda à beira do rio Potomac conseguiram fazer um museu no qual, quando se entrava, estava-se convivendo com a época, teatralmente instalada, do habitante ilustre daquela casa. Se você quer visitar o museu lacaniano, ver, por exemplo, como é a casa onde Lacan me recebia, a sala onde eu esperava por ele, o divã onde me deitava para ele me escutar, a mesa onde ele escrevia, pode ir lá. Pode até ver como funciona o arremedo de instituição que se tentou elaborar sem se conseguir, com as aparências de funcionamento da época em que ele lá estava como presença. Isto é uma das formas com que o lacanismo pode sobreviver. É claro que sem nenhuma eficácia. Não vale mais, não faz mais nada para a frente, mas é um museu para quem quiser saber o arremedo de como fora o movimento lacaniano.

A outra forma, como disse, é a do *fóssil*, que é um pouquinho pior, pois não tem nem a justificativa de ser um museu que a gente visite para saber como aquilo era. A forma fóssil do lacanismo é a que comparece mediante instituições, agremiações, associações, qualquer tipo de produção, de “sujeitos” que se dizem ligados à psicanálise sem de modo algum ter tido a chance de

participar efetivamente do movimento ao redor de Lacan, e nem mesmo o conheceram. Eles insistem em se organizar em sua tentativa de produção, que pode até ser séria, mas a ignorância a respeito da implosão não os deixa ver que não estão fazendo nada. Pensam ainda estar produzindo ao redor de um edifício lacaniano o qual foi definitivamente posto no chão. Considero-os fósseis porque são empedrados nas formações teóricas que teriam sido produzidas naquele movimento e que já foram para o brejo. Não têm nem ao menos a justificativa de serem um museu daqueles que conviveram com o mestre e estão mantendo a memória dos rituais, dos comportamentos que se faziam quando ele estava por ali e que ruíram também junto com o edifício do lacanismo.

Isto sem comentar, nem dar nenhum título ao ensino da psicanálise na Universidade, que, como todos sabem, é absolutamente distante da prática analítica e que não faz senão produzir, como a Universidade costuma produzir, novos guias turísticos do acontecimento teórico chamado psicanálise.

* * *

Vocês, talvez, terão a impressão de que estou tentando ressuscitar na figura de Lacan a noção que tínhamos do que chamávamos de *Mestre antigo*, seja Sócrates, Jesus Cristo, ou quem for. Esse mestre se caracterizava por sua *presença insubstituível* e por sua *sabedoria* ligada indefectivelmente a essa presença. Em contraposição ao que chamamos *Mestre moderno*, que se quer – como o mero professor universitário, por exemplo, que é onde comparece com mais frequência assim desenhado – absolutamente substituível. O professor fica velho, é aposentado e coloca-se outro em seu lugar. Morre, chama-se outro para concurso. E que também não precisa de nenhuma sabedoria, basta supostamente dominar certo saber que vai transmitir, como peça substituível, para os alunos.

Engraçado é que nosso velho mestre, Jacques Lacan, procurou a vida inteira por uma teoria psicanalítica capaz de fundamentar a noção de ciência, capaz de dar estatuto mesmo ao pensamento científico, de tal maneira que sua

transmissibilidade direta, digamos que por via matemática como costumou falar durante um bom tempo, fosse capaz de produzir, de uma vez por todas, o mestre moderno, substituível e sem sabedoria, e abolir o mestre antigo, insubstituível e sábio, cuja presença era necessária à sua transmissão. Justamente, Lacan quebrou a cara. O edifício que veio ao chão, que implodiu pouco depois de sua morte, quando isto se tornou evidente, veio demonstrar que o que sobrou de Lacan foi o mestre antigo insubstituível, cuja presença nos serviu de alguma coisa e que não sendo integralmente transmissível, pois ele não era propriamente um matema – era apenas um mau-tema –, o que sobrou foi algo de sua sabedoria. Ou terá sido outra coisa?

Como não acredito em *Moderno*, muito menos em *mestre moderno*, já que lhes garanti que, conforme a frase de Bruno Latour que posso endossar, *jamais fomos modernos* – tentei mostrar no quadro negro a seriação que me permitiu dizer isto –, posso até supor que o mestre antigo desapareceu, o mestre da insubstituíbilidade de sua presença e do necessário de sua sabedoria. Mas também essa coisa que querem chamar mestre moderno e que procuramos dentro da Universidade não é senão o que chamei de guia turístico da besteira cultural, sem mestria de espécie alguma. Então, já que não creio em moderno, gostaria de situar isso que talvez efetivamente tenha sobrado de Lacan, e que nos serve para recolher e tentar repetir, que é o *Mestre Pró-Moderno*, e não pós-moderno, pois esta porcaria graças a Deus não existe. O mestre que pretende chegar ao Moderno, que ainda não foi instalado, esse Mestre Pró-Moderno ainda precisamos de sua presença. Ele não é integralmente transmissível, não há o matema dele. E se houver, não adianta nada, pois o próprio matema *também* não se transmite integralmente: foi apenas um sonho pálido de Lacan.

O Mestre Pró-Moderno, com sua presença, é insubstituível de modo diferente do mestre antigo que portava sua essência, pois ele é simplesmente *singular*. E se não é também portador de uma sabedoria, ele é, pelo menos, portador de um *exemplo*: é um Mestre Exemplar. Talvez precisemos retomar a forma nova, Pró-Moderna, da existência falhada do mestre antigo para ver se ainda fazemos alguma coisa que preste. O Mestre Pró-Moderno é o que insiste

no advento do AMÉM, tal como coloquei aqui, para que o Império d'OESPÍRITO possa efetivamente vigorar.

Fazendo uma pequena paródia com um dito de Lacan, eu poria que Marx e Lenin, Freud e Lacan, não são emparelháveis por nenhuma letra, daí tanto seu fracasso como sua disfunção. Vocês aprenderão a ver com clareza no livro de Milner como Lacan tentou estatuir a psicanálise e, com seu estatuto, estatuir o que fosse ciência no sentido da transmissão integral do que uma matemização ou matematização pudesse fornecer, tornando matemático o conceito de *Letra* e, posteriormente, tendo que abandoná-lo tentando colher como, pelo menos, parcialmente matêmico – e portanto por esta via integralmente transmissível – o seu famigerado nó borromeano. A vocação Bourbaki caiu por terra na própria matemática, e portanto na psicanálise, bem como todos os ideais de ciência em sua integralização e transmissão absolutas se encaminham, como aquela vaca nossa conhecida, decididamente para o brejo das defecções. Hoje em dia, sabemos, por insistência e por fracasso de Lacan, que não há absolutamente nada integralmente transmissível em sua forma e em seu conteúdo. Aprendam isto cuidadosamente no livrinho de Milner. Leiam, estudem de página em página para entenderem, de uma vez por todas, esse acontecimento desastroso porém profícuo, bem como para lhes dar oportunidade da visão do que acontece como museu e como fossilização ao nosso redor.

Aqueles que não sabiam disto, e entre eles os que continuam a pensar que Lacan inventou o conhecimento e o pensamento na década de 50 – que antes não existiam e que depois nunca mais vai haver –, vão talvez entender que nosso percurso de estudo e mesmo de convivência, mínima que seja, com o pensamento e a presença de Lacan nos fez, *pari passu* dos acontecimentos que mostraram a implosão do edifício, entender a implosão e termos que nos virar. Que não era por gracinha que estávamos, desde então, sob o impacto nada confortável, e mesmo angustiante, de ver o edifício não se sustentar, ter apostado nele, ter apostado mais do que no edifício, no *ato* de sua fundação, de sua insistência, de sua repetição, e portanto termos que fazer alguma coisa. Ou 1) pegar o boné, ou 2) ir para o museu, ou 3) nos fossilizar, ou 4) *tentar sustentar*

de pé alguma coisa que remanescesse do ato e não do edifício. Este foi nosso caso. Nem museu, nem fóssil, tento – a meu ver insatisfatoriamente, porém não vejo nada melhor – insistir nesse ato e, portanto, não poder repetir a baboseira do discurso pregresso, embora insista em repetir o seu ato.

* * *

O segundo acontecimento, como lhes dizia, foi, afinal, a apresentação e defesa da tese de Doutorado de Maria Luiza Kahl, intitulada *A Interpretação do Sonho de Freud*, feita sob minha orientação na Escola de Comunicação. Ela se deve, sobretudo, ao trabalho com afinco, ao exercício inteligente, ao estudo atencioso da autora da tese, que fez o grande favor de me explicar de volta o que eu estava fazendo todo esse tempo. Pelo menos para mim, a explicação serve. E no que serve para mim, e no que foi a tese reconhecida por pessoas do melhor gabarito nesta instituição como, conforme disseram, mesmo exemplar, vai servir àqueles que quiserem acompanhar os passos que estou tentando dar e alguns que já dei. Vai servir como livro didático da melhor qualidade para esclarecimentos *disso* que tive que fazer porque *aquilo*, como está mostrado no livro de Milner, ruiu.

Digamos que essa tese – que ainda não está sob forma de livro, mas aqueles que efetivamente quiserem se interessar acharão um modo de se aproximar, antes mesmo que saia em livro – é uma espécie de exoterização da minha prática teórica. Prática esta na qual, enquanto dirigida a supostos entendidos em análise e na medida em que é freqüentemente só alusiva às teorias, aos textos que interessam para a sua formação, jamais paro demais para explicar os meandros dos campos de onde retirei certas informações e certos apoios. A tese, diante do meu esoterismo que pede didatização, é, quem sabe, a sua exoterização. Estudem-na também com toda atenção, se quiserem acompanhar meus passos.

Do que trata a tese? Ela simplesmente faz certo balanço da falência do lacanismo, não diretamente, mas, observando o que tem acontecido – apesar do sonho lacaniano de matemização, fracassado – no campo daqueles que

pretendem nos emprestar alguma noção mais ou menos segura do estatuto da ciência. Em torno do discurso científico e da tentativa de se dar um estatuto ao pensamento científico é que se desenvolve a tese, usando isto como panorama de fundo para tentar mostrar, se não demonstrar, com base nos autores mais importantes do campo – autores estes que tenho utilizado durante estes anos de meu Seminário –, o lugar e o sentido da Nova Psicanálise dentro do campo freudiano, dentro da situação da psicanálise hoje: a Nova Psicanálise assentada no que eu quis chamar de teoria do Pleroma e tentando constituir um novo estatuto teórico-clínico para ela. A tese vem mostrar, se não mesmo demonstrar, que isto foi conseguido. Ou seja, que a Nova Psicanálise vem efetivamente situar-se ombro a ombro com os processos de reflexão sobre a ciência no mundo contemporâneo, se não às vezes superando alguns processos no que indica uma possibilidade de repensar de maneira profícua, para além dos fracassos anteriores, o de Lacan inclusive, a possibilidade de se estatuir de outro modo o que seja ciência.

É um belo trabalho, bem oportuno para mim, muito esclarecedor para a Nova Psicanálise, principalmente na medida em que tenta situar o porquê da minha insistência no que chamo de Clínica Geral e, sobretudo, da insistência na possibilidade de se estatuir, com o nome que dei, *Gnômica* – no momento de sua posição, este nome foi uma brincadeira –, uma teoria do pensamento científico. Vocês vêem que a tese é audaciosa, mas não menos audaciosa e pretensiosa do que a atitude do autor da Nova Psicanálise. A autora não tem culpa, é apenas alguém que segue isso com brilho, precisão, estudo e acerto. Portanto, se as pessoas estudarem o livro de Milner, para entender a implosão do edifício lacaniano, e estudarem a tese de Maria Luiza, para entender a tentativa de construção da Nova Psicanálise – que os incautos, por não saberem muito bem do que se trata no pensamento de Lacan, e muito menos no meu, pensam que se trata da mesma coisa, quando é radicalmente diferente, mesmo oposto em muitos lugares –, poderão talvez colaborar, num processo de *interlocução*, para me encaminhar melhor daqui para a frente na tentativa de projetar o novo edifício, podendo mesmo ajudar a construí-lo. Por que devo fazer todo o trabalho sozinho?

No entendimento deste processo vocês poderão verificar por que a minha insistência na *Arte* já há vários Seminários: **Arte & Fato, Est'Ética da Psicanálise, Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral**. Por que estou batendo nesta tecla? Pretendo tomar isso melhor no próximo encontro. Hoje, é um interregno para nos situar e peço que vocês também se situem, já que têm esses dois textos de auxílio. Vocês verão cada vez com mais clareza que, dado o construto que desenhei como Pleroma e dado o modo como desenvolvi o manejo do Esquema Delta que esboça o Pleroma, não há como não pensar que, em não havendo nenhum Sujeito para cá de sua possibilidade de Denúncia ou de sua emergência como Sujeito da Renúncia no seio do Haver não como representação mas como puro efeito, não há como não pensar que, no que só nesses instantes supostamente “criativos” há emergência de Sujeito – do Sujeito absolutamente não representável que vive em abismo lá no Cais Absoluto entre Haver e não-Haver –, esta emergência criativa depende daquilo que, desde o começo, chamei ART, usando o radical para nomear o processo de criação como surgimento de *articulação*: artifício portanto.

Semestre passado, eu disse aqui, e alguns ficaram com olhos arregalados, que colocava a Arte hegemonicamente acima do resto. Neste sentido, vocês verão no passado dos meus textos, na indicação da tese de Maria Luiza, como no futuro do que vou apresentar outra vez, que o importante é que destaquemos o momento de emergência, que chamo de Arte, do qual até mesmo aquilo que possa ser chamado de Científico depende. Ou seja, a ciência é uma arte cujas formações observantes são diferentes das formações observantes das coisas que chamamos as artes, como é diferente das formações observantes dessa coisa que se chama filosofia, etc., etc. Sendo que estou colocando a psicanálise não como filosofia, mas no vértice do lugar de pensamento desde onde se pode constituir a visão pela qual é possível que *o homem* venha a dizer-se o lugar do *artista fundamental*.

É isto que começarei a encarecer na próxima sessão. Hoje, não quero ir mais longe. Deixo o tempo à disposição de intervenções e perguntas que possam ajudar a encaminhar o nosso movimento.

* * *

- Pergunta – *A sabedoria não é efeito também de uma singularidade? Qual a diferença entre sabedoria e exemplaridade?*

Algum filósofo presente talvez explicasse melhor. Mas vou tentar esclarecer um pouco pela visada que tomo. O mestre antigo era suposto *mestre em si*. Algo aconteceu que fez daquele homem um mestre: ele porta a mestria no seu ser, o *ser do mestre* é a sua essencialidade. Portanto, sem sua presença essa mestria não comparece, pois a mestria não só está colada nele como emana dele. Dele, enquanto, digamos na linguagem antiga, sujeito, portador, se não mesmo receptáculo dessa mestria. Ora, se isto for verdade, é preciso sua presença e ele é único e insubstituível. Mas é insubstituível não enquanto uma singularidade que põe determinada coisa, e sim porque A Sabedoria enquanto tal, a essência, o ser da sabedoria universal está metida dentro dele, e isto o faz o mestre que ele é.

- P – *Como a sabedoria está metida dentro dele? O que faz dele um sábio?*

Aí, podemos estudar a filosofia antiga para saber como se os tratavam e o que se esperava deles. É uma fonte de onde emana determinada sabedoria. Ele é o gênio. Qual foi a tendência do pensamento científico e do processo de matemização? Passar isso para o papel: transmitir em forma de letras, livros, anotações, esse saber que eliminaria a necessidade da presença do mestre. Qualquer um que tiver acesso a esta transmissão pode se apropriar dela e ser um transmissor daquela coisa que se transmite integralmente em si mesma. É o suposto mestre moderno, absolutamente substituível. É alguém que sabe aquelas coisas, arranja um emprego na Universidade, por exemplo, pode-se trocá-lo por outro, pois todos sabem aquelas mesmas coisas, estudam os mesmos livros, se não estudaram hoje, podem estudar amanhã, não tem importância, acabam aprendendo... Ele não é portador de nenhuma sabedoria, não tem nenhuma essência de mestria, nem de gênio. Além de ser substituível, apenas é receptáculo e depositário de um saber que pode estar em várias pessoas, pode ser simplesmente um funcionário da transmissão do saber,

portanto, ele não conta como presença. Foi assim que a Universidade virou essa ... que vocês vêem hoje.

Estou dizendo que a suposição da transmissão integral via matema, que foi o melhor que se fez até hoje, e quem fez foi Lacan, de supor que se pudesse dar estatuto não só à psicanálise como à ciência como integralmente transmissíveis, isto fracassou redondamente. Todos já sabem, hoje, que não dá para ser assim. Esse fracasso terá deixado todo mundo sem mestre, no nível do mestre moderno. Efetivamente, pergunto: se o mestre moderno é aquele que vigora, substituível e portador de saber, por que não fechar a Universidade? Nós todos temos computadores, redes tipo Internet, da melhor qualidade, um volume enorme de livros, revistas, disquetes, CD-ROM... Aquilo que, didaticamente, um mestre desses sabe fazer em sala de aula, um CD-ROM faz melhor. Há necessidade de se insistir na Universidade? Se há, é porque o mestre moderno nunca existiu e que não é bem assim, embora o mestre antigo tenha desaparecido e também saibamos não ser bem assim.

Estou propondo o Mestre Pró-Moderno. Sua presença é necessária sim, embora ele possa ser vários. Não qualquer um, como no caso do mestre dito moderno em que qualquer um que tiver o saber serve. Não basta o saber. Há algo do *gênio*, que não é dele, que cai sobre ele, que não emana dele, mas a que ele está subdito. O que exige a sua presença. Por isso, estou falando de *singularidade*: um local singular que está sob o império desse gênio que corre aí pelo mundo. Então, ele não é um mero professor, um mero transmissor de saberes, e tampouco o ser da sabedoria, mas sim *alguém exemplar* e raro. Raro, ainda que sejam muitos. A raridade não é quantitativa.

- P – *O mestre moderno está no discurso universitário de Lacan?*

Lacan sonhou, desejou, construir uma teoria que abolisse a mestria. No que a abolisse, aboliria a filosofia que, para ele, era o protótipo do discurso do mestre. Aboliria também a Universidade, de dentro até, pois fundou um Departamento de Psicanálise dentro dela. Aboliria isso tudo e teria então um processo de transmissão integral, por via matemática. Isto se demonstrou um redondo fracasso.

- P – *Então, singularidade nada tem a ver com o S_1 de Lacan?*

Lixo com tudo isso. Significante, isso não existe, é uma besteira, não serve para nada.

- P – *Pelo que você disse, não há diferença entre o ato poético e o ato analítico?*

Não há, *em ato*, a menor distância, pois o artista é esse analista e o analista, esse artista. Fora da análise, qualquer momento de captura dessa pressão hiperdeterminante é o que chamo de função Artista.

- P – *É também o caso do Mestre Pró-Moderno?*

O Mestre Pró-Moderno é um visitante da hiperdeterminação. Portanto, os analistas é que deveriam ser mais exemplares disso. Mas não fiquem contentinhos não, pois é preciso saber *onde* há analista.

[...]

Uma hora, falo do artista, aquele criador de obras, outra, do Artista, aquele *lugar*. Assim como essas pessoas chamadas analistas na sociedade podem nada ter a ver com o Analista. A postura que acabo de colocar e de nela insistir é no sentido de tomarmos mais cuidado, atenção, para com esse tipo de coisa, pois o movimento de, digamos com precisão, disseminação da bobagem se deveu demais à suposição – da melhor intenção, da melhor qualidade reflexiva do Doutor Lacan – de que se poderia constituir o matema de tal maneira que fosse integralmente disseminado. Portanto, quem não é analista? Se conseguíssemos esse tipo de transmissão, todo mundo ia se tornando analista. Por isso é que virou a bagunça que está aí, que é decorrente de um pensamento rigoroso sim, só que fracassado. Pensamento de que se poderia transmitir um matema, de tal modo que, de repente, ninguém precisaria mais do analista. Vai-se ao matema e faz-se análise. Só que o analista, se ele existe, ainda continua necessário como presença. Muito longe do matema, e absolutamente não formável por nenhum Cartel.

- P – *Como você distinguiria a criação do cientista da do artista propriamente dito?*

Foi o que comentei tão depressa que talvez não se tenha notado. O que tenho que pensar, se for possível constituir o que chamo de Gnômica, é que o momento artístico é aquele, lá em cima, do qual dependem todos os processos. Suponho que talvez possa desenvolver algo que responda à sua pergunta no sentido de dizer que são as formações observantes que se diferenciam na produção disso que chamamos comumente de arte, de ciência, etc. É a diferença entre as formações observantes quanto às observadas. Que tipo de formações são escolhidas para produzir o que chamamos de produção científica? Isto na decadência, na ordem da modalização. Mas são um ato poético, portanto eminentemente artístico. E cá embaixo, as formações observadas se diferenciam pelas formações que estão em jogo. Ou seja, que formações estão em jogo para que se polarize determinada produção mais para um lado que se chame de científico, mais para outro que se chame de artístico, ou mais para outro que se chame de filosófico? Não vejo como, melhor do que Deleuze e Guattari, fazer nenhuma fronteira. Mas, quanto a isso, estamos incipientes. Tenho direito ainda a alguns Seminários.

• P – *O cientista não seria criador somente da equação simbólica da formação que é observada, ao passo que o artista seria criador até mesmo da própria formação observada?*

Não sempre. Imagine Cézanne diante da montanha Santa Vitória. Ele tem do lado de cá uma formação de cores, tintas, materiais, tela, uma formação pictórica, e, do lado de lá, uma formação chamada montanha Santa Vitória. O que faria um cientista ao lado de Cézanne observando a montanha? Ou será que a pintura de Cézanne é uma certa ciência da montanha Santa Vitória? Não sei onde passa a fronteira. Só posso pensar em *polarizações* de formação. Você viu que alguém mais preparado do que eu para isso, Deleuze, fica inteiramente embananado num livro chamado *Qu'est-ce que la philosophie?* Então, temos que ir com cuidado.

10 AGO

9 SOLÉRCIA

Dando continuação ao Seminário. Da vez anterior, chamava eu atenção para dois acontecimentos textuais que sobrevinham em benefício de nosso trabalho. O primeiro, no sentido de indicar a falência, é o caso de dizer, de certo sistema de pensamento, embora recente, nem por isso menos valioso ou menos significativo, que foi o chamado lacanismo. E depois, um texto realizado nesta Escola que aponta a verdadeira inserção, no mundo das idéias e das forças teóricas contemporâneas, do que, aos tropeços, venho apresentando com o nome de Nova Psicanálise.

* * *

Já começávamos a indicar, como aliás já indicáramos em Seminários mais antigos também sobre os temas da Arte, da Estética, a vontade de situar o que chamo de *Arte* na hegemonia dos processos de produção humanos – o que pode causar alguma espécie. Hoje, gostaria de conversar um pouco sobre esta questão. Por que estou pensando a partir do termo e do radical ART, mesmo no sentido de situar as demais produções humanas, inclusive isso que costumamos apelar de *conhecimento*?

Escrevo de novo a palavra *Solércia*. Não é a primeira vez que a aponto como importante em nosso encaminhamento. É um termo da língua latina, que veio parar na língua portuguesa e do qual eu gostaria de fazer um conceito

para a Nova Psicanálise. É com este conceito que vou situar *Arte* como hegemônica, ou seja, no comando de qualquer processo de criação. Falo em Solércia, que vem do latim *solertia* ou *sollertia*, onde quer dizer: astúcia, esperteza. É composto de dois outros termos latinos, que, em português, é fácil verificar que significam: só arte. Assim como se diz de um corpo “inerte”, sem arte, *solerte* é: só com arte, arte só. O grande dicionário de latim do Saraiva aponta que o termo vem de *sollers* ou *solers* e tem, portanto, a significação de: indústria, habilidade, destreza – termos que são utilizados por nós com frequência. Em latim, se diz: *imitare solertiam naturae*, imitar a indústria da natureza. Como sabem, segundo a regência do que chamo Pleroma, trata-se justamente dessa equi-paração, se não mesmo equi-valência, ou identidade digamos. Diz-se também: *verborum solertia*, que significa a arte do estilo. O termo também significa: sagacidade, penetração, finura, ardil, arteirice, manha. E, no que mais nos interessa, *artifício* – que é o de que antes eu falava a respeito do que se passa no Haver. Eliminando as diferenças radicais entre Natureza e Cultura ou qualquer tipo de manifestação humana, costume dizer que tudo é artifício. Há artifícios espontâneos, ou naturais, e artifícios industriais – o que é quase uma redundância sobre o termo, pois são os artifícios produzidos pelos homens. Então, no sentido do que foi estatuído no Pleroma, quero falar da *solércia do Haver* como tal, o que chamo de artifício espontâneo, e da *solércia do Homem*, esta espécie esquisita que é a nossa, capaz de artifício industrial.

Remetendo-me a alguns textos de François Laruelle, comecei a apontar que é semelhante a seu raciocínio falar-se do Haver com’Um, do homem com’Um. Mas isto é uma tirada de Laruelle. Nós, podemos dizer: o *Haver que há*, o *Homem que há* – é Isso que há. E *há* significa *Haver com’Um*. Portanto, a solércia do Haver que há não difere da solércia do Homem que há. Lá nas grimpas do movimento da Libido, do movimento pulsional – que desenha o embasamento do que quer que haja no Haver – do Esquema que desenhei para tentar expor o que penso ser o Pleroma, temos aquele lugarzinho de impossível passagem para o não-Haver que me faria respeitar, afinal, o que

determina ALEI da estrutura do Haver (Haver desejo não-Haver). Mas, por essa impossibilidade de passar a não-Haver, lá nas grimpas, no lugarzinho que chamo de Cais Absoluto, onde mora o Real, a coisa tem que desistir e retornar porque é impossível passar. Impossível passar a não-Haver, portanto, retorna-se peremptória e inarredavelmente à imanência do que há. Mas na visita que se fez ao lugarzinho chamado Cais Absoluto, na experiência da rememoração, da referência ao outro lado que não há, e que no entanto é desejado, encontra-se, por referência a essa experiência, uma chance de retornar à imanência do Haver com algo “novo” na mão. É “novo” entre aspas porque só é novo, se não de novo, naquele momento de criação. O Haver talvez já o reconhecesse, se o pudesse. Mas, para esta espécie que tem a mesma estrutura, trata-se de algo que foi retirado, quem sabe, de uma indiscernibilidade para esta espécie e trazido *de novo, como novo*, para o seio de sua atuação. É nesse momento aí, essa chance de criação, de retorno para a imanência do Haver mas com algo na mão, recolhido não da experiência mas por *referência* à experiência de impossível, é esse transe e esse trânsito aí que chamo *Ato Poético*, no sentido genérico. O Ato Poético como tal é esse momento de fazer emergir *como novo* algo no seio da imanência do Haver, e isto só é possível mediante a rememoração da experiência de Cais Absoluto.

Pouco me importa que isso aconteça na espontaneidade do artifício do Haver sem a presença de homens – quando o Haver se renova por si mesmo, é um Ato Poético do Haver –, pois não reconheço o tal Sujeito, ou se é um Ato Poético de alguém desta espécie, que sofre da mesma idiossincrasia. Então, situando aí o Ato Poético em sua mais ampla e mais alta generalidade como criação do “novo”, a qual depende de hiperdeterminação – recurso, no Cais Absoluto, à Indiferenciação do que está discernido dentro do Haver –, temos um Ato Poético cuja *prova* é uma emergência, isto é, a eclosão, mediante o que já chamei de *Gnomo* – repetirei daqui a pouco o que seja –, no seio do Haver, daquilo que eu chamara de Sujeito da Renúncia ou Renúncia de Sujeito e que, para rimar com o Gnomo das formações e para abandonar o termo Sujeito, que já não nos serve, prefiro agora chamar de *Gnoma*. Pela emergência de um Gnomo, reconhecer a emergência de um Gnoma.

Estou, então, situando essa coisa chamada Arte, mediante a grande Solércia do Haver e do Homem, na dependência dos Atos Poéticos, seja para qualquer tipo de “criação” que for, onde estão em jogo formações do Haver nos mais diversos níveis. Certa vez, disse algo que tem deixado pessoas com dificuldade quando resolvem fazer trabalho, tese, alguma coisa, a partir de produções minhas. Ficam, no rigor de alguma epistemologia, de algum material de conhecimento, cheias de problemas para poder aceitar a frase: *o que quer que se diga é da ordem do conhecimento*. Ora, temos as formações do Haver em geral: o Haver como formação, a formação com’Um, a grande formação *que há* no seu Um. Haver Revirão é a formação que sustenta o movimento dessa formação do Haver como sustenta a formação do homem. De lá para cá, há a decadência, o estilhaçamento das formações, uma fractalização generalizada, onde aparecem miríades de outras formações. Do ponto de vista das formações que interessam às estratificações das produções humanas, já falei aqui da necessidade de pensar certas formações de nossa espécie, não necessariamente idênticas às de outras ou mesmo do Haver em geral, como formações que sustentam nosso movimento de articulação: formações primárias, secundárias e da grande formação originária que, por hiperdeterminação, subverte as próprias construções das formações primárias e secundárias.

Da vez anterior, respondendo medianamente a uma pergunta que me foi colocada, falava em *formações observantes* e *formações observadas*, coisas de que já falei no passado e que utilizei para dar uma resposta que é preciso longamente desenvolver. Quero dizer que posso me despreocupar da existência emperrada – no Ocidente, na tal filosofia sobretudo, principalmente na herança cartesiana da qual Lacan faz parte –, que posso me desemperrar do tal *Sujeito*. Use o termo quem quiser, podemos também usar, mas não com aquelas acepções, portanto podemos abandoná-lo. Em qualquer tentativa – fiquemos no regime de nós humanos – de abordar algo do Haver, abordagem esta que vai resultar, digamos, numa produção qualquer – se quisermos usar a terminologia de um Badiou, podemos falar em matemática, poética, política,

erótica; ou falar nos “planos”, de Deleuze e Guattari –, do que se trata aí? Há uma formação qualquer, que inclui uma imensa quantidade de formações menores. Digamos, uma pessoa, num laboratório, observando um objeto de pesquisa científica. Ela é um conjunto enorme de formações primárias, secundárias, da ordem de sua formação biótica, de seus conhecimentos, ou seja, de seu repertório, de sua inserção na própria existência de um mundo de pesquisa, onde há um laboratório e uma política de laboratório. Tudo isso é uma grande formação que, apenas se utilizando como tal, como a formação que é – e que talvez não tenhamos a menor condição de descrevê-la por inteiro, pois muitos aspectos seus são ou ainda obscuros ou de descrição difícil, levar-se-ia talvez séculos com um grande computador tentando descrevê-la –, ela, enquanto formação com seus movimentos, e formação esta que eventualmente pode ser acossada pela formação originária, vai abordar, mapear, outra formação que está lá como formação a ser abordada. Antigamente se falava em sujeito e objeto. Não se trata disso, e sim de que há uma formação observante, mapeante, e uma formação observada, mapeada.

A *resultante* desse encontro é que faz as pessoas sonharem que são Sujeitos, que têm algo misterioso – só porque têm a pressão da hiperdeterminação, sonham com isso. Não acredito mais que haja nada disso. Há uma formação, que não deixa de ser sintomática – eventualmente, se isto acontecer, acossada por uma hiperdeterminação, rara de acontecer –, e uma outra formação. Só que faz parte das formações de cá a mobilidade, a motilidade e a mobilização no sentido de abordar a outra formação. É um tesão que lhe dá, como o tesão de comer uma comida, ou alguém... Dá-lhe, enquanto formação, um tesão de agredir uma outra formação para saber dela. No que isto acontece, qual será a resultante? O “conhecimento” que esta terá daquela formação? De modo algum. Será uma resultante da transa dessas duas formações. A ponto de, de repente, não mais sabermos quem é mapeante e quem é mapeado. Mas o movimento começa assim.

Este é o máximo possível de abordagem dessa coisa chamada realidade, ou seja, as formações do Haver, que podemos pensar. A resultante da transa,

chama-se de um troço, uma “obra de arte”, uma “teoria científica”, um “*gadget*”, e faz-se um esforço enorme – como vemos contemporaneamente tanta gente fazer e não conseguir – de continuar mapeando: isto é ciência, matemática, poética, política, erótica, plano de consistência... Sim, qualquer um vale. Podemos fazer polarizações e talvez alguns aspectos do que chamei de formação observante, a que pensa que está fazendo o mapa da outra formação, ou teve esta intencionalidade, este tipo de tesão, é que vão indicar mais ou menos semelhante a que outro tipo de produção já conhecida aquilo é. Ou seja, isso parece uma produção científica, pois antigamente naquilo que se chamava ciência a produção era dessa ordem. É a suposição de conhecimento a respeito de determinada formação, a qual não é senão o *intercurso sexual* – o nome é este – entre duas formações. Então, falo de *formações observadas*, e não de objetos; de *formações observantes*, e não de Sujeito; e de *formações resultantes*. Nós é que deixemos de ser tão pretensiosos e vejamos que o que há é isso.

Acontece que, aqui e ali, um exercício qualquer ou um mero acontecimento sem possibilidade de descrição empurra alguém, onde essas formações se cruzam, para aproximar-se de sua hiperdeterminação. Ou seja, aproximar-se de fazer valer, vigorar a formação originária. Eis senão quando ficamos estatelados, perplexos, porque parece que algo “novo” surgiu. Disseram um conhecimento novo, um poema novo, uma transa nova, uma organização, um estrato político novo. Estou dizendo, então, que lá na última instância desses acontecimentos estamos no regime do Ato Poético, cuja Arte portanto. Por isso, digo: hegemonia do Artístico. Não esse que assim chamamos, da pintura, da música, etc., mas a Arte do Homem: a possibilidade do Ato Poético resultante numa produção de ARTiculação, de ARTifício, em qualquer lugar e qualquer nível que seja. Daí, eu dizer que a hegemonia, que o que comanda nossa abordagem, segundo a perspectiva da Nova Psicanálise, de toda e qualquer produção, seja científica ou poética, artística, o que for, é a referência ao Ato Poético e o ARTifício e a ARTiculação que daí possam decorrer. Por isso, posso me dar ao luxo de dizer que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Isto

porque, se não foi criação de conhecimento aqui e agora, o foi algum dia. E se não foi produção de conhecimento por um homem, foi a espontaneidade do Haver. Se disso posso dizer o-que-quer-que, estou falando de um conhecimento produzido.

A partir desse modelito – que tem que ser desenvolvido longamente, se conseguirmos –, é que vem o que tenho chamado, mas com pouco desenvolvimento, de Gnômica.

* * *

Uma *Gnômica* seria o que a Nova Psicanálise poderia tentar produzir no lugar de uma epistemologia, de uma teoria do conhecimento.

Há pouco falei em *Gnomo* e *Gnoma*. Este último, é um termo que a Nova Psicanálise usa para nomear o que nela, de início, quando estávamos engatinhando nesse caminho, se chamou Sujeito da Denúncia e, depois, Denúncia de Sujeito, para, ulteriormente, verificarmos que se trata de Sujeito da Renúncia e, enquanto tal, desistir dele. Para quê falar em Sujeito?

O grego *gnome*, *gnomes*, chegou até nós pelo latim *idem*, quer dizer em várias acepções: juízo, talento, inteligência // reta razão // opinião, parecer // proposição, menção // sentença ou máxima // desígnio, projeto // resolução // conhecimento de algo. No dicionário latino do Saraiva aparece como: sentença, adágio ou Gnoma, repetindo-se como termo. *Gnome*, *gnomes* é o nome que, para pensar a tal Gnômica, eu gostaria de dar ao que acontece entre Haver e não-Haver e que, antigamente, chamávamos de Sujeito à beira do abismo, Sujeito da Renúncia, etc. Prefiro, hoje, apelidar de *Gnoma*. Ou seja, algo que conheço por seus efeitos de artifício, com todos esses sentidos de inteligência, juízo, etc. É só o que sei. Quando isso emerge, emerge como um Gnoma.

Na verdade, o termo *Gnoma* “nada” – entre aspas, é claro – tem a ver, a não ser por assonância e por equivocação, que foi mesmo buscada por mim, com o termo *Gnomo*, que já coloquei há bastante tempo. Este, é usado na Nova Psicanálise para nomear as formações do Haver em geral – são Gnomos,

pequenos duendes (brincadeira que fiz na época) – e, em particular, especialmente quando tomadas enquanto formações observadas, mapeadas, na composição renovada que apresentei há anos do velho signo lingüístico de Saussure – Significante/significado – e, que introduzi, *Gnomo*: *S* (Significante) / *s* (significado) / *G* (Gnomo). Eu comentava, então, que tenho um *significante* – no sentido de Saussure (nada tendo a ver com o sentido de Lacan); um *significado*, no sentido de *conceito*, que Saussure pespega como uma face só no significante; e - sem nada ter a ver, e isto é demonstrável, com a velha referência trinária de Ogden e Richards, o triângulo do signo lingüístico – introduzo o *G* do *Gnomo*: *S/s/G*. Há um significante da língua; há um conceito; mas há alguma formação a que isso se adere. E isso é muito amplo, não é um referente objetual, uma coisa conhecida, mas sim a suposição de que: há uma formação a que aquilo se adere. Uma formação foi introduzida na formação chamada signo lingüístico como formação achada, observada, abordada pela tentativa de aproximação pela língua.

Talvez alguns suponham que nomeei de maneira errada, que Gnoma devesse talvez ser a formação observada, e que – como Emmanuel Carneiro Leão sugeriu na defesa de tese de Maria Luiza Kahl sobre *A Interpretação do Sonho de Freud* – Gnomo devesse ser esse homem. Não é. Justamente os Gnomos são os duendinhos. Qualquer coisa supostamente tem um espírito. Como todas as sociedades primitivas nos ensinaram e esquecemos de aprender, não há nada que não tenha um espírito, já notaram isso? Espírito das árvores, das luzes, dos cristais, do teto, da parede. Se não tivessem, não estávamos falando o nome deles. São duendes, pequenos Gnomos, que estão por aí. O Gnoma é simplesmente aquilo mediante o que posso reconhecer que há a suposição de um *lugar* desde onde as coisas se falam entre os humanos (que antigamente chamávamos de Sujeito da Renúncia).

Vocês devem ter notado que há algo esquisito no que acabei de dizer. Estou dizendo que – de um ponto de vista nosso, que não devemos chamar nem de *organicista* nem de *holista*, pois temos um nome específico, que é: *plerômico* – o *Haver*, assim como o que quer que haja como formação em seu

seio, *é um ser vivo*. Coloquem *ser* entre parênteses, pois não se trata de ser. Se falássemos com correção dentro da nossa língua seria: *um Haver vivente*. Por que as pedras são menos vivas do que as galinhas? Por que os planetas são menos vivos do que os cavalos? O conceito ampliado do Vivo abarca todo o Pleroma – o Pleroma inteiro, como *pulsão pulsativa* ou como *pulsção pulsional*, escolham à vontade. Isso tudo pulsa. Isso está vivo. É claro que talvez tenhamos que lembrar que é possível reconhecer uma diferença nesse Vivo, entre o *vivo plerômico* e o *vivo biológico*; são vivos diferentes. Por causa do quê os ditos pensadores, cientistas, do Ocidente resolveram que essas coisas não são vivas? Há um cientista que fez a hipótese Gaia, pensada há alguns anos, de que a Terra é um ser vivo. Acho banal, trivial: *a Terra é um ser vivo*.

Do tal Gnomo, que, do ponto de vista do étimo nada tem a ver com o Gnoma, diz o Aurélio: “[do latim dos alquimistas *gnomu*] S.m. Designação comum a certos espíritos, feios e de baixa estatura” – não sei por que ele acha feio: gosto não se discute –, “que, segundo os cabalistas, habitam o interior da Terra e têm sob sua guarda minas e tesouros”. Vou definir de novo, pois não gostei do Aurélio: Designação comum dos seres vivos, que são as formações do Haver (e mesmo o Haver por inteiro), de qualquer estatura, bonitos-ou-feios, que habitam o Pleroma.

Então, a produção de uma Gnômica – alguns, para não falar em *epistemologia*, chamam de *gnoseologia*, que aliás tem o mesmo radical –, digamos, como “teoria do conhecimento” (entre aspas) se efetua no jogo dessas duas palavras (Gnoma e Gnomo), tanto para designar o *Ator* de qualquer conhecimento – pois há um ator, procure-se por ele (só não sei se é a mesma coisa que autor), pode ser uma formação que ultrapassa determinado indivíduo que recebe os direitos autorais, mas é o que, conforme Laruelle, já chamei de homem com’Um e que prefiro dizer que *é o homem que há* – quanto para indicar, aí é o caso do Gnomo, o *Algo* (a ser) conhecido. Algo a ser conhecido é Gnomo, mas quando chega a produção do conhecimento já não se sabe mais se

ficou no algo ou se é conhecido, pois fez-se a transação sexual do observante com o observado. E quando cobras estão copulando nunca sabemos, não é?

Estou aí começando a endereçar as bases da produção da Gnômica, que há tanto tempo prometo, e dizendo que ela existe sob a hegemonia do Poético e que toda a sua produção é da ordem do Artístico. Dependendo das formações observantes, ou de partes dessas formações, eu diria: isso se aproxima do que gostaria de chamar de científico; aquilo, do que costumam chamar de obra de arte; aquilo outro, do que se permitem chamar de invenção política, ou erótica, ou isso ou aquilo... É certa formação que injeta determinadas obrigações de operação no seio dessa experiência de relação do observante com o observado, no sentido de produzir uma formação resultante, que, na história da humanidade, tem indicado o que deve aproximar-se do científico, do artístico, etc. Tudo é conhecimento, por que não? Se não é no sentido de alguma episteme, de alguma epistemologia, o é no de nossa Gnômica.

* * *

Existe, na história não muito antiga da chamada humanidade, um momento muito interessante que me parece exemplar para desarrumar um pouco essa coisa certinha dos campos de saber e de conhecimento. É algo que, hoje em dia, pode parecer careta na sua composição e mesmo em seu momento histórico, que foi o chamado *Renascimento*, explodido em várias regiões da Europa, por volta do *Quattrocento* e do *Cinquecento*. No campo da arte, sobretudo das artes visuais ou plásticas ou pictóricas, o que quiserem, da arquitetura, da pintura, essas coisas, sobretudo nesse campo, por questões até de luta política no sentido de se encontrar posição melhor para os atuantes nessas práticas, temos um momento extremamente importante, fecundo, para o reconhecimento da verdadeira *Utopia* da criação de que falei, a qual é esse lugar onde um Ato Poético se dá, pouco importa aonde vai cair, em que campo vai fundar ou refundar. A Utopia da criação se dá na relação com a hiperdeterminação, sejam quais forem as formações em jogo cá embaixo, no menor da coisa.

O Renascimento é um momento interessante, pois nele encontramos artistas-cientistas como Leonardo da Vinci, Piero della Francesca, Albrecht Dürer, Paolo Uccello, Luca Pacioli, Bramante, Michelangelo. São muitos nomes, só há um nome alemão aí, mas tem gente por toda parte. Eles são os principais artistas do grande movimento que imperou por vários séculos, não como Renascimento puro, mas aquilo que produziram, inventaram, começou a gerir a ordem visual do mundo por pelo menos uns quatro séculos. Estavam querendo demonstrar que a pintura, por exemplo, era uma ciência tão importante quanto qualquer outra. É claro que o século XVII ainda está longe, mas a mim pouco importa. O que importa é que eles queriam que sua arte criativa, poética, etc., fosse regrada por uma “descoberta”, como chamavam, científica da natureza nos seus processos de representação visual, por exemplo, no caso da pintura. Há certa indiscernibilidade nesse momento entre arte e ciência, pois, através dessas *invenções*, que lhes pareciam ser *descobertas*, estão demonstrando o Ato Poético, justo na eclosão desse Gnoma, como situado no mesmo *lugar*, seja qual for o *Campo Gnômico* de sua aparição.

Estavam organizando um processo de visualização, que consideravam a ciência do olho humano – inclusive, começaram a fundar também a Anatomia como ciência no interesse da Criação e imbricada com ela, pois não era mera ferramenta para eles –, e estavam querendo que fosse o *conhecimento*, ligado portanto à natureza, do olho humano nos seus processos de visualização, e queriam que a *representação* das imagens fosse *cientificamente* compatível com o conhecimento dessa visão. Estavam, então, a indicar que, segundo eles, é no mesmo lugar – que chamei *Utopia da Criação*: lugar do Gnoma – que se dá o movimento de Criação, seja qual for o *Campo Gnômico* da aparição desses resultados. Campo Gnômico é aquilo que querem chamar de ciência, de arte, etc. Tenho, então, que não pensar mais talvez em ciência, em arte, nisso, naquilo, mas sim no Ato poético, no Artista, no homem enquanto Artista dentro do mundo e tentar *descrever, a cada vez, o Campo Gnômico dessa produção*. Até que ponto determinada produção dita científica terá sido, se observarmos bem os seus meandros e detalhes, artística na sua inspiração e na

sua primeira colocação? Então, não interessa mais isso, e sim que se trata de um Ato Poético: de uma formação observante, indescritível na sua plenitude; de uma formação observada, suposta em seus limites; de uma transa entre essas duas formações, como formação resultante; e de que, no máximo, posso aí descrever o Campo Gnômico dessa transação em todos os níveis. E posso suspeitar a intervenção de uma hiperdeterminação forçando o Ato Poético ali.

O Campo Gnômico da arte do Renascimento, especialmente desenho e pintura, que são melhores para observar, inclui o que foi a invenção – tipicamente euclideana, é claro, mas não menos invenção, pois não havia antes – da chamada *perspectiva linear* ou *exata*. Uma invenção *duca* nessa época. Embora o campo seja euclideano, a ciência do olho, instituída pelos aparelhos de laboratório – laboratórios de pesquisa sobre o olho e a visualização de um Dürer, de um Leonardo –, chegou a ponto de criar essa perspectiva, que, depois, foi tentada também no colorismo. Como fazer a perspectiva das cores? É só lerem os Tratados de Leonardo, de Pacioli. É uma grande invenção, de influência fortíssima em todos os Campos Gnômicos da época e do que veio depois, inclusive científicos, políticos, etc. Com esse aparelho de conhecimento por eles, supostamente científico, do olho e da visão, e a criação da Arte compatível com esse conhecimento, como queriam eles, aconteceu uma coisa inédita na história da humanidade, que foi a invenção do *Quadro*, no sentido que o Renascimento deu ao termo: aquela superfície infinita e universal capaz de receber, como projeção euclideana de uma perspectiva linear exata compatível com o olho e com a visão, a projeção *do que quer que* houvesse como formação dentro do Haver. A superfície absoluta de *projeção* como absoluta superfície de representação.

- Pergunta – *E além disso assinada individualmente...*

Nesse momento aí em que nasce essa vontade de individualização do artista, ele está assinando e fazendo um esforço de tornar-se original, mas assinando uma ciência que é para todos, que antes não era. A gerência anterior era teológica, desfazia do indivíduo e as regras eram dogmaticamente impostas sem nenhuma pretensão científica.

A invenção do Quadro e sua forte influência em todo o campo da cultura renascentista e também posterior, mesmo na política, na filosofia, é algo absolutamente novo e com a característica de cruzamento do científico com o artístico. Vejam, por exemplo, como o campo da filosofia, da política, da ciência, foi invadido por idéias como: *ponto de vista*, que é uma invenção do Renascimento, faz parte da estrutura do Quadro; *linha do horizonte* – o horizonte de determinada coisa –, que não é a linha de terra da paisagem, e sim determinada linha à altura do ponto de vista do observador e que regra de determinada maneira o que é inscritível cientificamente no Quadro do pintor; *pontos de fuga*, a convergência das paralelas para alguns pontos; *quadro*, *linha de terra*, etc. Basta lerem o *Tratado da Pintura*, de Leonardo, para verem que é impressionante. Às vezes, morremos de rir, pois sua convicção de que está colocando uma ciência capaz de superar as outras pretensões científicas é algo de arrepiar. E tudo o mais que, no confronto com essa *pressão*, pois o Quadro ganhou a guerra, no Renascimento... De tal maneira que podemos dizer que as formas de organização do texto, as formas de organização de conhecimento na ciência, formas de organização política dentro da Igreja, do estado, começaram a imitar a perspectiva inventada, “descoberta”, pelos pintores renascentistas.

Foucault denuncia ter acontecido bem mais tarde a idéia da observação absoluta, das prisões, que evidentemente não é senão o império do *ponto de vista* sobre uma superfície universal de representação. Vemos, por exemplo, ainda em plena vigência das formas impositivas, dogmáticas, do Renascimento na pintura, como alguns artistas, reconhecendo o imperialismo da perspectiva linear, começam a utilizá-la para questionar da sua onipotência e da onipresença desse olho divino capaz de tudo ver porque inscrito no plano universal do Quadro. Tanto é que, no próprio vigor do Renascimento, encontramos aquilo que Lacan gostava de usar de vez em quando, a brincadeira da *anamorfose*, que não é senão a mera contestação da perspectiva pela própria perspectiva. É um uso sabotador da própria teoria da perspectiva linear, pelos artistas, para dizer que o rei está nu, para falar da morte, para pintar pornografia dentro de convento, coisas dessa ordem.

E depois vem algo da melhor intenção, da melhor consecução, no século XVII, sobre o que Foucault também fez um grande texto de introdução ao seu *Les Mots et les Choses*, que é o quadro de Velázquez, *Las Meninas*, de que já falei longamente sem nenhuma referência a qualquer abordagem por Lacan. Desde então, quando nenhuma abordagem fiz do que Lacan observou nesse quadro, pude mostrar que, no império da perspectiva linear, num lugar que parece Barroco mas que é Maneirista, na Península Ibérica, Velázquez, melhor do que Descartes, aponta que um lugar qualquer para isso que se chamaria de Sujeito não está de modo algum onde Descartes o queria. Utilizando a perspectiva do Renascimento para deformá-la até uma torção topológica da luz de maneira a retirar a suposição de hegemonia do olhar do olho do rei aparentemente para o olho do artista, e depois para o olho de Ninguém. Isso me parece revolução mais importante do que o *cogito* cartesiano. Só que estava pintado, e ninguém notou. Mas, seja na invenção do Renascimento, seja mesmo no uso feito por um Velázquez, onde passa a fronteira entre o científico e o artístico? Exatamente, por favor, onde?

Estão aí os primeiros elementos do que poderíamos vir a conceber – e alguns já se prontificaram a me ajudar na produção disso – o que poderia ser uma Gnômica compatível com a postura da Nova Psicanálise e do Pleroma.

* * *

• P – *Um Gnoma é sempre observante?*

Não. Falei em *formações observantes* e disse que nem sei descrevê-las, não posso nem saber onde começam, onde terminam. Estou dizendo que, no que há emergência de algo, no que se pode suspeitar ou mesmo apontar uma hiperdeterminação em função, chamo de Gnoma. Isso veio de onde? Do Gnoma. Antigamente, chamavam de Sujeito. Ele é aquilo que suspeito no intervalo insondável entre Haver e não-Haver como pressão hiperdeterminante. Cá para baixo, só há formações observantes e observadas, não há Gnoma algum, mas posso eventualmente perceber uma emergência sobre a qual digo: no meio desses Gnomos, há Gnoma aí.

• P – *O que são as formações resultantes?*

São resultantes da transa de forças, ou sexual, o que você quiser. Há uma transa entre formações. Vamos fazer pseudo-ciência com animais. Num aquário, cheio de peixes, joga-se um objeto estranho e os peixes correm para ele. Que tesão é esse? Pode ser fome ou vontade de comer. Supuseram que era uma comida, não era, e ficam circundando o objeto. Que ciência estão produzindo ali? Nenhuma, pois peixe não faz ciência pelo simples fato de que não é acossado pela hiperdeterminação. Mas, enquanto formação observante daquela formação observada, é o mesmo laboratório que nós utilizamos. O que é preciso é acabar com essa pretensão na qual, do século XVII para cá, temos exagerado de achar que somos Sujeitos. Os lacanianos – não Lacan, que não era tão tolo - começaram a pensar que o sujeito fala, logo há Sujeito ali. Como se: falou, é gente. Será? E “no tempo em que os bichos falavam”?

Há, pois, formações resultantes. Por exemplo, que coisa esquisita é essa que estou lhes mostrando há anos e que resolvi chamar de Nova Psicanálise? É a resultante de um troço. Do quê? Uma imensa – e que não sei descrever – formação observante resolveu observar outra formação e resultou nisso.

• P – *É uma prótese?*

Sempre é uma prótese. Tudo isso é prótese. O que não é? Foi produzido, é prótese. Essas formações também, eventualmente, no seu momento adequado foram protéticas.

Mas a resultante que deu foi isso. Não se sabe por que cargas d'água eu estava envolvido nesse troço – eu aqui presente. Mas não era o único, não sei se notaram.

• P – *O Gnomo seria o estatuto do Sujeito?*

Não há sujeito. O que quer que pinte aí é Gnomo. Quer este copo d'água? É um Gnomo, toma. Você já imaginou que, deparando-me com um copo d'água, desses produzidos na indústria, tenho que saber que há uma rede imensa por trás dele? Pega-se o copo, bebe-se a água e se esquece que se está puxando um fio que não sabemos onde termina. Pelo simples ato de beber

um copo d'água, se isso dá um efeito cascata, a lua pode acabar caindo na minha cabeça. Isto porque é uma rede imensa que resultou nesse Gnomo. Não estou dizendo que Gnomo é só isso. Estou tocando um Gnomo infinitamente grande através disso.

• P – *Quanto a uma formação que observa, nos esquecemos de que, ela também, já foi resultante num outro tempo desse mesmo processo.*

E ela é uma formação muito grande, quiçá que infinitamente grande, jamais descritível por inteiro. O máximo que posso fazer, como faz qualquer cientista, qualquer artista, é contar para os outros que o limite da formação observante é x . O cientista diz: tenho um laboratório, um protocolo, a inserção universitária, a bolsa de pesquisa, minha mulher que me corneou ontem, o cara com quem fiquei com raiva porque bateu no meu carro. Está tudo lá. De repente, não batesse o carro na véspera, ele talvez não achasse a solução. Mas as pessoas abrem mão de muitos dos ingredientes para descrever. É a tolice da ciência excessivamente calculante, positivista, mecanicista, de pensar que descreveu o aparelho de pensamento, de produção, de criação de conhecimento, e produziu tal conhecimento. Tudo bem, é um Gnomo, é uma prótese também, vamos conversar.

Mas se entra aqui um companheiro ali do Pinel, e lhe pedimos para dar um pouco de sua contribuição ao Seminário e ele começa a dizer um monte de sandices vão dizer que ele é doido. Mas por que não se diz que o cientista é maluco de fazer a suposição de que o recorte que fez é algo que conheceria mesmo o Haver? Quem é mais doido? Por que esse que está dizendo as sandices que diz, está produzindo menos conhecimento do que o cientista? Não sei é *como situar*. Tenho que fazer um longo estudo da fala desse suposto maluquete para *situ*ar essa produção de conhecimento em seus níveis adequados. Ele está produzindo conhecimento a respeito da loucura dele, ou não? Se não, não posso nem curá-lo, tratá-lo. Se não escutar o que ele diz como provável conhecimento efetivo – pouco me importa isso que chamam de Inconsciente ou não – daquilo que é a loucura dele, como posso intervir? Esta suposição está no fundo: *aquilo de que o cara está falando é conhecimento de algo.*

- P – *Há um não-senso em todo sentido?*

Há uma produção contínua e infinita de sentido. Só que devemos, o tempo todo, ter a noção de que há sentido naquilo que foi produzido que não empata jamais com o sentido daquilo que a gente gostaria que fosse. Há algo que ficou fora, mas nem por isso é menos sentido. E, sobretudo, preciso saber que não sei desenhar as fronteiras para estabelecer efetivamente, precisamente, o que é científico, o que é artístico, etc. Posso *polarizar* isso. E sempre haverá um grande empenho *político*, em função do momento cultural, das instituições em jogo, para essa definição. Coisas de que já falei bem para trás, tentando abordar a Ética, por exemplo. O que há na definição de um campo de algo como ciência ou não, é uma *postura política*. É a *política dos Campos Gnômicos*. Eu, estou apenas tentando substituir certas besteiras pela minha besteira. Pelo simples fato de que acho que é mais eficaz para o momento presente e politicamente mais contundente para o futuro. Suposição minha.

- P – *No quadro de Velázquez, o que você chamou de Maneirista?*

O próprio tratamento do quadro na sua totalidade, se você observar, se tomar um autor qualquer que possa discernir os elementos formais do tratamento do quadro maneirista, verá que estão lá. Não posso considerar Velázquez barroco. Aliás, é difícil qualquer coisa da Península Ibérica ser propriamente barroca. Sobretudo, temos o mau hábito de achar que o Brasil é barroco, que nosso carnaval é barroco. Não é Barroco algum, é Maneirismo. Mas acostumaram a falar assim, agora vai toda a vida. São as formações vencedoras. Confundimos as formações vencedoras com o reconhecimento das coisas. Por isso, somos tão estúpidos.

24 AGO

10 GNÔMON

Falei de *Gnomo* e de *Gnoma* como dois *efeitos* que são ao mesmo tempo *prova* de ter havido um Ato Poético, o qual situei como sendo o acontecimento que está na origem de toda e qualquer *Criação*, de toda e qualquer nova produção no campo do Haver. O *Gnomo* – como brincadeira bem brasileira que fiz – se referia às formações do Haver no sentido mais genérico, sejam elas observantes ou observadas. O *Gnoma*, usei o termo para apelidar a instância entre Haver e não-Haver, que pudéramos ter chamado de Sujeito da Renúncia. Então, para evitar o termo *Sujeito*, digo *Gnoma*.

* * *

Hoje, quero colocar algumas coisas sobre um termo aproximado, que consta do vocabulário filosófico e científico: *Gnômon*.

Não é nem o *Gnoma* hiperdeterminado, nem o *Gnomo* dos pequenos duendes. Segundo o Aurélio, *Gnômon* (ou *gnômone*) tem várias significações: o ponteiro ou outro instrumento qualquer que marca a altura do sol pela direção da sombra // relógio solar // Plural: *gnômons* ou *gnômones*. No dicionário de latim do Saraiva, temos *Gnômon*, *gnomonis* como: agulha, ponteiro (do quadrante solar) // esquadria (quer dizer, esquadro). No dicionário de grego de Isidro Pereira, S. J., temos *Gnomon*, *onos*: que conhece // que interpreta (os oráculos) // árbitro // regulador, regra // agulha do quadrante solar // quadrante

solar. O dicionário de grego de Bailly, um pouco mais alentado, diz: que conhece // que discerne // que compreende, que interpreta (oráculos) // que decide, julga sobre medidas a serem tomadas sobre um campo // o que serve de regulador ou de regra // guardiões das oliveiras sagradas em Atenas // agulha de um quadrante solar, donde, o próprio quadrante // régua em esquadro, esquadro // regra de conduta // paralelogramo complementar de um outro paralelogramo ou de um triângulo // os cinco primeiros números ímpares na doutrina pitagórica // dentes que marcam a idade de um cavalo.

No grosso volume dos *Éléments d'Histoire des Sciences*, Paris, Bordas, 1994, dirigido por Michel Serres, capítulo 3: *Les Débuts de la Géométrie en Grèce*, p. 63 a 99, escrito pelo próprio Serres, usa-se o termo Gnômon como título e seu aparelho como objeto de reflexão. Diz ele: “Temos dificuldade em traduzir o termo *Gnômon*, pois ele vibra com harmônicos situados ao redor da coisa que designa. (...) Literalmente, ele significa, numa forma aparentemente ativa: que discerne, que regra, mas designa sempre um objeto. Em seu comentário da segunda definição do segundo livro de Euclides, Thomas Heath (um autor inglês) o descreve como ‘*a thing enabling something to be known, observed or verified*’, uma coisa que permite que uma outra coisa seja conhecida, observada ou verificada. A aproximação dessas duas coisas ou sua repetição tem sentido: elas têm relação entre si por si mesmas. Nessa coisa ou através dela, no lugar que ela ocupa, o mundo mostra o conhecimento”. Então, é uma coisa, um objeto qualquer, mediante o qual se pode tomar conhecimento de coisas do mundo, ou o mundo mostra conhecimento através dessas coisas chamadas Gnômones.

O que Serres quer nos fazer entender como importante no nascimento da geometria é portanto a diferença que se pode encontrar com facilidade entre o *cálculo*, que tem o efeito de mostraçã, e a *demonstração* tal como reclamava Platão, no *Menon*, quando se trata daquele escravo que iria rememorar o conhecimento infuso que já possuiria mediante a demonstração didática feita por Sócrates. Há para Serres, uma diferença explicitável entre *calcular* ou mostrar e *demonstrar*. No nascimento da geometria propriamente,

o efeito de demonstração será, digamos assim, o parteiro da geometria clássica grega. Ele quer dizer que antes só se calculava, ao passo que, depois, se demonstrava. O tal *Gnômon* – o objeto que serve para fazer surgir conhecimento do mundo – estava envolvido nesse cálculo como não estava envolvido do mesmo modo na demonstração.

Não é isto o que me interessa aqui, porém, é melhormente a definição dada pelo tal Heath, que se aproxima do que eu gostaria de chamar *Função Gnômon* e de generalizar abertamente para nosso uso. Como o termo é um pouco erudito e sofisticado, para generalizar esta função e dar um nome mais brasileiro ao conceito, ou seja, para que possa ser inserido em nossa cultura de maneira mais fácil e simples, direi que se trata aí de um *Parangolé*. Uma vez que um Parangolé – pelo menos os de Oiticica, que vocês conhecem – serve muito bem, enquanto coisa, assim como enquanto conceito, como “uma coisa que permite que uma outra coisa seja conhecida observada ou verificada”. Se não, vejamos segundo o Aurélio: *S.m. Bras., RJ. Pop.* Conversa fiada; lábia. Não foi com este sentido que Helio o utilizou, embora os Parangolés não deixem de ser conversa fiada, lábia, como aliás qualquer Gnômon é conversa fiada da ciência, da filosofia... lábia de filósofo, na qual a gente cai, essas coisas... Helio Oiticica tomava o termo como conceito de um objeto artístico que servia como produção do que chamava *arte ambiental* e que era capaz de distribuir algo da ordem do movimento, de fazer o movimento se exprimir. Não é o Parangolé que exprime o movimento, mas alguém o veste e este faz o movimento se exprimir. Através dele, com sua presença, exprime-se uma dança, um movimento. Em suma, ele faz conhecer alguma coisa quando está presente. Por isso, resolvi generalizar o termo para generalizar o conceito de Função Gnômon. E, para não ficarmos com este termo tão erudito, vamos tratar de Parangolés.

* * *

Para pensarmos o que seja uma *Gnômica* – que é o que estou tentando introduzir há algumas sessões –, tomemos qualquer formação do Haver como

um possível Gnômon, no sentido que aponte. Ou seja, qualquer formação pode eventualmente ser tomada como um Parangolé. Mesmo o Haver na sua totalidade – que, aliás nos veste – é o grande Parangolé do Pleroma. O Pleroma é o Grande Parangolé. Mesmo uma prótese construída – como os próprios Parangolés de Oiticica e outros de cientistas e técnicos – é um Parangolé. Assim como uma teoria, uma obra de arte, uma máquina, um aparelho qualquer, também o são, no sentido conceitual de poder exercer a Função Gnômon.

Faço questão de, num momento como este, lançar mão da produção de um artista, e não da de um cientista ou de um filósofo. Isto, para acabar com a mentira de que conhecimento é apenas regrado do ponto de vista epistemológico. O próprio Michel Serres, numa notinha de rodapé, tenta nos convencer de que epistemologia trata do conhecimento científico, ao passo que o conhecimento em geral – e já é dar uma colher de chá dizer que o conhecimento não é necessariamente científico –, podemos chamar de Gnoseologia. Já tenho colocado aqui que se trata de uma Gnoseologia, mas não no sentido da distinção de Serres. Isso, para mim, é tudo uma Gnose só. Não vejo fronteira traçável nitidamente, se não por um ato aqui e agora. Ou seja, chamo de ciência e digo que tais formações, tais Parangolés, na sua presença, são capazes de me permitir chamar assim em função de determinado contexto; e tais outros Parangolés não me permitem chamar assim dentro de outro contexto. Aí, tenho que chamar de arte, de religião, do que quiserem. Sendo que fica lançado o desafio a qualquer cientista de demonstrar que sua atuação não é uma religião. É só pesquisarmos direitinho, junto com os críticos da epistemologia contemporânea, para vermos que aquilo mesmo que se chama de ciência se aproxima freqüentemente, demais, de formações religiosas.

Então, para pensarmos uma Gnômica, tomemos *qualquer* formação como Gnômon possível. Eventualmente, é um Parangolé. Tomemos os Parangolés disponíveis como *sempre* encontráveis no jogo entre as formações observantes e as observadas quando da produção de uma formação resultante enquanto conhecimento. Como disse da vez anterior, isso que se chama de *conhecimento*, no sentido mais geral da Gnoseologia, não é senão uma forma-

ção resultante da transa – que chamei de sexual – entre formações observantes e formações observadas. Ou seja, quando os Parangolés entram em jogo nessas formações resulta eventualmente um conhecimento, não se sabe de que ordem, a cada caso precisaremos fazer sua descrição, a tentativa de sua inclusão dentro de um estatuto, etc. O que acontece, aqui em nosso caso, é que a coisa conhecida e a coisa perante a qual essa outra coisa seja conhecida se tornam efetivamente indiferenciáveis com muita frequência. Se não por sua antecedência, temporal ou lógica, por algum outro motivo qualquer. O observante e o observado acabam sendo um para o outro Parangolé igualmente. Nessa transa fica praticamente impossível, se não por questões de método de trabalho, distinguir o que é observante e o que é observado. É a bobagem que a epistemologia pensava ser a presença do sujeito no campo, no laboratório, intervindo... e não é nada disso, pois não é necessariamente presença de sujeito algum. Pode ser simplesmente certo Parangolé que ainda não discernimos, ou que nunca discerniremos como interferindo nas formações dentro do laboratório. A pretensão à divindade que os cientistas têm os faz pensar que sua posição de sujeito está interferindo no laboratório. De onde tiraram essa besteira? Quantas coisas ao redor e dentro do laboratório não estão de modo algum discernidas a ponto de sabermos que sua intervenção no processo científico é x ou y ? Não sabemos isso.

* * *

Quero recomendar-lhes três livrinhos que acabei de ler recentemente.

Um, de Simon Le Vay, escrito em inglês em 1993 e produzido pela Flammarion, de Paris, em 1994, intitula-se *Le Cerveau a-t-il un Sexe?*, O Cérebro tem um Sexo? Vocês devem ter lido nos jornais do Brasil da vida que alguns cientistas teriam achado que a sexualidade – masculinidade, feminilidade, homossexualidade, heterossexualidade, etc. – teria a ver com certas inscrições cerebrais. (É claro que jornal sempre diz besteira, pois está mais interessado no sensacionalismo do que na precisão da informação. Isto, aliás, é uma

coisa triste no jornalismo mundial). Mas o que o autor – e outros da construção cerebral, do sistema nervoso central, da ordem anatômica e fisiológica, que costumamos chamar geralmente de neurologia – fez foi uma bela pesquisa a respeito de regiões cerebrais, de núcleos subcorticais ou regiões corticais, que estarão em jogo em certas determinações sexuais. Estar em jogo – chama ele atenção para o fato – não é *determinar*. Ele só pode garantir que certas regiões corticais, bem como certos núcleos cerebrais, que ficam em regiões subcorticais, estão em jogo, às vezes não se sabe muito bem como, no fato de determinadas formações de gosto sexual. Não se pode, de modo algum, segundo essas pesquisas, dizer que essas regiões ou núcleos determinem coisa alguma. Tampouco se pode dizer que o cérebro não esteja em jogo nessas formações. O rapaz é da maior precisão e honestidade científicas.

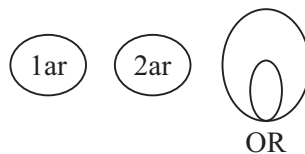
Outro livro interessante é de um “maluquete”, do qual falo aqui de vez em quando. Acho-o genial quanto à tentativa de questionar as vontades de saber da ciência contemporânea. É um cientista reconhecido no mundo inteiro, com diversas pesquisas realizadas. Trata-se de Rupert Sheldrake, que escreveu *Sept Expériences qui Peuvent Changer le Monde*, Sete Experiências que Podem Mudar o Mundo, publicado originalmente em inglês em 1994 e em 1995 pela Rocher, de Paris. Ele é um cientista que vive criando caso com os conhecimentos científicos a fim de mostrar que há uma verdadeira trama de interesses, de jogos de poder, dentro dos laboratórios e da produção do conhecimento científico. Isto de modo a fazer coisas da pior recomendação para os cientistas como: excluir dados importantes para a pesquisa funcionar como o cientista deseja; encaminhar a pesquisa no interesse daquele que está financiando; deixar de contar com aspectos absolutamente inapreensíveis em determinados momentos, que são da ordem do desconhecimento e que estão influenciando em determinadas pesquisas; partir mesmo para forjar de maneira absolutamente desonesta dados científicos (esta desonestidade não é necessariamente consciente, às vezes simplesmente o desejo de que a pesquisa produza determinado resultado faz com que o cientista falseie seus dados). Sheldrake tem também o cuidado – e que me parece, pelo menos enquanto cuidado, uma

atenção de boa qualidade – de levar em consideração fenômenos que, às vezes, são tomados por religiões, por seitas, ciências ditas pouco recomendáveis, como a parapsicologia, etc., mas que – sem entrarmos nesse “misticismo” tolo – devemos continuar mantendo sob suspeita, pois parecem fenômenos absolutamente desconhecidos. Ele cita uma quantidade deles.

O que mais interessa é justamente a indicação que faz da presença freqüente de *fraude* no campo científico. Isto sem termos que, necessariamente, chamar o cientista de desonesto, pois a fraude, como disse, pode ser decorrente de um desejo de que o resultado seja *x*, por exemplo. Mas são fraudes. Quando o cientista permite que se leia seu protocolo – coisa que evita que façamos, pois apresenta resultados, ganha prêmio Nobel, mas quando queremos olhar o protocolo de produção desse conhecimento, ele não permite –, se o olharmos com isenção, veremos que o resultado foi um pouco empurrado para o lado que ele estava a fim, ou que a sociedade estava a fim para lhe dar o prêmio. O que é mais uma coisa que põe em risco o desejo de certeza epistemológica desses cavalheiros.

O terceiro livro é de Antonio Damasio, um cientista português americano que anda bastante badalado nas revistas internacionais ultimamente. Ele também trata da neurologia do sistema central e seu livro, com certa pretensão, se intitula *L'Erreur de Descartes ou la Raison des Émotions*, O Erro de Descartes ou a Razão das Emoções, publicado em inglês em 1994 e em francês por Odile Jacob em 1995. Também um alentado volume de perguntas e respostas a respeito da neurologia do sistema central. Ele vem demonstrar que não é, como gostaria Descartes, possível separar razão de emoção. Não é, por exemplo, possível separar *res extensa* de *res cogitans*. Diríamos nós, pois ele não sabe disso, que também não é possível separar *res extensa* e *res cogitans*, e menos ainda, de *res gaudens*, que é invenção de Lacan em cima de Freud: a coisa gozante, a substância gozosa que ele quis atribuir ao significante. Se é que este existe, mas também podemos questionar se, *como tal*, existem a *res extensa* e a *res cogitans* de Descartes. Ele, por estudos de lesões cerebrais, vem justamente apontar que parece impossível que, sem a presença do que se chamam *fatores*

emocionais, o cérebro também permita alguma razão. Essas coisas parecem imbricadas. Sem a presença do chamado emocional, o cérebro também não resolveria bem as questões ditas racionais. Acho isto banal. Eles estão descobrindo agora, mas nós outros já sabíamos há muito tempo.



Se alguém acredita que possa ser viável como organização teórica o que coloquei como Primário, Secundário e Originário, verá que é impossível – e nem mesmo em caso de psicose talvez isto se possibilite – supormos que algo esteja se dando no regime do Secundário, o que Lacan queria distinguir (como se fosse possível) enquanto estritamente simbólico, sem presenças, dentro mesmo do Secundário, de pressões que não são estritamente racionais, e também sem a pressão, aí dentro, do Primário para o Secundário, de formações que estão no Primário e que não sabemos ler.

Basta lermos com cuidado esses cientistas da neurologia contemporânea para vermos que estão procurando em formações primárias algo que possa dar conta da movimentação do Secundário. É uma pesquisa perfeitamente válida, pois, afinal de contas, o Secundário não fica passeando pelo céu. Se alguém está falando, se manifestando, é preciso que faça cadeias dentro da própria estrutura corporal desse que fala. Passa por ali. Tanto é que, como diz um meu patrício português, aranha sem perna não escuta... Ou seja, se tirarmos o cérebro do camarada, vai ser um pouco difícil conversar com ele, não sei se já notaram. Há uns que, até com cérebro, é praticamente impossível, imaginem sem... Nós, também temos nossos laboratórios – que são tão desonestos quanto os outros...

* * *

Eu falava dos Parangolés enquanto Função Gnômon.

Observem, pois, como fica difícil desenvolvermos qualquer coisa nesse campo, depois de refletir sobre as dificuldades dos cientistas de laboratório com essa maquininha que, digamos, é primeira nos contatos com as realidades transmissíveis para textos, etc., e que é a maquininha de inscrição no próprio corpo. Mesmo quando não há escrita, quando a tecnologia é incipiente, numa sociedade primitiva, na pré-história, isso já é muito rico e são essas pessoinhas, esses corpos, que estão manejando as coisas e fazendo com que funcionem e signifiquem. Às vezes, com muita precisão, com uma tecnologia sofisticada para *antigos*, como os chamamos. Afinal de contas, se estamos aqui é porque, lá, eles souberam fazer as coisas. Se não, aqui não estávamos. Não podemos esquecer isto. A pretensão do conhecimento contemporâneo é exorbitante na medida em que os ditos conhecedores aí não estariam se não fosse o conhecimento que milhares de primitivos tiveram para nos trazer até aqui.

Como disse, qualquer Parangolé serve como tal. Qualquer formação eventualmente pode ser um Parangolé que me exponha conhecimento do mundo. Esses homens que lidam com as questões neurológicas estudam com afinco, pretendem ser sérios, honestos mesmo e fazem esforços de precisão de laboratório, de pesquisa, para, por exemplo, saber quais são as relações entre regiões corticais, regiões subcorticais, núcleos, que possam estar envolvidos em determinadas funções como o afeto, a inteligência, a racionalidade, sentidos de orientação nos animais, pregnância hormonal, a sexualidade, o porquê esse é veado, aquela é sapatão, o outro é machinho, etc. Estão procurando dentro do miolo das pessoas. E até acham que alguma região pode estar envolvida, mas têm a decência e a inteligência de chegarem à conclusão de que não se pode dizer que haja determinação ali. Por mais que seus laboratórios sejam operados com animais inferiores aos humanos – ratos, etc. –, nem mesmo ali se pode ter muita precisão dessas interveniências cerebrais.

Então, no caso da espécie humana que, além de contar com o Primário, no sentido de autossoma e de etossoma (que os animais têm e, praticamente, sobrevivem só com isso – talvez, minimamente, com algumas pequenas

incursões que poderíamos supor serem simbólicas ou secundárias, embora não tenhamos sua demonstração)... Como pode isso resultar em conhecimento sobre uma espécie como a nossa que certamente e evidentemente está composta autossomaticamente, e etossomaticamente deve estar muito mais composta do que a etologia supõe? As intervenções do Secundário fazem parecer que não há essa imposição, mas certamente que há, é só a etologia continuar a pesquisar. Pior ainda, é uma espécie que tem um Originário enquanto processo de reviramento capaz de, por um pequeno tropeço, por um evento, um acontecimento qualquer, fazer com que a máquina, mesmo a máquina cerebral, de inscrição de Primário e Secundário, se explicita ao contrário da inscrição. Ou seja, se manifeste aparentemente de maneira contrária à inscrição que lá parece estar. *Contrária* significa: oposta, no outro sentido e na outra direção.

Fazendo um parêntese, é da maior importância para nós o que os cientistas estão pesquisando, pois: ou bem conseguimos produzir uma teoria do conhecimento – ou coisa parecida, uma Gnômica como prefiro chamar – compatível com nosso laboratório, nossa prática, e que precisa dar conta dos registros que expusemos; ou bem nossa experiência fica meio sem pé nem cabeça e sem possibilidade de contribuir até mesmo para essas outras pesquisas.

Ora, esses homens de laboratório cerebral ficam ligeiramente embananados com questões que lhes aparecem como, por exemplo, em linguagem nossa: o que acontece no regime do Primário, do anatômico, digamos assim, portanto, no da construção autossomática, que é o que conseguem ler mais de perto – é claro que podem fazer perguntas aos etólogos e verificar também na ordem do etossomático alguma coisa, mas, especificamente, o que têm é um autossoma onde procuram ler localizações anatômicas –, que faz com que fiquem impressionados com o fato de que efetivamente – pois está na cara, é observável – transformações, deformações, *lesões* (e quero generalizar este termo para mais do que o que eles possam conceber), nesse campo cerebral são capazes de mudar, às vezes definitivamente, comportamentos, gostos, etc.? Parece que há certa evidência de relações entre formações,

Parangolés cerebrais e Parangolés sociais. De tal maneira que é possível reconhecer que lesões naqueles necessariamente apresentam modificações nestes. Podem ser para bom ou para ruim, tanto é que alguns resolveram inventar a lobotomia ou a leucotomia (a qual é apenas uma pequena cisão das células brancas de transmissão intracerebrais) no sentido de melhorar, do ponto de vista dos Parangolés sociais, é claro, o comportamento de algum maluquete que esteja sendo agressivo, ou coisa parecida. Então, há evidências de que modificações no Primário induzem modificações no Secundário.

Nossa questão vai mais longe: *modificações no Secundário, certamente que promovidas por intervenção do Originário, serão elas capazes de produzir modificações no Primário?* Esta é uma questão também desses neurologistas, mas ainda um pouco longínqua, pois não têm a menor condição de abordar isto. Entretanto, se um cientista, um pensador – como Sheldrake, por exemplo, que se permite essas maluquices científicas –, se der ao trabalho de refletir em função de quantos acontecimentos na espécie humana, devemos querer saber – o que é importante do ponto de vista da *Clínica Metapsicológica*, disto que chamamos de psicanálise – se intervenções secundárias, certamente que movidas por intervenções originárias, são capazes de produzir modificações no Primário. Por isso, pedi que generalizássemos para todos os Parangolés que aí estão o conceito de *lesão*. Os neurologistas são capazes de situar interferências hormonais em determinada região cortical, interferências hormonais de outro tipo em determinado núcleo subcortical, interferências como, por exemplo, cortes produzidos na fiação do corpo caloso, coisas dessa ordem, mesmo em outras regiões da massa branca cerebral, e verificarem que há certas modificações correspondentes de comportamento. Entretanto, dado o uso intensivo, se não abusivo, que a espécie humana faz da masturbação cerebral, como diria nosso caro artista Tunga – a mastigação do *chicletão*, como ele chama: o chiclete cinzento é excessivamente mastigado e masturbado pela espécie –, posso perfeitamente me perguntar: quais serão os efeitos de *lesão* no processo das transmissões internas que estas atividades podem produzir? Por que não chamar de lesões o que Freud chama de *Bah-*

nungen? Freud diz que há uma trilhagem, uma facilitação de encaminhamentos por determinado caminho sináptico – que é como ele pensava conforme a neurologia disponível em sua época –, ou seja, há um encaminhamento facilitado e, toda vez que algo cai naquela trilha, a tendência é segui-la. O nome disso é *lesão*. Lesão de encaminhamento que se pode estar produzindo, lesão que é um creodo para aquele indivíduo. Ou seja, um caminho necessário em função das *Bahnungen* que estão ali em exercício.

Estou lhes dizendo, então, que me encaminho do Secundário para o Primário, e não ao contrário. E deixo para os ditos cientistas da neurologia e adjacências a questão de dar conta, se puderem – não podem hoje –, do que é capaz de, dentro da estrutura cerebral, no sentido anatômico, pois meu Cérebro é outro, bem mais abrangente, dentro da estrutura do chicletão, produzir como lesão induzida pelo Secundário no Primário de determinado indivíduo. Nós outros que tentamos deslocar algumas pessoas de suas ditas neuroses, psicoses e morfozes, nos deparamos com coisas que, às vezes, são tão duras que parecem da ordem de uma inscrição primária. É como se fossem um animal definitivamente instalado na sua etologia particular. Entretanto, eis senão quando, um processo de cura se torna efetivo e válido a partir de uma intervenção no nível secundário. Desde Freud temos alguma certeza disto, que aliás já acontecia há muito tempo em qualquer sociedade primitiva. Do que se trata aí? Essas inscrições lá estão em algum lugar. Só podem estar no corpo. Pelo menos em sociedades primitivas, ele não está ligado num plug dentro das orelhas, ou metido no rabo, não se acha nenhuma tomada nele. O que se acha é que as tomadas, que estão por aí na linguagem, vêm (não por cabo, mas) por via aérea, como dizem. Fala-se com o cara, ele tem muitas tomadas. Entretanto, esse receptor não recebe apenas no momento, não é um rádio, mas sim um pouco mais parecido com o gravador ou com o computador, com opções de resposta.

Então, pergunto: como vamos pensar – e obrigar os cientistas de laboratório a pensar – as possibilidades de intervenção, mesmo de lesão, de modificação de percurso – coisa que ninguém ainda tem aparelhagem para

perceber – no que é instalado por via secundária? E mais: o que acontece no indivíduo inteiramente desenhado, instalado, em suas formações corporais quando o susto da hiperdeterminação o pega? O que se comove ou que lesão, no sentido amplo do termo, aí se faz de maneira que o cérebro, o chiclete, no sentido anatômico, passa a se manifestar em função dessa nova inscrição? É um problema interessante, que nos permite ficar livres das determinações, que não são das mais precisas e nem das mais fortes, da chamada ciência dos sistemas superiores de ordem nervosa.

- Pergunta – *A hiperdeterminação seria capaz de provocar uma Bejahung?*

É o que estou dizendo. Se, por exemplo, tomarmos uma *Bahnung* freudiana – este conceito é perfeitamente mantível –, como uma intervenção, mesmo não hiperdeterminante, mas secundária, pode fazer abrir-se outro arquivo (como se diz do computador)? Ou como, de repente, apesar da pressão primária, secundária, por um tropeço, por um esforço, pode-se fazer referência à hiperdeterminação – que os cientistas não são capazes de achar dentro do cérebro, imagine então quando vão encontrar o meu Revirão lá dentro (pois está lá, garanto aos senhores: nesta espécie, o Revirão está lá inscrito, não sei como, eles que achem, e vão achar) – e ela sacudir de tal maneira as informações que uma *Bejahung* é possível e vai abrir uma nova trilha, ou vai re-encaminhar um trilhamento anterior? Se isso é viável e se essa ciência de laboratório é possível, certamente vai-se poder acompanhar pelo mapeamento, sem abrir a cabeça das pessoas. Já existe, por exemplo, a ressonância magnética, que pode ser aprimorada. Um dia, poderemos sentar diante de um computador e acompanhar a trilhagem da cabeça de um indivíduo. Por isso é que Freud sonhava que tudo o que estava tentando achar, descobrir junto com inventar, no campo da psicanálise, talvez um dia a neurologia, onde começou como juvenzinho, pudesse dar conta. É claro que ela não há. Não sonhem, pois está muito longe. Mas nós outros temos laboratório suficiente para fazer esse acompanhamento por muitas vezes e fazer essa suposição.

Em matéria de *Bahnungen*, por exemplo, vejam a situação em que fica alguém que tem que fazer um Seminário como o de hoje, o qual foi todo preparado no computador – e se apagou. Não entendi por que, sou muito ignorante. Tive, de repente, que refazê-lo de lembrança num pedaço de papel. Mas nosso problema essencial era esse que lhes apresentei.

* * *

- P – *A questão da Psicossomática é a articulação do Secundário no Primário. Ou seja, a modificação que o Secundário pode exercer no Primário, não é?*

O pessoal do lado da biologia, da medicina, procura o que, do lado do Primário, terá recebido interferência, mas não procura no Secundário, pois não mexe com isto. O pessoal da psicanálise tenta fazer articulações no sentido de, dito em termos do meu aparelho, procurar que tipos de acontecimentos secundários possam vazar para o Primário. Será isto possível? Sabemos perfeitamente que é. Vemos os efeitos, procuramos as causas e não encontramos, e nem sabemos como vaza. De uma coisa podemos ter certeza, se esse corpo, inclusive o chiclete cerebral, é capaz de manejar tudo isso, está lá: as interferências se dão no regime mesmo desse corpo, não há menor dúvida. Ou seja, como a memória secundária – porque inscritível em termos anatômicos em algum lugar, nem que seja uma corrente que passe e modifique dois ou três grãosinhos de determinada formação bioquímica que está ali dentro –, eis senão quando, pode acoplar-se com outra informação que, antes pelo menos, dizia respeito estritamente a uma formação que comanda alguma coisa a outra formação dentro da anatomia e da fisiologia? Vamos tateando essas coisas.

Freqüentemente, sem fazermos grandes perquirições psicossomáticas, acontece dentro do consultório de começarmos a intervir em determinadas regiões secundárias, a pedir que se desanuvie, ou seja, que se aproximem de uma indiferenciação, e vemos efeitos imediatamente no corpo quanto a lesões ditas pelos dermatologistas, por exemplo, de ordem psicossomática, e vice versa.

Assim como temos farta experiência de certas regiões culturais no mundo – iogues, por exemplo – que são capazes, através de certas determinações secundárias, de fazer com que haja intervenções no Primário. Não é para ficarmos com crendices tolas e passar para o lado de prosternar-se diante desses acontecimentos como faria qualquer troglodita mal encaminhado no século XX, e sim para mantermos a suspeita de que haja esse tipo de intervenção, sem superstição demais, pelo menos.

Fazendo outro parêntese, precisamos nos dar conta de que a pura e simples nomeação de uma área de atuação, de pensamento, de trabalho, não é capaz de exorcizar outras áreas supostamente inoportunas no seio do campo de que estamos falando. Por exemplo, fazer a suposição de que o fato de chamar algo de *laboratório científico* elimine a *religião* que mora lá dentro. São aparelhos estritamente religiosos de composição, de operação e de laboratório. Ou que um centro de filosofia, porque assim é chamado, elimine a religiosidade que mantém aqueles ditos filósofos rezando em torno da mesma cabala. Hoje, temos que ver que as fronteiras não são nítidas e também a intervenção evidente de um campo no outro, de onde fingimos que extirpamos essas intervenções pelas nomeações. Quando se diz em tal laboratório: aqui são todos cientistas, sim, todos religiosos – é o que podemos denunciar de imediato. Estão praticando a religião de ajoelhar-se, por exemplo, como critica Sheldrake, diante da idéia, não apresentável com precisão de laboratório, de uma *constante física*. Será que as constantes físicas são tão constantes como dizem?

Em termos de Parangolés, o que é uma constante na física? Ainda que fôssemos einsteineanos relativos, habitar um universo onde tudo é relativo, menos a constante da velocidade da luz – no tempo de Newton, fora a constante da gravitação universal –, exige que esse relativismo generalizado se escore numa coisa que supostamente não é relativa: a luz e sua velocidade. Suponhamos que, na relatividade de tudo que pode ser pensado em função da constância da velocidade da luz, a luz variasse de medida na sua aparente constância fazendo variar junto com ela todo o sistema. Aí, não teríamos como saber se ela variou. Entretanto, as mensurações feitas em laboratório sobre a velocidade

da luz demonstram que ela não é tão constante assim, pelo menos no tempo. É claro que o cientista não quer que se mexa nisto, pois ficará difícil dizer algo de relativo sem esse absoluto para assegurá-los. Mas se, em laboratório mesmo, a constante de Newton, como a de Einstein, como outras constantes supostas, começam a variar, não é porque tudo variou junto, e sim porque variaram sem variarem outras coisas. Se não, não aparecia no laboratório. Ainda que essa variação seja pequena e exija um tempo longo, há variação, ou, pelo menos, algo parece que varia, ou que elas variam, no sentido psíquico, com a “variação” do cientista.

Então, não podemos ter mais do que sonhar que a constante universal da luz em Einstein é delírio daquele cavalheiro. Quando dizemos que o Pleroma há, estamos delirando, mas quando Einstein diz que a constante universal da luz existe, não está – não é engraçado? Por que isto? Existe uma *vontade* religiosa de substituição do absoluto divino, que não vai bem das pernas, pelo absoluto da constante universal (*c*) de velocidade da luz. Quer dizer, ninguém suporta ser ignorante enquanto cientista. Nós outros que trabalhamos noutra área, ainda nos permitem o direito de delirar um pouco mais, e temos também a possibilidade, se não o dever, de continuar a questionar esses Parangolés.

• P – *Toda espécie de ação no Secundário de algum modo repercute no Primário? Por exemplo, eu estar falando aqui.*

Suponho que sim. Suponho que a mágica seja maior do que a vontade do mágico. Acabamos de ver a questão da psicossomática, que parece mais mágica, pois falamos com o cara, apenas conversamos, e há deslocamento na ordem de um sintoma supostamente do Primário. A magia parece maior. Mas existe outra magia verificável e acompanhável ponto a ponto, que é essa desta espécie não ser necessariamente correspondente às produções – artificiosas que sejam – da chamada natureza. Como é que inventamos cultura, ciência, religião, objetos, *gadgets*, essas maquininhas que gravam e nos transmitem em segundos daqui para ali? Por intervenção do Secundário no Primário.

• P – *Qualquer intervenção é intervenção do Secundário no Primário?*

Sim ou não. Preciso me perguntar sobre a ignorância que temos de uma série de fatores etossomáticos que supomos estar vendo no Secundário,

mas que não foi senão injeção do Primário no Secundário. Até onde vai a etologia humana? Ninguém sabe. Os etólogos, com medo de esbarrar no cultural e serem criticados por isto, no máximo concedem que certos reflexos – reflexo palmar no pezinho da criança, por exemplo – sejam formações etológicas. Estão errados. Uma vez que o campo do cultural é vasto, simplesmente tem-se receio de receber crítica ao, por exemplo, fazer-se a suposição de determinada pessoa ter *talento* primário para determinada coisa. O que é talento? Um sujeito tem talento para a música, outro não. Estuda-se que nem um desgraçado, os dois são iguais, mas um tem e outro não. De onde vem? Antigamente, com muita precisão, se dizia que era “de nascença”. Se lhes disser que analista é de nascença... E se for? Evidentemente, há pessoas com talento para a psicanálise. E não só para serem psicanalistas. Conheço pessoas com grande talento para a análise que jamais quiseram ser analistas, mas que, como analisandos, são bons nisso. Rapidamente pegam e vão em frente. Melhormente do que ditos analistas, cujas análises foram meio devagar. Não estou dizendo que isto necessariamente venha do etológico, mas quanto de etológico vem nisso? Tomem uma pessoa com talento para o circo, para ser mulher-de-borracha, já viram? Jamais consegui aquilo, pois meu corpo não tem esse talento. E este talvez não seja etológico, e sim autossomático.

Não podemos acusar Lacan, pois muito sabiamente, em seu regime, dizia: Real, Simbólico e Imaginário *num nó só*. Então, precisamos deixar margem para questionar todas essas coisas, pois o hábito, digamos, cultural dessa humanidade que conhecemos é os sintomas vencedores do passado se tornarem latifundiários na cultura, ficando muito difícil deslocá-los de maneira a questioná-los e mesmo colocar outra coisa em seu lugar. É o mesmo problema dos posseiros de terra. Os latifundiários vencedores na cultura tomaram conta. Eles podem estar mortos, mas há os herdeiros, que não são consangüíneos. Imaginem um latifundiário chamado Immanuel Kant, e todos os seus sobrinhos, netos, bisnetos, tetranetos que não nos deixam entrar, pois o terreno é deles. E ficamos nós a vida inteira repetindo aquela baboseira. Não se leva em conta que um cara naquela época só podia ser ignorante. Ou não? Estou falando

alguma besteira? De lá para cá aconteceu muita coisa. Mas os latifúndios estão montados e é ser herege você cometer alguma coisa contra a sacralidade do terreno da fazenda Kant.

São questões que, às vezes, precisamos resolver não na base do nó borromeano, mas na do nó górdio: cortar e começar de novo. Falamos do Pleroma, etc., e as pessoas vêm perguntar se é da ordem do ser ou do devir? Nada a ver. É maluquice de filósofo. Isso *é* assim e funciona segundo a formação que apresentei. Eles têm o sagrado direito de ficar se masturbando com *ser* e com *devir* em cima do meu Pleroma. Cada um goza por onde pode. Eu, nada tenho com isto. De vez em quando, é preciso pormos um Basta! Você pensava que o terreno era seu. Acontece que invadi. Sou apenas um posseiro da cultura. O meu assentamento ainda está por se fazer.

• P – *Li numa revista científica médica sobre potenciação de longo prazo. Era referente a um fator que, quando ocorre, há uma reversão dos íons. Ou seja, há uma certa proteína que, agindo em nível de neurotransmissor, faria a reversão de seu sinal positivo para o negativo.*

Quem sabe alguém já começou a apontar o modo de produção do reviramento no nível dos neurotransmissores. Por favor, me arranje uma cópia do artigo. É interessante a suposição de que, no nível do neurotransmissor, a coisa vire. Como posso chamar essa proteína às falas? Como posso invocá-la? Não sei se sabem, mas estudos sobre neurotransmissores em animais dão conta de que, por exemplo, se a mãe se afastou de um filhote o suficiente no espaço e no tempo para ele sentir que está em derrelição, de algum modo, imediatamente acontece uma baixa nos neurotransmissores. Ele entra em ansiedade e começa a berrar pela mãe. Lá na mãe acontece também uma modificação dos neurotransmissores de maneira que ela corre para acolher o filho. Quando ela chega perto, os neurotransmissores também mudam sua potenciação no filhote. Notem que entre uma coisa e outra só houve *um grito*. Imaginem uma *palavra*? Quero saber, pelamordedeus, como invocar a hiperdeterminação.

• P – *Por que você acha necessária a localização do Revirão?*

Porque, no futuro, poderíamos ser viciados em drogas melhores. Muitas pessoas são viciadas em anfetaminas que elas mesmas produzem através de ginásticas, de comer chocolate, de sexo, etc. E se conseguíssemos fazer a ginástica de invocação da hiperdeterminação? Coisa que faço todo dia em meu consultório. Se tivesse melhor noção disto, não seria interessante? Talvez não perdêssemos tanto tempo. Todos somos viciados em drogas da pior qualidade: televisão, cultura, essas porcarias – então, poderíamos nos viciar em outra melhor.

14 SET

11

FORMAÇÕES E INTERFACES

PARANGOLÉS E SUAS TRANSAS

Estávamos falando de *Gnoma*, como o lugarzinho de possibilidade de emergência de algum Ato Poético, de algum ato criativo, no lugar mesmo daquilo que se pudera, antigamente, chamar de Sujeito; de *Gnomo*, como qualquer formação do Haver enquanto considerada por uma vontade de nomeação e de conhecimento; de *Gnômon*, que traduzi deliciosamente por *Parangolé*, para mostrar o que possa ser uma formação cuja presença seja capaz de se fazer conjuminar uma situação do conhecimento. Essa coisa toda seria uma *Gnômica*, uma possibilidade de entendimento do que fosse o conhecer, que nada tem de uma epistemologia e sim de uma *Gnoseologia*. Considerei vários campos dentro dessas possibilidades com o nome de *Campos Gnômicos* e indiquei que era algo mais próximo de uma *gnose* do que de uma *episteme*.

Há tempo, tenho freqüentemente usado, com sentido preciso, o termo *Formação* para nomear toda e qualquer conjuntura destacável dentro do Haver. Com este termo, a Nova Psicanálise designa qualquer com-posição que habite o seio do Haver, seja qual for a forma ou a materialidade de seus elementos ou dela mesma. O próprio Haver na sua plenitude também é uma formação (aliás, de última instância), assim como o Revirão, que se supõe funcionar dentro do Haver, também o é. Então, quando utilizo a palavra *formação*, é para toda e qualquer com-posição destacável, desenhável dentro do Haver.

* * *

Hoje em dia, temos uma região rica, muito utilizada, do que genericamente se chama de Informática, onde aparece o termo *Interface*, que vocês já devem ter noção do que seja no nível da computação. É a conexão entre o computador e a pessoa que está tentando usá-lo. Um teclado é uma interface e um monitor também. Entrar com a mão na aparelhagem do computador também pode ser considerado uma interface. A conexão entre elementos (partes) do próprio computador ou destes com quaisquer outros computadores, outras máquinas, programas ou recursos também o é. Aliás, cada um dos *bits* que compõem a informação binária, digital, deve ser considerado, ele próprio, uma interface. Supostamente, segundo os engenheiros de informática, nesse campo a tendência é que cada interface venha a ser assimilada, incorporada pelo computador e o que, antes, era uma interface, com esta incorporação, acaba por ser um órgão interno do próprio computador. Para além mesmo dessa tralha toda assim chamada, retirando o conceito da ordem computacional e aplicando ao mundo, podemos genericamente designar como interface a *operação* mesma de tradução, de estabelecimento de contato entre meios heterogêneos de qualquer ordem: comunicação, transporte, transmissão. Em suma, no aparelho que tenho inventado – com as três regiões de Recalque Primário, Originário e Secundário –, todo e qualquer tipo de *vinculação* entre todo e qualquer tipo de formação é interface.

Estou indo a alguns elementos da informática na medida em que essa tralha está se tornando uma rede que vem cobrir todo o planeta. E isto não é sem consequências, tanto do ponto de vista pragmático, de utilização desses materiais cada vez mais complexos, mais eficientes, mais rápidos, etc., quanto também pelo fato de que a pura e simples existência desse modo novo de operação necessariamente muda a impoção da espécie sobre o planeta. Muda a forma de conhecimento, a forma de concepção de mecanismos de mundo e também a forma de manipular o conhecimento produzido. Há todo um setor da psicologia que se interessa específica e intensamente por isso, que é a chamada *psicologia cognitiva*, a qual não é de se jogar fora. Acho que aqueles que atravessam a crise contemporânea da psicanálise deviam se dar ao trabalho

de estudá-la para ver o que há por ali que seja compatível com a nossa impostação.

Depois de certo período – que não vou determinar cronologicamente, pois isto é problema para historiadores – de características nitidamente medievais, de retorno da medievalidade, período este recente e no qual ainda estamos mergulhados, talqualmente fora a passagem da Idade Média à Renascença, faço a suposição – a demonstrar, façam isso por favor – de que já estamos claramente começando a entrar num período de emergência de um novo Renascimento. Acho que as pessoas não estão notando muito, mas quem se der ao trabalho de observar e deixar as antenas ligadas verá que houve uma recaída medievalesca e que, de repente, estamos começando a entrar num novo “Renascimento”. Entre aspas, pois não se trata de modo algum de um renascimento da Renascença, nem mesmo do Classicismo Grego, mas coloco assim apenas por comparação entre a Medievalidade e o Renascimento naquela época. Acho que tivemos uma recaída com *facies* medieval e claramente para nossa observação há o sentimento de que começamos a entrar num novo mundo.

Trata-se do desenvolvimento de uma *forma de inscrição* capaz de reformatar toda a cultura, tal como no Renascimento tivemos uma dupla forma de inscrição que reformatou a medievalidade: a *impressa* gutenberguiana e a *perspectiva linear* dos pintores-cientistas, que comentei da vez anterior. Estas duas formas reformataram a cabeça do homem renascentista.

* * *

O que temos hoje não são estas tolices, que já estão mais que velhas e ultra-operadas, mas sim o aparelho gigantesco, a rede formidável da informática, com seus aspectos de escrita, de som, de imagem, isto é, aquilo que costumam chamar de *Hipertexto*, que é constituído em *multimídia* (aglomeração de meios diferentes) e funcionando aí enquanto superfície infinita de inscrição plena (no sentido da minha terminologia: inscrição *plerômica*) em lugar da *página impressa* (*pagus*, em latim, quer dizer *campo*, o campo de impressão)

e do que o Renascimento inventou com o nome de *quadro* (que não é um pedaço de pano com pintura em cima, mas sim o *conceito* de superfície de inscrição infinita e universal). Então, quero supor que a *página* impressa gutenberguiana, como superfície de inscrição total de toda e qualquer escrita, desenho, impressão, gravura, etc., assim como o *quadro*, como suporte da perspectiva linear no campo de universalização de inscrição no Renascimento, vêm sendo agora substituídos pela noção de *hipertexto* como superfície infinita de inscrição plena do que quer que se queira inscrever. Isto sem também deixar de levar em conta a chamada realidade virtual.

Quero recomendar-lhes três livros (não porque sejam melhores ou especiais, mas foram os que li). Um é *As Tecnologias da Inteligência*, subtítulo *O Futuro do Pensamento na Era da Informática*, de um chamado Pierre Lévy, originalmente escrito em francês em 1990 e editado em português, Rio de Janeiro, editora 34, em 1993, com 205 páginas. Ele trata daquilo que o autor quer chamar de *ecologia cognitiva*, no sentido do que coloquei antes sobre a psicologia cognitiva, que tem assentamento nessa base de informática. Outro, é um livro que está correndo muito por aí e que é bastante informativo. É de autoria desse que é chefe do departamento de informática do MIT, Massachusetts Institute of Technology, Nicholas Negroponte, intitulado *A Vida Digital*, publicado em inglês em 1995, e que já saiu em São Paulo pela Companhia das Letras, com 210 páginas. O terceiro, é um livro um pouco mais denso, pois discute as relações do conhecimento com a ordem computacional, de Roger Penrose, também já em português, mas que li na edição de 1991 da Penguin, Oxford, EUA, *The Emperors New Mind*.

Pierre Lévy, que trata da ecologia cognitiva, quer chamar nossa atenção para o que supõe existir como três momentos, ou instâncias, de inscrição dos conhecimentos com fortes implicações na estrutura desses conhecimentos mesmos. Ele fala dos momentos da *oralidade*, da *escrita* e da *informática*. No primeiro, o que estava em jogo como lugar de armazenamento do conhecimento e de transmissão através da oralidade, tribal certamente, era a *narrativa*, no sentido mítico que conhecemos, e a forma ritualística, o *rito* de transmissão

dessa narrativa. No outro momento – aquele inaugurado de maneira impressa e distributiva sobretudo depois da criação da escrita, que não é estritamente nem oralística nem gutenberguiana, mas que encontra seu apogeu na era de Gutenberg –, o que está em jogo em lugar da narrativa oralista é a *teoria*: a produção da teoria como dependendo da escrita, sem a qual nos perdemos, pois tem-se que guardar um mínimo de elementos, de recursos, para se constituir uma narrativa que possa ser repetida sem esquecimento. A invenção da escrita, seja manual, impressa, de qualquer modo, vem situar para nós a possibilidade de construção de uma *teoria* que se relê: recompõe-se o texto, comentam-se textos, faz-se a exegese, a hermenêutica, de textos constituídos, etc. E em lugar do rito, que era o momento de transmissão da narrativa, o que se tem é a *interpretação*. O modo de transmissão é a leitura e a interpretação do texto, do escrito.

Lévy quer culminar sua seqüência na era da informática, onde supõe que, em lugar da narrativa e da teoria, vem a idéia de *modelo*, de construção de modelos. E, em lugar do rito e da interpretação, vem o processo de *simulação*. São modelos que fazem simulações, dentro do campo da informática. Estou utilizando esta que não é bem uma periodização, mas uma indicação de momentos de emergência, para dizer que a Nova Psicanálise participa da teoria, no sentido da escrita como ele colocou, mas enquanto construção de modelos metapsicológicos a partir de sua experiência no laboratório da clínica. Ou seja, a Nova Psicanálise participa da teorização tentando construir modelos a partir do seu laboratório, mas participa também, e talvez mais intensivamente – e é isto que, talvez, as pessoas não tenham ainda começado a entender com clareza –, da *simulação* enquanto prática de intervenção a partir dos modelos construídos, mesmo teoricamente.

Em sua *Clínica*, entendida como Clínica Geral, a Nova Psicanálise substitui a velha *interpretação psicanalítica* – e disto as pessoas ainda não se deram conta –, que a longo prazo se demonstrou coisa nenhuma e que era suposta agir efetivamente como interpretação *na* transferência ou *da* transferência. Queremos substituí-la pela *SIMULAÇÃO DE SITUAÇÕES NO*

ÂMBITO DOS VÍNCULOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E ORIGINÁRIO, tal como os coloquei. Muda radicalmente o panorama se, em vez de fazermos interpretações psicanalíticas na ou da transferência – suposta ser aquela relação amorodiosa, que Freud teria descoberto nas histéricas –, operarmos com a pura e simples intervenção, através de modelos constituídos, através de simulações, de intervenções por simulações nessas vinculações, sejam de que ordem forem. Não é preciso falar de amor ou ódio, pois se trata de *qualquer* vinculação. Pode simplesmente ser um raspão, um olhar – são vinculações, não interessa se amorosas ou odientas. Ou seja, há uma diferença na intervenção por simulação nesses vínculos – de natureza primária, secundária e originária, como desenhei – estabelecidos entre analista e analisando. Trata-se, nesse processo de simulação no seio da vinculação entre as pessoas ali em jogo, de *indiferenciar*. Lacan – e esta foi sua última indicação, sua última dica para nós – chamava não de *indiferenciar*, mas de *equivocar*. Para generalizar, prefiro dizer: *trata-se de indiferenciar os vetores que se demonstram resistentes no interior das formações praticadas pelo analisando, no sentido de induzi-lo a referir-se à sua hiperdeterminação*. Como vêem, nada tem a ver com a hermenêutica, tampouco com a interpretação do tal significante, e nem mesmo é interpretação. Não queremos saber de interpretações, mesmo porque são todas falsas, ainda que eficientes aqui e ali.

Lévy pretende forjar um termo bastante interessante, baseado num dos aspectos do conceito de *transcendental* em Kant. Ele se refere a certa inserção, legítima no pensamento de Kant, da oposição entre empírico e transcendental, para nos dizer que, nesse aspecto que interessa ou, quem sabe, mesmo no aspecto geral, o *empírico* para Kant é aquilo que é percebido, que constitui a experiência enquanto tal; e que, diante do fato da experiência, o *transcendental* é aquilo através de que a experiência é possível, aquilo que estrutura essa percepção. É válido, embora não abranja tudo. Em cima disto, então, pretende constituir, na sua idéia de grandes coletividades de conhecimento, o termo *transcendental histórico* para designar aquilo que estrutura a experiência dos membros de determinada coletividade. Só estou utilizando isto

para meter o meu nariz e – para uso, desuso ou abuso, o que quiserem – chamar de *formação transcendental* uma formação que aqui-agora estrutura alguma experiência, mas que não é exclusivamente *a priori*, pois inclui elementos da própria experiência. Ainda que ignore esses elementos, preciso fazer a suposição de que ali estão incluídos. Se não, estou bancando o filósofo trouxa que, pelo fato de ter “excluído” elementos, que na verdade *ignora*, da experiência, pensa estar baseado num *a priori* puro. Isto, só porque não foi designado. É meio abusivo chamar de *transcendental*, mas não sou Kant e tenho o direito de fazer o que quiser com as palavras. . .

* * *

Continuo fazendo alguns lembretes para podermos organizar a cabeça com certos conceitos da informática.

Por exemplo, *hipermídia* – freqüentemente substituída pelas palavras *hipertexto* e *multimídia*, que já citei – que é a combinação de textos, gráficos, som e vídeo para apresentar informações. É o próprio desenvolvimento do hipertexto, designando a narrativa com alto grau de interconexão, a *informação vinculada*, que é um conceito também de interconexões extremas de várias formações, segundo minha terminologia. É considerado também uma coletânea de *mensagens elásticas*, que são as que podem ser encurtadas ou encolhidas à vontade, de acordo com as ações do leitor. Quem utiliza computador sabe que, diante de uma mensagem, pode-se lê-la na sua primeira aparência ou intervir na formação do hipertexto, puxar uma palavra, esticar a mensagem, dobrar a quantidade de informações atrás de cada elemento chamado.

Hipertexto, por sua vez, repetindo, trata de uma exibição e recuperação não linear (como o é na leitura escrita) de informações. Isto porque posso me aprofundar em regiões que, às vezes, são tão extensas ou maiores que o primeiro texto. O hipertexto pode consistir num texto, gráficos, vídeo, som e animação. Um exemplo de uso: imagine que você esteja lendo sobre um tópico em que passe por um termo que desconhece ou queria saber mais a respeito. Você

simplesmente o seleciona e mais informações emergem para sua leitura. Isso nada tem a ver com a leitura de texto escrito, impresso, nem mesmo fazendo remissões de rodapé ou exercícios literários os mais complicados que, antes do desenvolvimento da computação, sobretudo dos microcomputadores, vários autores tentaram mexendo no texto de maneira a torná-lo elástico, mais ou menos aleatório. Isso está ultrapassado em todas as medidas. Quem sabe, mesmo as experiências radicais de um Joyce.

Citando Lévy, hipertexto é “um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar num hipertexto significa portanto desenhar um percurso qualquer em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó, por sua vez, pode conter uma rede inteira. [...] Um texto já é um hipertexto, uma rede de associações”. Isto na medida em que estou lendo, pego um dicionário para saber o que quer dizer tal palavra, sua origem, suas implicações filosóficas, científicas, etc. Como vêm e já devem saber, estamos diante de uma monstruosidade tecnológica, que é deliciosa e ao mesmo tempo difícil de apreender rapidamente.

Os processos de armazenamento das informações são uma coisa espantosa em nossa época. Esse disquinho comum, que todos já usam enquanto disco laser, compacto, metido num computador – e que, em sua formação textual, digamos, recebe o nome de CD-ROM –, equivale a 600 disquetes daqueles comuns, ou, em termos do nosso hábito universitário de leitura, a 500 livros de 500 páginas. Os técnicos estão esperando as fitas magnéticas digitais hiperdensas que terão a capacidade de quatro desses CD-ROMs. Uma fitinha poderá conter dois mil livros de 500 páginas. Não é legal? Está acabando com a pretensão de todo mundo. Aquele intelectual que mostra sua biblioteca com não sei quantos volumes, aquele lixo de casca de árvore.

A competência está posta aí. A competência da maquininha é enorme e talvez seja mais eficaz na sedução para se mexer nela. Como brinquedo, é

mais interessante do que um livro. Se não por nada, por divertimento, acho que as pessoas vão mexer mais nessas coisas. Vão continuar sendo ignorantes como antes, mas não é esta a questão, e sim mostrar como funciona o aparelho.

Às vezes, ficamos perplexos de fazer a suposição de que a fiação e os *chips* de um cérebro humano possam ser tão complexos. Mas uma maquininha dessas, produzida por nós, já tem essa complexidade toda. Nossa competência corporal e cerebral deve ser infinitamente maior. Talvez mal usada. Vejam que com essa competenciazinha de armazenamento, uma mesa de trabalho com uma pequena gaveta pode ter cem mil volumes de 500 páginas cada e fácil de consultar. Não é possível que isto não mude inteiramente os hábitos, as cabeças, e o panorama geral da chamada civilização.

É isto que me parece ser, como processo de inscrição, comparativamente com o Renascimento, uma forma nova de Renascimento. Passamos por uma medievalidade meio obscura antes ainda de isso se espalhar. Uma vez inventada essa tecnologia, começando a ser utilizada, e metida que está em redes mundiais como a Internet e outras com milhões de articulações possíveis, é outro panorama, outro lugar, outra história, outra inscrição. Nada mais tem a ver com o que aconteceu antes. Rapidamente, já está pegando as crianças, vai pegar todo mundo e vai mudar, está mudando, o panorama inteiro. Falo em novo Renascimento porque daí resultará necessariamente uma *racionalidade* nova. A crise da razão – de que os... intelectuais de verdade... estão por estes dias falando em conferências na ABI – vai dar necessariamente numa solução para a razão, que será uma solução inesperada. Pelo simples fato de essa razão ser tão multifacetada, elástica e dispersiva, não é menos razão do que qualquer outra. Só achamos que não pode ser assim porque temos a pretensão de supor que *a razão não é simplesmente determinada doença mental inventada no século XVII*. Vamos passar de cosmopolitas, que já somos bastante, cidadãos do mundo, do Cosmo, ao que gostaria de chamar de *Pleropolitano*, pleropolita (*Plérrou-polités*), que é mais fundo do que meramente cosmopolitano. Isso tudo vem necessariamente, graçasadeus, exista ou não, não tem a menor importância. Aliás, outro dia, um desses analisandos que antigamente chamáva-

mos de obsessivo me disse que, embora seja um intelectual ateu, se pega rezando assim: Oh, Deus fazei com que vós existais! Não é maravilhoso?

Todo o panorama tão esquisito que estamos observando nessa zorra informacional, necessariamente tem que abalar nossa noção de *conhecimento* como a de *razão*. Não é abalar no sentido de eliminá-las de uma vez por todas, mas *conhecimento* e *racionalidade* serão outras coisas que ainda vão pintar por aí.

* * *

O mais engraçado de tudo, que acho a grande piada do século XVII para cá sobretudo, é esse negócio que chamam de *Sujeito*. Depois de ter me prosternado, via Jacques Lacan, diante desse tal Sujeito, hoje acho-o uma grande pretensão. E ainda por cima Sujeito do Conhecimento.

O que se costuma chamar de Sujeito e que, mesmo não sendo a mesma coisa, se aproxima do que a Nova Psicanálise chama de *Gnoma*, quando isto está suposto no seio de uma formação qualquer (por exemplo, um texto) não passa de mera *interface*, no sentido dos informatas, cujos poder e riqueza eventualmente comovem a ponto de, deslumbradas com essa comoção, outras formações, outras interfaces, chamarem de *Sujeito de* alguma coisa a essa interface. Vivemos o efeito das comoções que o roça-roça de interfaces faz, ficamos deslumbrados com essa comoção toda, ao invés de perceber analiticamente – Freud, nesse sentido, era mais interessante, pois nunca falou nessa besteira de Sujeito – e dizer que isso é mero efeito de um roça-roça de formações. *Não há sujeito nenhum.*

O que costumamos chamar de *conhecimento* não é senão o *efeito* de transas entre Parangolés, pura solércia, isto é, *formações resultantes* dos sucessivos e às vezes concomitantes mapeamentos de formações por formações, ou seja, mais artifícios industriais enquanto retomada de outros tantos artifícios espontâneos. Não comparece aí necessariamente nenhum Sujeito, nem mesmo no sentido antigo. Apenas na eventualidade de uma

hiperdeterminação, de uma referência à hiperdeterminação, forçando a “criação”, podemos falar em Sujeito no velho sentido. Mesmo assim, sugiro que abandonemos este termo por demais viciado e que remete ao campo gnômico da filosofia. Para substituí-lo, já introduzi o termo *Gnoma*. Entretanto, quando nos deparamos com algum conhecimento já previamente constituído, e na lembrança de que sua constituição exigiu eventualmente um efeito de hiperdeterminação – isto é, quando terá havido uma criação –, então nos lembramos também desse *Gnoma*, na suposição de que em seu surgimento terá havido hiperdeterminação. Apenas suposição, pois temos que notar que nem todo conhecimento novo, ou mesmo com aparência de novo, depende de criação, a qual é estritamente aquilo que depende da intervenção da hiperdeterminação forçando que da zorra das formações vá se chocar, vá se preparar o seu olhar, ou alguma coisa, de tal maneira que algo de indiscernível se discerne. Segundo meu ponto de vista, só há criação nesse momento. Fora disso, um conhecimento com aparência de novo pode resultar simplesmente em mera *combinatória* entre formações que já estão aí. Isto sem nenhuma referência à hiperdeterminação. É o que costumam chamar de *criatividade*, que é misturar-se liquidificador com caminhão e dar “liquidificador de baiano”, que é a betoneira. Ou seja, é mera combinatória de formações, de conhecimentos já observados, aquilo que também já se chamou por influência de Lévi-Strauss de *bricolagem*.

Não vamos, pois, nos confundir com o surgimento de uma teoria com aparência de importante, por exemplo, quando é mera *bricolagem*, e não criação alguma. É transação entre formações já obtidas. O importante, como criação pelo menos, é quando há transação de formações com a formação chamada hiperdeterminação, um processo de reviramento e recolhimento de dentro do campo do Haver – pois nada há fora dele – de algo que era indiscernível até então. Também não é grande coisa, não há Sujeito algum, não é nenhuma maravilha. Acontece à espécie porque ela está disponível para isto.

- Pergunta – *A hiperdeterminação supõe a passagem pelo Cais Absoluto?*

Sem processo de indiferenciação, segundo o que venho estabelecendo até agora, sem recurso ao Recalque Originário, ao processo originário, não nos

colocamos num processo de indiferenciação suficiente para recolher indiscernibilidades e passá-las a uma discernibilidade. Aquilo que, na linguagem de Badiou, é uma *força* no interior de determinada situação.

A psicologia cognitiva fala dessas (dentro da minha linguagem:) formações, das transas entre formações, do efeito Sujeito ou subjetividade – ela quer manter o termo – e fica nisso. Não estou falando da mesma coisa. Reconheço que as pesquisas da psicologia cognitiva, como certas pesquisas da neurologia contemporânea, nos induzem a lembrar que somos herdeiros de um deslumbramento intelectualóide, filosofante, e que levamos a sério demais nossa existência, com pouco humor, com pouco pensamento talvez – desculpem os filósofos do passado –, com o pensamento que foi possível naquele momento, e nos esquecemos de que é um roça-roça de formações e que não terminamos onde estamos vendo. A Nova Psicanálise vem dizer que, para além do roça-roça das formações obtidas, existe o roça-roça das formações obtidas com a hiperdeterminação, que qualifica o Haver como qualifica este que é membro desta espécie, sem Sujeito algum. É uma imensa fractalidade. A fractalidade do Haver corresponde à fractalidade do próprio conhecimento. E agora, com a informática, corresponde à fractalidade da inscrição e armazenamento do tal conhecimento, ou seja, das emergências dessa figurinha esquisita que somos nas suas possibilidades.

Na região da hiperdeterminação, das possibilidades de criação, é onde mora o que chamei de Utopia da Criação ligada à Solércia, essa mera atividade artificificante, e que indiferencia radicalmente os campos gnômicos apagando as fronteiras, ao mesmo tempo que tudo inscreve numa grande FACE, que podemos hoje chamar de *hipertexto*, e que chamei de Pleroma. Essa Utopia, de que não se fala mais nas teses contemporâneas, remeto-a ao grande Renascimento que digo que está por acontecer porque começa a acontecer. Mas aposto que é um grande Renascimento Maneirista, e não, Classicista. Reportem-se à história da época do Renascimento, pois, a meu ver, a coisa mais vigorosa que acontece no bojo mesmo daquela situação é o Maneirismo em correspondência, em concomitância, com o Classicismo e com o nascimento

do Barroco. Aposto que é um grande Renascimento Maneirista que estamos por ver surgir no momento presente.

O *Maneirismo* ou *Maneiro*, como prefiro chamar, dessa grande “nova” formação pode se referir exclusivamente à sua posição terceira tal como expussemos no conceito de *Terceiro Sexo*, aquele que tem ligação direta com a hiperdeterminação. Isto não exclui, contudo, qualquer outra característica do velho estilo maneirista como hoje se o compreende no campo da estética e da história da arte. Isto tem implicações necessárias na idéia de conhecimento, de cultura, de Clínica, enquanto Geral, que é, como já disse, a aplicação de *simulações* a esse campo no sentido de fazê-lo indiferenciar-se. Indiferenciar, significa abandonar a idéia de Sujeito, abandonar essa besteira de uma vez por todas.

* * *

Retomo, então, os termos que usei.

A Nova Psicanálise que se pode também chamar de *Metapsicologia Transcendental*, e se apresenta em sua prática como Clínica Geral, participa desse *Renascimento Maneirista* dentro do qual pode ser nomeada *Maneirismo Psicanalítico* ou *Psicanálise Maneira*. Do ponto de vista da sua técnica, trata-se de um *Aparelho de Simulação da Suspensão dos Recalques*.

Metapsicologia, no vocabulário de Laplanche e Pontalis, é um “termo criado por Freud para designar a psicologia que ele fundou, considerada na sua dimensão a mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência...” Neste sentido é que estou dizendo que a Nova Psicanálise também é uma *Metapsicologia* enquanto tal. Vejam que aquele Vocabulário usou as palavras *teoria* e *produção de modelos*.

Já disse antes o sentido que estou dando a *transcendental*: formação que é capaz de constituir uma experiência. *Metapsicologia*, estou definindo em cima da nomeação dada por Freud. Portanto, não estou sendo etimológico. A Nova Psicanálise enquanto *Metapsicologia* – nesse mesmo sentido freudiano –

apresenta suas próprias ficções, seus próprios modelos, seus próprios conceitos, etc., mantendo como seu *conceito fundamental* aquele mesmo de *Pulsão* tal como elaborado por Freud em sua última instância como Pulsão de Morte. De lá para cá, re-inventamos os modelos de Pulsão.

Usei a palavra *transcendental* no sentido kantiano exposto por Lévy como “aquilo através de que a experiência é possível, que estrutura a percepção”, mas adscrito ao sentido do que chamei *Formação Transcendental*, isto é, uma formação teórica que, enquanto modelo, pretende estruturar a experiência no interesse de um conhecimento (mas que não é necessária ou plenamente *a priori*, pois o empírico não fica banido dessa formação).

Depois, falei em *Clínica*, que é um termo que chegou à psicanálise por sua herança médica, designando o leito e o enfermo nele *deitado*. Mantemos o termo com o sentido de *declinação* (declínio, enfraquecimento, queda) *do sintoma*, que vai na contramão do sintoma enquanto *declinação* (decadência) *do Haver* em sua fractalização. O sintoma é decadência, queda, declínio. Nossa Clínica vai declinar o sintoma, enfraquecê-lo e remetê-lo de volta fazendo reverter o seu processo de declinação. Falei em *Clínica Geral*. Geral, no sentido de Genérico, isto é, que não se refere ao específico do tratamento dito de consultório ou de divã, mas considera toda e qualquer manifestação supostamente psíquica – o que indiferencia psicanálise *intensiva* e psicanálise *extensiva* (no sentido lacaniano).

Terminei, definindo a Nova Psicanálise como um *aparelho de simulação da suspensão dos recalques*. Esta é sua base técnica. A cada *caso*, a cada *situação*, construir e aplicar um modelo para simular a suspensão do(s) recalque(s) que ali estão em (h)ação. Este exercício é a principal intervenção do (novo) psicanalista. A intervenção por *simulação* não é portanto da mesma ordem que a intervenção dita por *interpretação*, seja esta dita interpretação hermenêutica ou significativa. Trata-se, portanto, como já disse, de indiferenciar (e isto é mais amplo e maior do que o que Lacan sugerisse com seu *equi-vocar*) os *vetores* que se encontram resistentes dentre as formações que circuitam o analisando. Uma neurose, por exemplo, está constituída por

uma multiplicidade de formações ali atuantes (enquanto atrizes que são daquele teatro de operações) que extrapolam de muito as até agora supostas “formações do inconsciente” – se tomarmos no sentido hipertextual, de hipermídia, que coloquei há pouco – do analisando, e englobam muitas formações *externas* a essas até aqui costumeiramente consideradas. De novo, nessa coisa chamada neurose, estão em jogo formações primárias e secundárias que não costumávamos levar em consideração nas práticas ditas interpretativas, mas que devem contar – e por vezes com preponderância – na intervenção por simulação. Afora toda a ignorância do analista como do analisando a respeito de formações em jogo e das quais não temos o menor faro.

Há que ter sempre em mente, nesse trabalho de intervenção por simulação, quando se põe a pretensão de agir psicanaliticamente nesse sentido, que não estamos diante de um *indivíduo*, e nem mesmo diante de um *sujeito* (como ingenuamente se diz), mas diante de uma pletora de formações, dos diversos níveis e em grande (se não em sua maior) parte não evidentes nem para o analista nem para o analisando. E qualquer intervenção eficaz, e justamente por ser eficaz, pode gerar efeitos inesperados e incontrolláveis, *que só podemos novamente considerar e acompanhar*. E há também que lembrar que a *seleção natural das formações* (ou *das espécies*, como queria Darwin) – dos corpos, das árvores –, a seleção espontânea, anda de braços dados com a *seleção cultural das formações*, que é outra guerra. E tudo isso compõe um grande ecossistema vencedor, que ganhou a guerra (mesmo que seja contra nós). Seria o caso de dizer como aquele imperador romano: *vae victis*, ai dos vencidos? Esse ecossistema como a grande *formação sintomática imperial*, cenário dentro do qual se movimenta todo e qualquer ator. Então, não é possível não levar em conta na intervenção, no processo do que pretendemos chamar de Cura, que estamos habitando o ecossistema vencedor.

Entre os artifícios espontâneos e os industriais, cada vez mais nos emaranhamos nas grandes *redes* de pescar sinais.

Então, meus caros, não há Sujeito algum. Apenas, como se diz em informática, *redes de interfaces*, isto é, como diz a Nova Psicanálise, *transas*

de *Parangolés*. Ou melhor, vamos colocar um termo mais bacaninha (tem gente que se sente mal de falar em *transas de Parangolés*, pois é acadêmica e tem que se comportar em público): *formações interativas*. O de que se trata quando se fala de Sujeito no campo da Nova Psicanálise não é senão da *Identidade do homem que há* disponível por aí, que só comparece na hiperdeterminação, por estar adscrito à sentença da Lei = A♦Ã. Mas essa identidade é *comum* a todos os homens – as mulheres incluídas (para ser politicamente correto) – no mesmo lugar do seu *Vínculo Absoluto*. Abaixo deste nível, para se ter acesso à identidade de cada homem, temos que fazer o *levantamento da sua determinação*, e isto é infinitamente grande. Lá em cima, então, o homem tem identidade, sim, diferentemente de qualquer outro elemento, de qualquer outra formação interior ao Haver, pois tem a mesma identidade do Haver. Fazer o levantamento da determinação de cada um é instaurar, permanentemente, o processo de sua *identificação* aqui-e-agora – que não é a identificação significativa, que a psicanálise última conseguiu produzir –, plena, infinitamente grande, nos níveis Primário e Secundário. No Primário, é uma identificação mais permanente porque mais resistente. Não é à toa que quando se inventaram os primeiros processos de identificação, eles foram corporais: tirar o retrato, fazer o retrato falado, tirar a impressão digital. São formações primárias que estão sustentando a identidade de alguém que tem uma identidade absoluta. No Secundário, há uma identificação mais lábil e freqüentemente necessita referir-se à primária para se sustentar. É essa tolice da identificação secundária, cultural, que está por exemplo na obra de um Lévi- Strauss e que, às vezes, é tão pregnante que fica parecendo etologia animal. Esse nível, costume chamar de *Neo-etologia*.

Estão aí os indícios dessas formações. Resta saber com mais detalhe o que seja Maneirismo tanto nesse Novo Renascimento quanto nessa Nova Psicanálise.

* * *

- P – *O transcendental, no modo como você falou, incorpora e é tomado como parte do empírico. Como você está entendendo o empírico?*

A própria percepção, por exemplo. Por que o próprio ato de perceber não pode ser constitutivo desse transcendental, disso que organiza a própria experiência? Se tirei a fronteira, preciso dizer isto. As fronteiras artificiosas que se podem filosoficamente traçar entre o que é estritamente *a priori* e o que é da ordem da experiência, elas podem ser banidas na medida em que, na fundação por mim, determinada linguisticamente nesse *a priori*, não posso detectar com certeza se não estão elementos ali embutidos dessa própria percepção, no sentido que a informática e a psicologia cognitiva colocam. Posso até desconhecer-los, mas devo conjecturar como possivelmente presentes. Ou seja, no que estou tratando de formações sobre formações sobre formações, no que chamar de *transcendental* o que organiza a experiência, foi um recorte momentâneo feito ali, e não posso negar que existem elementos da própria percepção ali embutidos. Então, é outra idéia de transcendental. É *formação transcendental*, e não o transcendental kantiano como tal.

- P – *No texto de Lévy, o que está dito é que a simulação permite uma interpretação.*

É o que ele está dizendo. Nada tenho a ver com isso. Ele não consegue escapar da idéia de Sujeito, de subjetividade, de interpretação. Apenas utilizei seu texto para mostrar um dos modos de abordagem através da informática. Acho fracas as soluções que ele dá. O regime dele vai virar uma grande hermenêutica através desses modelos e dessas simulações no próprio atrito das formações. Em meu modelo não há isso, e sim uma hiperdeterminação que indiferencia, que modifica o processo. E uma coisa é fundamental: a intervenção por simulação não é interpretativa.

- P – *Como é isso? Não entendo.*

Não entende porque estamos habituados ao modelo interpretativo. Uma coisa é termos um aparelho teórico como, por exemplo, o *Édipo* em Freud. Quando alguém traz uma narrativa, reduzo interpretativamente o que me foi narrado àquele aparelho de interpretação. Isto é uma interpretação freudiana,

digamos. No aparelho lacaniano, há um modelo complexo, mais abstrato, no entanto, uma máquina também de interpretação que se pretende capaz de abolir os sentidos, mas que, num certo momento da história de Lacan, passou pela utilização de determinado modelo do significante que interpreta e organiza interpretativamente a narrativa do analisando. É um momento de Lacan que até restou como fóssil nas escolinhas lacanianas. Mas Lacan, no seu final, era mais para o que estou dizendo agora: só se interessava pela equivocação. É esse momento de equivocação que quero ampliar extensivamente para torná-lo um momento não de mera equivocação, mas de indiferenciação radical.

O que é um modelo mediante o qual se faz uma simulação? É entrar no processo de narrativa de outrem como se entra num jogo. Você simula para cá, para lá, faz um modelito para cá, para lá, desde que seu alvo seja a tendência a, freqüentemente, equivocar durante a narrativa e, supremamente, *indiferenciar*. Isto, na possibilidade de recair num processo de escolha de diferenciação, porém liberto da pressão diferenciante anterior. É um modelo criado, às vezes, *ad hoc*. Não se está dizendo que isto significa aquilo ou que tal significante... Está-se armando um jogo. É fazer a leitura, mínima, das formações que estão em jogo e lançar mão de outras formações para indiferenciá-las para o analisando. Isto interpreta alguma coisa? Não. Isto faz jogo de simulação dos processos de indiferenciação. Não se está interpretando nada. A diferença clínica é enorme.

• P – *Como a Nova Psicanálise não está mais distinguindo entre psicanálise intensiva e extensiva, ela ainda reserva algum papel especial para o consultório?*

Ela reserva um papel essencial para as suas intervenções. Quando a possibilidade de intervenção há, a utiliza. De repente, estamos diante de certas formações que insistem na repetição de certos modelos que exigem essa formação chamada consultório. Exigem pelos mais diversos motivos: há certo resguardo, está-se falando com uma pessoa só... Ainda não está na moda, como acho que deveria chegar-se à Ágora e dizer. As pessoas ainda vivem no regime do confessional e esse tipo de coisa ainda não pode ir para a Ágora. Um dia quem sabe. Quando as pessoas deixarem de ser “Sujeitos”, talvez vá.

Formações e interfaces

Por outro lado, há os interesses do próprio analista. Por exemplo, fico aqui fazendo intervenções brilhantes e ninguém me paga. No consultório, me pagam.

28 SET

12

“OS ADEUS NÃO ACREDITAM EM TEUS”

A frase-título da sessão de hoje está publicada num jornalzinho doméstico, editado e produzido pelo próprio autor (um jovem que se acha poeta) e por sua namorada (que também se acha escritora). O nome (verdadeiro) do rapaz é Winter (inverno) – que é bem sugestivo e que declaro aqui para registrar o crédito da citação. A frase é apresentada como um poema. Por que não?

Seu suposto efeito poético é conseguido por um expediente *trocatestras* – a frase original sendo apenas uma declaração bastante banal, costumeira: os ateus não acreditam em Deus. Dois fonemas muito parecidos, *t* e *d*, de mesma alocação fonética, quando trocados dão efeitos bem inesperados. Digamos que isto é quase lacaniano. É claro que o plural de *adeus* é *adeuses* – mas se trata de uma *licença poética*, como se costuma dizer.

Tudo isto pode fazer lembrar outro *trocatestras*: o recém-falecido Ibrahim Sued – o único brasileiro que *verdadeiramente* fazia “tudo pelo social”. E que passou a vida tentando e conseguindo provar que Ibrahim também é cultura – tal como pudemos verificar nos cadernos “segundos” dos melhores jornais do Brasil por ocasião do espetacular aparecimento de seu desaparecimento. Que Deus o haja, como se diz em Nova Psicanálise, pois afinal parece que ele acabou provando que *cultura mesmo* é Ibrahim, o resto é só “periferia”. Isto não é pouca coisa.

Num caso como este, não há o menor jeito de reclamar (como fazia Tom Jobim com o – pelo menos meu – maior aplauso) de que no Brasil não se

dá valor à cultura e de que as pessoas têm inveja mortal de qualquer um que mostre qualquer bom desempenho. Ele dizia: “no Brasil, sucesso é ofensa pessoal”. Mas há sucesso e sucesso – e valha o que valer no valhacouto do Haver.

Desculpem-me por falar assim nesse Tom, mas, já que falei, lembrei-me de nosso imperador municipal, o Caio Julio Cesar Maia, que não sabia mais onde colocar o santo nome de seu Bom Menino de Ipanema. Onde podemos facilmente depreender que cada um tem o Bráulio que merece – e irá botá-lo onde bem lhe apetece. Como estão vendo, é apenas uma questão de *troca de nomes* ou de *troca de letras* – e cá estamos de volta ao assunto pelo qual comecei.

Mas antes ainda de retornar, observem que, hoje, venho seguindo meras *associações* que não conduzem nenhum raciocínio e menos ainda nenhuma demonstração, embora o “associacionismo” seja eficaz na produção do mais simples *humor*. Na verdade, grande quantidade de excelentes piadas é feita apenas com associações. Principalmente as associações psicanalíticas... Só que muitos ditos analistas, e destacadamente os “lacanianos”, como se chamam, fazem a suposição inteiramente errônea de que poderão produzir textos sérios (por exemplo, uma tese de doutoramento) com tamanhas bobagens associativas. O que deixa exasperados os eruditos e preclaros Professores Universitários que devem julgar os candidatos a qualquer seleção. E com toda razão.

* * *

Mas voltando enfim ao nosso começo:

OS ATEUS NÃO ACREDITAM EM DEUS
OS ADEUS NÃO ACREDITAM EM TEUS.

A primeira frase não é para ser levada a sério (embora pareça uma declaração logicamente plausível e obviamente correta) pois se os ateus não

acreditassem em Deus, não teriam motivo algum para falar nem mesmo isto a respeito d’Ele – com o que, como já disseram alguns, os ateus são sempre os melhores teólogos e costumam fornecer provas se não da existência de Deus, pelo menos de sua lembrança muito freqüente. Já a segunda frase (se deixarmos de lado a licença poética do erro de concordância de número), quero levá-la a sério – pois acho que ela me induz certa preocupação e me sugere certa consideração. Talvez ela sirva de *lema* para a postura de abandono da idéia idiota de *Sujeito* (e mormente de Sujeito do Conhecimento), tal como eu lhes propunha na sessão passada.

OS ADEUS NÃO ACREDITAM EM TEUS. É o que sabemos muito bem quando, por exemplo, num velório, considerando aquele defunto fresco, repetimos frases banais como “desta vida nada se leva” ou “a gente não vale nada mesmo”, e tantas outras que acabam por significar a mesma coisa: que tudo nos deixa, que tudo perdemos, ou, quem sabe, que não somos nada ou mesmo ninguém, que talvez *Ninguém* fosse nosso melhor nome – e que no entanto nos supomos *alguém* e séde de algo estupendo e maravilhoso que chamamos de nós-mesmos, um tal Sujeito suposto capaz de apoderar-se do que pensa e do que sente como algo que lhe fosse *próprio* (e por direito natural).

Ora, esse *alguém* não existe. Não é à toa que o próprio Lacan quando fala de Sujeito sempre coloca o termo *suposto*: Sujeito-suposto-saber. Pensamos que é suposição de saber, quando é suposição de Sujeito, de Sujeito sub-posto. Segundo nossa esquematização, apelidada de Nova Psicanálise ou Pleroma, esse alguém é mera *ilusão* de formações que resistem, por um tempo qualquer – e não sabemos se resistem por um tempo ou se o tempo é sua resistência, isto é outra conversa – e nos diversos patamares do Primário e do Secundário disponíveis. Esse dito *alguém* não é nem mesmo um animal de tal espécie – embora alguma espécie se apodere, por vezes longamente, de certo animal – nem tampouco um elemento cultural. E mesmo quando supostamente hiperdeterminado, só o é em conformidade com as condições de hiperdeterminação que porta a tal espécie – e enquanto durar.

Onde se mete esse tal Sujeito besta? Felizmente, tivemos Lacan para lembrar que, embora nomeado e apontado, não passa de mero efeito dos significantes. Basta dar uma ziquizira na caraminhola, ou seja, um acidente cerebral qualquer, que acabou o tal Sujeito. De repente, fica não só tatibitate ou se expressando mal dentro de alguma linguagem, mas perde toda a competência de efetuar esse efeito suposto. Então, acho melhor que cada um de nós tome tenência e se reconheça como *Ninguém* – em francês, fica bonito: *personne* – que dura aqui e ali apenas como a torpe resistência de algumas formações se esfregando umas nas outras.

Na vez anterior, disse que só posso reconhecer algo da ordem de uma identidade absoluta, parecida com aquilo que antes gostavam de chamar de Sujeito, lá na diferença exacerbada entre Haver e não-Haver. Pedi até que parassem de falar em Sujeito e chamassem de *Gnoma*. Justamente porque, se há um lugar para isto, e se lá qualquer um que pertença a esta ordem de efetuação, que porte este sintoma do Haver, que é o sintoma legal, Haver desejo de não-Haver, estará absolutamente vinculado ali. Então, ainda que chamássemos de Sujeito, há Sujeito para cada um ou há Sujeito *ali*? Só há Sujeito ali. Então, só há UM Sujeito, o resto são maquininhas que se vinculam nesse lugar que costumaram chamar de Sujeito. Mas o que, afinal de contas, é Sujeito? Talvez seja *Extra-jeito*, ou *Ek-jeito*. Chamei-o de *Gnoma*, que está subdito, ou acoplado, à LEI absoluta: Haver desejo de não-Haver.

Acho que uma das coisas mais idiotas que o Ocidente inventou com sua filosofia foi a idéia de Sujeito. Parece que tem dado esteio a todo tipo de referência egóica, no sentido lacaniano, ou seja, de determinadas formações sintomaticamente decantadas e mais ou menos congeladas como lugar onde um pequeno afastamento demonstrasse uma posição Sujeito. Na verdade, como está escrito no matema de Lacan, o tal Sujeito está absolutamente adscrito a uma fundamentação, a uma base significante chamada S_1 . O nome disto é o novo apelido do Ego. Só porque se escreveu uma lettrinha, diz-se que não é imaginário. Como não? Sonhar que o matema não seja uma imagem não é o imaginário de uma teoria? Isto no sentido de Lacan, pois, quanto a mim, não quero saber de Imaginário algum.

* * *

Então, se for válido o que estou trazendo, não há *Sujeito do Conhecimento*, que Lacan dissera ser o mesmo Sujeito de que tratam a psicanálise e a ciência. Mas parece que, pelo menos nos utilitários aí pela vida, encontramos *Conhecimento sem Sujeito*. Se suponho que há conhecimento mesmo sem sujeito, que diabo é isso, um conhecimento? Tenho colocado aqui como sendo aquilo que acontece entre formações observantes e observadas, como formações resultantes da transação entre formações. Quando chamo de observantes ou de observadas, é maneira de falar aqui e agora, pois, de repente, elas trocam de lugar com a maior facilidade.

Mas se falo que há conhecimento, mesmo assim nessa transa que só situo *ad hoc* para desenhar o meu quadrinho, devo fazer a suposição de que é possível pensar algo que tenha o nome de VERDADE. O conhecimento é verdadeiro ou não? Se é conhecimento, é verdadeiro, se não, não era conhecimento. Aí fica um problema muito mais difícil para tentarmos pensar. O que é a Verdade, segundo esse paradigma? Se os ADEUS não acreditam em TEUS, como fazer o acoplamento da Verdade? Tudo escapa, nada é *de nada*. Verdade *do* quê?

Faço a suposição, segundo a formação que trouxe, de que *há dois níveis de Verdade*. Há a *Verdade Absoluta* – é muita pretensão dizer isto, mas como pretensão e água benta toma-se quanto quer, vou, como aliás qualquer filósofo o fez, dizer –, aquela que está inscrita na Lei: *Haver desejo de não-Haver*, que é o funcionamento mesmo do que há. Funcionamento do que há como Verdade Absoluta: *Haver desejo de não-Haver*. Sendo que, não se esqueçam, dentro desta Verdade Absoluta, está implícito o que diz: *o não-Haver não há*. Haver desejo do que não há – esta é a Verdade Absoluta. E isto não diz mais nada além do que diz. Se for tomado como Verdade Absoluta, pára aí, fica girando em torno de si mesmo. A Verdade é que o Haver deseja não-Haver. O que quer que haja deseja não-Haver e, pior, o não-Haver não há. Há mais alguma Verdade a ser dita neste nível? Não.

Uma vez que o não-Haver não há, a Verdade Absoluta vai entrar em decadência, declinação, vai se estilhaçar junto com o estilhaçamento do Haver na sua fractalidade. Então, a Verdade Absoluta - que se diz sim, mas não diz mais do que o que diz (e não está dizendo nada pela metade, não é nenhum semi-dizer: ela se diz inteiramente, absolutamente) –, no que não consegue realizar-se enquanto si-mesma – ela se diz, mas não se realiza –, entra em fractalidade como o próprio Haver se estilhaça. Aí vem o segundo nível da Verdade, que não vou chamar de *relativa* de modo algum, pois devo chamar de *modal*. Então, ou tenho a Verdade Absoluta, ou tenho a Verdade fractalizada em modalidades. A Verdade enquanto Modal é *a constituição mesma de cada formação* dentro do Haver fractalizado. Não parece um absurdo? Estou dizendo que a própria constituição de cada formação que surge dentro do Haver é uma Verdade Modal. Assim também como posso dizer que a sequência completa de determinado acontecimento é uma Verdade Modal, que é compatível com o primeiro enunciado.

Vocês devem ter notado que o que estou chamando de Verdade Modal se aproxima, embora não reflita inteiramente, do que Badiou chama de *verídico*, e não, *verdadeiro*. E como disse que a constituição mesma de cada formação no seio fractalizado do Haver é uma Verdade Modal, vocês poderão dizer que estou confundindo *Verdade* com *Realidade*. E estou, porque quero. Desde o começo, venho chamando atenção para o fato – plerômico, é claro – de que o Haver é homogêneo. Não estou apontando nenhuma heterogeneidade como faz Lacan com Real, Simbólico e Imaginário. O Haver tem modalidades, mas sua constituição genérica é homogênea. Ou seja, ele é feito da mesma *matéria*. O que existe são formações dentro dessa mesma matéria. Estou pensando como chinês. Podem chamar de *Chi*. Se, então, disser que o Haver é homogêneo, posso dizer que cada Verdade, no sentido modal, é a realidade da formação considerada. Falamos em conhecimento, o qual só o é porque é a constituição mesma da modalidade que lá está. Se não, não era conhecimento de nada.

Então, retomando, não há heterogeneidade entre as formações do Haver. Por isso, falei que tudo é linguagem. Brincando com a frase “o

inconsciente é estruturado como uma linguagem”, de Lacan, perguntei: sim, mas o que não é? Este “mas o que não é?” significa que o que quer que haja está estruturado como o Haver que é. Portanto, a homogeneidade é plena. Um átomo é um discurso que fala átomo, é absolutamente realidade e absolutamente verdadeiro. Eu é que não sei falar dele. Ele fala direito, fala a verdade inteira. O que nos dá a impressão de heterogeneidade dentro do Haver são as *barreiras* – que podemos chamar de defensivas, se quisermos utilizar a linguagem do psicólogo – de cada formação. Cada formação fractalizada dentro do Haver não quer ser outra coisa senão si mesma. Aquilo é inerte, se mantém, resiste. Então, para aquilo resistir, devemos considerar que há barreiras, e que não o são por heterogeneidade, e sim por forças: dentro do campo homogêneo, algumas coisas instituem forças que não querem se desagregar ou evitam qualquer invasão. Barreiras defensivas de cada uma das formações, isto é, essas barreiras não são senão a modalidade mesma de sua constituição pensada como resistência, como algo que resiste. Resiste em ser si mesma, insiste nisto, portanto resiste como isso.

Aí vem o mais interessante que a teoria pode propor a este respeito. Apesar das barreiras, se há homogeneidade, no empuxo da hiperdeterminação – seja do Haver em geral, seja do Haver como constituição psíquica desta espécie – são possíveis certas *travessias*, ou travessuras. Por que? Porque, apesar das defesas, das barreiras, das resistências de cada formação, o campo é homogêneo e há o empuxo da hiperdeterminação. Deve modificar muita postura do ponto de vista psíquico e científico reconhecer que travessias são possíveis porque há por onde passar. Por exemplo, as travessias que, sem sabermos quase nada a respeito, chamamos de *psicossomáticas*.

- Pergunta – *O homem é a única espécie que porta a máquina de Revirão, embora o fenômeno Revirão esteja aí no Haver?*

Isto é coisa lá do começo da teoria. O Haver inteiro, e só por inteiro, está subdito à pressão da hiperdeterminação. Em suas parcialidades, não está, ou melhor, os fragmentos, as formações do Haver não estão diretamente subditas

a ela. Ou seja, não portam nenhum Revirão: um bicho, uma árvore, uma pedra, um átomo, não portam em si esta constituição. Quem a tem é o Haver. É no empuxo geral do Haver que essas coisas sofrem comoções. Mas esta nossa espécie, melhor dizendo, esta formação, é a única conhecida – foi o sonho que sonhei naquele momento, e mantenho até agora, pois ainda não falei com os extraterrestres nem com os computadores do século XXV – que parece portar, e não apenas estar subdita a, uma máquina igualzinha à do Haver. Ela porta isto em algum lugar, digamos que seja no que chamamos de “psiquismo”.

• P – *Ainda assim qualquer formação que saia desta espécie é homogênea com qualquer outra formação?*

Não vejo nenhuma diferença entre uma frase em qualquer língua e uma formação dessas que chamamos de real, de realidade. Uma árvore é um discurso, uma frase. Por isso, digo que é homogêneo.

Estou, então, dizendo que a Verdade está sempre inteiramente disponível. Seja a Verdade Absoluta seja qualquer Verdade modal. Se você não vai lá, o problema não é dela. Ela está aí, dita como a realidade, como o discurso, que ela é em si mesma. O próprio Lacan cometia o seguinte tipo de enunciado: há um saber no Real. O que é um absurdo total, pois ou bem Real é impossível, ou é um saber, portanto permeável. Isto me parece um contrasenso, mas não de Lacan para com Lacan, e sim de *um* Lacan para com *outro* Lacan, os quais não se confundem. Então, a verdade está sempre inteiramente disponível. O que não está disponível para nós é a TRADUÇÃO dessa verdade. Quando falamos, queremos dizer conhecimento, verdade, não queremos nos dar conta de que estamos *traduzindo*. Se a tradução é incompetente, ou regionalmente impossível, não mexe nem um pouco na verdade que lá está disponível. Ela continua disponível.

Não sei se estão se dando conta de que estou fazendo um esforço – que não sei se vai chegar onde quero – para tentar, de uma vez por todas, acabar com esse “só há interpretações, e não fatos”. Não é verdadeiro isto que Nietzsche colocou. É disto que o século adoeceu, no seu final. Mas também não vamos sair daí para Kant, que é a saída que certa gente está achando para hoje.

- P – *O que você está chamando de fato?*

Outro dia conversamos melhor, pois isto merece um trabalho à parte. Estou reduzindo fatos a formações. Existem formações, cuja realidade coincide com sua verdade e que se dizem e se põem *por inteiro*. Estão inteiramente disponíveis. O que é difícil, que não está disponível, é sua tradução em qualquer outra formação-linguagem – qualquer formação é linguagem, estou sendo redundante – que não aquela de sua própria constituição. Isto porque estou me colocando que, no pensamento oriental, tanto no Zen como em várias formas do pensamento chinês, Indu, etc., faz-se a crítica da abordagem das coisas pelas palavras e dizem que, com o exercício adequado, fala-se diretamente com a coisa e que a verdade da coisa está disponível. Será isto mera deliração ou o Ocidente, até hoje, não soube pensar, recolher, a verdade imediatamente da sua formação? O que Ocidente faz? Sempre *traduz* o que encontra.

- P – *E os ideogramas, já não são uma formação de pensamento através de imagens?*

Não estou falando de quando escrevem ideogramas, mas de quando, em seus exercícios espirituais, ou sei lá o quê, acham que, para alguém ou para além das palavras traduzindo os fatos ou as formações, teríamos que entrar em consonância com essas formações. E não estou falando besteira sozinho – pelo menos, não sozinho –, pois recentemente Prigogine, que ganhou prêmio Nobel de química, veio falar em “escuta poética do universo”. Precisamos dar conta disso. Há algo por aí que precisamos recompor, em todos os sentidos, recompor *com* essa disponibilidade das formações.

Muitas vezes, encontramos atividades humanas que são produzidas, exercitadas, num nível que tenta evitar a tradução. Tomemos, por exemplo, a tentativa extremamente difícil e sofrida de pintores – não vamos falar dos de hoje, pois o tal Pós-Moderno esculhambou com tudo, vamos para trás – como Cézanne, Van Gogh, de entrar em consonância direta com as formações luminosas, materiais, etc. É claro que não deixa de ser através de uma linguagem de tradução na pintura que tentam não traduzir, mas *transpor*. Não estou falando do resultado *quadro*, que é mera tradução também e que não encontra

disponibilidade direta, mas sim da tentativa de transposição, de relação, de transa direta com a verdade disponível daquela formação. É uma atitude que os cientistas, hoje, estão tentando acolher. Ao invés de virem com metodologias e regras, tratam de *transar o material* para ver se este se transpõe. É claro que isto se tornará não o material enquanto conhecimento, mas outro conhecimento daquele material. Aí é que a disponibilidade se rompe. Não porque isso seja heterogêneo, de modo algum, mas sim porque há barreiras entre uma formação e outra. Barreiras constitucionais, se não ela não seria a formação que é. Entretanto, chamo atenção para o fato de que, se tudo é homogêneo, entre uma formação e outra alguma transiência é possível.

* * *

• P – *Um fato é uma Verdade modal?*

Como não estou utilizando a palavra *fato* para não confundir com esses autores todos, prefiro falar em *formação*. Há formações. E não venham me dizer que só há outras formações interpretativas destas formações. Não. Há formações e há formações que querem considerar formações. O Ocidente, no final de sua vida de século XX, está doente, em última instância, do dito de que não há fatos, só interpretações. Foi uma grande jogada de Nietzsche, uma explosão necessária, mas isto absolutamente não é verdadeiro e não dá caminho de Cura da situação atual. O que estou dizendo eventualmente pode vir a levar a um caminho de Cura, pois, primeiro, estou colocando que, mesmo que não saiba aqui-agora identificar por inteiro, a própria formação em si é uma Verdade e um Conhecimento.

A palavra *interpretação* não serve aqui para nada. Estou sendo mais radical. Interpretação, nem no consultório. Temos *formações*. Determinada formação que, em si mesma, é inteiramente verdadeira. Mas não pode ter a pretensão de, mesmo enquanto inteiramente verdadeira em si mesma, ser a tradução de outra formação que também ela é inteiramente verdadeira em si mesma. Entretanto, não desespero pois, se há homogeneidade, isso pode ser

cada vez mais acrescentado e ir mapeando. Quem sabe, consigo maior conjunção. Só isto. Não preciso nem desfazer do conhecimento produzido enquanto uma outra formação, nem do suposto conhecido, como se ele tivesse um Real “impossível *de*”. Não confundir incompetência de mapeação com impossibilidade ou com falta de verdade. É só incompetência aqui-agora de tradução. Tomem uma grande formação. Não se consegue identificá-la por inteiro com outra, mas no que se pode interferir numa pequena formação dentro dessa formação, pode-se mapear isso tão bem que se possa fazer alguma coisa funcionar identicamente a isso e intervir curativamente. Por exemplo, na medicina, tal remédio é absolutamente adequado a tal pequena formação. Não cura tudo, mas tampouco se prometeu que ia curar tudo, e sim que ia intervir ali. E isto se deu.

- P – *O que Deleuze fala sobre rizoma, agenciamento maquínico...*

É uma grande abertura para isso.

- P – *Não é exatamente isso?*

Exatamente não. Se fosse, um de nós dois estaria sobrando. Principalmente eu, que estou falando depois. Podemos escolher. O objeto, a matéria, pode ser a mesma, não há outra, estamos tratando da mesma matéria. O modo de abordagem não é o mesmo. Em Deleuze e Guattari não há *hiperdeterminação*.

- P – *Fico pensando que o Sujeito do Conhecimento já tinha sido rompido pela psicanálise...*

Será? Acho que sim. Mas ninguém acha, além de nós dois.

- P – *Virou Sujeito do Inconsciente.*

Virou Sujeito do Inconsciente, idêntico ao Sujeito da Ciência.

- P – *Um Sujeito que é absolutamente quebrado...*

Ele não era muito quebrado. Em Lacan, é só rachado, entre um e outro, é só uma racha, *refente*. O estilhaçamento é meu. Concordo plenamente com você. O que leio lá leva a isto. Mas não é o que costumam ler.

- P – *Talvez porque eu só o tenha lido através de você.*

Você está viciada em mim. Mas você acha que grande parte dos lacanianos acha isto? Infelizmente, Lacan faleceu e não dá para lhe perguntarmos o que ele mesmo acha.

* * *

- P – *Isto que você está chamando de realidade, que você disse ser a mesma coisa que a Verdade modal, seria o modo de constituição das formações ou a formação constituída?*

Mesma coisa. Você tem razão em querer discernir do ponto de vista fraseológico, mas é a mesma coisa. Entretanto, quando observo o modo de constituição de uma formação, estou falando da verdade dela. Isto é uma questão técnica.

- P – *Os mapeamentos não estariam mais na observação do já constituído? O mapeamento que a ciência faz, por exemplo.*

As formações tradutivas ou tradutoras, elas, em si mesmas, são absolutamente verdadeiras. Elas não são necessariamente inteiramente verdadeiras quando pretendem ser a tradução de outra formação. Entretanto, a outra é absolutamente verdadeira, não mente para ninguém, ela é o que é. E tem mais, ela bem se diz como tal. Isto porque ela sempre se diz. Se jogarmos determinado elemento químico sobre outro, eles começarão a reagir entre si, e estarão falando a verdade. Urânio não está dizendo que é Ouro, ele não mente. Está dizendo a verdade que ele é. Aquilo fala. Esta é a nova escuta. Tomem tudo como coisas que se dizem. De maneira mais ou menos resistente, tempo mais ou menos longo de resistência... Quando, por exemplo, tomamos determinado tipo de linguagem – uma língua, uma escrita matemática, uma aparelhagem de raio x –, aplicamos e ficamos desesperados porque a tradução não é ponto a ponto, precisamos saber que a verdade de tal máquina não coincide plenamente com a de outra, pois há resistência, barreira. Então, qual é o trabalho daqueles que querem traduzir? É modificar seus aparelhos de maneira que as barreiras vão diminuindo. Só isto. O que quero é suspender daí

o impossível e a idéia torta de que só há interpretações. Suspende, para depois. É outra postura.

- P – *A discursividade enquanto tal não pode ser mais do que uma formação?*

Ela é uma formação. Mais uma. Em si mesma, é absolutamente verdadeira porque é uma formação. Por exemplo, um psicótico fala uma porção de coisas. Ele está falando mentira? É absolutamente verdadeiro, um conhecimento preciso. De algo. Basta saber do quê, como, onde. Quando traduzo uma linguagem em outra, fico perplexo, achando que o cara é doido. Preciso é entrar na loucura do outro, tentar falar a mesma língua, homogeneizar. Se não, como vou entender aquilo com uma formação completamente fora de posição? Não vou entender nada. A diferença é que não fico *só* doido, como ele, e sim que fico *também* doido. Não viro determinado objeto de laboratório quando estou tentando dizer algo sobre aquilo. Mas posso virar *também* aquele objeto. Não vai eu todo inteiro. Qual é o medo quando lemos Roustang e outros nessa área que tentaram essa permeação com o discurso do psicótico? Ficamos apavorados porque alguns dizem que se você entra nessa loucura, depois pode não sair mais. Aham isto porque pensam, segundo Lacan, que há uma tal forclusão do Nome do Pai, que o Nome do Pai deles pode cair feito um botão mal pregado - aí ficam malucos. Não creio nisto. Acho que talvez o psicótico esteja inteiramente aprisionado naquilo, mas eu posso entrar lá sem restar inteiramente aprisionado ali.

- P – *É a simulação a que você se referia da vez anterior?*

Estou simulando. Montando um modelo de simulação de falar aquela língua. Este modelo é que é a tal escuta poética do Haver. Vou simular, faço questão de ficar doido junto com o outro. O sujeito vem ao meu consultório crente que é doido varrido – às vezes, nem é, é uma besteira, mas mesmo que fosse não teria importância –, eu o ouço e penso: tenho certeza de que em algum lugar em mim, mesmo que não seja tão freqüentemente como nele, é que-nem que-nem. Ele está falando da mesma maluquice que tenho, só que não estou no momento só com essa maluquice. Então, não fico de fora con-

siderando “cientificamente” a maluquice dos outros, e sim aproveito e entro na minha maluquice igual à dele. Aí, falamos uma língua comum. Posso até lhe dizer: olha, essa maluquice é muito comum, somos doidos assim mesmo, não liga não, você está dando importância demais a uma loucura que é de nós todos, você é que-nem-que eu, só que você está abusando do direito de ficar maluco, vamos entrar em acordo. Analistas, psicólogos, costumam funcionar como se fossem absolutamente loucos e não relativamente loucos. Tomam *a loucura do suposto saber deles* e investem sobre as coisas como um doido varrido. As coisas não são assim. Maluco é o terapeuta, pois *tem certeza* de que as coisas são assim. Aí, o outro me conta um negócio de que tenho certeza absoluta que passa por mim *também*, como a analisanda que me diz: o mundo está muito estranho. Também acho, muito estranho, nem fala nisso que até me dá um troço. Ela está falando da *nossa* loucura. Só que estou menos viciado na repetição, na insistência, daquela coisinha ali.

• P – *O que você falou de “escuta direta” me dá a impressão da abolição do que seria, usando o termo de Barthes, o relato, o significante e o significado.*

Não quero saber dessas coisas, isso morreu.

• P – *Tudo que comparece como sinal vai ser um indicativo de uma mensagem para um observante, certo?*

Ou não, tudo que comparece comparece como comparece.

• P – *Mas comparece através de uma marca...*

Não sei. Por que não pode comparecer sozinho? Em determinado momento, inventaram que há um sinal daquilo que está por trás. Será? Será que sempre há? Ou o negócio vem e aparece como é? Ele *aparece*. Aí, dizem que houve um sinal... Este é só o teorema deles. Há parição e aparição.

• P – *Na psicologia cognitiva, na física, temos sempre a leitura de uma informação através de algum variante que comparece: uma diferença de potencial, no caso da energia; aqui no Instituto de Psicologia, há pessoas trabalhando a idéia de gramáticas que se superpõem, desde animais*

unicelulares até o universo. São formações que, de alguma forma, podem ser traduzidas para algum ser que está funcionando como observante.

Ou não.

- P – *É este “ou não” que não consigo entender.*

Vou dar um exemplo. Suponhamos que alguém, no laboratório, se dê conta de que se fizer enxerto de uma formação disponível, o troço todo funciona. Por exemplo, na informática, há uns malucos geniais que já tentam acoplamentos de formações binárias construídas por via de engenharia informática com formações orgânicas. Eles traduziram, ou pegaram direto?

- P – *Lógico que traduziram.*

Não necessariamente. Isto é *viabilizar*. Não tomaram e traduziram determinado órgão para uma máquina ou uma linguagem para, depois, utilizar. Eles *acoplaram*. Este acoplamento só foi feito porque se considerou o campo homogêneo e se procurou algum caminho de conexão. Isto não é tradução.

- P – *Se você acoplou aquela formação e não outra é porque, de alguma forma, você entendeu que aquela formação era acoplável a uma outra.*

Entendeu ou não. Você chutou. Pode ser um mero acontecimento sem tradução.

- P – *Mesmo o chute pode estar obedecendo a uma gramática que você não conhece...*

Estou dizendo, desde o começo, que temos formações com formações, formações com formações..., está tudo em jogo. Tudo, não tem. Não preciso tomar e dizer que há determinada gramática que vou ler e explicar como é. Tomo determinada formação, a qual está aqui e agora, *ad hoc*, gerindo determinado processo e enfio ali, ela vem para cá. Isto não é necessariamente uma tradução. É claro que o desejo de tradução para nosso vício linguageiro é imenso. Mas não tenho que pensar necessariamente em nível tradutório, pelo menos não antes de agir, pelo menos não enquanto estou considerando o objeto. Não estou dizendo que seja possível, e sim que é desejável.

Tomemos, por exemplo, os depoimentos e as pinturas de um Van Gogh, de um Cézanne. A intenção de – não era o que ia falar hoje, mas já que chega-

mos aí, para encerrar, vamos em frente – indeterminação, a intencionalidade de indiferenciação, ou seja, referir-se enquanto suas próprias formações ao Cais Absoluto e tentar indiferenciar, permite que o troço tenha um impacto de entrada. Ou seja, algo que lá é fala, que lá é linguagem, que estava indiscernível e que você já aborda com um conhecimento na mão, *puff!*, cola em cima de você. Não foi você que fez uma gramática para abordar aquilo, aquela gramática cuspiu-se na tua cara. Suponho que muito de invenção, muito de estabelecimento de novas verdades, depende – e, quanto a isto, temos o depoimento de tantos artistas, cientistas e criadores – dessa postura. Que é uma postura, curativa, de aproximação da indiferenciação. Quero supor que é de repente: eis senão quando, passa-se por um ligeiro momento de indiferenciação em que algo que era indiscernível se torna discernível porque é cuspidamente como conhecimento pronto de lá.

- P – *Porque você foi sensível ao cuspe.*

Você também quer o quê? Que você seja realmente *Ninguém*, como estou dizendo? Dado determinado instante de indiferenciação, você se torna, como formação que é, com toda a sensibilidade que tem, capaz de tornar discernível um pequeno grão de indiscernibilidade anterior. Só isto.

- P – *Você está dizendo que não é quando se procura que se acha.*

Estou dizendo que se acha quando se acha. Mas é preciso disponibilizar-se ao achado. A formação se torna discernível para mim. Ela já devia estar por aí. Não acredito que se crie *ex nihilo*. Isto não existe. Só é *nihilo* para você, pois já estava lá.

- P – *Qual é o alvo do Revirão? O que ele objetiva?*

Não tem alvo nenhum. Justamente, não tem alvo. Se tem alvo, é acabar com os alvos. É tornar-se alvo, alvejar-se.

- P – *O que é o acoplamento de uma formação da informática com uma coisa orgânica?*

É um computador que é binário e orgânico ao mesmo tempo. Isto existe em pesquisa. É o *Robocop*. Não é só historinha de cinema, isto é

pesquisado em laboratório. É acoplar um fígado com um computador, pois o fígado é um outro tipo de computador.

• P – *Você faz uma diferença entre a criação do artista e esse acoplamento?*

Nenhuma. Mas nem tudo é acoplamento. Estou dizendo que existem momentos de indiferenciação em que determinada formação é jogada dentro do seu olhar *em branco*. Encontramos este depoimento milhares de vezes quando lemos artistas, cientistas, poetas. Eis senão quando, o sujeito branqueja a tela e algo se apresenta que não era visível antes. Não era visível porque havia um olhar constituído. Então, um olhar em branco captura aquilo que lá não estava sendo visto, estava camuflado pelo olhar.

• P – *Há o momento em que estou procurando alguma coisa e não consigo achar.*

É a mesma coisa. Se tivesse achado, seu olho não estava em branco, estava procurando. Você está procurando porque não tem, está vazio, não tem formação alguma. É um bando de formações, do lado de cá, que sentem um buraco em algum lugar, estão considerando um vazio. Se não, estaria procurando para quê? Está insatisfeita do quê? Fica em paz. Se você não está em paz, é porque há um bando de formações, sim, mas alguma coisa em branco está sendo visualizada. Quando você se dá conta desse branco e o oferece, algo pode se inscrever ali. É preciso oferecer o branco. Enquanto não se consegue oferecê-lo, ou seja, fazer algum processo de indiferenciação entre as formações, nada se projeta naquela tela.

• P – *Mas o branco só o é desde que limitado por outras coisas.*

Mas é óbvio. Canso de dizer que o não-Haver não há. Não posso acrescentar o não-Haver ao Haver. É o Haver. Aí, há uns brancos, *ad hoc*, aqui e agora, só para aquele momento. Se foi alguma coisa que ali se projetou, aquilo não era branco lá, era branco aqui. É só.

26 OUT

13

SE... ENTÃO... SE...

Antes ainda de entrar no tema desta sessão do Seminário, quero lembrar de Deleuze. Se não por nada, pela recentidade do seu fado nesta data. DEVEMOS UM RÉQUIEM PARA DELEUZE: Pois então que o tentemos. Embora tolo. Embora parco. Dado o seu sem igual merecimento.

Leitores dizem que ele e eu temos algo em comum. Até que temos. O mais comum, é nossa vez na stelação do *Capricórnio* (18 JAN 1925): entre os mesquinhos trabalhos da *cabra* e as generosas parições da *cornucópia*. Acho que fui eu quem publicou o primeiro livro de Deleuze no Brasil, mas me dizem que por aí há um erro de data. Também acho. Meu melhor aluno de então (o qual depois se tornou diplomata) que fez junto comigo a tradução do primeiro livro sobre Lacan que foi publicado (também por mim) no Brasil, foi ele também quem fez, com o meu incentivo, a tradução do *Anti-Édipo* famoso. Este livro caiu nas mãos da nossa turma, a despeito de Lacan, como uma verdadeira carta de alforria. Desde então tive que tratar Lacan de pai, sem deixar de tratar Deleuze de tio.

Eu tinha a maior curiosidade de conhecer Deleuze pessoalmente, mas jamais falei com ele, nem mesmo pude assistir a uma única aula sua. Só o via e escutava de longe, semanalmente, em Vincennes, durante o período em que por lá professor eu estive. É que minha sala de aula ficava porta a porta em frente à dele, mas a coincidência do horário de sua aula com o da minha, bem como minha correria logo depois para o Seminário de Lacan, por maior

compromisso, não me davam nenhum tempo de sobra. Guattari eu conheci no Rio, quando daquele badalado Congresso Internacional do Doutor Katz. Apesar de termos tido uma pequena discussão meio irritada, ali no Copa, em torno das contribuições de Hjelmslev, ele e eu havíamos nos dado muito bem, até mesmo com certa camaradagem. Depois do Congresso, fomos juntos para uma festa em casa de Eduardo Mascarenhas – com as nossas mulheres respectivas. Depois disso, nunca mais o encontrei, infelizmente.

Acho que nós outros deveríamos *matutar* (é o caso de dizer, pois *refletir* deve ser coisa para pensantes desenvolvidos, de primeiro mundo) sobre a arte, que Deleuze inventou, de *devenir animal*, como dizia: virar bicho. Por último ele inventou de VIRAR PASSARINHO... E VOAR PELA JANELA: extrema liberdade e poder absoluto: *o corpo* (que tomba e que ribomba no perecimento) *e as penas* desse corpo (que vagam flutuantes sem roçar na morte).

Pretendo que já existe hoje, e bem desenhada, a *bissetriz* (que eu mesmo tracei) do ângulo formado pelas duas direções riscadas sobre o nítido plano da consistência destes nossos tempos: delta Lacan e delta Deleuze-Guattari. Como ela racha bem no meio o espaço muito claro entre aquelas duas belas pernas que mais fizeram andar o pensamento de nossa época tormentosa, posso então chamá-la, com vontade erótica e desejo conseqüente, de a *bucetriz* do meu momento: a causa de um desejo inenarrável, malgrado tudo isso assim que.. tanto falo...

REQUIESCAT IN BELLUM? / REQUIESCAT IN PACEM?
NEM DESCANSA NEM PASCE
(QUE PARA MIM APENAS FOI SUSPENSO)

* * *

Voltemos então ao tema desta parte.

Sugiro substituir o termo *Sujeito*, ou mesmo *Subjetividade*, ou melhor, no plural dos múltiplos como esses mesmos dos Deleuze-Guattari,

Subjetividades, como está na moda dizer, por IDIOFORMAÇÕES, que podemos escrever IF – o que, em inglês (*if*), é bem sugestivo do *contingente* das formações. Mas não vamos confundir *Idioformação* com *Gnoma*. Este é tão somente o lugar de tensão-e-distensão (tesão e destesão) entre Haver e não-Haver. Já expliquei que digo *Gnoma* porque esse lugar está subdito ao enunciado da LEI (Haver desejo de não-Haver) e é a sua mais pura expressão. Uma Idioformação é uma (qualquer) formação que tenha disponível para si (mesmo que não aplicada *hic et nunc*) a hiperdeterminação. Então, essas coisas que chamam de *gente*, que se tem o hábito de, não sei por quê, chamar de Sujeito – pois não há aí Sujeito disponível o tempo todo –, são Idioformações não porque são Sujeitos, ou subjetividades, mas porque são formações tão sintomáticas, tão limitadas quanto quaisquer outras, mas tendo a *disponibilidade eventual* da hiperdeterminação – coisa que outras formações não têm. Chamo-as de Idioformações, pois parecem completamente idiotas quando não estão no exercício da hiperdeterminação. Assim fica melhor, pois se descola das pessoas, da história do tal Sujeito. Pode haver por aí outras idioformações desconhecidas por nós.

Será que podemos pensar em Idioformação (e digam, se quiserem: formação sujeito) não necessariamente humana? Uma obra de arte é uma Idioformação? O nome de um *autor*, quando designa (não sua pessoa, mas) sua *obra*, seu *pensamento*, como se diz, é o nome (sujeito, pelo menos no sentido gramatical) de uma Idioformação? Pode dar a impressão, mas não é. As Idioformações não se postam como constantes (identidade) por sua mera repetição e duração (como por exemplo na função de *ritornelo*, como quer Guattari), mas sim que só há Idioformação onde está (pelo menos) disponível como referencial a hiperdeterminação (mesmo que não agindo aqui e agora). Então, quando faço a suposição de que uma formação pode ser hiperdeterminada em si mesma, ali há uma Idioformação. O mero *ritornelo* indica apenas formações se repetindo, e não necessariamente uma Idioformação.

É no sentido das chamadas “subjetividades” que aquelas supostas Idioformações – uma obra de arte, uma filosofia, um pensamento – não-humanas

são postuláveis; mas não no sentido que a Nova Psicanálise pode dar ao termo. Apenas podemos supor que aquelas formações terão sido produzidas sob a égide da hiperdeterminação quando de sua criação. Não vamos confundir a leitura que se faz disso – que, esta, pode estar subdita à hiperdeterminação – com a formação que lá está. Por outro lado, é claro que devemos fazer a suposição da possível existência de outras Idioformações que não as humanas por nós proximamente conhecidas. Uma delas é o próprio Haver, dada sua hiperdeterminação (aliás, como postulamos, nossa hiperdeterminação de humanos é a repetição interna da hiperdeterminação do Haver). Nada parece impedir que outras formações (de base carbono ou não) espalhadas pelo Haver (digamos, Idioformações extraterrestres) sejam hiperdeterminadas também.

* * *

Uma Idioformação não tem qualquer motivo, enquanto tal, para se considerar menos idio (ou mesmo idiota) do que qualquer outra. A não ser quando supostamente se mantém, mais freqüentemente do que outra, em suspensão, por mais insistente referência à hiperdeterminação. São os breves momentos de suspensão da idiotia. Cada IF se toma momentaneamente por *autônoma* dada sua referência à hiperdeterminação: Imitação do Haver. Ou seja, o Haver é autônomo porque há e não há nada fora do que há, mas nós outros temos esta (mera) suposição de autonomia por referência à hiperdeterminação que parece nos deixar absolutamente individuados, quando na verdade nos deixa inteiramente endividados.

A *valoração* de cada IF é função de sua situação (bem como a valoração de qualquer formação). Porque depende da situação é que encontramos a absoluta ausência de comunismo entre as Idioformações. Estou falando dos valores atribuídos, e não da significação suprema da sua vinculação absoluta, que deveria ser motivo para equalização. Mas infelizmente, uma vez que a referência hiperdeterminante não funciona sempre, uma vez que o neo-etológico animalizando essas unidades de Idioformação está sempre comparando, então,

Se... então... se...

os valores vão se situar localmente, em função de determinada situação. É aí que tudo se perde, é aí que se perde o grande investimento, específico dessa Idioformação.

Os valores se decidem *ad hoc*, segundo uma agonística entre as forças em competição. É uma guerra que, enquanto guerra, não decide necessariamente pelo valor das formações. Muitas forças entram que não são pro-videnciadas por ninguém: forças de acaso, de sorte. A competição entre as forças que decidem *ad hoc* os valores não se faz de modo algum em prol de um objeto. A suposição tem sido no Ocidente até hoje – e culmina com o pensamento terminal de Lacan (terminal nos dois sentidos: quando ele termina e que termina com ele) – de que as forças estão atrás de determinado objeto (que Lacan acabou chamando de objeto *a*). Objeto desejado enquanto uma formação externa (outra) à formação desejante que ela está supostamente correndo atrás, tal como foi proposto por Lacan. Muito pelo contrário, o que interessa à formação dita desejante é sua própria (mesma, e não outra) permanência, isto é, sua *resistência*. Indicar um objeto desejado no lugar substituto do objeto que não há é uma função absolutamente compatível com a resistência dessa formação. Então, em última instância, ela não está correndo atrás de nenhum objeto, e sim, enquanto formação, *atrás do próprio rabo*. Este é o grande engodo. Acho que o Ocidente caiu nessa conversa, e a terminou com Lacan: o objeto desejado (*a*), o pequeno *outro*. Não há pequeno outro, só há o pequeno *mesmo*. Não há, porque o não-Haver não há, e não há aqui dentro porque minha resistência é que determina o meu correr atrás. Então, corro atrás do rabo que é o objeto que sou enquanto sobredeterminação menor. É o grande engodo do objeto *a*: o objeto não há. Não há nenhum objeto, mesmo porque não há nenhum Sujeito. Só há vícios, sintomas e repetições.

A esse objeto suposto, que é o si-mesmo na formação que corre atrás do próprio rabo, só lhe interessa *durar* enquanto formação sobredeterminada, resistência (pois seu movimento desejante é de exterminar a duração). Se há algum suposto objeto *a* para ela, é apenas ela própria, como já indiquei. Sendo que a aparência que ela dá de perseguição de objetos externos – isso que

querem chamar de *outro* – é apenas seu reforço de resistência mediante implementos que outras formações eventualmente coadjuvantes lhe possam fornecer enquanto participantes que forem da mesma posição na agonística que está em curso. Vocês poderão me dizer que vêem uma formação correndo atrás de um objeto, mas se não fôssemos tão cegos veríamos que não tem nada correndo atrás: está correndo para trás, e não atrás. Está correndo para trás de maneira resistente, causada – isto Lacan diz com razão: com causa (só que o objeto não é externo) – pelo vício, pela formação que toma esses objetos aparentemente externos como coadjuvantes na agonística da própria formação que ela se propõe como resistência.

• Pergunta – *Por que ela quer durar?*

Sabe que eu não sei? O que tenho encontrado é que todas as formações insistem na sua duração. Desde que se fundou a teoria dos sistemas, etc., observamos que, apesar de haver desejo de não-Haver, todas as formações são duradouras por um certo tempo e insistem vigorosamente nessa duração. Se meu aparelho teórico estiver mais ou menos adequado, se prestar para alguma coisa, a grande formação que se chama Haver é hiperdeterminada – quer dizer, seu desejo é desejo de não-Haver –, mas no que se estilhaça em pequenas formações sobredeterminadas, estas, por si mesmas, não têm nenhuma hiperdeterminação. A hiperdeterminação carrega o conjunto, mas as formações fractais resistem. Todo sistema quer durar enquanto tal: é feito para isto. Ele se fez assim. Mas o porquê, não faço a menor idéia. Costumo ver que nasce uma árvore ali, ela dura, dura, às vezes até contra as agressões de outras formações. Elas resistem enquanto estilhaço. Nós outros, supostos *idiotas* – no sentido etimológico do termo e porque fazemos a suposição de *mesmar* a nossa autonomia – ou Idioformações, somos formações absolutamente resistentes em todos os seus componentes... menos um. Este é que é o *trágico* da história. A tragédia, o trágico mora aí. Por termos essa única formação compatível com ALEI (*Haver desejo de não-Haver*), nos damos conta de que aquilo que define, segundo o que já coloquei, o trágico é o movimento, a flecha do tempo,

Se... então... se...

como irreversível no seio das formações, no entanto, reversível no seio da minha formação particular. Posso reverter tudo enquanto desejante, mas não posso reverter enquanto *poder*, pois as coisas não se reverterem. Quando o que é absolutamente desejado em sua irreversibilidade não é reversível, estou diante do trágico. Isto, por portar essa formação, única em mim que não resiste. Então, do ponto de vista da minha estada no modal, é uma extrema covardia. Só uma formação, aquela que me define como específico, como correspondente ao Gnoma, como Idioformação, tem que lutar com todos esses inimigos resistentes. Se não para destruir-se, sumir-se no não-Haver, que não há, pelo menos para dar um pequeno passo. Este é que é o drama – e aí já não estamos na tragédia, mas no drama, se não na comédia. Para dar um pequeno passo, para deixar de ser o babaca de ontem e tornar-se o novo babaca de hoje, tenho que fazer um esforço gigantesco para simplesmente... deslocar a resistência.

Digamos que, no Haver, cada formação vale quanto pesa, ou quanto pode. Aí estamos em pleno drama, pois o que está em jogo é o *poder* de cada formação, inarredavelmente. Já repeti algumas vezes que, segundo nosso projeto, a *liberdade* que há é apenas a liberdade de *desejar* – e olhe lá. Isto porque, se raciocinar mais adiante, verei que esta liberdade de desejar está subdita ao *poder* das formações me permitirem organizar esse “desejamento”. Mas quando desejo, quando tenho o poder de desejar, o poder é apenas de desejar. E isto é a liberdade que há. Ao passo que o *poder* possível não é senão o poder de *gozar*. Mas em última instância mesmo a chamada liberdade não é outra coisa senão o *poder de gozar*, seja este qual for, inclusive o *poder de desistir*, que é compatível com o poder de não-Haver (que não há, mas nem por isso deixa de ser o mais desejado de todos). Ainda hoje, no começo, eu falava de Deleuze. Ele não teve o poder de não-Haver, mas teve o absoluto poder de desistir. Mas há que ter culhão, não é para qualquer formação...

* * *

Quando tratamos das Idioformações que estamos propondo, não estamos falando de *filosofia da diferença*. Isto não é nosso. Não estamos falando

de *construtivismo* ou *desconstrução*. Não temos compromisso com nenhum *estruturalismo*, muito menos ainda com o tal *significante*, que não é senão metáfora, um sintoma como qualquer outro. Nenhum compromisso com *matema*, que não resolve nem a cientificidade das ciências duras ou a matematicidade da má-temática de Lacan, quanto mais da nossa. Também não temos compromisso com *topologias*, mesmo que borromeanas.

Ao pensarmos em Idioformações que estão aí na agonística dos jogos de poder para que haja até alguma criação, o que podemos fazer é levantar o *hic et nunc*, o aqui e agora, no aqui e no agora, a *identidade* – termo este que deu a volta e retornou por detrás da filosofia contemporânea – de uma formação, mediante um modelo qualquer *ad hoc* e adrede construído para essa descrição. É tudo o que se pode fazer. E também trata-se de argüir a respeito da *transação* (trans-haço) dessa formação, isto é, da possibilidade de sua *transiência* motivada, sustentada, referida à hiperdeterminação. Então, parece-me no momento que, *com as Idioformações, podemos tratar apenas desses dois aspectos: identidade e transação*. A transiência é possível dada a homogeneidade do campo e a hiperdeterminação que permite que as Idioformações... O Haver é uma Idioformação. Por isso, as pessoas pensam em Deus e o desgraçado não morre nem que Nietzsche queira; nem na cruz, mesmo porque era um Deus muito particular, muito local. Ele é “imorrível” porque designável na Idioformação do Haver como também na Idioformação nossa. É deste ledão engano que vem o Deus imorrível, que não é senão que a Idioformação daqui é correspondente à de lá. Como vai morrer um troço desses? Não morre. Pode mudar de apelido. É o Idiotão. Os idiotinhas, somos nós.

Observem que se abandonarmos o mito de pessoa, indivíduo, alma, sujeito, essas bobagens, e entendermos apenas o grande mecanismo, o grande órgão, o corpo gigantesco, hiperdeterminado, que é uma Idioformação, dentro da qual se repetiu por um azar espantoso, e fracionariamente, de maneira fractal, essa Idioformação em tantas pessoinhas, temos que nos dar conta de uma vez por todas de que é a fome com a vontade de comer, de que fomos feitos para o Haver. Está na cara, ia ser feito para o quê? Assim como o Haver foi feito para

Se... então... se...

nós. As pessoas ficam procurando um “grande mistério”, mas é apenas que a fome foi feita para a vontade de comer e a vontade de comer feita para a fome. Qual o problema? Não há nenhum mistério. Há, sim, muita ignorância. Estamos chegando a uma época em que temos que jogar fora essa grande fantasia idiota e criar outra – um pouco menos rebarbativa mas não menos idiota, mas talvez mais necessária no momento que vem - de que é assim porque é assim. Ia ser como, se é assim?

Vejam, então, que sustentar a idéia de Idioformação desertifica um pouco os ministérios do misterioso e nos deixa mais à vontade, mais banalizados dentro da nossa situação. É com vistas nisto e utilizando isto como vista, como ótica, que pude falar em *Clínica Geral*, dada a hegemonia desse processo. No que pude, de certo modo, indiferenciar o Belo, o Horrível, o Bom, o Barato e falar do Belrrível, fica evidente de uma vez por todas, com ou sem as estéticas do passado, que GOSTO SÓ SE DISCUTE. Vai-se fazer mais o quê? Não se pode determinar de modo algum que um gosto é melhor do que outro. A não ser na porrada: reconhecer de uma vez por todas que bom gosto é o gosto do que tem o muque maior. Sempre foi assim.

Há racionalidade no Haver? Há racionalidade no Belo? Há – porque não há outra coisa. Só há racionalidade – queriam o quê? Para poder funcionar de modo a garantir o aparelho que venho presentificando, importa sobretudo entender que a *lógica mínima* que aí vige é a que chamo de *segunda potência do binário*. Esta é absolutamente nova. Ou seja, toda e qualquer oposição ou diferença – se quiserem, da filosofia das diferenças, que, em última instância, pode ser tomada estruturalmente como oposição interna ao grande Idiota que é o Haver –, se indiferencia quando elevada à segunda potência da sua binariedade, ou seja, quando a massa homogênea do que há internamente é oposta ao não-Haver desejado.

Portanto, não pensemos em sujeito (sub-jeto) nem em objeto (ob-jeto) nessa lógica de indiferenciação, pensemos apenas nos *adjetos*. Não há sujeitos, não há objetos, tudo é adjetivo. *Ad-jeto*, tudo está jogado ao lado de tudo. É isto que enche o saco das multidões e dos indivíduos, essa adjeção. Da adjeção à

abjeção, é um passo. No entanto, tudo se transa: tudo se pode transar, absolutamente tudo – pelo menos pode-se desejar que se tenha o poder de transar. Isto porque a referência que, como Idioformações, fazemos à hiperdeterminação é uma grande máquina de embreagem: o grande embreador mediante o qual, para além das identidades aqui e agora, podemos providenciar a transação, pela embreagem que muda a marcha entre as transações, que acopla e desacopla as formações procurando um lugarzinho de encaixe. *O grande embreador* é a hiperdeterminação. É por aí que alguma cura é possível. Como situar a identidade? Como providenciar a transação mediante uma embreagem? Como disse da vez anterior, providenciar isso não é senão desenhar um modelo de intervenção, de simulação da embreagem. Como providenciar, aqui e agora, rapidamente, um modelo de simulação da embreagem? Aí, o carro anda...

Tudo isso, então, é a Grande Arte que chamei de *Solércia*. É o que há para fazer. Isso é que, por destacamento das identidades e por forçação das transações, permite produzir o que chamávamos de conhecimento, ou entrar na área da Gnose, da grande Gnômica que nos providenciará ferramentas de manipulação. Então, como já insinuei, ao contrário do velho Nietzsche, teríamos que dizer: SÓ HÁ FATOS, NÃO HÁ INTERPRETAÇÕES. Nenhuma interpretação é capaz de interpretar fato nenhum, a não ser que se torne outro fato ADJETO ao fato anterior.

E vejam vocês, se uma embreagem, se a transação é possível por referência à hiperdeterminação, então é possível a *transposição* de que falavam artistas como Cézanne, Van Gogh, e mesmo cientistas como Prigogine. É possível alguma identidade por transposição, alguma passagem. No mesmo sentido em que Freud falava de trans-ferência: *Übertragung* quer dizer *transposição*. Da qual nos afastamos demais pelo ataque histérico da segunda metade do século XX. Isto uma vez que a transferência de que Freud falava não tem nenhum sujeito-suposto-saber. Nenhuma idéia de transferência é suposição de saber a sujeito nenhum. É simplesmente, como Freud nos havia explicado, transposição, acoplamento, embreagem entre formações já tendo o Vínculo Absoluto, a formação como vinda da hiperdeterminação, como lugar de

Se... então... se...

embreagem possível com qualquer outra. Afora isto, temos, animaisicamente que seja, todos os desenhos de formações menores, modalizadas, que se acoplam por aqui e por ali. Então, não há suposição nenhuma de saber, o que há é o que *cola*: a embreagem que cola. E o analista, por exemplo, que vai usar disso - que acontece por aí à vontade em qualquer transação – para o processo de Cura, ele tem que desembrear para reembrear na hiperdeterminação: desfazer os gostos que se discutem para fazer o quê? Aí vou dizer algo um pouco pesado: para introduzir o Gosto Absoluto, o Absoluto Bem, o Absoluto Mal, o Absoluto Desgosto.

* * *

• P – *Retomando a idéia de acoplamento, da escuta poética do universo, da possibilidade de transação, quero perguntar se essas possibilidades só são possíveis pelo Revirão que só as idioformações possuem...*

Ou são possuídas, não sei.

• P – *... então, de qualquer jeito, se mantém um vetor nesse acoplamento, que sairia das Idioformações. Ou seja, não é qualquer acoplamento, mas sim um acoplamento que mantém o vetor numa direção.*

Todas as formações o mantém. Isto, não podemos discutir com os físicos. Por exemplo, enquanto as formações modais aí estiverem, a flecha do tempo é irreversível. Quem sabe, se o Haver por inteiro se neutralizar, ela fique indiferente, mas enquanto essa coisa está aí, é irreversível. E se há esse movimento suposto, pelo menos por mim, de Haver desejo de não-Haver, também esta flecha é única. Não adianta procurar sentido para ela, pois, em algum momento, ela vai se indiferenciar e *retornar, também com sentido único*. Temos a má impressão, por sermos partidos – não como sujeitos, não estou falando disto – enquanto bonecos, enquanto bióticos, de restarmos sempre na questão da vetorização dos sentidos em oposição. Mas acontece que, se o que postulei serve como verdade, *só há um sentido: Haver desejo de não-Haver*. Até quando o Haver quebra a cara e retorna, retorna pelo mesmo lugar *com o*

mesmo sentido. Mesmo lá nessa região só há um sentido. O Haver tem um único sentido. É na sua fractalização que ele se parte em mão dupla.

- P – *As formações modais do Haver...*

Estão todas no empuxo do mesmo sentido. Todas têm o mesmo sentido.

- P – *Mesmo os componentes que resistem?*

Está tudo dentro do mesmo sentido. Na região do desenho local, o sentido pode parecer oposto, mas se você indiferenciar verá que na *segunda potência* estão no mesmo sentido. Por onde é que engatamos? Por que os homens *fodem* com as mulheres e as mulheres *fodem* com os homens? Porque, apesar de serem anatomicamente diferentes, engatam pelo mesmo sentido. É este o Terceiro Sexo de que falo. E tudo não passa de transação.

- P – *Mas é a identidade das formações locais que permite a transação entre elas?*

Não. Este é um outro problema que ficará para depois. Estou dizendo que o que é possível é *identidade e transação*. O que estou chamando de identidade é que, aqui e agora, no que fizer referência à hiperdeterminação, faço um recorte suspensivo dentro do qual o que há está oposto ao que não-há. Então, devo supor que aquilo, aqui e agora, tem uma identidade desenhada e vou providenciar um modelo simulatório para desenhar isto. É claro que o modelo é falho, mas a intencionalidade é: isso tem a sua identidade aqui e agora na sua referência à hiperdeterminação, e a mesma referência, no que torna um idêntico a si mesmo isso que estou observando, ela própria me dá encaminhamento para isso se deslocar da identidade que tem. É esse jogo entre a identidade e a transação, isso vai no vôo, no movimento. E “conhecimento” não é senão brincar disso, perenemente – o jogo não acaba. Mas pode ser que, e com muita frequência tem sido, determinado levantamento, determinado mapeamento aqui e agora, seja extremamente útil e prático.

- P – *É pela referência à hiperdeterminação que a transação é possível. A identidade não referida à hiperdeterminação...*

... não transa. Ela só transa com seus iguais, nem que seja com seus iguais parciais. O processo de Cura é encontrar-se uma formação radicalmente

Se... então... se...

diferente, poder-se referir à hiperdeterminação e, mediante isto, poder achar um buraco para se meter nela, formação.

• P – *É aquilo que a formação tem de não-identidade que possibilita a transação?*

Mas não tenho como transá-la se não tiver um mínimo desenho da sua identidade. Se não souber a anatomia, por onde pego a moça?

02 NOV

14

PROFESSIAS

O Seminário de hoje encerra o semestre. O reinício, certamente no próximo mês de março.

Hoje, quero falar de profissões (com dois *ss*, entre o Profeta e o Professor). Profetizar não parece ser uma coisa muito difícil. Basta olhar em volta e ter olhos para ver o que está acontecendo e ter faro para seguir os acontecimentos. E ter, enfim, a sorte de imaginar onde estes acontecimentos estão indo.

Já profetizei para vocês um *Novo Renascimento Maneirista* que seria a reformatação cultural em forma de *hipertexto*, o mais indiferenciado possível e inscrito sobre uma grande *superface* unilátera (talvez) de inscrição digital (por enquanto). Podemos continuar a profetização. Segundo os entendidos, o famoso Nostradamus terá profetizado o final do mundo para 1999, juntamente com o final numérico do século. O que se realizará mediante um HOLO-CAUSTO. Dizem que isto teria sido confirmado pela leitura (esotérica) de uma suposta *linha do tempo* – parecida com a suposta linha da vida que os quiromantes querem encontrar nas mãos das pessoas – que teria sido descoberta como inscrita na pirâmide de Gizé, no Egito, representando o nascimento e a crucificação de Jesus de Cristo – e que termina abruptamente um pouco antes da virada deste final de século.

A dita “interpretação” dos textos de Nostradamus pretende encontrar nas indicações dessa linha futuras transformações, entre as quais uma nova

configuração para o planeta: a inversão dos pólos. O planeta vai sofrer um Revirão, que pensam que é inversão dos pólos. Se o planeta sofrer uma inversão dos pólos, não sobra ninguém. Então, devemos procurar saber que pólos são esses que serão invertidos, pois certamente não são os pólos terrestres. Certamente que é um Revirão e, até segunda ordem, só existe o meu.

Outra transformação: novos continentes vão aparecer. Óbvio, é claro que sempre aparecem novos continentes quando há Revirões. Vão aparecer grandes formações novas capazes de conter outras formações. E pior ainda, vai aparecer um novo Sol. Não tenho a menor dúvida: vai aparecer um novo Sol. Tomo isto como o surgimento de uma *Nova Razão*. Já está começando a aparecer uma Razão nova em folha, uma luz nova. Podem até dizer que é uma *Aufklärung* inteiramente nova. Aposto que *os novos iluministas somos nós*.

Como qualquer pessoa pode ver com facilidade, trata-se mesmo do meu Revirão. E agora também das minhas profissões:

Ao redor deste final de século (mais vinte anos para lá, menos vinte anos para cá, isto não importa muito), este nosso mundo (nossa atual *Weltanschauung*) vai mesmo acabar, graçasadeus. Só posso profetizar isto porque juro que já está acabando. Aí vai entrar definitivamente, e por muito tempo talvez, a GRANDE REVERSÃO que estou preconizando. Não vai entrar de uma vez por todas, mas pouco a pouco, devagarzinho. Ela vira ao contrário, pelo avesso, a idéia de VIDA como pulsão *por* objetos na idéia devida de VIDA como pura resistência à pulsão pelo não-Haver. Esta é a grande reversão que os homens vão aprender no tapa, queiram ou não. Os supostos *desejos* não existem, são meras resistências. Desejo, só há um. Deste reviramento – que está brotando espontaneamente na cabeça dos humanos, principalmente os novos humanos, mesmo que ainda não tenham consciência, mas já agem mais ou menos assim – é que vão ocorrer todos os outros reviramentos providenciados por qualquer profeta como por mim que estou aqui ensinando hoje.

À primeira vista pode não parecer, mas o Revirão que descrevi acima é *vigoroso* demais e *poderoso* demais – e será o *grande motor* do revira-

mento radical para uma NOVA ERA, como junto com muitos gosto de chamar. A qual, como interpreta corretamente a abordagem da tal linha do tempo, segundo Nostradamus, não será de modo algum cristã. Deve ser mesmo o fim dessa *trip*.

Não é por menos que se fala em *holocausto*. A palavra grega *holokauston*, como sabem, significa *inteiramente queimado*. Quando se queima alguma coisa até sumir, diz-se em grego que se faz um holocausto. E porque era isto que se fazia num *sacrifício* (como naqueles de Abel e Caim, um com carnes e outro com vegetais, com frutos, que foi o pivô daquele famoso assassinato), ficou-se com a impressão de que o termo se referia a judiarias. Mas não: trata-se genericamente de “queimar” uma etapa, isto é, consumi-la inteiramente por sua combustão (uma vez que qualquer etapa não passa de ser, ela própria, o combustível mesmo de sua própria consumação). O engraçado é que esses supostos holocaustos, essas queimas totais, elas nunca são totais, sempre sobra um resto. O que significa que até hoje não aconteceu holocausto algum no planeta. Se fosse holocausto, queimava tudo. Como é que está havendo esse resto enorme por aí? Houve apenas certa causticidade. E é o que acontece com tudo na cultura: nada se queima até o fim. Então, quando digo desse grande Revirão que certamente já começa a acontecer e vai modificar pelo menos a cabeça da serpente de modo radical, isto não significa que seu corpo não mantenha todo o lixo cultural que esteve por aí. É claro que vai haver cristão, judeu, psicanalista... essas coisas todas. Mas o que interessa é o Novo, o acontecimento, o que aparece, e certamente será essa reversão que vai dar o tom. Não o tom total, mas o da Era Nova enquanto tal.

* * *

Estivemos falando este ano inteiro sobre a questão da *Arte*. Da possibilidade de se pensar toda e qualquer produção, inclusive de conhecimento, sob a égide do termo ART. Agora estamos no momento de encerrar e passar a bola para a próxima produção.

Como sabem, os psicanalistas fazem a suposição de lidar com um tal de *Inconsciente*, do qual tenho falado muito pouco. Inconsciente, que diabo é isto agora? Digo-lhes que, segundo o panorama que tracei até aqui, O INCONSCIENTE É AQUILO QUE RESULTA DE UMA OPERAÇÃO DE RECALQUE. Vejam que não estou de volta a Freud, de modo algum, mas Freud está de volta. Aquilo que resulta de uma operação de Recalque, seja no Primário, no Secundário ou no Originário é o que podemos chamar de Inconsciente. Ora, o que resulta da operação do Recalque Originário é o próprio Haver em sua completude. Então, o Haver é o Inconsciente? É claro que o Haver é o Inconsciente. O Haver é e será para sempre o Inconsciente. É até melhor chamá-lo de o Inciente. Não sei por que dizemos Consciente e Inconsciente quando devia ser Ciente e In-ciente. O que está em Freud é *das Bewusst* e *das Unbewusst*. Então, temos o Ciente e o In-ciente. É uma questão de *tomar ciência*, como se costuma dizer em português.

O Haver será para sempre In(cons)ciente do não-Haver, é óbvio, no Nível Originário. Ou seja, se lhe é impossível tomar consciência do não-Haver no Nível Originário, então o Inconsciente é o Haver enquanto In(cons)ciente do não-Haver. No sentido mesmo de não poder (não ter o poder de) ter consciência do não-Haver enquanto tal, simplesmente porque o não-Haver não há. Logo, não é possível tomar (cons)ciência dele. Mas o Haver pode tomar (cons)ciência d'ALEI (a qual se diz: Haver desejo de não-Haver), isto é, desrecalcar [permitir o retorno (cons)ciente do recalcado] sua própria produção do não-Haver como sua própria Causa. Isto é que é tomar (cons)ciência d'ALEI: o Haver toma (cons)ciência de que ele mesmo produz a sua Causa e de que isto é o regime d'ALEI. Tomar (cons)ciência d'ALEI, da produção da sua própria Causa, torna o Haver imediatamente *inteiramente* lúcido (consciente d'ALEI e do Impossível Absoluto) sem no entanto tornar conscientes as *modalidades* (fractais) de suas partes (o que é bem outra operação). Continua-se aí na ignorância: o próprio Haver é ignorante da sua fractalidade ou das suas partes.

Assim, o In(cons)ciente para a Nova Psicanálise é Psiquê enquanto Realidade Pura. Psiquê enquanto Psiquê, puro Haver. Não se trata de modo

algum de Ser – isto é problema da dissertação filosófica. Se quiserem falar da realidade pura do psiquismo, que é o In(cons)ciente para a Nova Psicanálise, a Psiquê em estado puro de realidade, podem grafar assim: ΨQ .

Tornar algo consciente é escapar do Recalque (*no nível do Recalque considerado*). Quando se consegue escapar do Recalque em algum nível, está-se tornando consciente, naquele nível, o que fora recalcado. E subsequente, uma vez feito isto, é usufruir do Juízo Foraclusivo, *Urteilsverwerfung* de Freud, nesse mesmo nível em que isto foi elaborado. O importante para nós é que a operação de desrecalque, também ela, é da ordem da GNÔMICA, isto é, de um conhecimento, de uma Gnoseologia se quiserem. É da ordem do tomar ciência de algo que era inciente para nós. Vejam que o que estou dizendo é grave. Estou anulando a fronteira suposta entre conhecimento da ordem do saber, qualquer saber, e conhecimento da ordem do que se passa no Inconsciente. Não há fronteiras. As fronteiras eram forjadas demais. Por isso mesmo é que o que acontecia no campo da ciência fingia ser de uma consciência absoluta, mas era pojado de fatores incientes, assim como o que se passa no nível do que se chama de Inconsciente, na medida em que se torna abordável, que se levanta o seu Recalque, não é diferente de qualquer conhecimento no nível da ciência. Então, é mais uma fronteira que estou tentando borrar.

Esta operação, portanto, é da ordem da Gnômica, pois se trata sim de um conhecimento, embora dia-gnosticamente específico porque não estritamente intelectual. Se o fosse, seria da ordem daquilo que Freud poderia chamar de denegação. Há um conhecimento não estritamente intelectual junto com o conhecimento estritamente intelectual? Há. A diferença apontada por Freud entre *reconhecimento intelectual* e *reconhecimento afetivo* – como gostava de chamar quando dizia que não adianta alguém intelectualmente ter entendido o que lhe digo como “interpretação” se afetivamente não se juntou a isto – deve ser encontrada na diferença entre as *formações observantes* postas em jogo naquela operação. Se tomo uma formação e aplico a determinado caso, a determinado *fato*, como costume dizer, se esta aplicação for de uma formação estritamente intelectual, dará resultados estritamente intelectuais. Então, o que

é preciso é ter $n+k$ aplicações para que o processo se desloque por inteiro da sua inciência. Pelo menos esses dois tipos, apontados por Freud como reconhecimento intelectual e reconhecimento afetivo, devem concorrer para um efetivo *re-conhecimento* curativo, em qualquer área: de pessoas em análise, de campos de saber, das ciências, das filosofias....

No Nível Secundário, por exemplo, operar um desrecalque é escapar do Recalque e usufruir do juízo foraclusivo no Nível Secundário. Não vamos pensar que quando agimos dentro do Secundário, conseguimos deslocar um Recalque do Nível Primário ou substituir o Recalque Originário. Isto não é possível. Portanto, tomar ciência ou consciência do Recalque Originário, isto é, tomar consciência d'ALEI, como eu disse que o Haver pode tomar, isto se dá no Nível Secundário e não no Nível Originário, onde tudo continuará eternamente inconsciente ("tudo", é o não-Haver que não há). No Nível Originário o desrecalque do não-Haver é impossível porque impossível ele é. Portanto, o desrecalque no Secundário, ou seja, a consciência d'ALEI não nos oferece de modo algum o não-Haver, porque ele não há. Assim como tomar ciência de um Recalque Primário em Nível Secundário – e não em Nível Primário – não suspende o Recalque Primário no Nível Primário, de modo algum. Também não existe este milagre, embora de outro modo não seja impossível. Para se poder deslocar um Recalque Primário que foi conscientizado no Nível Secundário são necessárias duas operações: operar o desrecalque no Nível Secundário para, depois disto e mediante isto, poder tentar providenciar o desrecalcamento no Nível Primário mediante tecnologia, fabricação de prótese, etc. Não vamos brincar de magia como em sociedades primitivas. Desrecalco no Nível Secundário e a doença física vai embora? Não vai não. Tenho que desrecalcar ali para isto me permitir operar segundo o Nível Primário proteticamente intervindo para levantar o Recalque do Primário. A crença na magia, de que se passa automaticamente do Secundário para o Primário e vice-versa, tem dado muita bobagem no campo do que se costuma estudar com o nome de *psicossomática*, por exemplo. Não que não existam relações psicossomáticas, só que estão definidas magicamente demais.

Do dito acima, depreende-se facilmente que *o Secundário é o Grande Mediador dos desrecalques*. Como também costuma ser, no seio do que chamamos de Cultura, o Grande Mediador dos recalques. Mas, para nossa espécie, o Secundário é o grande mediador, o que fez com que se pensasse – até antes de nossa chegada, suponho eu – que a psicanálise só tratasse do Secundário. Daí, a necessidade de magia para tratar do Primário mediante o Secundário. Não. A psicanálise não trata só do Secundário, e sim do Secundário, do Originário e do Primário, mas segundo a sua mediação secundária. É por causa desta suposição que encontramos as grandes construções “secundaristas”, digamos assim, a *representação* (de Freud, com seu subsequente *traço*) e o *simbólico* (de Lacan, com seu famigerado *significante*) adstritos ao Secundário. É claro que, aqui e ali, para manter o equívoco, tanto Freud quanto Lacan deixam na dúvida a respeito da pertinência exclusiva ou não das representações, dos significantes, do simbólico, ao estrito Secundário – é meio ambíguo em alguns lugares. Mas aqui não está ambíguo. Estou dizendo que essas formações não são estritamente secundárias, embora o mediador, para nós, costume ser o Secundário. Então, poderíamos dizer, se lembrarmos de Seminários anteriores, que o Secundário enquanto Grande Mediador nas operações de desrecalque é o *Gnômon*, o aparelho, o ponteiro, aquela coisa com a qual se anota o conhecimento.

Estão aí algumas indicações sobre o que é o In(cons)ciente nessa fantasia toda.

* * *

Já que falamos na questão do Inconsciente e dos processos de desrecalcamento e recalçamento, estamos falando de algo aí que tem a ver com o GOZO. Então, para situar o que disse até agora, vamos situar também a questão do Gozo.

O que é o Gozo? É o que resulta de uma operação de Revirão. Isto é: de uma *passagem* (qualquer passagem, ainda que parcial ou mínima, de qualquer

tipo, qualquer nível, qualquer grandeza, não importa), um passe ao *avesso*, ao *contrário*. Só se goza virando ao contrário, de algum modo. Ninguém goza do mesmo lado. É por isso que quem não se vira, não goza do outro lado. “Quem não se vira, morre do mesmo lado”, como se diz. Quem se vira, goza do outro lado. Cada um se vira como pode, é claro. É por causa disto, talvez, que temos aquelas antigas idéias de que há uma relação entre Gozo e Trans-Gressão. Justo porque só há Gozo numa Trans-Haçaão, o que exige Trans-Posição. Se tomarmos o termo do ponto de vista puramente etimológico, está certo: trans-gredir. Então, vê-se que o Gozo tem a ver com algum desrecalque. Sem algum desrecalque, não se goza. O difícil é estabelecer o nível e a grandeza do desrecalque.

O Haver não pode (não tem o poder de) fruir do seu desejado Gozo Absoluto (na passagem impossível ao não-Haver), mas pode fruir do seu Gozo de Compensação. Já que não pode passar para o lado de lá porque é impossível, ele *se vira* dentro da sua própria havência. Digamos que faz uma passagem “interna” – entre aspas porque o “externo” não existe – e, segundo meu Esquema, se vira da implosão para a explosão. É assim que ele goza. Só que não goza do Gozo que desejava, mas apenas do Gozo possível, compensatório ao Gozo que não pôde ter. Isto acaba por significar, como sempre quis a teoria psicanalítica pregressa, que todo Gozo implica aquilo que ela chamava de *castração*. Não há Gozo sem quebra de simetria. Isto porque em sua origem, no Originário, o Gozo obtido é uma quebra de simetria no que se impossibilita o Gozo desejado. É porque temos o sentimento disto, pelo menos desde a origem da humanidade, que todos os poderes se aproveitam para sacanear o próximo e acrescentar infinitamente a interdição.

• Pergunta – *Todo Gozo é um “não tem Tu vai tu mesmo”?*

Sempre. Se não aqui na regionalidade, o é lá no Gozo originariamente desejado. Então, qualquer gozo obtido é de compensação.

O Gozo é assim, sempre foi. Só é preciso tomar ciência disto. Ninguém tem que fazer a concessão de emprestar a ninguém a origem do Gozo. Se o

sujeito goza de algum modo, a origem lá está, ele não tem é ciência disto. É bom vir a tomar ciência, justamente para não se deixar enganar quanto às interdições. Quando você não tem noção de que seu Gozo aqui já é compensatório, eu lhe digo que ele é maravilhoso, interdito, e lhe dou uma coisa menor. Se você tem ciência de que seu Gozo desejado é o absoluto, qualquer um que vier é pouco. Então, você será alguém que exigirá muito. Se alguém foi capaz de atravessar uma análise, não aceita o pouco – mesmo que o coma. Como, mas é pouco. A força política da descoberta psicanalítica está nisto. A própria psicanálise, em seu próprio meio como alhures, foi faturada por essas vontades de governo do próximo, aproveitando-se da idéia de *castração* – que já é de mau gosto (pensam em cortar as pessoas, o que não é preciso, pois trata-se só de quebra de simetria) –, de se aproveitar do termo e dessa fantasia para, quando você indica o que você quer, dizer: é maravilha demais, você vai levar é menos. E se a pessoa ali oprimida não toma ciência disto, acha que a compensação é demais, quando na verdade é sempre de menos. O que podemos é ir do Gozo Impossível no Nível Originário aos Gozos Possíveis nos níveis Primário e Secundário.

Se no Nível Originário o Gozo do Haver é Impossível, ele goza *mesmo assim* – ou, como gostam de dizer os franceses: *quand-même*. Isto é, permanecendo o Haver que ele é, só que em modo contrário.

Quando o Haver aceita – porque não tem mais nada para fazer mesmo – o Gozo compensatório, ele se constitui a si mesmo como O GOZADO, em todos os sentidos. Não é mais o Gozante: é, foi gozado. Foi gozado por sua própria brincadeira, foi gozado porque o Impossível não há, porque o não-Haver não há. É o Gozado – particípio passado –, aquilo já foi gozado. O Gozado é um certo esquecimento do Gozo. Já gozou, agora esquece, fuma um cigarro, vira para o lado e dorme. Assim, se há “castração” – quebra de simetria no Nível Originário –, então há algum Gozado (mesmo sem o Gozo desejado). Temos que lembrar que é disto que se aproveitam: o Neolítico para fundar (inventar) a famigerada interdição do incesto (donde se tirou miticamente o *édipo* e suas subseqüentes ediposidades); o judaísmo para fundar (inventar) o

Pai-de-Todos, que apelidavam de Jeová; e o cristianismo para fundar (inventar) o Grande-Irmão. São essas sucessivas “revoluções” que temos operado por aí. Faltam algumas. Conforme já mostrei, faltam as revoluções d’OESPÍRITO e do AMÉM.

O que é o Gozado? É o que resta de uma operação de Gozo (mas Gozo de compensação). No caso do Haver como no caso do homem, o Gozado é função do Gnoma (daquilo que é suposto entre Haver e não-Haver). Donde, no caso do Homem, por exemplo, o Gozado aparecer como subformação do que chamei de *Idioformação*, que as pessoas gostavam de chamar de Sujeito. Ou seja, esta Idioformação está assentada em cima de um Gozado. Um nome antigo para Idioformação é o termo EGO (no sentido de Freud). Isto se o limparmos de todas as acepções inteiramente compromissadas com o “ser” na velha psicanálise e na velha filosofia. Um Homem é um Ego, isto é, uma Idioformação. É Ego quem é capaz de dizer *Eu*. Podemos ensaiar *levantar* (fazer o levantamento, o mapeamento de suas formações componentes, mediante um simulador, um modelo produzido *ad hoc*, como mostrei das vezes anteriores) a *fixão* (o estado de sua formação aqui e agora) dessa Idioformação, bem como podemos observar ou mesmo propiciar sua *transação* (ou melhor, sua *trans-hação*). Ou seja, essa Idioformação está assentada sobre uma fixão que é o Gozado, cujo estado, cuja situação, cuja descrição, posso tentar fazer aqui e agora. (Mas devo chamar atenção para o fato de que *a simulação em psicanálise* é necessariamente *meta-computacional*, uma vez que não há (ou não há ainda) um computador capaz de computar o que vai nessa simulação. Não podemos descrever exatamente como um computador é capaz, pois ele é incapaz de computar muitas coisas).

O Ego enquanto Gozado é o Homem que Há. Aquele que faz o Um da unicidade tanto do Haver como do Homem. Aquele que, tomando de Laruelle, chamei de Homem com’Um, como Um. Esse Ego como qualquer outro, porque é uma fixão hiperdeterminável pela Causa (não havente) do seu Desejo, da qual ele jamais vai gozar, tornando-se então ele próprio a Causa de suas perquirições. Ou seja, a Causa da Gnômica é o Homem. É enquanto Idiofor-

mação que ele se torna Causa de conhecimento. A Causa do Haver é o não-Haver, produzida internamente pelo próprio Haver. O Homem enquanto aquele que não pode gozar do Impossível, enquanto Idioformação, hiperdeterminada, ele próprio é a causa de toda e qualquer Gnoseologia. Então, vocês vêem que não há objeto *a* algum no saber. A causa é a Idioformação.

Não deve ser difícil entender que, justamente por ser o Gozado (e não o gozante que se supõe freqüentemente enquanto “desejante”), um Homem tenha tanta dificuldade de (ou seja, tanta resistência em) *rememorar* a sua hiperdeterminação. Isto porque freqüentemente se encontra no estado de Gozado, porque pertence a um Haver que tem um estado de Gozado. Quer dizer, sem rememoração do empuxo da hiperdeterminação, ele não lembra dela e dela fica esquecido. Como tentar lembrar esse empuxo onde ele está esquecido? O melhor que existe é a instauração do *tesão*, seja qual for. Um tesão, de algum modo, é uma instalação de hiperdeterminação. Devemos sempre nos aproveitar disto.

O Gozado, então, comparece como *Idiofixão* (no seu lado de estritamente Gozado). Mas enquanto Idioformação, isto é, um Gozado que sofre um empuxo da hiperdeterminação, o Homem é um GOZADOR, em todos os sentidos da palavra. Ou seja, é aquele que se aproveita do Grande Mediador, que é o Secundário, e recorre ao Originário no intuito de gozar do Primário e do Secundário. É a única coisa que há para fazer – e justo o que menos se faz.

Não vamos confundir a Satisfação do Gozado, que é resistência pura em estado de exibição de si mesma, com o *Gozo* do Gozador, que é sua Trans-Hação. Freqüentemente, encontramos pessoas na situação maravilhosa de Satisfação do Gozado, não querendo que se mexa nas coisas, pois aí pode dar tesão de novo e terão que se ressituar como Gozadores. Isto é algo com que se confundem demais na Clínica. Acha-se que o sujeito está gozando, quando está na Satisfação, na resistência pura e simples. É o porco refestelado no seu chiqueiro. Ele tem o direito, cada um pode fazer o que quiser. Nossa tarefa seria, pelo menos, lembrar ao não-porco o que ele não é, porco.

• P – *O que faz a diferença entre o Gozador e o Gozado é a referência à hiperdeterminação?*

Sim. Vejam a abjeção com que, freqüentemente, se trata o Gozado no nível de certas posições religiosas muito próximas da nossa cultura. Sobretudo, pelo emporcalhamento cultural quanto ao que se refere a práticas eróticas, o que se faz? Menospreza-se o que resta de um Gozo possível como um dejetivo: a carne satisfeita, emporcalhada, no Gozado, no prazer. Não sei por que as religiões fazem isto, pois mais satisfeitas do que elas, fica difícil. Imaginem se lembrássemos a esses discursos que sair dessa pura satisfação é entrar de novo no processo de Gozação.

O tal Gozador parece que deseja, e não pode deixar de desejar – compensatoriamente, é claro – saber do Inconsciente, saber do Haver. Lacan achava que não havia nenhuma “pulsão epistemológica”, nenhum desejo de saber. Digo que, compensatoriamente, há desejo de saber do Inconsciente porque a Causa desse saber é o Gozador, referido ao Gnoma, e não algo situável no nível do chamado objeto *a*. A Causa desse movimento é o Gozo Impossível esteado no Gozo de compensação. Digamos, então, que o Gozador – em sua Solécia – é o Artífice, o Artista, o Arteiro, de que falamos tão freqüentemente este ano. Se vocês supuserem um Gnoma ao Haver e quiserem chamar de Deus, então *Deus é o grande Gozador*. “Deus é um cara gozador, adora brincadeira...” – não fui eu quem disse primeiro...

Com tudo o que acabei de colocar, a ÉTICA da hiperdeterminação – que coloquei como a ética possível para a psicanálise – não é senão, pasmem vocês, a ÉTICA DO GOZO: A ÉTICA DO GOZADOR, sua ARTE e mesmo, colocando-se um *e* no meio, sua ARETE. É a ÉTICA DA GOZAÇÃO.

* * *

Então, estão aí as nossas profissões. Parece que começamos a perceber de uma vez por todas a satisfação da resistência neo-etológica, ou neo-animal, e o Gozo da Arte. Este é o grande Revirão que vai mudar a era. Reconhecer de uma vez por todas que não corremos atrás de objetos, mas sim que somos determinados, nessa aparência de captura, pelas resistências – isto não impede

a gozação –, e que podemos substituir o desentendimento da nossa situação pelo entendimento da nossa resistência, sobretudo a neo-etológica, e o Gozo só possível na Grande Arte. Isto está banalizando, simplificando o mundo.

Não é por menos que o PARADIGMA da psicanálise freudiana, desde seu início, foi sempre e não deixará de ser jamais a SEXUALIDADE. Digo que O PARADIGMA DA PSICANÁLISE É SEXUAL; outra coisa foi eu ter dito que O ESTATUTO DA PSICANÁLISE É MÍSTICO.

Ainda podemos afirmar que a Sexualidade é a Estrutura do Haver. Não é por menos que, próximo ano, o Seminário que pretendo trazer se intitulará PSYCHOPATHIA SEXUALIS. É o título do famoso livro de Krafft-Ebing, onde ele pretendia tratar das doenças do sexo. Mas o *pathos* psíquico da sexualidade é o de qualquer um: de todos, de Deus, do Haver, nosso. É a Grande Psicopatia do Haver. Vamos *retomar a psicanálise como questão sexual*. *Em todos os seus níveis*.

Muito obrigado pela presença de todos até aqui.

23 NOV

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de novamente, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno desenvolveu ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje) e reapresentado na Universidade de Paris VIII em 1977.

2. 1976/77: *Marchando ao Céu*

Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: *Rosa Rosae*: Leitura das *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa 3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p. Seminário apresentado na Universidade de Paris VIII, onde o autor foi Professor Assistente do Depto. de Psicanálise (quando dirigido por Jacques Lacan).

4. 1978: *Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: *O Pato Lógico*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 252 p.

6. 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*

Quatro sessões, sobre a questão do *Alcoolismo*, reunidas em *O Porre e o Porre do Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1985. 92 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 2 e 3. Rio de Janeiro: Aoutra editora, out. e dez. 1985.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*
Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. 208 p.
15. 1989: *Est'Ética da Psicanálise* (Introdução)
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.
16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*
Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.
17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise* (Parte 2)
Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.
18. 1992: *Pedagogia Freudiana*
Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.
19. 1993: *A Natureza do Vínculo*
Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*
Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 286 p.
21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*
Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005.

22. 1996: “*Psychopathia Sexualis*”

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.

23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.

24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.

25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*

Proferido na FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas do Brasil. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 192 p.

26. 2000: “*Arte da Fuga*”

Proferido no Auditório do Barra Shopping (RJ) (1º semestre) e na UniverCidadeDeDeus (2º semestre). Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

27. 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

28. 2002: *Psicanálise: Arreligião*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.

29. 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.

30. 2004: *Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*

Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].

31. 2005: *Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica.* Proferido na UniverCidadeDeDeus. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.

32. 2006: *AmaZonas: A Psicanálise de A a Z.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].

33. 2007: *A Rebelião dos Anjos: Eleutheria e Exousía.* Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].

Impressão e Acabamento

Artes Gráficas Edil

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

264

Tiragem

300 exemplares

Papel

Capa – Supremo 250 g

Miolo – Pólen Soft 80 g